

Juventude



OS JOVENS DO BRASIL



MAPA DA VIOLÊNCIA 2014

Julio Jacobo Waiselfisz



Julio Jacobo Waiselfisz

Formou-se em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires e é mestre em Planejamento Educacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenador da Área de Estudos sobre Violência da FLACSO - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, já foi diretor de pesquisa do Instituto Sangari, exerceu funções de coordenador regional da UNESCO em Pernambuco, Coordenador de Pesquisa e Avaliação e do setor de Desenvolvimento Social da UNESCO/Brasil.

Anteriormente exerceu as funções de consultor e/ou especialista em diversos Organismos Internacionais do Sistema das Nações Unidas, como o PNUD, a OEA, o IICA e a UNESCO.

Atuou como professor em diversas Universidades da América Latina, tendo exercido o cargo de diretor de departamento de Ciências Sociais na Universidad Nacional del Salvador/El Salvador/Centroamérica e da Universidad de San Juan/Argentina, além de pró-reitor acadêmico na Universidad Nacional del Comahue/Argentina.

Autor do Mapa da Violência e outros estudos de referência na área de enfrentamento à violência.

Em Dezembro de 2013 foi merecedor do Prêmio Nacional de Segurança Pública e Direitos Humanos, concedido pela Presidência da República pelo conjunto de sua obra.

Dilma Rousseff

Discurso da Presidenta na Conapir

A violência contra a juventude negra tornou-se um problema de Estado no Brasil. Um dos grandes desafios do governo brasileiro é a criação de políticas de enfrentamento à violência principalmente nas periferias do país, onde residem os jovens em situação de maior vulnerabilidade social. Em atenção a esse desafio, a Presidência da República criou o Plano Juventude Viva, política especialmente formulada para coibir a violência contra jovens negros e ampliar a cidadania. Esse compromisso foi reiterado na III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial em discurso histórico proferido pela presidenta Dilma Rousseff em 2013.

“Eu quero dizer a vocês que o Governo Federal dará todo o respaldo à questão do Plano Juventude Viva, e estamos articulando todas as esferas, todos os ministérios, todos os governos estaduais e também a justiça, através do CNJ e do Ministério Público, no sentido de assegurar que haja, de fato, um foco no que muitos chamam de genocídio da juventude negra. Nós estamos interessados em combater a violência com a ampliação da cidadania, mas também coibindo a violência contra os jovens negros, e isso é muito importante. Nós reiteramos apoio do governo ao projeto de lei sobre os autos de resistência. Nós queremos, com esse apoio, que todos os direitos sejam garantidos e que todos os delitos praticados sejam devidamente investigados. O que, certamente, vai contribuir para reverter a violência e a discriminação que recaem sobre a população negra por meio da utilização dos autos de resistência”.

OS JOVENS DO BRASIL

Dilma Rousseff
Presidenta da República

Michel Temer
Vice-Presidente da República

Gilberto Carvalho
Ministro de Estado Chefe da
Secretaria-Geral da Presidência da República

Diogo de Sant'Ana
Secretário-Executivo da
Secretaria-Geral da Presidência da República

Severine Carmem Macedo
Secretária Nacional de Juventude

Luiza Helena Bairros
Ministra de Estado Chefe da
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Giovanni Benigno Pierre da Conceição Harvey
Secretário-Executivo da
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Secretaria-Geral da Presidência da República
Secretaria Nacional de Juventude
Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

OS JOVENS DO BRASIL

Julio Jacobo Waiselfisz

Mapa da Violência 2014

Brasília, 2014

Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil

Disponível em www.juventude.gov.br/juventudeviva

A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente com a autorização prévia e oficial do autor.

Secretaria-Geral da Presidência da República

Endereço: Praça dos Três Poderes, Palácio do Planalto, 4º andar

70.150-900 Brasília-DF

Tel: (61) 3411-1407

www.secretariageral.gov.br

Secretaria Nacional de Juventude

Endereço: Pavilhão das Metas, Via VN1 - Leste - s/nº

Praça dos Três Poderes - Zona Cívico Administrativa

70150-908 Brasília-DF

Tel: (61) 3411-1700

www.juventude.gov.br

Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Endereço: Sede: Esplanada dos Ministérios, bloco A, 5º e 9º andar

70.054-906 Brasília/DF

Tel: (61) 2025-7003

www.seppir.gov.br

Créditos:

Autor: Julio Jacobo Waiselfisz

Consultor: Jorge Werthein

Projeto Gráfico: Rafael Keoui (Njobs Comunicação)

Diagramação e Editoração: Rafael Keoui (Njobs Comunicação)

Revisão: Fernanda Gomes (Njobs Comunicação)

Capa: Aline Magalhães

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
1 NOTAS TÉCNICAS	17
2 MARCO DA MORTALIDADE JUVENIL	23
2.1. Questão etária e mortalidade violenta	
2.2. Evolução da mortalidade violenta: 1980/2011	
3 HOMICÍDIOS	33
3.1. Evolução dos homicídios nas unidades federadas	
3.2. Evolução dos homicídios nas capitais	
3.3. Os homicídios nos municípios	
3.4. Os novos padrões	
3.5. A questão etária	
3.6. Homicídios segundo sexo	
3.7. Comparações internacionais	
4 ACIDENTES DE TRANSPORTE	77
4.1. Código de Trânsito e acidentes	
4.2. Evolução dos óbitos por acidentes de transporte nas unidades federadas	
4.3. Óbitos por acidentes de transporte nas capitais	
4.4. As mortes por acidentes de transporte nos municípios	
4.5. Mortes por categoria no trânsito	
4.6. Frota veicular e mortalidade	
4.7. Óbitos no transporte segundo sexo	
4.8. Comparações internacionais	
5 SUICÍDIOS	113
5.1. Evolução dos suicídios nas unidades federadas	
5.2. Evolução dos suicídios nas capitais	
5.3. Os suicídios nos municípios	
5.4. Comparações internacionais	
5.5. Sexo dos suicídios	
6 A COR DOS HOMICÍDIOS	149
6.1. Evolução global 2002 a 2012	
6.2. Evolução nas unidades federadas	
6.3. Os homicídios nas capitais	
6.4. Os municípios	
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
7.1. Homicídios	
7.2. Acidentes de transporte	
7.3. Suicídios	
7.4. A cor dos homicídios	
REFERÊNCIAS.....	187

PREFÁCIO

É com satisfação que a Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial promovem a nova versão do *Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil, 2014*. Essa última versão inova ao inserir na base de dados do Mapa da Violência os indivíduos com idade entre 25 e 29 anos, adequando o estudo ao novo conceito de juventude estabelecido a partir da aprovação do Estatuto da Juventude, em agosto de 2013. O novo Mapa também dedica um capítulo especial à análise da dimensão racial da vitimização juvenil.

Mais uma vez, o trabalho desenvolvido pelo professor Julio Jacobo Waiselfisz traz importante diagnóstico da violência contra os jovens brasileiros e oferece subsídios ao trabalho de gestores de políticas públicas, parlamentares, governantes, profissionais de segurança pública e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, na formulação de políticas de combate à violência contra a juventude.

Como mostra o diagnóstico, os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/Datasus do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 56.337 mortos por homicídios, em 2012, no Brasil, eram jovens (30.072, equivalente a 53,37%), dos quais 77,0% negros (pretos e pardos) e 93,30% do sexo masculino.

Por essa razão, os homicídios de jovens representam uma questão nacional de saúde pública, além de grave violação aos direitos humanos, refletindo-se no sofrimento silencioso e insuperável de milhares de mães, pais, irmãos e comunidades. A violência impede que parte significativa dos jovens brasileiros usufrua dos avanços sociais e econômicos alcançados na última década, e revela um inesgotável potencial de talentos perdidos para o desenvolvimento do país. O problema também revela uma experiência negativa que já marca toda uma geração de jovens brasileiros: pesquisa recente da Secretaria Nacional de Juventude¹ aponta que 51% dos jovens ouvidos, em todos os estados, em cidades de pequeno, médio e grande porte, e em todos os estratos sociais, já perderam uma pessoa próxima de forma violenta.

Como uma primeira resposta ao problema, o governo federal lançou o *Plano Juventude Viva – Plano de Prevenção à Violência Contra a Juventude Negra*, uma iniciativa que busca ampliar direitos e prevenir a violência que atinge a juventude brasileira. O Plano constitui-se como oportunidade inédita de **diálogo e articulação** entre ministérios, municípios, estados e sociedade civil no

¹ SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil**: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/noticias/arquivos/pesquisa-atualizada-16-01.2013>>.

enfrentamento da violência, em especial àquela exercida sobre os jovens negros, e na promoção de sua inclusão social em territórios atingidos pelos mais altos índices de vulnerabilidade.

A partir da priorização dos estados com os mais altos índices de homicídio que afetam especialmente jovens negros e pobres, o desenvolvimento do *Plano Juventude Viva* segue estratégia de implementação gradual e progressiva, com o objetivo de atuar de forma coordenada, por meio de pactuação com o poder público e a sociedade civil local, nos 142 municípios brasileiros que concentraram, em 2011, 70% dos homicídios contra jovens negros.

Atualmente, o Plano reúne 44 programas e ações pactuados pelos 11 ministérios envolvidos, sendo eles: Cultura (MinC), Educação (MEC), Esporte (ME), Justiça (MJ), Saúde (MS), Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República (SNJ/PR), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Trabalho e Emprego (MTE), Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Secretaria de Direitos Humanos (SDH/PR) e Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM).

Alagoas, Paraíba, Distrito Federal e região metropolitana, São Paulo capital, Bahia e Espírito Santo já receberam a pactuação do Plano Juventude Viva com o governo federal. **Essa foi a primeira resposta à prioridade número um, votada nos processos de Conferência Nacional de Juventude, em 2008, e reforçada em 2011: enfrentar a violência letal que atinge nossos jovens negros.** Até meados de 2014, um total de 96 dos 142 municípios prioritários já fez adesão ao Plano Juventude Viva, dos quais 47 foram pactuados e 49 voluntários.

Uma das formas de prevenir e combater a violência contra os jovens é monitorar, dar visibilidade e disseminar informações sobre o problema, de modo a orientar os esforços das três esferas de governo, do legislativo, do sistema de justiça e da sociedade civil. Esse é essencialmente o objetivo do Juventude Viva ao promover a publicação do Mapa da Violência.

Severine Carmem Macedo

Secretária Nacional de Juventude

INTRODUÇÃO

Estamos voltando às origens. Os primeiros Mapas, divulgados pela Unesco entre 1998 e 2005, tinham como foco e subtítulo *Os Jovens do Brasil*. Já colocávamos no primeiro deles que

*não acreditamos que a juventude seja produtora de violência. As novas gerações, mais que fatores determinantes da situação de nossa sociedade, são um resultado da mesma, espelho onde a sociedade pode descobrir suas esperanças de futuro e também seus conflitos, suas contradições e, por que não, seus próprios erros*².

Nos Mapas, pretendíamos fazer uma leitura social da mortalidade violenta de nossos jovens a partir dos únicos indicadores disponíveis nessa época, os oferecidos pelo Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde. Eram as mortes nos acidentes de trânsito, nos homicídios e nos suicídios. Passados 16 anos desde esse primeiro Mapa, novos dados recentemente divulgados nos levaram a verificar, com grande preocupação, que continuam sendo, e de forma mais contundente ainda, os principais fatores a ceifar a vida de nossa juventude.

Constatamos também que a crescente utilização dos Mapas da Violência por parte de diversas instituições da sociedade civil e do Estado tem originando a necessidade de ajustes e reformulações que foram acontecendo ao longo do tempo.

O primeiro dos Mapas acima referidos nasceu como uma ferramenta complementar, exclusivamente destinado a subsidiar e uniformizar insumos para uma outra série de pesquisas que vinham sendo desenvolvidas pela Unesco em vários locais do Brasil, todas centradas no tema *juventude e violência*³. Mas sucessivas atualizações desse primeiro mapa, realizadas a pedido dessas instituições, foram dando autonomia e independência ao mapeamento, que começou a ser produzido a cada dois anos, como subsídio para a formulação de políticas públicas e/ou julgamento da situação e das estratégias existentes. A partir de 2004, sua elaboração virou anual e, em 2012, também por demanda, começaram a ser produzidos vários Mapas por ano, diferenciados pela focalização temática: mulher, criança e adolescente, armas de fogo, trânsito, juventude etc.

Quando iniciamos esses estudos, não existia uma clara definição do que era o *ser jovem* na sociedade brasileira, não existia balizamento legal ou institucional regulando essa fase da vida. Tínhamos, desde 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que conceituava a criança como a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade. Mas sabíamos das largas diferenças pelas suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas. Adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico

² WASELISZ, J. J. *Mapa da violência*. Os jovens do Brasil. Brasília: Ed. Garamond, Unesco, Instituto Ayrton Senna, 1998.

³ Era o Projeto *Juventude, Violência e Cidadania*, quatro pesquisas empíricas realizadas em Brasília, Rio de Janeiro, Fortaleza e Curitiba, referenciadas na bibliografia.

durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Já o conceito juventude resume uma categoria essencialmente sociológica, que remete ao processo de preparação para o indivíduo assumir o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, isto é, tanto na produção quanto na reprodução da vida humana. Diante desse *vazio*, adotamos em todos os trabalhos a definição etária de juventude das Nações Unidas, como a fase da vida humana que se estende dos 15 aos 24 anos de idade.

Recentemente, vários fatos dão início à superação dessa omissão. Em primeiro lugar, a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como PEC da Juventude, em julho de 2010, depois de uma longa tramitação. Essa PEC incorpora o termo “jovem” no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, dando existência corpórea a uma entidade praticamente inexistente nas políticas públicas.

Também a realização da 1ª Conferência Nacional de Juventude, em 2008, e da 2ª Conferência Nacional de Juventude, em 2011, constituem momentos importantes nessa trilha. Por último, e mais significativo, a aprovação em agosto de 2013 da Lei nº 12.852, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. Já em seu art. 1º, § 1º estabelece que são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos de idade.

Essa sequência positiva de instrumentos nos obriga a reformular nossa definição anterior. Se pretendíamos ser coerentes com a postura assumida já desde esse primeiro Mapa, a de ser instrumento e subsídio para a formulação de políticas públicas de juventude, deveríamos reformular nosso entendimento inicial. Existiam problemas, deveríamos nos dar a tarefa de reconstruir extensas séries históricas elaboradas ao longo de 16 anos de produção de Mapas da Violência. Séries históricas que abrangem dados desde 1980 até nossos dias. Mas julgamos que valia a pena a empreitada, e esta constitui a entrega sob a nova conceituação etária de juventude: de 15 a 29 anos de idade.

A recente divulgação das bases de dados correspondentes ao ano de 2012 pelo SIM e a crescente utilização das informações dos Mapas por parte do programa federal Juventude Viva oportunizaram a realização das reformulações expostas:

- Ampliar nosso entendimento de juventude, que era o das Nações Unidas, de 15 a 24 anos de idade, para as definições do país: 15 a 29 anos de idade, o que originou a necessidade de reprocessar todas as séries históricas.
- Incorporar, na sistemática dos *Jovens do Brasil*, além dos três capítulos tradicionais: homicídios, suicídios e trânsito, um quarto, referido às questões de raça/cor, tema que era tratado de forma independente.

Por último, cabe o alerta formulado em mapas anteriores. Não pretendemos aqui realizar um diagnóstico da violência letal no país. Mais que realizar um acurado exame, nossa intenção é fornecer subsídios para que as diversas instâncias da sociedade civil e do aparelho governamental aprofundem sua leitura de uma realidade que, como os próprios dados evidenciam, é altamente preocupante.

1. NOTAS TÉCNICAS

A partir do ano de 1979, o Ministério da Saúde (MS) passou a divulgar as informações do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), cujas bases foram utilizadas para a elaboração do presente relatório.

Pela legislação vigente no Brasil (Lei nº 015, de 31 de dezembro de 1973, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216, de 30 de junho de 1975), nenhum sepultamento pode ser feito sem a certidão de registro de óbito correspondente. Esse registro deve ser feito à vista de Declaração de Óbito (DO) ou, na falta de médico na localidade, por duas pessoas qualificadas que tenham presenciado ou constatado a morte.

As DOs são preenchidas pelas unidades notificantes do óbito⁴ (habitualmente no local de ocorrência do óbito) e recolhidas, regularmente, pelas Secretarias Municipais de Saúde, onde são digitadas, processadas, criticadas, consolidadas e transferidas para o setor SIM das Secretarias Estaduais de Saúde que agregam os diversos municípios, e enviam para o MS. Em seguida, os dados informados pelos municípios sobre mortalidade no nível local são transferidos à base de dados do nível estadual, que os agrega e os envia ao nível federal. No nível federal, a gestora do SIM é a Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS).

A DO, normalmente, fornece dados relativos à idade, ao sexo, ao estado civil, à profissão, à naturalidade e ao local de residência. Determina igualmente a legislação que o registro do óbito seja sempre feito “no lugar do falecimento”. Visando ao interesse de isolar áreas ou locais de “produção” de violência, utilizou-se no presente trabalho este último dado, o do local de ocorrência, para a localização espacial dos óbitos. Isso, porém, não deixa de trazer alguns problemas que, no formato atual da certidão de registro, não têm solução. É o caso das situações onde o lugar em que aconteceu o *incidente* que levou à morte difere do local onde teve lugar o falecimento. Feridos levados para hospitais localizados em outros municípios, ou até em outros estados, aparecem dessa forma, contabilizados no “lugar do falecimento”.

Outra informação relevante para o nosso estudo, exigida pela legislação, é a causa da morte. Até 1995, tais causas eram classificadas pelo SIM seguindo os capítulos da nona revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-9) da Organização Mundial da Saúde. A partir daquela data, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão, que é a última revisão até o momento (CID-10).

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos no que o CID-10, em seu Capítulo XX, classifica como “causas externas de morbidade e mortalidade”. Diferentemente das chamadas causas naturais, indicativas de deterioração do organismo ou da saúde devido a doenças e/ou ao envelhecimento, as causas

⁴ Estabelecimentos de saúde, Institutos de Medicina Legal, Serviços de Verificação de Óbitos, Cartórios do Registro Civil, profissionais médicos e outras instituições que dela façam uso legal e permitido.

externas remetem a fatores independentes do organismo humano, fatores que provocam lesões ou agravos à saúde que levam à morte do indivíduo. Essas *causas externas*, também *chamadas causas não naturais* ou ainda *causas violentas*, englobam um variado conjunto de circunstâncias, algumas tidas como acidentais – mortes no trânsito, quedas fatais etc. – ou violentas – homicídios, suicídios etc.

Quando um óbito devido a *causas externas* é registrado, descreve-se tanto a natureza da lesão quanto as circunstâncias que a originaram. Assim, para a codificação dos óbitos, foi utilizada a causa básica, entendida como o tipo de fato, violência ou acidente causante da lesão que levou à morte do indivíduo. Dentre as causas de óbito estabelecidas pelo CID-10, foram utilizadas as seguintes:

- **Acidentes de Transporte**, que correspondem às categorias V01 a V99 do CID-10 e incorpora, além dos comumente denominados “acidentes de trânsito”, outros acidentes derivados das atividades de transporte, como aéreo, por água etc.
- **Homicídios Dolosos**, ou simplesmente *Homicídios*, que correspondem à somatória das categorias X85 a Y09, recebendo o título genérico de *Agressões*. Têm como característica a presença de uma agressão intencional de terceiros, que utilizam qualquer meio para provocar danos ou lesões que originam a morte da vítima. Não se incluem aqui mortes acidentais, homicídios culposos, mortes no trânsito etc. que têm códigos específicos de classificação.
- **Suicídios**, que correspondem às categorias X60 a X84, todas sob o título *Lesões Autoprovocadas Intencionalmente*.

As informações usadas sobre cor/raça das vítimas são as que constam no sistema. O SIM começou a incorporar essa informação com a adoção, em 1996, do CID-10, utilizando o mesmo esquema classificatório do IBGE: branca, preta, amarela, parda e indígena. Mas, nos primeiros anos, até depois da virada do século, o sub-registro da cor/raça das vítimas foi muito elevado. Por esse motivo, nos mapas da violência começamos a considerar essa informação a partir do ano de 2002, quando já 92% dos registros tinham a informação de raça/cor. Além disso, para simplificar as análises, as categorias *preto* e *parda* foram somadas para constituir a categoria *negro*.

Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da Organização Mundial da Saúde⁵ (OMS) em cuja metodologia foi baseado o nosso SIM, pelo que ambas as séries de dados são totalmente compatíveis, possibilitando comparações internacionais em larga escala. Mas, como os países atualizam suas informações na OMS em datas muito diferentes, fica muito limitado utilizar dados de um único ano. Assim, foram usados os últimos dados disponibilizados entre 2004 e 2008. A partir desse critério, foi possível compatibilizar dados de mortalidade de aproximadamente 100 países do mundo.

⁵ WHOSIS, World Mortality Databases.

Para o cálculo das taxas de mortalidade do Brasil, foram utilizadas as estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo Datasus que, por sua vez, utiliza as seguintes fontes:

- **1980, 1991, 2000 e 2010:** IBGE – Censos Demográficos
- **1996:** IBGE – Contagem Populacional
- **1981-1990, 1992-1999, 2001-2006:** IBGE – Estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/Datasus.
- **2007-2009:** IBGE – Estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) – População e Desenvolvimento. Coordenação de População e Indicadores Sociais.
- **2010-2012:** Estimativas populacionais do Datasus/MS

Contudo, estas estimativas intercensitárias oficiais não estão desprovidas de erro, que aumenta progressivamente em função da distância temporal do último censo disponível.

No nível municipal, principalmente quando se trata de municípios de pequeno porte, podem existir grandes flutuações nas taxas de um ano para outro. Em municípios de pequeno porte, uns poucos homicídios ou acidentes de trânsito elevam insuportavelmente as taxas desse ano, voltando praticamente a zero no ano seguinte. Por tal motivo, foram adotados critérios para o tratamento e divulgação das taxas municipais. Como o critério varia segundo a incidência do indicador, em cada capítulo deverá ser explicitado o critério seguido.

Para o cálculo das taxas de mortalidade dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio WHOSIS. Contudo, perante a existência de lacunas, para os dados faltantes foi utilizada a Base Internacional de Dados do *US Census Bureau*⁶.

Uma última ressalva deve ser ainda colocada. Refere-se à peculiar situação do Distrito Federal, cuja organização administrativa específica determina que os parâmetros da UF coincidam com os de Brasília como capital. Em muitos casos, quando tratada como UF, apresenta valores relativamente altos, devido a sua peculiar forma de organização.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo próprio SIM⁷, e também por outros autores que trabalharam com o tema (MELLO JORGE⁸; RAMOS de SOUZA et al.⁹).

⁶ Disponível em: <<http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>>.

⁷ SIM/DATASUS/MS. *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. S/I, 1995.

⁸ MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

⁹ RAMOS de SOUZA, et. al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, jan./jun. 1996.

A primeira grande limitação, assumida pelo próprio SIM, é o sub-registro. Esse sub-registro se deve, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, determinando uma redução do número de óbitos declarados. Por outro lado, também a incompleta cobertura do sistema, fundamentalmente nas regiões Norte e Nordeste, faz com que a fidedignidade das informações diminua com a distância dos centros urbanos e com o tamanho e disponibilidades dos municípios. O próprio SIM¹⁰ estima que os dados apresentados em 1992 podem representar algo em torno de 80% dos óbitos acontecidos no país. Estudos mais recentes do próprio Ministério¹¹ apontam os avanços nessa área. Para 2011 teríamos:

- Uma cobertura nacional de 94,2% dos óbitos.
- As regiões Norte – 85,9% – e Nordeste – 88,8% ainda com grande subnotificação.
- O resto do país, com índices bem próximos de 100%.

Não só a quantidade, mas também a qualidade dos dados têm sofrido reparos: mortes sem assistência médica, que impede o apontamento correto das causas e/ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da certidão etc. Apesar dessas limitações, existe ampla coincidência em indicar, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

¹⁰ SIM/Datasus/MS op. cit.

¹¹ IDB. Indicador A.18: Razão entre óbitos informados e estimados. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2012/a1801b.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

2. MARCO DA MORTALIDADE JUVENIL

Segundo recentes estimativas¹², para o ano de 2012 o país contava com um contingente de 52,2 milhões de jovens na faixa dos 15 aos 29 anos de idade. O quantitativo representa 26,9% do total dos 194,0 milhões de habitantes projetados para o país pela mesma fonte.

Essa participação juvenil já foi maior. Em 1980, existia menor número de jovens: 34,5 milhões, mas, no total dos 119,0 milhões de habitantes da época, eles representavam 29,0%. Diversos processos, ligados fundamentalmente à urbanização e à modernização da sociedade brasileira, originariam quedas progressivas nas taxas de fertilidade, o que derivou no estreitamento na base da pirâmide populacional, com o consequente alongamento das faixas de maior idade.

O ritmo de crescimento em número absoluto de jovens – de 34,5 milhões em 1980 para 52,2 milhões em 2012 – começou a declinar progressivamente já em meados da última década, em função das referidas mudanças nas curvas demográficas do país.

No presente capítulo, tentaremos estabelecer o contexto e as características da mortalidade dessa juventude, contrapondo esses índices com os das demais faixas etárias.

Veremos ao longo do presente capítulo que os índices de mortalidade da população brasileira caíram de 631 por 100 mil habitantes, em 1980, para 608, em 2012, fato bem evidente na melhoria da esperança de vida da população. Esse é um dos indicadores cuja progressiva melhora possibilitou significativos avanços no Índice de Desenvolvimento Humano do país nos últimos anos. Apesar dos ganhos globais, a taxa de mortalidade juvenil manteve-se estagnada, e até teve um ínfimo aumento ao longo do período, passando de 146 mortes por 100 mil jovens, em 1980, para 149, em 2012. O diferencial nos ritmos de evolução da mortalidade já indica a existência de processos diversos, dignos de aprofundamento.

As características não permaneceram congeladas ao longo do tempo, mudaram radicalmente sua configuração a partir do que poderíamos denominar de “*novos padrões da mortalidade juvenil*”.

Estudos históricos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro (VERMELHO; MELLO JORGE, 1996¹³) mostram que as epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens cinco ou seis décadas atrás, foram

¹² Estimativas de População Residente. Datasus/MS.

¹³ VERMELHO, L.L.; MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*, v. 30, n. 4, 1996. Apud MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

sendo progressivamente substituídas pelas denominadas *causas externas*, principalmente acidentes de trânsito e homicídios. Os dados do SIM permitem verificar essa significativa mudança.

Em 1980, as *causas externas* já eram responsáveis pela metade exata – 50,0% – do total de mortes dos jovens no país. Já em 2012, dos 77.805 óbitos juvenis registrados pelo SIM, 55.291 tiveram sua origem nas *causas externas*, fazendo esse percentual se elevar de forma drástica: em 2012 acima de 2/3 de nossos jovens – 71,1% – morreram por *causas externas*.

Como veremos ao longo do presente estudo, os maiores responsáveis por essa letalidade são os homicídios e os acidentes de transporte a ceifar a vida de nossa juventude.

2.1. Questão etária e mortalidade violenta

Desde o primeiro Mapa, divulgado em 1998, consideramos mortalidade violenta a resultante da somatória de homicídios, suicídios e acidentes de transporte, precisamente por sua elevada incidência na juventude e por ser produto de um conjunto de situações sociais e estruturais. Desagregando sua incidência ao longo da vida, podemos visualizar melhor esse fato. Na tabela e gráfico 2.1.1, realizamos esse desmembramento para os dados do ano 2012. Podemos observar:

- O brutal incremento dos homicídios a partir dos 13 anos de idade: as taxas pulam de quatro homicídios por 100 mil para 75,0 na idade de 21 anos. A partir desse ponto, há um progressivo declínio. Nessa faixa jovem, são taxas de homicídio que nem países em conflito armado conseguem alcançar.
- Também nos acidentes de transporte a vitimização prioritária acontece na faixa jovem e também idosa. Como tivemos oportunidade de comprovar em um recente mapa,¹⁴ no caso dos jovens, explica-se pela crescente e elevada mortalidade de motociclistas, veículo mais utilizado por jovens. No caso dos idosos, deve-se fundamentalmente à elevada vulnerabilidade de pedestres com mais de 65 anos de idade.
- Por último, surpreende a elevação significativa das taxas de suicídios a partir dos 17 ou 18 anos de idade, com taxas bem acima da média nacional, em torno de cinco suicídios a cada 100 mil habitantes.
- Em conjunto, a partir dos 19 anos de idade, e até os 26, as taxas de mortalidade violenta ultrapassam os 100 óbitos por 100 mil jovens.

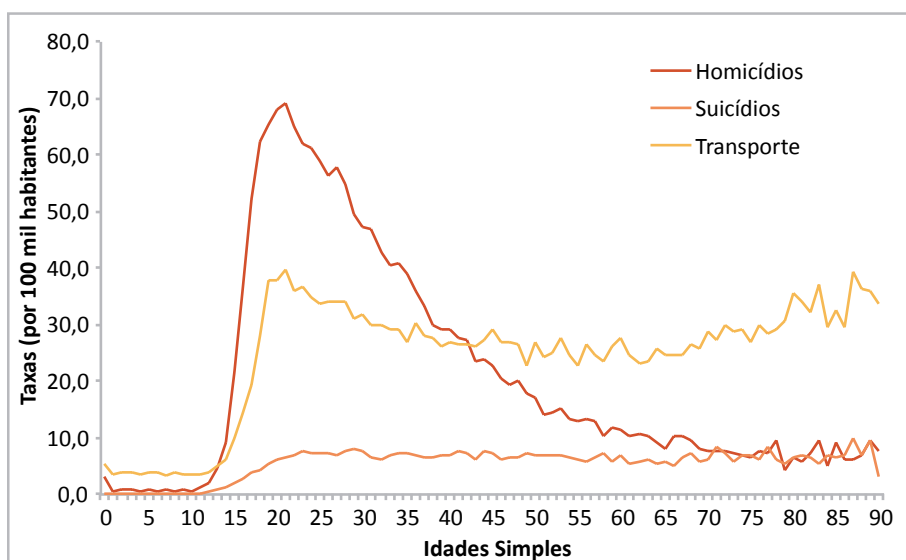
¹⁴ WAISELFSZ J.J. *Mapa da violência 2013*. Acidentes de trânsito e motocicletas. Rio de Janeiro: CEBELA-FLACSO, 2013.

Tabela 2.1.1. Mortalidade violenta por Idades Simples. Brasil. 2012.

	Taxas						Taxas							Taxas				
	Homicídio	Suicídio	Transporte	Violentas			Homicídio	Suicídio	Transporte	Violentas				Homicídio	Suicídio	Transporte	Violentas	
0	4,7	0,0	4,3	9,0			31	49,3	7,2	32,6	89,2			62	9,1	5,7	24,5	39,3
1	1,0	0,0	3,9	4,9			32	45,5	7,1	30,2	82,8			63	9,1	7,5	26,8	43,5
2	0,8	0,0	3,8	4,7			33	43,2	7,4	29,1	79,7			64	9,1	6,0	25,6	40,6
3	0,6	0,0	3,8	4,4			34	41,4	7,4	31,1	79,9			65	9,2	5,2	22,4	36,8
4	0,6	0,0	4,0	4,6			35	42,2	6,8	31,0	80,0			66	9,5	7,2	27,3	44,0
5	0,9	0,0	3,9	4,8			36	36,7	7,5	29,9	74,1			67	8,7	7,6	25,3	41,6
6	0,8	0,0	3,5	4,3			37	36,0	7,3	28,7	72,1			68	10,2	6,1	26,2	42,6
7	0,6	0,0	3,3	3,9			38	34,5	7,9	26,8	69,2			69	7,5	8,1	27,0	42,6
8	1,0	0,0	4,0	5,0			39	32,6	7,9	28,5	69,0			70	7,8	7,1	23,0	38,0
9	0,7	0,1	3,7	4,5			40	29,0	6,8	25,3	61,1			71	9,5	7,0	31,1	47,6
10	1,1	0,1	4,5	5,7			41	29,7	8,1	27,7	65,5			72	6,7	5,2	24,1	36,0
11	1,2	0,5	4,2	5,8			42	25,6	7,2	27,2	60,0			73	7,2	6,1	30,2	43,5
12	2,4	0,6	3,9	6,9			43	25,3	7,2	26,9	59,3			74	8,1	6,8	24,9	39,7
13	4,0	1,0	5,6	10,6			44	23,8	7,3	27,6	58,8			75	8,1	6,0	32,1	46,2
14	12,3	1,2	7,1	20,6			45	23,6	6,7	30,0	60,4			76	7,7	6,7	30,8	45,2
15	24,2	2,4	9,9	36,4			46	21,6	7,2	27,2	56,0			77	7,5	6,4	30,1	44,1
16	42,2	3,3	16,0	61,5			47	19,8	7,0	26,0	52,8			78	7,4	5,6	35,9	48,9
17	62,1	3,7	21,7	87,4			48	18,9	6,8	25,2	50,9			79	9,4	7,0	38,2	54,5
18	66,7	4,7	28,4	99,8			49	19,0	7,3	27,7	53,9			80	7,9	9,5	29,1	46,5
19	73,0	5,8	36,6	115,3			50	16,4	7,0	25,8	49,3			81	5,5	8,4	36,6	50,6
20	76,3	5,2	37,2	118,7			51	17,3	7,3	26,8	51,5			82	6,1	7,8	28,9	42,7
21	75,0	6,2	42,8	124,0			52	16,0	5,3	22,7	43,9			83	7,5	8,6	32,8	48,9
22	70,2	7,1	37,1	114,3			53	14,4	7,6	26,7	48,8			84	6,4	5,7	31,8	43,8
23	73,1	7,3	37,0	117,4			54	14,3	7,3	24,5	46,1			85	3,9	7,9	32,3	44,1
24	68,9	6,5	38,0	113,4			55	12,3	7,3	25,0	44,6			86	6,4	4,1	32,7	43,1
25	64,3	7,5	37,4	109,2			56	12,7	7,1	25,5	45,4			87	3,9	10,1	29,6	43,6
26	61,7	7,2	33,7	102,6			57	11,5	6,8	26,5	44,9			88	6,6	9,2	25,7	41,5
27	56,1	7,8	34,7	98,5			58	10,3	6,8	23,5	40,6			89	5,5	6,3	37,7	49,5
28	57,5	7,7	32,0	97,2			59	11,1	6,3	26,3	43,6			90	12,0	6,0	26,6	44,6
29	57,3	7,6	34,3	99,1			60	10,8	5,6	23,7	40,0							
30	50,6	7,3	31,6	89,4			61	10,4	8,3	27,4	46,1							

Fonte: SIM/SVS/MS;
PNAD (2012).

Gráfico 2.1.1. Taxas de mortalidade violenta por Idades Simples. Brasil. 2011.



Fonte: SIM/SVS/MS.

2.2. Evolução da mortalidade violenta: 1980/2011

A evolução histórica da mortalidade violenta no Brasil impressiona pelos quantitativos implicados. Vemos na tabela 2.2.1 que, segundo os registros do Sistema de Informações de Mortalidade, entre os anos 1980 e 2012, morreram no país:

- 1.202.245 pessoas vítimas de homicídio.
- 1.041.335 vítimas de acidentes de transporte.
- 216.211 suicidaram-se.
- As três causas somadas totalizam 2.459.791 vítimas.

Alguns aspectos nessa evolução devem ser ainda destacados por sua relevância para nosso estudo:

1. Se as taxas de mortalidade para o conjunto da população caem 3,7% nesse período, as taxas por causas externas aumentam 32,8%.
2. Quem puxa os aumentos dessas taxas são, fundamentalmente, os homicídios, que crescem 148,5%, em segundo lugar, os suicídios, que crescem 62,5%. Mas também os óbitos em acidentes de transporte aumentam 38,7%.
3. Os acidentes de transporte, com acentuada queda na década de 1990 pela entrada em vigor do Estatuto do Trânsito de 1997, retomam sua tendência de alta já no ano 2000, com um aumento de 36% entre os anos 2000 e 2012. Podemos observar um significativo aumento nos últimos anos – 2009 a 2012, quando as taxas passam de 20,2 para 23,7 mortes por 100 mil habitantes.

4. Os suicídios no país vêm aumentando de forma progressiva e constante: na década de 1980 praticamente não teve crescimento (2,7%); na década de 1990 o crescimento foi de 18,8%, e daí até 2012, de 33,3%.

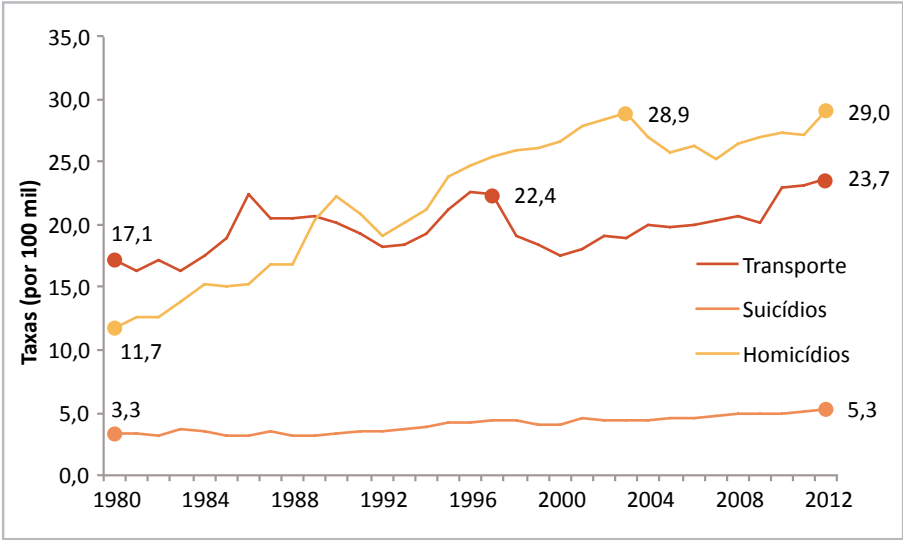
Tabela 2.1.1. Estrutura e evolução da mortalidade: número e taxas de óbito (por 100mil) segundo Causas. População Total. Brasil. 1980/2012.

Ano	Número					Taxas (por mil habitantes)				
	Causas Externas	Transporte (1)	Suicídios (2)	Homicídios (3)	Violentas (1+2+3)	Externas	Transporte	Suicídios	Homicídios	Violentas (1+2+3)
1980	70.212	20.365	3.896	13.910	38.171	59,0	17,1	3,3	11,7	32,1
1981	71.833	19.816	4.061	15.213	39.090	59,3	16,4	3,4	12,6	32,3
1982	73.460	21.262	3.917	15.550	40.729	59,3	17,2	3,2	12,6	32,9
1983	78.008	20.636	4.586	17.408	42.630	61,7	16,3	3,6	13,8	33,7
1984	82.386	22.564	4.433	19.767	46.764	63,9	17,5	3,4	15,3	36,2
1985	85.845	24.937	4.255	19.747	48.939	65,2	18,9	3,2	15,0	37,2
1986	95.968	30.172	4.312	20.481	54.965	71,5	22,5	3,2	15,3	40,9
1987	94.421	28.135	4.701	23.087	55.923	69,0	20,6	3,4	16,9	40,9
1988	96.174	28.559	4.492	23.357	56.408	69,1	20,5	3,2	16,8	40,5
1989	102.252	29.423	4.491	28.757	62.671	72,2	20,8	3,2	20,3	44,2
1990	100.656	29.089	4.845	31.989	65.923	69,9	20,2	3,4	22,2	45,8
1991	102.023	28.455	5.186	30.750	64.391	69,5	19,4	3,5	20,9	43,9
1992	99.130	27.212	5.268	28.435	60.915	66,7	18,3	3,5	19,1	41,0
1993	103.751	27.852	5.555	30.610	64.017	68,5	18,4	3,7	20,2	42,2
1994	107.292	29.529	5.932	32.603	68.064	69,8	19,2	3,9	21,2	44,3
1995	114.888	33.155	6.594	37.129	76.878	73,7	21,3	4,2	23,8	49,3
1996	119.156	35.545	6.743	38.894	81.182	75,9	22,6	4,3	24,8	51,7
1997	119.550	35.756	6.923	40.507	83.186	74,9	22,4	4,3	25,4	52,1
1998	117.690	31.026	6.989	41.950	79.965	72,7	19,2	4,3	25,9	49,4
1999	116.894	30.118	6.530	42.914	79.562	71,3	18,4	4,0	26,2	48,5
2000	118.397	29.645	6.780	45.360	81.785	69,7	17,5	4,0	26,7	48,2
2001	120.954	31.031	7.738	47.943	86.712	70,2	18,0	4,5	27,8	50,3
2002	126.550	33.288	7.726	49.695	90.709	72,5	19,1	4,4	28,5	51,9
2003	126.657	33.620	7.861	51.043	92.524	71,6	19,0	4,4	28,9	52,3
2004	127.470	35.674	8.017	48.374	92.065	71,2	19,9	4,5	27,0	51,4
2005	127.633	36.611	8.550	47.578	92.739	69,3	19,9	4,6	25,8	50,4
2006	128.388	37.249	8.639	49.145	95.033	68,7	19,9	4,6	26,3	50,9
2007	131.032	38.419	8.868	47.707	94.994	69,2	20,3	4,7	25,2	50,2
2008	135.936	39.211	9.328	50.113	98.652	71,7	20,7	4,9	26,4	52,0
2009	138.697	38.469	9.374	51.434	99.277	72,9	20,2	4,9	27,0	52,2
2010	143.256	43.908	9.448	52.260	105.616	75,1	23,0	5,0	27,4	55,4
2011	145.842	44.553	9.852	52.198	106.603	75,8	23,2	5,1	27,1	55,4
2012	152.013	46.051	10.321	56.337	112.709	78,4	23,7	5,3	29,0	58,1
Total	3.674.414	1.041.335	216.211	1.202.245	2.459.791					
Crescimento %										
1980/90	43,4	42,8	24,4	130,0	72,7	18,4	18,0	2,7	89,9	42,6
1990/00	17,6	1,9	39,9	41,8	24,1	-0,2	-13,5	18,8	20,3	5,3
2000/12	28,4	55,3	52,2	24,2	37,8	12,4	36,0	33,3	8,7	20,6
1980/12	116,5	126,1	164,9	305,0	195,3	32,8	38,7	62,5	148,5	81,2

Fonte: SIM/SVS/MS.

5. Durante toda a década de 1980, as mortes em acidentes de transporte foram sempre maiores que os homicídios e, em alguns anos, significativamente maiores: em 1980, as mortes no trânsito foram 46,4% maiores que os homicídios, diferencial que em 1996 elevou-se para 47,3%. Já a partir de 1990, o diferencial de crescimento entre ambas faz com que os homicídios ultrapassem aceleradamente os óbitos em acidentes de transporte. Assim, já no ano 2000, esse diferencial passa para 52,7% favorável aos homicídios.

Gráfico 2.2.1. Taxas de mortalidade violenta (por 100 mil). População Total. Brasil. 1980/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

6. Os homicídios apresentaram um forte crescimento desde o início da série, no ano de 1980, quando a taxa foi de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, até o ano 2003, quando a taxa chega a 28,9 com um gradiente de 4% de crescimento anual. A partir de 2003, resultante das campanhas de desarmamento e de políticas pontuais em algumas Unidades da Federação de grande peso demográfico, as taxas de homicídio tendem a cair até 2007, ponto de reinício da escalada de violência.

Para analisar a estrutura e especificidades evolutivas da mortalidade na faixa jovem, utilizaremos o seguinte procedimento: dividiremos a população em dois grandes grupos: os *jovens* – 15 a 29 anos de idade – e os *não jovens*: aqueles que ainda não chegaram a sua juventude – menos de 15 anos de idade –, e aqueles que já passaram da faixa – 29 ou mais anos de idade. Os dados foram sintetizados na tabela 2.2.2 e 2.2.3.

Tabela 2.2.2. Estrutura da mortalidade: taxas de óbitos (por 100 mil) segundo Causa. População Jovem e Não Jovem. Brasil. 1980/2012.										
Ano	População Não Jovem					População Jovem				
	Total	Causas Externas	Transporte	Suicídios	Homicídios	Total	Causas Externas	Transporte	Suicídios	Homicídios
1980	828,7	53,2	16,4	2,8	8,5	146,6	73,3	18,9	4,4	19,6
1981	812,1	53,0	15,6	2,7	9,1	146,5	74,8	18,3	5,0	21,0
1982	784,2	53,3	16,2	2,7	9,4	143,1	74,4	19,7	4,4	20,3
1983	796,6	54,7	15,3	3,1	10,1	148,2	79,0	18,9	4,8	22,8
1984	817,9	55,7	16,2	3,1	10,9	154,0	84,1	20,6	4,3	26,3
1985	777,5	57,1	17,8	2,9	10,3	151,7	85,6	21,9	4,0	26,8
1986	781,0	62,6	20,9	2,9	10,4	161,4	94,0	26,4	4,1	27,5
1987	754,6	60,3	19,3	3,2	11,5	155,6	91,0	23,8	4,1	30,3
1988	774,2	60,5	19,3	2,9	11,6	155,2	90,6	23,5	3,9	29,9
1989	737,9	61,4	19,5	2,9	13,5	163,0	99,6	24,1	3,9	37,6
1990	727,5	59,8	19,1	3,1	14,7	158,3	95,5	22,9	4,1	41,2
1991	700,6	60,2	18,1	3,3	14,3	155,1	93,3	22,7	4,2	37,9
1992	715,1	58,7	17,2	3,3	13,4	149,9	87,2	21,1	4,3	33,8
1993	744,8	60,4	17,3	3,2	13,9	154,2	89,2	21,2	4,8	36,3
1994	740,0	60,4	17,7	3,4	14,1	159,4	93,9	23,0	5,0	39,4
1995	733,9	64,2	20,0	3,8	16,2	161,8	98,3	24,6	5,3	43,3
1996	741,6	66,6	21,2	3,9	16,9	160,7	99,7	26,3	5,3	44,8
1997	725,1	64,9	20,7	4,1	16,9	158,2	100,6	26,8	5,0	47,1
1998	739,3	62,1	17,9	4,0	16,7	157,7	99,9	22,5	5,0	49,5
1999	736,5	60,8	17,1	3,7	16,8	153,0	98,0	21,6	4,6	50,1
2000	718,3	58,8	16,3	3,8	16,7	148,8	97,4	20,3	4,5	52,3
2001	719,3	59,4	16,9	4,2	17,5	147,2	97,4	20,8	5,2	54,0
2002	724,7	60,6	17,5	4,2	17,6	151,4	102,6	22,9	5,1	56,1
2003	731,4	60,0	17,5	4,1	17,8	148,7	101,2	22,8	5,2	57,0
2004	740,1	60,4	18,3	4,2	16,6	144,7	98,6	24,0	5,1	53,3
2005	708,0	59,4	18,2	4,5	16,1	137,7	94,4	24,1	5,0	50,5
2006	716,4	58,9	18,2	4,5	16,7	137,0	93,6	24,3	5,0	50,7
2007	712,4	58,9	18,2	4,5	15,8	139,2	96,0	25,8	5,2	49,7
2008	728,7	61,2	18,5	4,7	16,5	143,0	99,6	26,6	5,5	52,8
2009	743,1	62,6	18,2	4,8	17,1	146,1	100,4	25,5	5,3	53,5
2010	761,3	65,0	20,7	4,8	17,4	147,2	102,6	29,3	5,5	54,5
2011	778,9	66,4	21,0	4,9	17,6	145,7	101,2	29,0	5,7	53,0
2012	778,4	68,2	21,7	5,2	18,5	148,9	105,8	29,4	5,6	57,6
Média	746,6	60,6	18,4	3,8	15,0	150,4	94,6	23,7	4,9	43,4
Crescimento %										
1980/90	-12,2	12,5	16,6	9,4	74,1	7,9	30,4	21,6	-7,0	110,7
1990/00	-1,3	-1,6	-14,5	23,9	13,0	-6,0	2,0	-11,5	9,0	26,8
2000/12	8,4	16,0	32,5	37,6	11,2	0,1	8,6	45,0	24,2	10,1
1980/12	-6,1	28,3	32,1	86,4	118,9	1,6	44,5	55,9	25,9	194,2

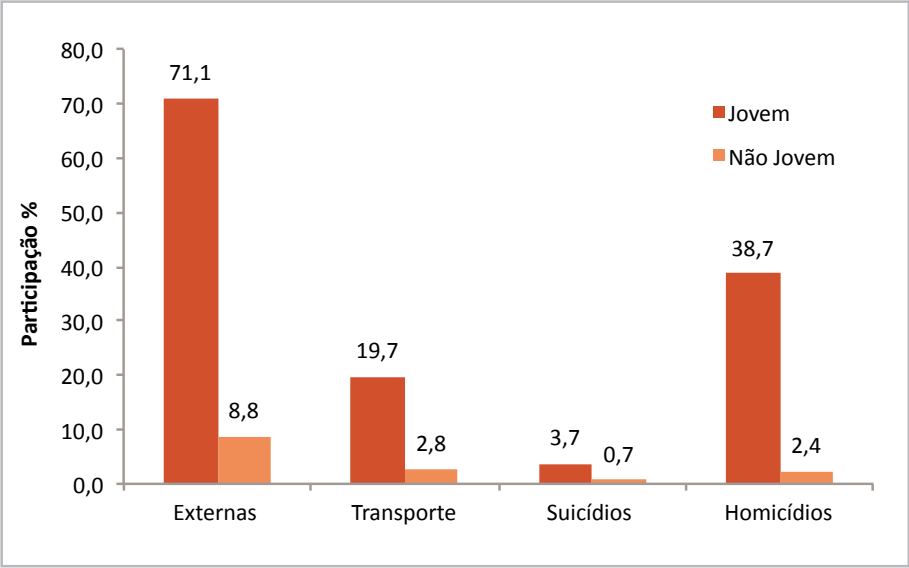
Fonte: SIM/SVS/MS.

- Considerando o longo período – 1980/2012 –, entre os jovens, 62,9% das mortes devem-se a causas externas. Na população *não jovem*, esse percentual representa só 8,1% das mortes acontecidas.
- Se na população *não jovem* só 2,0% dos óbitos foram causados por homicídio, entre os jovens os homicídios foram responsáveis por 28,8% das mortes acontecidas no período 1980 a 2012.

Tabela 2.2.3. Estrutura da mortalidade: participação (%) das diversas causas por UF e Região. População Jovem e Não Jovem. Brasil. 1980/2012.										
Ano	População Não Jovem					População Jovem				
	Total Óbitos	Causas Externas	Transporte	Suicídios	Homicídios	Total Óbitos	Causas Externas	Transporte	Suicídios	Homicídios
1980	100,0	6,4	2,0	0,3	1,0	100,0	50,0	12,9	3,0	13,3
1981	100,0	6,5	1,9	0,3	1,1	100,0	51,1	12,5	3,4	14,4
1982	100,0	6,8	2,1	0,3	1,2	100,0	52,0	13,8	3,1	14,2
1983	100,0	6,9	1,9	0,4	1,3	100,0	53,3	12,8	3,3	15,4
1984	100,0	6,8	2,0	0,4	1,3	100,0	54,6	13,4	2,8	17,1
1985	100,0	7,3	2,3	0,4	1,3	100,0	56,4	14,4	2,6	17,7
1986	100,0	8,0	2,7	0,4	1,3	100,0	58,2	16,4	2,5	17,1
1987	100,0	8,0	2,6	0,4	1,5	100,0	58,5	15,3	2,7	19,5
1988	100,0	7,8	2,5	0,4	1,5	100,0	58,4	15,1	2,5	19,2
1989	100,0	8,3	2,6	0,4	1,8	100,0	61,1	14,8	2,4	23,1
1990	100,0	8,2	2,6	0,4	2,0	100,0	60,3	14,5	2,6	26,1
1991	100,0	8,6	2,6	0,5	2,0	100,0	60,2	14,6	2,7	24,4
1992	100,0	8,2	2,4	0,5	1,9	100,0	58,2	14,1	2,8	22,6
1993	100,0	8,1	2,3	0,4	1,9	100,0	57,9	13,7	3,1	23,5
1994	100,0	8,2	2,4	0,5	1,9	100,0	58,9	14,4	3,1	24,7
1995	100,0	8,7	2,7	0,5	2,2	100,0	60,8	15,2	3,3	26,8
1996	100,0	9,0	2,9	0,5	2,3	100,0	62,1	16,3	3,3	27,9
1997	100,0	8,9	2,9	0,6	2,3	100,0	63,6	16,9	3,1	29,7
1998	100,0	8,4	2,4	0,5	2,3	100,0	63,4	14,3	3,2	31,4
1999	100,0	8,3	2,3	0,5	2,3	100,0	64,1	14,1	3,0	32,7
2000	100,0	8,2	2,3	0,5	2,3	100,0	65,5	13,6	3,0	35,1
2001	100,0	8,3	2,3	0,6	2,4	100,0	66,2	14,2	3,5	36,7
2002	100,0	8,4	2,4	0,6	2,4	100,0	67,8	15,1	3,4	37,0
2003	100,0	8,2	2,4	0,6	2,4	100,0	68,0	15,3	3,5	38,3
2004	100,0	8,2	2,5	0,6	2,2	100,0	68,1	16,6	3,5	36,8
2005	100,0	8,4	2,6	0,6	2,3	100,0	68,6	17,5	3,6	36,7
2006	100,0	8,2	2,5	0,6	2,3	100,0	68,3	17,7	3,7	37,0
2007	100,0	8,3	2,5	0,6	2,2	100,0	69,0	18,6	3,7	35,7
2008	100,0	8,4	2,5	0,6	2,3	100,0	69,6	18,6	3,9	36,9
2009	100,0	8,4	2,5	0,6	2,3	100,0	68,8	17,5	3,7	36,6
2010	100,0	8,5	2,7	0,6	2,3	100,0	69,7	19,9	3,7	37,0
2011	100,0	8,5	2,7	0,6	2,3	100,0	69,5	19,9	3,9	36,4
2012	100,0	8,8	2,8	0,7	2,4	100,0	71,1	19,7	3,7	38,7
Total	100,0	8,1	2,5	0,5	2,0	100,0	62,9	15,7	3,2	28,8
Crescimento %										
1980/90	0,0	28,2	32,8	24,6	98,4	0,0	20,8	12,7	-13,8	95,3
1990/00	0,0	-0,4	-13,4	25,4	14,5	0,0	8,5	-5,9	15,9	34,9
2000/11	0,0	4,2	18,5	18,9	-2,6	0,0	6,1	46,0	30,3	3,6
1980/11	0,0	33,0	36,3	85,8	121,1	0,0	39,1	54,8	30,2	172,8

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 2.2.2. Participação (%) das causas de mortalidade. População Jovem e Não Jovem. Brasil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

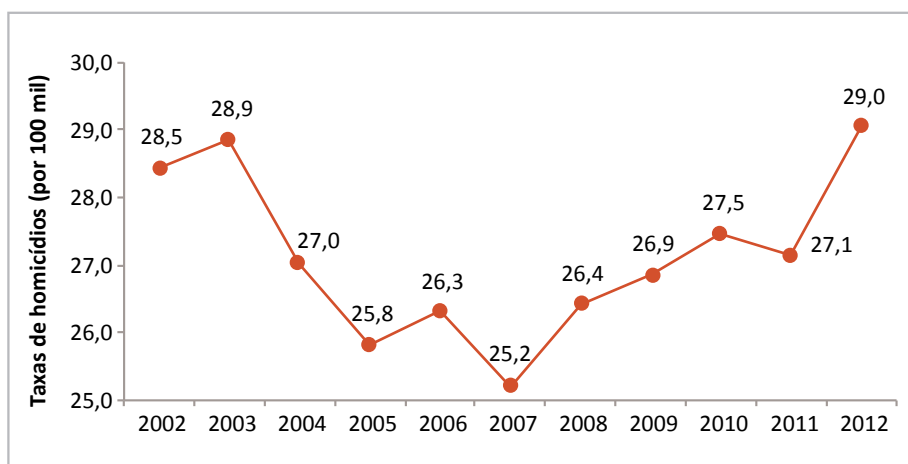
3. HOMICÍDIOS

3.1. Evolução dos homicídios nas unidades federadas

Na década 2002/2012, o número total de homicídios registrados pelo SIM passou de 49.695 para 56.337, o que representa um incremento de 13,4%, semelhante ao incremento populacional do período que, segundo estimativas oficiais, foi de 11,1%.

No gráfico a seguir, e no marco histórico do capítulo 2, pode-se verificar que o número de homicídios cresceu significativamente e de forma muito regular até o ano de 2003, com elevados incrementos: em torno de 4,5% ao ano. Já em 2004 essa tendência se reverte, quando o número de homicídios cai 5,2% em relação a 2003. Essas quedas – como veremos mais adiante – podem ser atribuídas às políticas de desarmamento desenvolvidas na época e a estratégias pontuais de enfrentamento da violência nas grandes metrópoles do país.

Gráfico 3.1. Evolução das taxas de homicídios (por 100 mil). População Total. Brasil. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Com menor intensidade, o declínio continua até 2005, mas a partir desse ano os números absolutos começam a oscilar fortemente: elevam-se em 2006, e caem novamente em 2007 para voltar a crescer de forma acentuada a partir desse ano. Contrastando com o período anterior, de crescimento sistemático, os dados se revelam contraditórios, crescendo num ano, caindo no outro. Isso indica a presença de forças também contraditórias, cuja prevalência circunstancial pressiona os quantitativos nacionais ora para cima, ora para baixo. Encontramos uma primeira explicação ao focarmos a situação e evolução nas grandes regiões do país ou nas unidades da federação, o que nos dá um panorama bem complexo e heterogêneo.

A tabela 3.1.1 permite verificar que, na década estudada, em todas as regiões, salvo a Sudeste, os quantitativos crescem e de forma bem elevada, como nas regiões Norte e Nordeste. Na primeira, os números mais que duplicam, passando de 2.937 em 2002 para 6.098 homicídios em 2012. Vários estados – Amazonas, Pará e Tocantins – são os responsáveis por essa eclosão, mais que duplicando seus quantitativos nessa década. Aqui, a única UF a apresentar uma queda moderada foi Rondônia.

Também o Nordeste quase duplicou os homicídios na década, com destaque negativo para Maranhão, Bahia e Rio Grande do Norte, onde as taxas mais que triplicam. Também outros estados, como Alagoas, Ceará e Paraíba, sem chegar ao extremo dos anteriores, ostentam índices de crescimento bem elevados, mais que duplicando os números de 2002. A única unidade a evidenciar quedas na região foi Pernambuco, com uma regressão de 25,2% na década.

Sul e Centro-Oeste tiveram um crescimento menor na década: 41,2% e 49,8% respectivamente, mas ainda significativo. No primeiro, os três estados apresentam saldos moderados, mas ainda preocupantes, especialmente Santa Catarina e Paraná. No Centro-Oeste, vão ser principalmente Goiás, mas também o Distrito Federal os responsáveis pelo crescimento dos homicídios na região.

É na região Sudeste que encontramos a maior polarização: por um lado, Minas Gerais, onde os homicídios cresceram 52,3% na década. No outro extremo, São Paulo, com quedas expressivas e sistemáticas a partir de 1999, onde o número absoluto de homicídios em 2012 fica reduzido em menos da metade do nível de 2002. Também Rio de Janeiro evidencia quedas muito expressivas: 44,9% no período. Dado o elevado peso demográfico tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, suas quedas afetam não só os índices regionais, que caem 37,5%, mas também os nacionais, compensando o crescimento observado nas outras UFs. Como síntese, podemos indicar que em 22 UFs os homicídios crescem, mas quedas nessas cinco unidades compensaram, equilibrando os resultados numéricos nos extremos na década.

Tabela 3.1.1. Número de homicídios na População Total, por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	151	135	115	125	155	133	133	152	165	168	209	38,4	24,4
Amapá	181	190	173	196	203	171	211	191	258	208	251	38,7	20,7
Amazonas	512	561	523	598	697	711	827	915	1.076	1.289	1.317	157,2	2,2
Pará	1.186	1.383	1.522	1.926	2.073	2.204	2.868	2.997	3.540	3.078	3.261	175,0	5,9
Rondônia	606	559	562	552	589	435	480	536	544	447	523	-13,7	17,0
Roraima	121	106	83	94	110	116	105	117	123	95	166	37,2	74,7
Tocantins	180	225	205	202	236	224	232	284	313	357	371	106,1	3,9
NORTE	2.937	3.159	3.183	3.693	4.063	3.994	4.856	5.192	6.019	5.642	6.098	107,6	8,1
Alagoas	989	1.041	1.034	1.211	1.617	1.839	1.887	1.872	2.086	2.268	2.046	106,9	-9,8
Bahia	1.735	2.155	2.255	2.823	3.278	3.614	4.765	5.383	5.763	5.451	5.936	242,1	8,9
Ceará	1.443	1.560	1.576	1.692	1.793	1.936	2.031	2.168	2.692	2.788	3.840	166,1	37,7
Maranhão	576	762	696	903	925	1.092	1.243	1.387	1.493	1.573	1.749	203,6	11,2
Paraíba	608	620	659	740	819	861	1.021	1.269	1.457	1.619	1.528	151,3	-5,6
Pernambuco	4.431	4.512	4.173	4.307	4.478	4.560	4.431	3.954	3.445	3.464	3.313	-25,2	-4,4
Piauí	315	316	347	386	437	406	387	398	430	461	544	72,7	18,0
Rio Grande do Norte	301	409	342	408	450	594	720	791	815	1.042	1.121	272,4	7,6
Sergipe	549	473	464	492	597	526	574	663	690	739	883	60,8	19,5
NORDESTE	10.947	11.848	11.546	12.962	14.394	15.428	17.059	17.885	18.871	19.405	20.960	91,5	8,0
Espírito Santo	1.639	1.640	1.630	1.600	1.774	1.885	1.948	1.996	1.794	1.681	1.693	3,3	0,7
Minas Gerais	2.977	3.822	4.241	4.208	4.155	4.103	3.869	3.714	3.627	4.235	4.535	52,3	7,1
Rio de Janeiro	8.321	7.840	7.391	7.098	7.122	6.313	5.395	5.074	5.267	4.567	4.589	-44,9	0,5
São Paulo	14.494	13.903	11.216	8.727	8.166	6.234	6.118	6.326	5.806	5.629	6.314	-56,4	12,2
SUDESTE	27.431	27.205	24.478	21.633	21.217	18.535	17.330	17.110	16.494	16.112	17.131	-37,5	6,3
Paraná	2.226	2.525	2.813	2.981	3.095	3.112	3.453	3.695	3.606	3.331	3.464	55,6	4,0
Rio Grande do Sul	1.906	1.900	1.963	2.015	1.964	2.174	2.367	2.229	2.064	2.057	2.363	24,0	14,9
Santa Catarina	572	653	632	616	656	632	789	800	812	797	816	42,7	2,4
SUL	4.704	5.078	5.408	5.612	5.715	5.918	6.609	6.724	6.482	6.185	6.643	41,2	7,4
Distrito Federal	744	856	815	745	769	815	873	1.005	882	977	1.031	38,6	5,5
Goiás	1.275	1.259	1.427	1.398	1.410	1.426	1.754	1.792	1.896	2.214	2.725	113,7	23,1
Mato Grosso	963	929	867	907	899	892	942	999	978	995	1.070	11,1	7,5
Mato Grosso do Sul	694	709	650	628	678	699	690	727	638	668	679	-2,2	1,6
CENTRO-OESTE	3.676	3.753	3.759	3.678	3.756	3.832	4.259	4.523	4.394	4.854	5.505	49,8	13,4
BRASIL	49.695	51.043	48.374	47.578	49.145	47.707	50.113	51.434	52.260	52.198	56.337	13,4	7,9

Fonte: SIM/SVS/MS.

Mas o que realmente impressiona nesses números são suas magnitudes. No ano de 2012, com todas as quedas derivadas da Campanha do Desarmamento e de diversas iniciativas estaduais, aconteceram acima de 56 mil homicídios. Isso representa 154 vítimas diárias, número que equivale 1,4 massacres do Carandiru¹⁵ a cada dia do ano de 2012. Na década analisada, morreram, no Brasil, nem mais, nem menos: 556 mil cidadãos vítimas de homicídio, quantitativo que excede, largamente, o número de mortes da maioria dos conflitos armados registrados no mundo.¹⁶

Chamam a atenção, em primeiro lugar, as fortes oscilações do final do período e, em segundo lugar, a indagação se estaremos presenciando a retomada do crescimento da violência homicida.

A tabela 3.1.2 e os gráficos 3.1.1 e 3.1.2 permitem uma visão da evolução dos índices estaduais. Vemos que 20 das 27 unidades federativas evidenciaram crescimento na década em níveis variados.

Em sete delas, o crescimento foi explosivo: Maranhão, Ceará, Paraíba, Pará, Amazonas e, especialmente, Rio Grande do Norte e Bahia. Compensando esse crescimento, sete Unidades, Mato Grosso, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Pernambuco e, especialmente, Rio de Janeiro e São Paulo, apresentam fortes quedas.

Essas mudanças alteram decididamente o mapa tradicional dos homicídios no país, como pode ser visto na tabela 3.1.3, onde encontramos as Unidades Federadas ordenadas pela situação de suas taxas de homicídio em 1998 e em 2012. Tomamos como ponto de partida o ano 1998, e não 2002, como nas restantes tabelas, porque é a partir dessa data que começam a acontecer as mudanças e deslocamentos que apontamos, pelo que o contraste fica mais evidente.

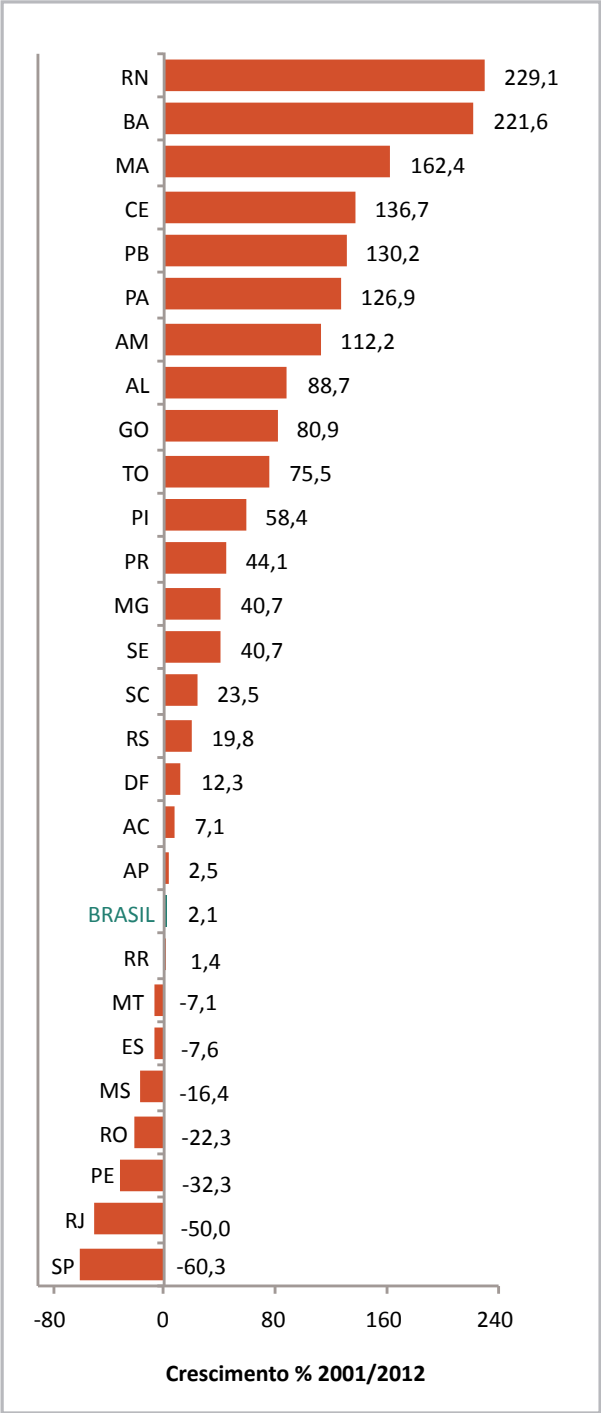
¹⁵ Uma rebelião na Casa de Detenção do Complexo do Carandiru, na zona norte de São Paulo, originou a intervenção das forças policiais, que deixou um saldo de 111 mortes, segundo os dados oficiais. Esse fato ficou conhecido internacionalmente como “Massacre de Carandiru”.

¹⁶ Estudamos esse tema em *Mortes matadas por armas de fogo 1979-2003*. Brasília: UNESCO, 2004.

Tabela 3.1.2. Taxas de homicídios (por 100 mil) na População Total. UF e Região. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	25,7	22,5	18,7	18,7	22,6	18,9	19,6	22,0	23,3	22,5	27,5	7,1	22,4
Amapá	35,0	35,5	31,3	33,0	33,0	26,9	34,4	30,5	40,2	30,4	35,9	2,5	18,2
Amazonas	17,3	18,5	16,9	18,5	21,1	21,0	24,8	27,0	31,5	36,4	36,7	112,2	0,7
Pará	18,4	21,0	22,7	27,6	29,2	30,4	39,2	40,3	47,5	40,0	41,7	126,9	4,1
Rondônia	42,3	38,4	38,0	36,0	37,7	27,4	32,1	35,6	35,6	28,4	32,9	-22,3	16,0
Roraima	34,9	29,7	22,6	24,0	27,3	27,9	25,4	27,8	28,5	20,6	35,4	1,4	71,3
Tocantins	14,9	18,3	16,4	15,5	17,7	16,5	18,1	22,0	23,5	25,5	26,2	75,5	2,7
NORTE	21,7	22,9	22,6	25,1	27,0	26,0	32,1	33,8	38,8	35,1	37,3	71,5	6,4
Alagoas	34,3	35,7	35,1	40,2	53,0	59,6	60,3	59,3	66,8	72,2	64,6	88,7	-10,4
Bahia	13,0	16,0	16,6	20,4	23,5	25,7	32,9	36,8	40,4	38,7	41,9	221,6	8,3
Ceará	18,9	20,1	20,0	20,9	21,8	23,2	24,0	25,4	31,9	32,7	44,6	136,7	36,5
Maranhão	9,9	13,0	11,7	14,8	15,0	17,4	19,7	21,8	23,2	23,7	26,0	162,4	10,1
Paraíba	17,4	17,6	18,6	20,6	22,6	23,6	27,3	33,7	38,8	42,7	40,1	130,2	-6,2
Pernambuco	54,8	55,3	50,7	51,2	52,7	53,1	50,7	44,9	39,3	39,1	37,1	-32,3	-5,1
Piauí	10,9	10,8	11,8	12,8	14,4	13,2	12,4	12,7	13,8	14,7	17,2	58,4	17,2
Rio Grande do Norte	10,6	14,2	11,7	13,6	14,8	19,3	23,2	25,2	26,0	32,6	34,7	229,1	6,6
Sergipe	29,7	25,2	24,4	25,0	29,8	25,9	28,7	32,8	33,9	35,4	41,8	40,7	18,3
NORDESTE	22,4	24,0	23,2	25,4	27,9	29,6	32,1	33,4	35,5	36,3	38,9	73,5	7,2
Espírito Santo	51,2	50,5	49,4	46,9	51,2	53,6	56,4	57,2	51,5	47,4	47,3	-7,6	-0,2
Minas Gerais	16,2	20,6	22,6	21,9	21,3	20,8	19,5	18,5	18,4	21,5	22,8	40,7	6,4
Rio de Janeiro	56,5	52,7	49,2	46,1	45,8	40,1	34,0	31,7	33,1	28,3	28,3	-50,0	-0,3
São Paulo	38,0	35,9	28,6	21,6	19,9	15,0	14,9	15,3	14,1	13,5	15,1	-60,3	11,3
SUDESTE	36,8	36,1	32,1	27,6	26,7	23,0	21,6	21,1	20,5	19,9	21,0	-43,0	5,6
Paraná	22,7	25,5	28,1	29,0	29,8	29,6	32,6	34,6	34,3	31,7	32,7	44,1	3,3
Rio Grande do Sul	18,3	18,1	18,5	18,6	17,9	19,6	21,8	20,4	19,2	19,2	21,9	19,8	14,5
Santa Catarina	10,3	11,6	11,1	10,5	11,0	10,4	13,0	13,1	13,2	12,6	12,8	23,5	1,3
SUL	18,3	19,5	20,6	20,8	20,9	21,4	24,0	24,3	23,6	22,4	24,0	31,0	6,7
Distrito Federal	34,7	39,1	36,5	31,9	32,3	33,5	34,1	38,6	34,4	37,4	38,9	12,3	4,0
Goiás	24,5	23,7	26,4	24,9	24,6	24,4	30,0	30,2	32,0	36,4	44,3	80,9	21,6
Mato Grosso	37,0	35,0	32,1	32,4	31,5	30,7	31,8	33,3	32,6	32,3	34,3	-7,1	6,2
Mato Grosso do Sul	32,4	32,7	29,6	27,7	29,5	30,0	29,5	30,8	26,7	27,0	27,1	-16,4	0,5
CENTRO-OESTE	30,4	30,5	30,0	28,2	28,3	28,4	31,1	32,6	31,7	34,1	38,2	25,6	12,0
BRASIL	28,5	28,9	27,0	25,8	26,3	25,2	26,4	26,9	27,5	27,1	29,0	2,1	7,0

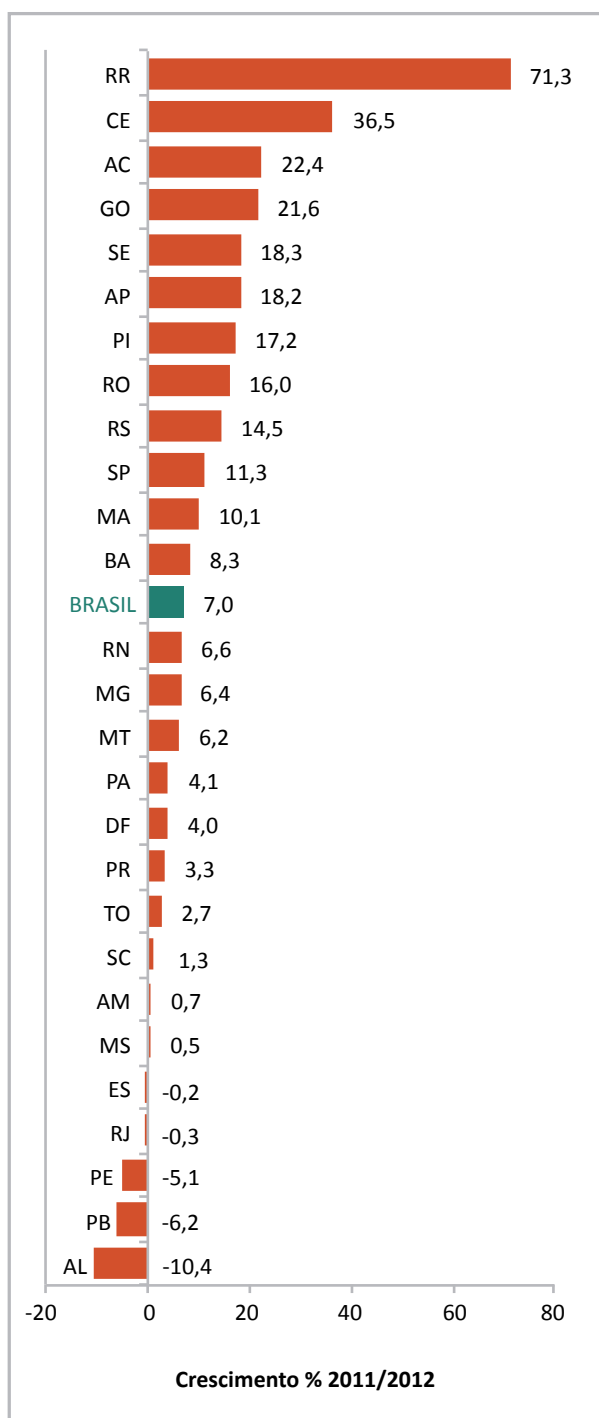
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.1.1. Crescimento das taxas de homicídio.
População Total por UF. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

**Gráfico 3.1.2. Crescimento das taxas de homicídio.
População Total por UF. 2001/2012.**



Fonte: SIM/SVS/MS.

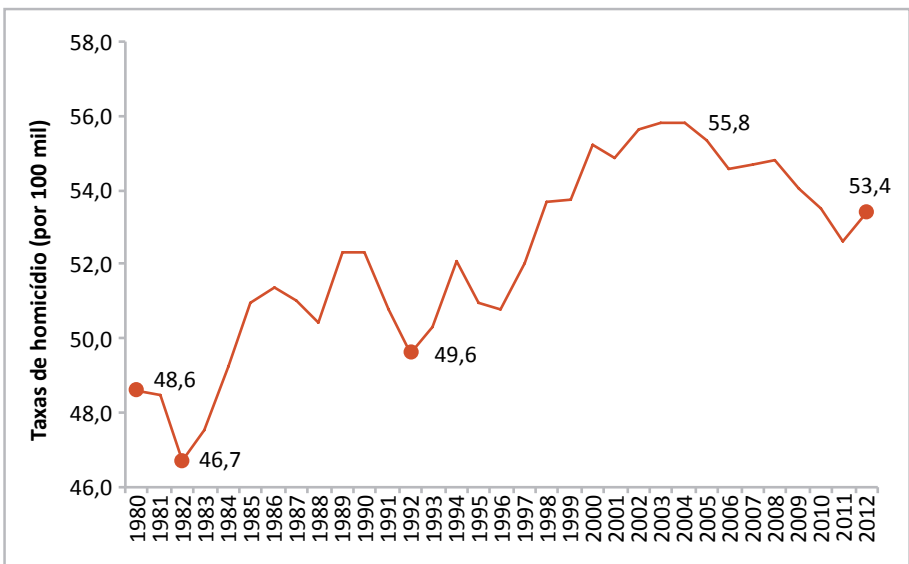
Tabela 3.1.3. Ordenamento das UF's por Taxas de Homicídio (em 100 mil) na População Total.1998 e 2012.					
UF	1998		2012		Δ% 2010/ 2011
	Taxa	Pos	Taxa	Pos	
Alagoas	21,8	11º	64,6	1º	196,5
Espírito Santo	58,4	2º	47,3	2º	-19,0
Ceará	13,4	17º	44,6	3º	233,0
Goiás	13,4	18º	44,3	4º	230,4
Bahia	9,7	22º	41,9	5º	331,7
Sergipe	10,4	21º	41,8	6º	302,2
Pará	13,3	19º	41,7	7º	213,5
Paraíba	13,5	16º	40,1	8º	196,7
Distrito Federal	37,4	8º	38,9	9º	4,1
Pernambuco	58,9	1º	37,1	10º	-37,0
Amazonas	21,3	12º	36,7	11º	72,2
Amapá	38,7	6º	35,9	12º	-7,2
Roraima	50,6	4º	35,4	13º	-30,1
Rio Grande do Norte	8,5	24º	34,7	14º	308,5
Mato Grosso	36,3	9º	34,3	15º	-5,4
Rondônia	38,3	7º	32,9	16º	-14,1
Paraná	17,6	14º	32,7	17º	86,1
Rio de Janeiro	55,3	3º	28,3	18º	-48,9
Acre	21,2	13º	27,5	19º	29,9
Mato Grosso do Sul	33,5	10º	27,1	20º	-19,1
Tocantins	12,3	20º	26,2	21º	112,8
Maranhão	5,0	27º	26,0	22º	421,0
Minas Gerais	8,6	23º	22,8	23º	165,6
Rio Grande do Sul	15,3	15º	21,9	24º	43,4
Piauí	5,2	26º	17,2	25º	231,0
São Paulo	39,7	5º	15,1	26º	-62,0
Santa Catarina	7,9	25º	12,8	27º	61,8
BRASIL	25,9		29,0		12,1

Fonte: SIM/SVS/MS.

Um estado como Alagoas, que até poucos anos apresentava taxas moderadas, abaixo da média nacional, em poucos anos passou a liderar o triste *ranking* da violência do país, com crescimento vertiginoso a partir de 1999. De forma semelhante, Ceará, Goiás, Bahia, Sergipe, Pará e Paraíba, que em 1998 apresentavam índices relativamente baixos, em 2012 passam a ocupar lugares de maior destaque nessa nova configuração. Em sentido contrário, São Paulo, que com sua taxa de 39,7 homicídios em 1998 ocupava a 5ª posição nacional, em 2012 teve suas taxas reduzidas para 15,1 homicídios em 100 mil habitantes, passando a ocupar a penúltima posição (26ª). Deslocamentos semelhantes, mas de menor intensidade, acontecem com Rio de Janeiro, Pernambuco e Roraima.

Se a magnitude de homicídios correspondentes ao conjunto da população já pode ser considerada muito elevada, a relativa ao grupo jovem adquire caráter de verdadeira pandemia. Os 52,2 milhões de jovens que o IBGE estima que existiam no Brasil em 2012 representavam 26,9% do total da população. Mas os 30.072 homicídios de jovens que o Datasus registra para esse ano significam 53,4% do total de homicídios do país, indicando que a vitimização juvenil alcança proporções extremamente preocupantes.

Gráfico 3.1.3. Participação (%) dos homicídios juvenis no total de homicídios. Brasil. 1980/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Vemos pela tabela 3.1.4 que o incremento decenal dos homicídios juvenis: 8,7% foi levemente inferior ao da população total, que foi de 13,4%, quando até a década passada, como ficou evidente em mapas anteriores, os homicídios jovens cresciam em ritmo bem mais veloz que os do resto da população. O gráfico 3.1.3 detalha a evolução dessa participação juvenil nos homicídios desde 1980. Ele deixa claro o crescimento da participação dos homicídios juvenis até 2003 e tendências de queda posterior até 2012.

A tabela 3.1.4 permite verificar que, também nos homicídios juvenis, a situação dos estados é muito heterogênea. Unidades como São Paulo e Rio de Janeiro, e, em menor medida, Pernambuco, conseguem diminuir significativamente seus números na década 2002/2012. Ao todo, são sete as unidades que logram quedas nos quantitativos.

Tabela 3.1.4. Número de homicídios na População Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	90	75	75	68	86	70	75	77	73	74	102	13,3	37,8
Amapá	120	136	118	123	129	114	142	108	167	121	164	36,7	35,5
Amazonas	313	343	308	356	425	432	481	538	631	791	728	132,6	-8,0
Pará	626	740	815	1.087	1.177	1.258	1.637	1.721	1.948	1.756	1.803	188,0	2,7
Rondônia	273	229	278	246	257	210	211	230	227	187	228	-16,5	21,9
Roraima	70	52	43	40	46	47	37	52	53	39	69	-1,4	76,9
Tocantins	85	96	103	94	124	95	116	125	168	160	177	108,2	10,6
NORTE	1.577	1.671	1.740	2.014	2.244	2.226	2.699	2.851	3.267	3.128	3.271	107,4	4,6
Alagoas	554	619	620	694	976	1.100	1.147	1.113	1.294	1.332	1.228	121,7	-7,8
Bahia	1.001	1.269	1.304	1.652	1.921	2.131	2.965	3.386	3.505	3.149	3.484	248,1	10,6
Ceará	730	767	823	939	941	1.067	1.137	1.199	1.491	1.568	2.325	218,5	48,3
Maranhão	287	403	375	489	508	608	699	775	822	810	945	229,3	16,7
Paraíba	330	344	342	408	452	464	555	714	834	916	906	174,5	-1,1
Pernambuco	2.606	2.636	2.496	2.598	2.618	2.698	2.612	2.279	1.959	1.925	1.808	-30,6	-6,1
Piauí	166	163	187	220	251	199	203	211	207	232	276	66,3	19,0
Rio Grande do Norte	145	202	179	237	233	317	408	451	445	591	643	343,4	8,8
Sergipe	315	264	237	252	339	298	315	329	357	376	477	51,4	26,9
NORDESTE	6.134	6.667	6.563	7.489	8.239	8.882	10.041	10.457	10.914	10.899	12.092	97,1	10,9
Espírito Santo	935	899	941	903	987	1.011	1.111	1.172	1.034	1.007	981	4,9	-2,6
Minas Gerais	1.619	2.217	2.549	2.455	2.403	2.342	2.195	2.050	1.950	2.238	2.503	54,6	11,8
Rio de Janeiro	4.530	4.291	4.039	3.907	3.844	3.470	2.870	2.606	2.703	2.244	2.260	-50,1	0,7
São Paulo	8.586	8.228	6.336	4.606	4.136	2.970	2.790	2.767	2.500	2.344	2.712	-68,4	15,7
SUDESTE	15.670	15.635	13.865	11.871	11.370	9.793	8.966	8.595	8.187	7.833	8.456	-46,0	8,0
Paraná	1.197	1.345	1.558	1.663	1.709	1.767	1.928	2.070	1.974	1.761	1.850	54,6	5,1
Rio Grande do Sul	951	931	1.010	1.030	968	1.124	1.192	1.076	966	1.002	1.137	19,6	13,5
Santa Catarina	257	307	281	316	319	325	397	423	376	386	408	58,8	5,7
SUL	2.405	2.583	2.849	3.009	2.996	3.216	3.517	3.569	3.316	3.149	3.395	41,2	7,8
Distrito Federal	474	522	508	456	467	500	527	596	509	530	564	19,0	6,4
Goiás	653	653	755	784	767	777	949	909	1.038	1.171	1.476	126,0	26,0
Mato Grosso	425	414	407	405	421	375	428	468	466	457	531	24,9	16,2
Mato Grosso do Sul	317	349	316	303	310	333	340	356	280	304	287	-9,5	-5,6
CENTRO-OESTE	1.869	1.938	1.986	1.948	1.965	1.985	2.244	2.329	2.293	2.462	2.858	52,9	16,1
BRASIL	27.655	28.494	27.003	26.331	26.814	26.102	27.467	27.801	27.977	27.471	30.072	8,7	9,5

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 3.1.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	50,9	41,5	40,5	33,7	41,6	33,2	37,1	37,8	34,0	33,9	45,9	-9,8	35,6
Amapá	74,7	81,7	68,6	66,5	67,3	58,8	76,5	57,3	81,2	57,6	76,5	2,4	32,8
Amazonas	34,6	37,0	32,5	36,0	42,0	41,7	47,3	52,3	61,4	75,8	68,7	98,7	-9,3
Pará	32,3	37,5	40,5	51,9	55,1	57,0	73,7	76,7	86,8	77,1	77,9	140,9	0,9
Rondônia	63,8	52,6	62,8	53,6	55,0	44,4	47,8	52,1	50,1	40,9	49,4	-22,6	20,8
Roraima	67,6	48,7	39,2	34,2	38,2	38,1	30,5	42,4	39,6	28,5	49,5	-26,8	73,4
Tocantins	23,8	26,4	27,7	24,2	31,2	23,1	30,4	32,7	42,4	39,8	43,5	82,6	9,2
NORTE	38,8	40,2	41,1	45,4	49,5	47,8	59,1	61,8	69,9	65,9	67,9	75,1	2,9
Alagoas	65,6	72,5	71,9	78,6	109,3	122,7	127,6	124,1	147,9	151,1	138,3	110,9	-8,5
Bahia	25,0	31,5	32,0	39,8	45,8	50,7	69,7	80,2	88,9	79,4	87,4	249,0	10,0
Ceará	34,2	35,5	37,6	41,6	41,0	43,8	46,2	48,3	61,8	64,4	94,6	176,4	46,9
Maranhão	16,8	23,3	21,5	27,2	27,9	31,1	35,8	39,6	42,5	41,4	47,8	184,1	15,5
Paraíba	33,4	34,6	34,1	40,1	44,1	43,7	51,4	66,3	81,2	88,6	87,1	160,6	-1,7
Pernambuco	111,3	111,4	104,5	106,5	106,2	109,3	105,3	92,2	81,3	79,2	73,8	-33,6	-6,8
Piauí	19,6	19,1	21,7	25,0	28,3	21,4	21,7	22,7	23,6	26,2	31,0	57,9	18,2
Rio Grande do Norte	17,9	24,6	21,6	27,8	26,9	35,3	45,4	50,2	49,7	65,4	70,5	293,6	7,8
Sergipe	57,6	47,5	42,0	43,2	57,2	50,0	54,4	57,0	60,3	62,8	78,9	37,0	25,6
NORDESTE	43,2	46,4	45,2	50,4	54,8	57,5	64,6	67,4	72,9	72,2	79,5	84,3	10,1
Espírito Santo	101,6	96,2	99,3	92,2	99,1	102,6	116,7	124,0	109,1	105,3	101,7	0,1	-3,4
Minas Gerais	31,7	42,9	48,8	45,8	44,2	43,5	41,0	38,4	37,8	43,1	47,9	51,1	11,1
Rio de Janeiro	117,0	109,7	102,2	96,5	93,9	88,9	73,8	67,2	68,6	56,6	56,5	-51,7	0,0
São Paulo	80,2	75,8	57,6	40,6	35,9	26,9	26,1	26,1	23,3	21,7	24,9	-69,0	14,8
SUDESTE	76,0	74,9	65,6	54,6	51,6	46,0	42,9	41,4	39,4	37,4	40,1	-47,3	7,2
Paraná	44,6	49,5	56,7	59,0	59,9	62,7	68,4	73,2	72,8	64,5	67,4	51,1	4,4
Rio Grande do Sul	35,9	34,8	37,4	37,3	34,6	39,9	43,4	39,1	36,6	37,8	42,7	19,0	13,0
Santa Catarina	17,1	20,1	18,1	19,8	19,6	19,9	24,5	25,9	22,4	22,8	23,8	39,3	4,6
SUL	35,2	37,3	40,7	41,9	41,2	44,3	48,9	49,5	47,2	44,5	47,7	35,5	7,1
Distrito Federal	68,4	73,9	70,5	60,6	60,7	71,4	72,5	81,5	69,3	71,0	74,5	8,8	4,9
Goiás	42,5	41,7	47,3	47,1	45,2	47,3	58,5	55,9	63,1	70,3	87,5	106,0	24,5
Mato Grosso	54,7	52,3	50,5	48,3	49,3	44,5	50,6	55,0	54,5	52,7	60,5	10,5	14,7
Mato Grosso do Sul	52,5	57,0	50,9	47,4	47,7	51,4	52,7	55,1	42,2	45,3	42,3	-19,4	-6,6
CENTRO-OESTE	51,8	52,7	53,0	50,0	49,5	51,8	58,4	60,4	58,8	62,3	71,4	38,0	14,6
BRASIL	56,1	57,0	53,3	50,5	50,7	49,7	52,8	53,5	54,5	53,0	57,6	2,7	8,5

Fonte: SIM/SVS/MS.

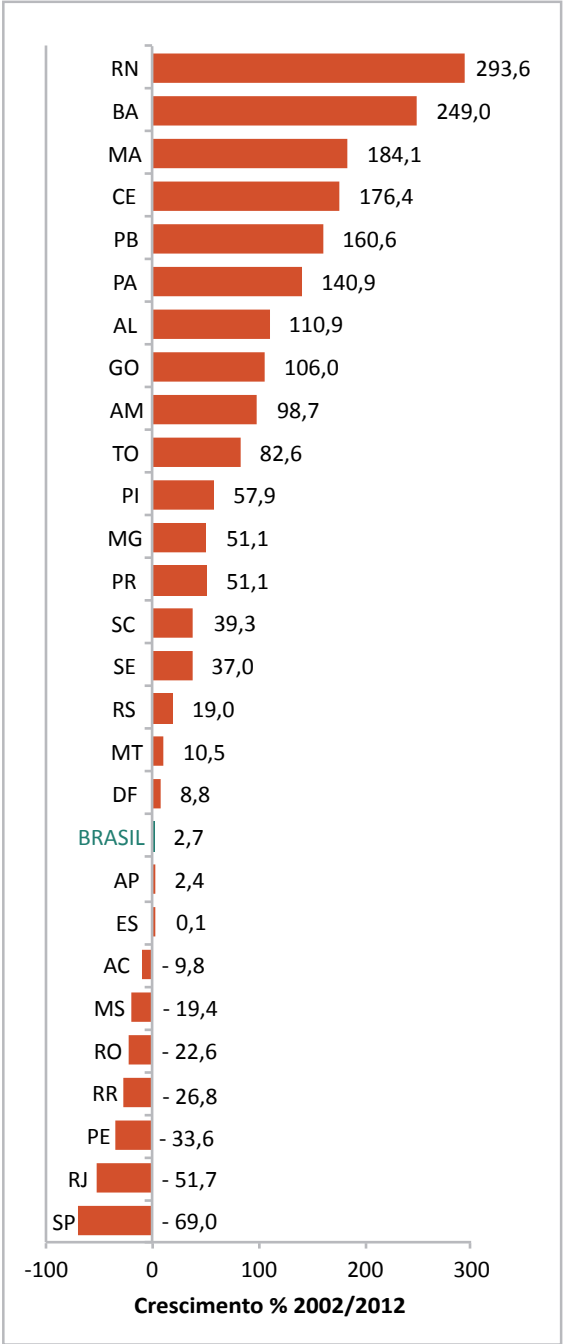
Mas muitos outros estados, exatamente 20, principalmente aqueles que tinham baixos índices no início da década analisada, apresentam um crescimento que, em diversos casos, é totalmente inaceitável, como o caso de Rio Grande do Norte, que cresce 343,4% – mais que quadruplica –, ou ainda Bahia, Ceará e Maranhão, que mais que triplicam.

Levando em conta a população de 15 a 29 anos dos estados, as taxas de homicídios juvenis foram detalhadas na tabela 3.1.5 e também nos gráficos 3.1.4 e 3.1.5

Vemos assim que:

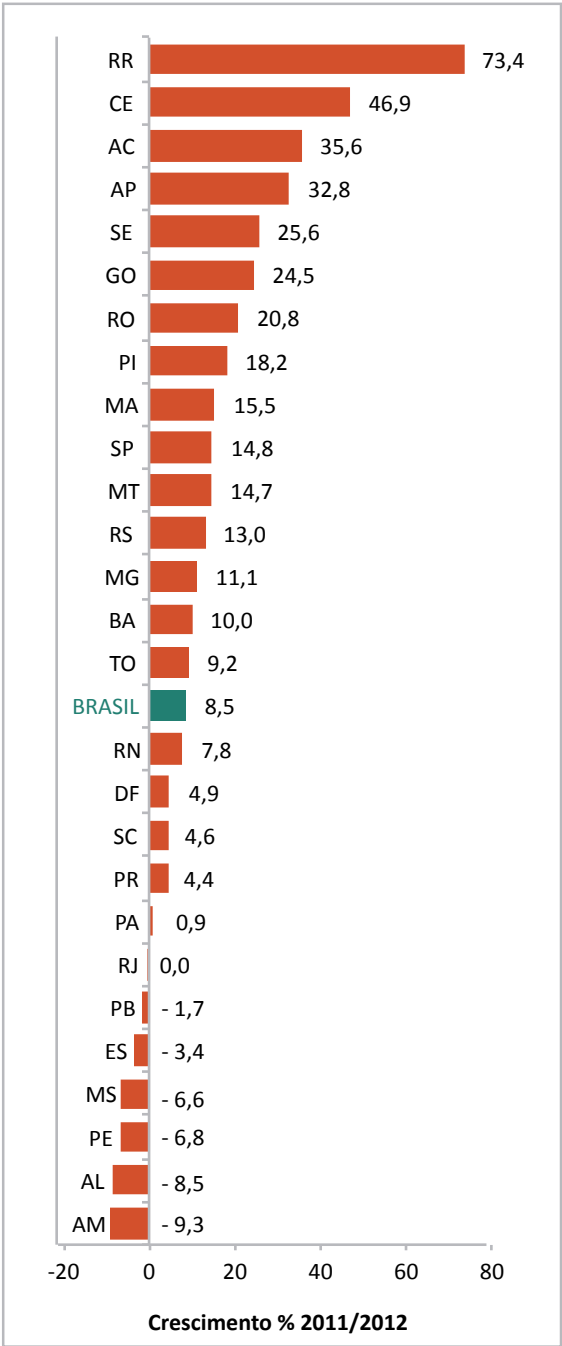
- Nos anos extremos da década: 2002 e 2012, as taxas são muito semelhantes: 56,1 e 57,6 homicídios por 100 mil jovens: um aumento decenal de 2,7%.
- Uma forte inflexão nos anos centrais da série que marca dois períodos:
 - De 2002 a 2007, quando as taxas caem de 56,1 para 49,7 pelo impacto das políticas de desarmamento e estratégias exitosas pontuais de enfrentamento da violência nas grandes metrópoles com elevados índices – São Paulo e Rio de Janeiro.
 - De 2007 a 2012, as taxas globais retomam seu fôlego altista. As taxas nas grandes metrópoles continuam caindo, mas a violência se espalha ao longo do país, em áreas com escassa ou nula capacidade de enfrentamento.
- Na década, só sete UFs conseguem fazer cair suas taxas juvenis, principalmente as três acima mencionadas. Consequentemente, em 20 UFs as taxas aumentam, com casos extremos como os do Rio Grande do Norte e da Bahia, onde os índices mais que triplicam.
- Considerando só o último ano disponível – 2012 – vemos que as taxas cresceram pesadamente com respeito a 2011: 8,5%.
- Olhando as Unidades que tradicionalmente vinham caindo:
 - Rio de Janeiro estagna, mas com níveis extremamente elevados – 56,5 homicídios por 100 mil jovens.
 - São Paulo experimenta um novo surto, com crescimento de 14,8%, embora sua taxa continue sendo uma das duas mais baixas do país.
 - A única *tradicional* que continua o processo de queda em 2012 é Pernambuco – diminui 6,8% – mas ainda com níveis extremamente pesados de assassinatos de jovens: 73,8 homicídios por 100 mil jovens.
- Nesse último ano de 2012 só seis UFs logram fazer diminuir suas taxas.

Gráfico 3.1.4. Crescimento das taxas de Homicídio. População Jovem por UF. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

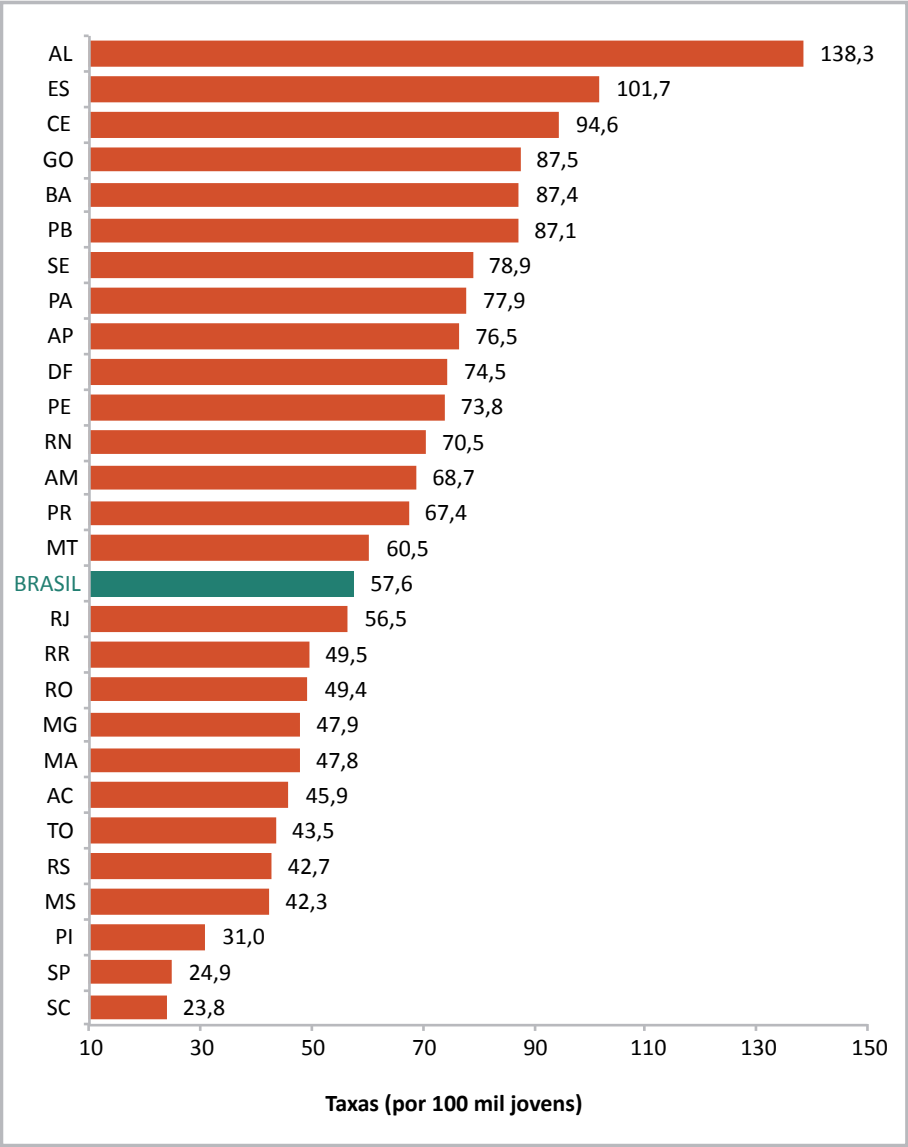
Gráfico 3.1.5. Crescimento das taxas de homicídio. População Jovem por UF. 2011/ 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

O gráfico 3.1.6 ordena as UF's pelas taxas de homicídios da juventude. Além de permitir visualizar a posição relativa de cada unidade, também nos mostra a enorme diversidade de situações: as taxas de homicídios juvenis de Alagoas resultam acima de cinco vezes maiores que as de Santa Catarina ou de São Paulo.

Gráfico 3.1.6. Ordenamento das UF's segundo taxas de homicídio juvenil. Brasil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

3.2. Evolução dos homicídios nas capitais

Considerando exclusivamente as capitais, é possível verificar que a evolução recente dos homicídios tomou rumos diferentes aos experimentados pelas unidades federadas, evidenciando que os polos dinâmicos da violência homicida já não são patrimônio das grandes capitais, como teremos oportunidade de analisar. Com 18.917 homicídios em 2002, o total das capitais cai para 17.800 em 2012, o que representa um decréscimo de 5,9% na década, contra 13,4% de aumento nas UF. Isto, *per se*, já indica uma mudança nos padrões vigentes até perto da virada de século, caracterizada por uma forte concentração de homicídios nas grandes metrópoles do país.

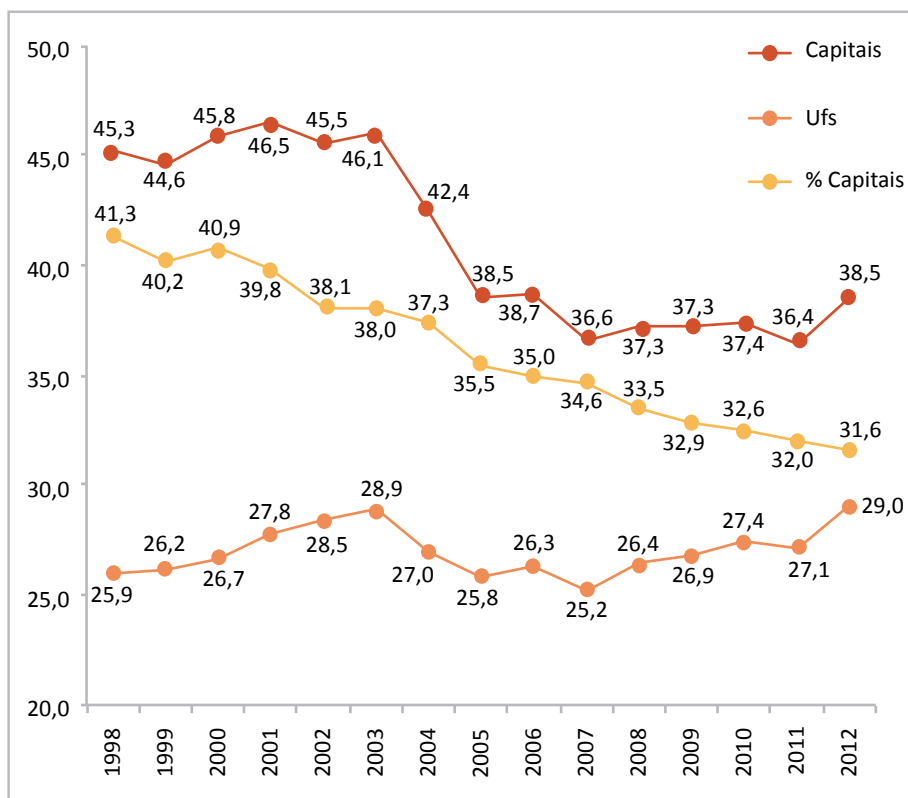
Por esse motivo, iniciaremos as análises a partir 1998, na tabela e no gráfico 3.2.1. Podemos observar:

- Contrariamente ao período anterior, o número de homicídios praticamente estagna nas capitais, mas continua crescendo significativamente fora delas.

Tabela 3.2.1. Número, taxas (por 100 mil) e participação (%) das capitais nos homicídios. População Total. Capitais e UFs. 1998/2012.					
Ano	Número		Taxas		% Capitais
	Capitais	UFs	Capitais	UFs	
1998	17.308	41.950	45,3	25,9	41,3
1999	17.245	42.914	44,6	26,2	40,2
2000	18.543	45.360	45,8	26,7	40,9
2001	19.081	47.943	46,5	27,8	39,8
2002	18.917	49.695	45,5	28,5	38,1
2003	19.392	51.043	46,1	28,9	38,0
2004	18.064	48.374	42,4	27,0	37,3
2005	16.881	47.578	38,5	25,8	35,5
2006	17.194	49.145	38,7	26,3	35,0
2007	16.490	47.707	36,6	25,2	34,6
2008	16.774	50.113	37,3	26,4	33,5
2009	16.928	51.434	37,3	26,9	32,9
2010	17.011	52.260	37,4	27,4	32,6
2011	16.697	52.198	36,4	27,1	32,0
2012	17.800	56.337	38,5	29,0	31,6
Δ% 1998/2012	2,8	34,3	-15,0	12,0	-23,4

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Total. Capitais e UFs. 1998/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

- **Entre 1998 e 2003** as taxas de homicídio das capitais ficam relativamente estáveis, em torno de 46 homicídios em 100 mil habitantes, enquanto as taxas das UFs continuam a crescer, indicando um deslocamento dos polos dinâmicos da violência. Por esse motivo, a participação das capitais nos homicídios globais cai de 41,3% para 38,0%.
- **Entre 2003 e 2007** as taxas das capitais caem significativamente – de 46,1 para 36,6 homicídios em 100 mil habitantes – com um ritmo maior que o global, motivo pelo qual a participação das capitais continua a minguar: de 38,0 para 34,6%.
- **Entre 2007 e 2012** há uma retomada moderada do fôlego altista, principalmente fora das capitais, pelo que a participação dessas mesmas capitais continua a cair: de 34,6% para 31,6%.

Esse panorama fica mais matizado e heterogêneo ao considerar as capitais de forma específica. No balanço da década 2002/2012, as capitais evidenciaram uma queda que pode ser considerada moderada: 15,4%. Mas podemos observar, nas tabelas e gráficos a seguir, que várias delas tiveram avanços bem preocupantes, enquanto outras diminuíram drasticamente seus índices. Liderando os aumentos, temos Natal, São Luís, Fortaleza, Salvador e Manaus. Principalmente Natal, com uma eclosão de 13,9 para 55,8 homicídios por 100 mil habitantes, quadruplicando suas taxas ao longo da década.

Em 13 das 27 UF's houve crescimento dos homicídios e, em alguns casos, como os vistos acima, de grande magnitude. Como se explica, então, que, no atacado, as capitais tenham sofrido uma leve queda? Pelo enorme peso demográfico e a magnitude das quedas de algumas delas, como São Paulo e Rio de Janeiro. Na primeira, uma exemplar queda de 70,7%, e na segunda uma diminuição global de 65,8% entre as datas consideradas.

O último ano da série – 2012 – revela-nos algumas peculiaridades dignas de atenção:

- Continua em 2012 a eclosão epidêmica de violência que já vinha acontecendo em algumas capitais, como Fortaleza e Teresina.
- Outras, como Aracaju, Rio Branco e Boa Vista, que vinham tentando controlar e diminuir a incidência, sofrem um novo surto sério.
- São Paulo, que vinha controlando de forma exitosa a sua violência homicida desde 1999, sofre uma eclosão no fim de 2012 pela ação específica e intencional de organizações criminosas no estado.
- Rio de Janeiro, Recife e Cuiabá, que também vinham diminuindo seus elevados níveis de homicídios, continuam com quedas expressivas.
- Capitais que tiveram graves aumentos na década, como Palmas, Salvador, João Pessoa, Curitiba e Maceió, apresentam quedas, o que ainda não pode ser caracterizada como tendência sustentada.
- Por último, Florianópolis, que já era uma das capitais com os menores índices do país, foi a que conseguiu a maior queda entre seus pares: 26,3%.

Essa enorme heterogeneidade torna problemática qualquer predição, mas, como deverá ser aprofundado nas conclusões, alguns elementos, inclusive o próprio caráter *epidêmico* de nossas taxas de homicídio, determinam um conjunto de possibilidades e limitações.

Esse caráter complexo e epidêmico pode ser visualizado melhor no gráfico 3.2.4:

- Coexistem situações como as de Florianópolis, com uma taxa de 15,0 homicídios por 100 mil habitantes, com a de Maceió, cuja taxa de 90 sextuplica a de Florianópolis.
- Nenhuma capital, em 2012, está abaixo do nível epidêmico, a que mais se aproxima, Florianópolis, está com 15,0 homicídios por 100 mil habitantes, taxa ainda grave segundo os cânones internacionais.

Tabela 3.2.2. Número de homicídios na População Total, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	420	466	403	628	484	496	669	644	765	574	643	53,1	12,0
Boa Vista	82	73	49	56	55	66	65	73	81	61	83	1,2	36,1
Macapá	135	140	127	135	132	123	151	116	194	135	153	13,3	13,3
Manaus	395	448	410	484	545	563	656	755	843	1.029	1.052	166,3	2,2
Palmas	33	37	39	27	30	30	34	36	52	72	62	87,9	-13,9
Porto Velho	220	181	257	211	261	199	178	186	214	189	198	-10,0	4,8
Rio Branco	120	104	87	73	114	97	87	101	97	87	115	-4,2	32,2
NORTE	1.405	1.449	1.372	1.614	1.621	1.574	1.840	1.911	2.246	2.147	2.306	64,1	7,4
Aracaju	258	243	229	202	236	199	219	250	240	276	351	36,0	27,2
Fortaleza	707	666	654	808	846	991	888	902	1.268	1.337	1.920	171,6	43,6
João Pessoa	263	281	272	318	327	387	416	516	580	633	568	116,0	-10,3
Maceió	511	520	559	620	904	917	990	876	1.027	1.048	858	67,9	-18,1
Natal	102	171	100	144	162	227	248	307	326	397	456	347,1	14,9
Recife	1.312	1.336	1.352	1.324	1.374	1.338	1.321	1.110	895	883	809	-38,3	-8,4
Salvador	585	730	739	1.062	1.187	1.357	1.771	1.883	1.847	1.671	1.644	181,0	-1,6
São Luís	194	284	307	294	313	391	428	523	569	569	651	235,6	14,4
Teresina	206	214	198	232	269	230	217	218	250	275	341	65,5	24,0
NORDESTE	4.138	4.445	4.410	5.004	5.618	6.037	6.498	6.585	7.002	7.089	7.598	83,6	7,2
Belo Horizonte	979	1.329	1.506	1.293	1.175	1.201	1.019	907	844	961	973	-0,6	1,2
Rio de Janeiro	3.728	3.350	3.174	2.552	2.846	2.204	1.910	1.952	1.764	1.467	1.372	-63,2	-6,5
São Paulo	5.575	5.591	4.275	3.096	2.556	1.927	1.622	1.681	1.535	1.347	1.752	-68,6	30,1
Vitória	240	221	253	263	273	242	235	226	231	187	191	-20,4	2,1
SUDESTE	10.522	10.491	9.208	7.204	6.850	5.574	4.786	4.766	4.374	3.962	4.288	-59,2	8,2
Curitiba	530	612	693	778	874	827	1.032	1.022	980	833	743	40,2	-10,8
Florianópolis	89	100	109	97	79	81	91	84	97	87	65	-27,0	-25,3
Porto Alegre	560	508	566	573	511	688	670	578	518	522	601	7,3	15,1
SUL	1.179	1.220	1.368	1.448	1.464	1.596	1.793	1.684	1.595	1.442	1.409	19,5	-2,3
Brasília	744	856	815	745	769	815	873	1.005	882	977	1.031	38,6	5,5
Campo Grande	239	249	221	214	207	251	191	216	171	170	182	-23,8	7,1
Cuiabá	260	253	235	237	221	214	233	239	222	253	247	-5,0	-2,4
Goiânia	430	429	435	415	444	429	560	522	519	657	739	71,9	12,5
CENTRO-OESTE	1.673	1.787	1.706	1.611	1.641	1.709	1.857	1.982	1.794	2.057	2.199	31,4	6,9
BRASIL CAP.	18.917	19.392	18.064	16.881	17.194	16.490	16.774	16.928	17.011	16.697	17.800	-5,9	6,6

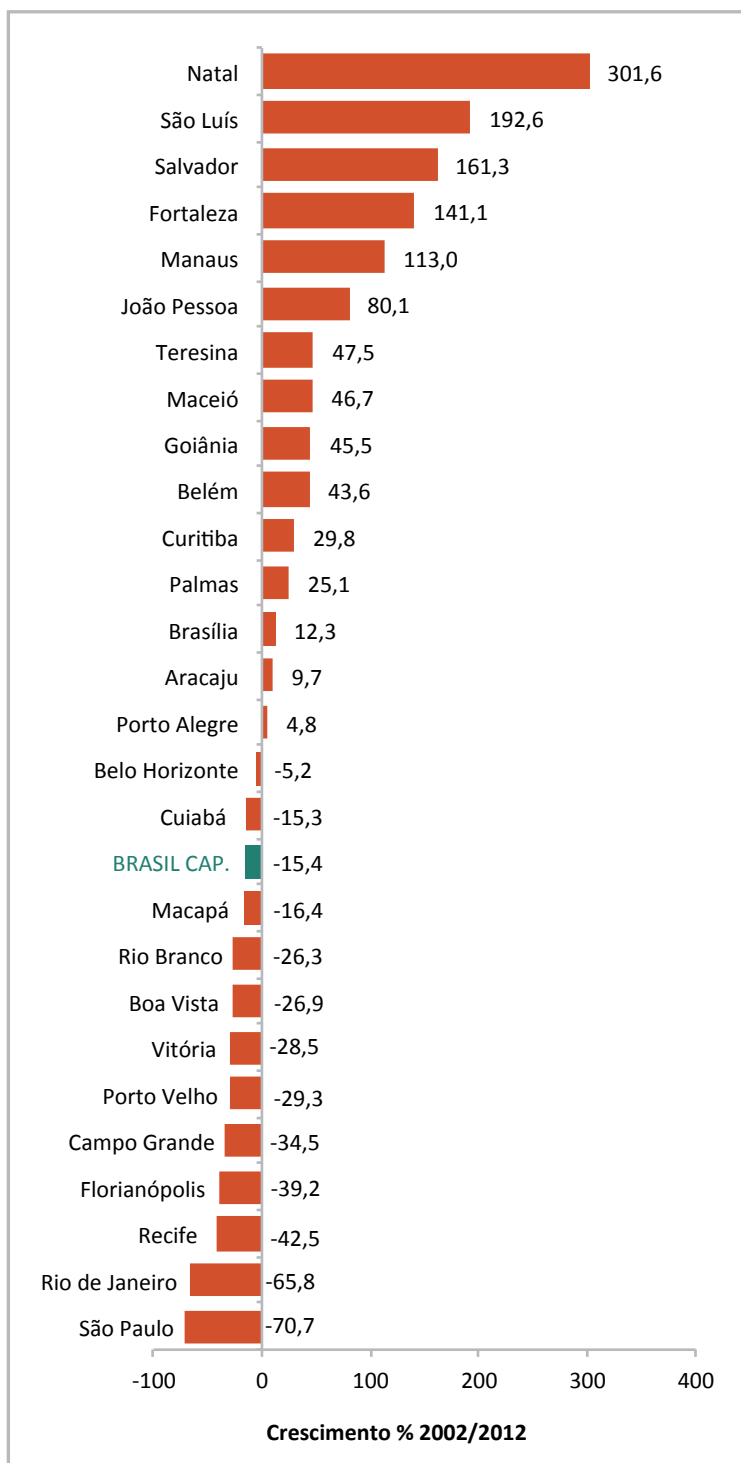
Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 3.2.3. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Total, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	31,8	34,7	29,6	44,7	33,9	34,2	47,0	44,8	54,9	40,9	45,6	43,6	11,4
Boa Vista	38,2	33,0	21,5	23,1	22,0	25,7	24,9	27,4	28,5	21,0	27,9	-26,9	33,2
Macapá	44,0	44,1	38,5	38,0	35,8	32,3	42,1	31,7	48,7	33,2	36,8	-16,4	11,0
Manaus	26,5	29,3	26,2	29,4	32,3	32,5	38,4	43,4	46,8	56,2	56,5	113,0	0,6
Palmas	20,5	21,5	21,3	13,0	13,6	12,8	18,5	19,1	22,8	30,6	25,6	25,1	-16,3
Porto Velho	63,2	51,1	71,4	56,4	68,5	51,3	46,9	48,5	49,9	43,4	44,7	-29,3	3,1
Rio Branco	44,8	37,9	30,9	23,9	36,3	30,1	28,9	33,0	28,9	25,4	33,0	-26,3	29,9
NORTE	34,2	34,4	31,8	35,6	34,9	33,0	39,8	40,8	46,1	43,4	46,0	34,4	5,9
Aracaju	54,4	50,6	47,2	40,5	46,7	38,9	40,8	46,0	42,0	47,6	59,7	9,7	25,4
Fortaleza	31,8	29,5	28,5	34,0	35,0	40,3	35,9	36,0	51,7	54,0	76,8	141,1	42,2
João Pessoa	42,5	44,7	42,6	48,1	48,7	56,6	60,0	73,5	80,2	86,3	76,5	80,1	-11,4
Maceió	61,3	61,2	64,5	68,6	98,0	97,4	107,1	93,6	110,1	111,1	90,0	46,7	-19,0
Natal	13,9	23,0	13,2	18,5	20,5	28,3	31,1	38,1	40,6	49,0	55,8	301,6	13,9
Recife	90,5	91,4	91,8	88,2	90,7	87,5	85,2	71,1	58,2	57,1	52,0	-42,5	-8,9
Salvador	23,2	28,6	28,5	39,7	43,7	49,3	60,1	62,8	69,0	62,0	60,6	161,3	-2,2
São Luís	21,4	30,8	32,6	30,0	31,4	38,4	43,4	52,5	56,1	55,4	62,6	192,6	13,1
Teresina	27,8	28,5	26,0	29,4	33,5	28,2	27,0	27,2	30,7	33,4	41,1	47,5	22,8
NORDESTE	39,4	41,7	40,8	44,8	49,6	52,4	55,5	55,6	60,8	60,9	64,7	64,2	6,2
Belo Horizonte	42,9	57,6	64,7	54,4	49,0	49,5	41,9	37,0	35,5	40,3	40,6	-5,2	0,8
Rio de Janeiro	62,8	56,1	52,8	41,9	46,4	35,7	31,0	31,6	27,9	23,1	21,5	-65,8	-7,0
São Paulo	52,6	52,4	39,8	28,3	23,2	17,4	14,8	15,2	13,6	11,9	15,4	-70,7	29,4
Vitória	80,2	73,0	82,7	83,9	86,1	75,4	73,9	70,6	70,5	56,6	57,3	-28,5	1,3
SUDESTE	55,0	54,5	47,5	36,5	34,5	27,8	24,0	23,8	21,6	19,4	20,9	-62,0	7,7
Curitiba	32,2	36,6	40,8	44,3	48,9	45,5	56,5	55,2	55,9	47,2	41,8	29,8	-11,4
Florianópolis	24,7	27,1	28,9	24,4	19,4	19,5	22,6	20,6	23,0	20,4	15,0	-39,2	-26,3
Porto Alegre	40,5	36,4	40,3	40,1	35,5	47,3	46,8	40,2	36,8	36,9	42,4	4,8	14,8
SUL	34,8	35,5	39,3	40,4	40,3	43,3	49,0	45,6	44,5	40,0	38,9	11,7	-2,9
Brasília	34,7	39,1	36,5	31,9	32,3	33,5	34,1	38,6	34,3	37,4	38,9	12,3	4,0
Campo Grande	34,5	35,3	30,7	28,5	27,1	32,2	25,6	28,6	21,7	21,4	22,6	-34,5	5,8
Cuiabá	52,0	49,8	45,5	44,4	40,7	38,8	42,8	43,4	40,3	45,5	44,0	-15,3	-3,2
Goiânia	38,1	37,4	37,4	34,6	36,4	34,6	44,3	40,7	39,9	49,8	55,4	45,5	11,2
CENTRO-OESTE	37,4	39,3	36,8	33,4	33,4	34,1	36,3	38,2	34,4	39,0	41,1	9,8	5,5
BRASIL CAP.	45,5	46,1	42,4	38,5	38,7	36,6	37,3	37,3	37,4	36,4	38,5	-15,4	5,7

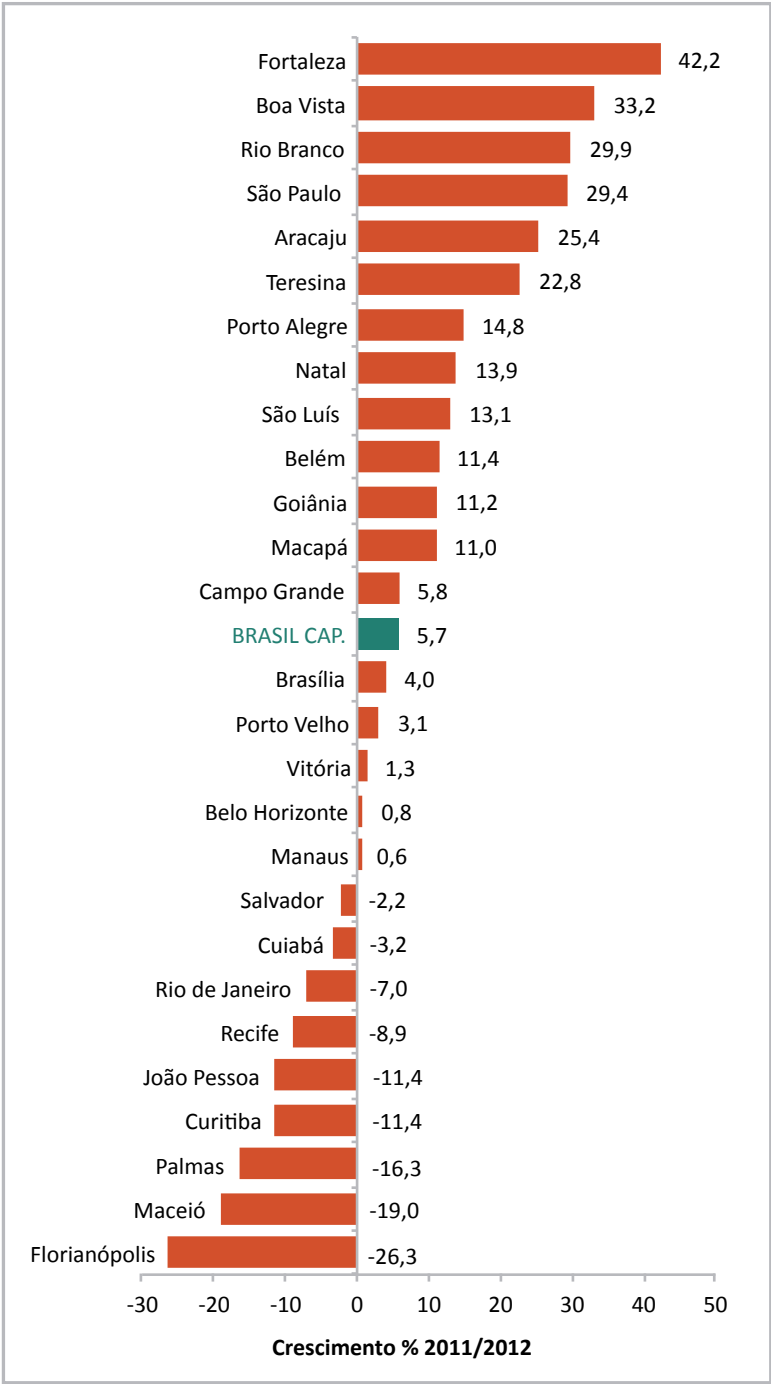
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.2. Crescimento das taxas de homicídio. População Total das Capitais. 2002/ 2012.



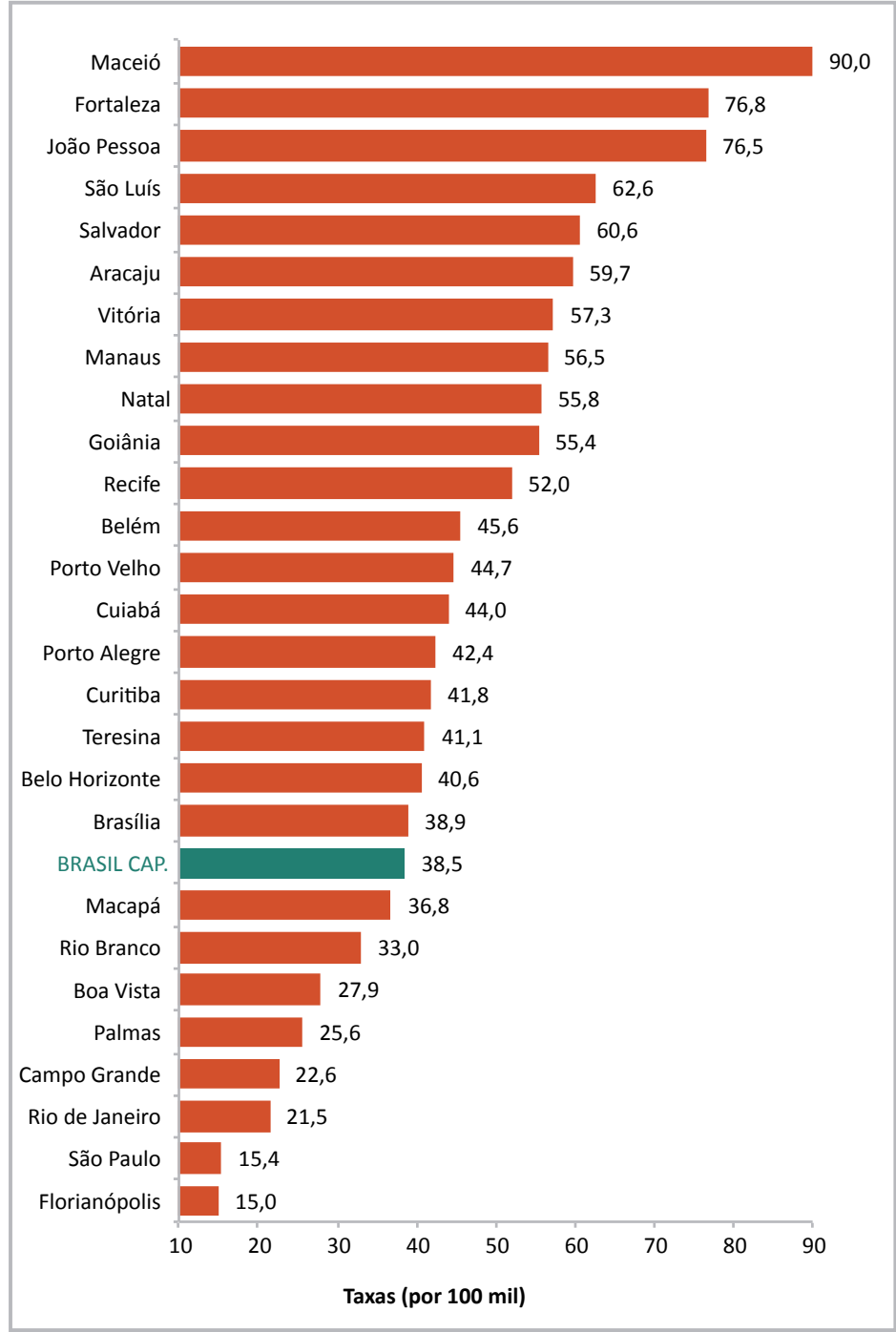
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.3. Crescimento das taxas de homicídio. População Total das Capitais. 2011/ 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.4. Ordenamento das Capitais segundo Taxas Homicídio Total. Brasil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

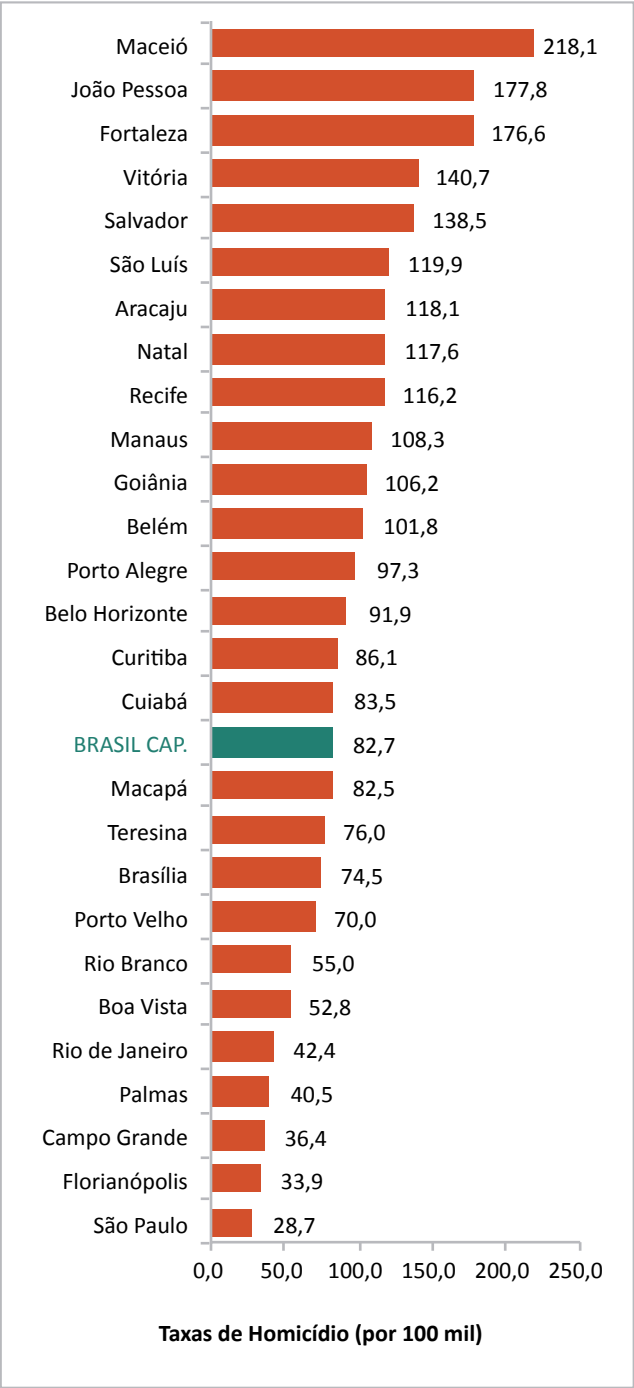
As tabelas e gráficos a seguir detalham os homicídios na faixa de 15 a 29 anos de idade nas capitais na década 2002/2012. É possível verificar:

- Taxas juvenis extremamente elevadas. Em 2012 mais que duplicam as taxas totais (38,5 por 100 mil as taxas totais e 82,7 as juvenis).

Tabela 3.2.4. Número de homicídios na População Jovem, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	253	292	250	380	309	317	422	421	503	384	411	62,5	7,0
Boa Vista	57	41	33	29	31	33	31	38	40	29	49	-14,0	69,0
Macapá	84	106	88	84	94	81	103	72	129	83	107	27,4	28,9
Manaus	239	281	251	307	346	352	397	464	515	652	606	153,6	-7,1
Palmas	16	19	23	17	19	15	17	16	33	39	33	106,3	-15,4
Porto Velho	125	99	154	106	124	114	89	98	103	84	96	-23,2	14,3
Rio Branco	74	58	61	46	64	51	47	47	43	37	58	-21,6	56,8
NORTE	848	896	860	969	987	963	1.106	1.156	1.366	1.308	1.360	60,4	4,0
Aracaju	165	147	127	110	147	120	134	129	127	149	202	22,4	35,6
Fortaleza	395	351	354	494	506	604	565	581	805	834	1.294	227,6	55,2
João Pessoa	154	158	161	193	199	227	254	307	380	404	371	140,9	-8,2
Maceió	316	344	371	401	583	588	655	589	712	667	576	82,3	-13,6
Natal	61	101	65	98	100	145	159	207	192	243	277	354,1	14,0
Recife	819	831	894	855	886	864	834	742	546	560	478	-41,6	-14,6
Salvador	395	508	500	671	784	904	1.269	1.375	1.272	1.080	1.058	167,8	-2,0
São Luís	107	169	199	185	206	250	268	329	356	311	394	268,2	26,7
Teresina	126	124	120	158	179	139	127	135	140	159	190	50,8	19,5
NORDESTE	2.538	2.733	2.791	3.165	3.590	3.841	4.265	4.394	4.530	4.407	4.840	90,7	9,8
Belo Horizonte	616	844	992	824	776	768	660	568	497	562	586	-4,9	4,3
Rio de Janeiro	2.067	1.862	1.797	1.454	1.577	1.221	1.007	986	863	682	654	-68,4	-4,1
São Paulo	3.346	3.350	2.502	1.660	1.274	905	714	772	667	591	843	-74,8	42,6
Vitória	157	142	150	158	161	149	144	140	153	120	127	-19,1	5,8
SUDESTE	6.186	6.198	5.441	4.096	3.788	3.043	2.525	2.466	2.180	1.955	2.210	-64,3	13,0
Curitiba	327	357	412	458	532	514	592	582	563	428	405	23,9	-5,4
Florianópolis	54	68	68	68	52	53	66	55	59	51	41	-24,1	-19,6
Porto Alegre	318	289	333	340	282	395	362	323	285	280	344	8,2	22,9
SUL	699	714	813	866	866	962	1.020	960	907	759	790	13,0	4,1
Brasília	474	522	508	456	467	500	527	596	509	530	564	19,0	6,4
Campo Grande	122	141	118	117	111	142	118	119	80	90	81	-33,6	-10,0
Cuiabá	156	150	139	151	147	123	125	140	132	130	136	-12,8	4,6
Goiânia	249	251	243	262	260	255	332	270	269	364	409	64,3	12,4
CENTRO-OESTE	1.001	1.064	1.008	986	985	1.020	1.102	1.125	990	1.114	1.190	18,9	6,8
BRASIL CAP.	11.272	11.605	10.913	10.082	10.216	9.829	10.018	10.101	9.973	9.543	10.390	-7,8	8,9

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.2.5. Ordenamento das Capitais por Taxas de Homicídio Juvenis. Brasil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 3.2.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Jovem, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	59,8	68,0	57,4	84,5	67,7	73,2	100,7	100,9	126,1	95,7	101,8	70,2	6,4
Boa Vista	84,6	59,1	46,2	38,1	39,6	42,8	40,1	48,6	45,0	31,9	52,8	-37,6	65,4
Macapá	85,4	104,0	83,1	73,7	79,5	69,3	94,3	65,0	103,8	65,3	82,5	-3,4	26,3
Manaus	49,4	56,6	49,3	57,4	63,0	66,0	76,2	88,2	95,1	118,4	108,3	119,4	-8,5
Palmas	28,4	31,6	36,0	23,4	24,6	18,9	27,5	25,5	43,0	49,3	40,5	42,5	-17,7
Porto Velho	118,8	92,4	141,3	93,7	107,6	96,3	77,4	84,8	77,5	62,2	70,0	-41,1	12,5
Rio Branco	88,5	67,6	69,4	48,2	65,2	52,0	51,7	51,5	42,3	35,7	55,0	-37,8	54,0
NORTE	64,4	66,4	62,2	66,6	66,1	66,1	79,3	82,5	93,3	87,9	90,1	40,0	2,5
Aracaju	110,2	97,0	82,8	69,8	92,1	78,7	85,5	82,9	76,4	88,3	118,1	7,2	33,7
Fortaleza	59,9	52,3	52,0	70,0	70,4	81,7	76,3	77,8	112,0	114,9	176,6	195,0	53,7
João Pessoa	83,5	84,3	84,6	98,0	99,4	110,9	123,3	148,5	186,9	196,0	177,8	112,9	-9,3
Maceió	124,7	133,1	140,9	146,0	207,8	214,8	246,3	220,8	275,5	255,3	218,1	74,9	-14,6
Natal	28,2	46,1	29,3	42,8	43,0	61,3	68,2	88,9	82,9	104,0	117,6	316,4	13,0
Recife	195,8	197,0	210,2	197,3	202,6	202,1	194,6	173,9	134,3	136,9	116,2	-40,6	-15,1
Salvador	48,8	61,8	60,0	78,1	89,9	108,6	145,4	158,4	168,7	142,3	138,5	184,0	-2,7
São Luís	35,3	54,7	63,2	56,5	61,7	74,5	83,5	103,0	111,0	95,8	119,9	239,9	25,2
Teresina	53,4	51,7	49,3	62,8	70,0	53,4	50,4	54,5	57,1	64,2	76,0	42,5	18,4
NORDESTE	78,5	83,3	83,9	92,1	102,8	110,9	122,7	126,6	137,1	132,1	143,8	83,1	8,8
Belo Horizonte	92,6	125,7	146,4	119,1	111,0	116,6	101,8	88,8	78,6	88,5	91,9	-0,8	3,8
Rio de Janeiro	136,4	122,1	117,1	93,5	100,7	82,3	68,9	68,1	56,6	44,5	42,4	-68,9	-4,6
São Paulo	111,2	110,5	82,0	53,5	40,7	30,9	25,1	27,4	22,9	20,2	28,7	-74,2	41,9
Vitória	182,3	163,1	170,5	175,3	176,5	169,7	169,5	167,6	172,3	134,0	140,7	-22,8	5,0
SUDESTE	117,2	116,6	101,6	75,3	69,1	59,0	50,1	49,5	42,3	37,7	42,4	-63,8	12,5
Curitiba	69,2	74,3	84,4	90,7	103,5	103,5	120,0	117,9	121,4	91,6	86,1	24,4	-6,0
Florianópolis	51,1	62,9	61,4	58,5	43,6	45,7	59,9	50,1	50,2	42,7	33,9	-33,7	-20,7
Porto Alegre	88,1	79,4	90,8	91,2	75,0	107,3	101,1	91,0	81,0	79,4	97,3	10,5	22,5
SUL	74,4	75,0	84,2	87,1	85,8	98,1	106,1	100,2	97,2	80,8	83,6	12,4	3,4
Brasília	68,4	73,9	70,5	60,6	60,7	71,4	72,5	81,5	69,3	71,0	74,5	8,8	4,9
Campo Grande	60,7	68,9	56,5	53,8	50,0	64,3	56,3	56,8	36,8	40,9	36,4	-40,1	-11,0
Cuiabá	100,0	94,6	86,3	90,7	86,8	74,4	77,9	88,0	82,5	80,5	83,5	-16,5	3,7
Goiânia	70,1	69,7	66,5	69,4	67,8	70,8	92,2	75,6	71,5	95,6	106,2	51,4	11,0
CENTRO OESTE	71,3	74,4	69,2	65,1	63,8	70,5	75,6	77,2	66,5	73,8	77,9	9,3	5,5
BRASIL CAP.	92,6	94,1	87,4	78,5	78,5	78,6	81,2	82,3	80,8	76,6	82,7	-10,7	8,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

A totalidade das capitais da região Nordeste – salvo Teresina – ultrapassam a trágica barreira dos 100 homicídios por 100 mil jovens, e ainda Maceió, superando a dos 200 homicídios por 100 mil.

- Ultrapassando também os 100 homicídios por 100 mil jovens, fora da região Nordeste: Belém, Manaus, Vitória e Goiânia.
- Até a menor taxa nas capitais em 2012, a de São Paulo, ainda impressiona pela sua elevada magnitude: 28,7 jovens assassinados por 100 mil.

3.3. Os homicídios nos municípios

A distribuição espacial da violência homicida, principalmente quando desagregada no nível do município, tem se revelado uma fonte particularmente profícua de descobertas para a análise dos fatores que incidem na produção e reprodução da violência homicida e nos dá condições de delinear políticas específicas de enfrentamento. Conformam situações bem diferenciadas quando se trata de polos de desenvolvimento do interior, atrativas de população e investimentos, perante a limitada presença do poder público, atrativas também para a criminalidade e a violência; ou dos municípios de zona de fronteira, dominados por megaestruturas dedicadas ao contrabando de armas, de produtos, de pirataria e/ou rotas de tráfico; ou municípios do arco do desmatamento amazônico, incentivados por interesses políticos e econômicos em torno de gigantescos empreendimentos agrícolas que se apoiam em madeireiras ilegais, grilagem de terras, extermínio de populações indígenas e trabalho escravo; também municípios amazônicos, boca de absorção de biopirataria; ou municípios com domínio territorial, de quadrilhas, milícias, tráfico, produção ilegal de entorpecentes; ou, tanto ou mais importante que as anteriores, municípios e áreas onde impera uma sólida cultura da violência, crimes por motivos fúteis e banais.

Não é objetivo do presente trabalho aprofundar este tema, dada a impossibilidade material de abranger e diagnosticar a situação dos 5.565 municípios do país. Pretende-se tão somente subsidiar essa análise com dados de violência homicida que emergem do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde.

Dada uma outra impossibilidade material, a de elencar nesta publicação os municípios nos vários capítulos de mortalidade abordados, foram selecionados os 100 municípios de maior índice em cada categoria para oferecer, a quem se interessar, a possibilidade de consultar ou aceder à totalidade dos municípios no sítio www.mapadaviolencia.org.br.

Como foi esclarecido no capítulo metodológico, para evitar as oscilações em municípios de pequeno porte, onde um incidente isolado pode repercutir fortemente nas taxas que relacionam esses incidentes com a base populacional do local, se decidiu trabalhar com municípios de dez mil casos ou mais – tanto para estimar as taxas para a população total quanto a jovem.

As duas tabelas a seguir – 3.3.1 e 3.3.2 – detalham os 100 municípios com as maiores taxas para a população total e a juvenil, respectivamente. Nessas tabelas, além de identificar o município e a UF, registra-se a população em 2012,¹⁷ que serve de base para a estimativa das taxas, o número de homicídios registrado pelo SIM/SVS/Datasus em cada ano do quinquênio 2008/2012 e, por último, as taxas e a posição do município no contexto nacional e no estadual.

Antes de começar a analisar as tabelas sintéticas, devemos mencionar um fato relevante: no ano de 2012 não foi registrado nenhum homicídio em 2.002 dos 5.565 municípios do país, isto é, 36% das localidades.

A tabela 3.3.1 coloca em evidência a existência de um grupo de 18 municípios que ultrapassam os 100 homicídios por 100 mil habitantes, fato extremamente grave. Mas um deles, Caracaraí, em Roraima, supera ainda a marca dos 200 homicídios, fato sem precedentes no histórico dos municípios.

¹⁷ Segundo estimativas do Datasus/MS.

Mas se esses índices já são muito elevados, os juvenis conseguem superá-los largamente. Dois municípios da Bahia – Mata de São João e Simões Filho – atingem a marca de 371,5 e 308,8 homicídios por 100 mil jovens, e mais 12 municípios a casa dos 200 homicídios por 100 mil. Aqui, no âmbito juvenil, a concentração da violência homicida é bem mais exorbitante e preocupante.

Tabela 3.3.1. Número e taxas (por 100 mil) de homicídio nos municípios com mais de 10 mil habitantes. População Total. Brasil. 2008/2012.										
Município	UF	Popul. 2012	Homicídios					Taxa 2012	Posição	
			2008	2009	2010	2011	2012		Nac.	Est.
Caracaráí	RR	19019	10	10	5	7	40	210,3	1º	1º
Mata de São João	BA	41527	15	17	24	42	62	149,3	2º	1º
Simões Filho	BA	121416	175	153	214	167	159	131,0	3º	2º
Pilar	AL	33623	36	22	28	35	43	127,9	4º	1º
Ananindeua	PA	483821	417	408	744	568	608	125,7	5º	1º
Ibirapitanga	BA	22683	3	10	9	12	28	123,4	6º	3º
Satuba	AL	15020	2	12	5	14	18	119,8	7º	2º
Itaparica	BA	20994	7	9	19	18	25	119,1	8º	4º
Paranhos	MS	12673	4	5	4	6	15	118,4	9º	1º
Porto Seguro	BA	131642	114	128	160	137	152	115,5	10º	5º
Buritit	RO	33397	21	22	32	23	38	113,8	11º	1º
Itabuna	BA	205885	208	232	209	190	225	109,3	12º	6º
Rio Largo	AL	68952	53	29	39	75	74	107,3	13º	3º
Campina Grande do Sul	PR	39404	46	53	48	49	42	106,6	14º	1º
Luziânia	GO	179582	106	77	133	164	190	105,8	15º	1º
Santa Rita	PB	121994	50	60	80	110	129	105,7	16º	1º
Lauro de Freitas	BA	171042	145	170	193	153	177	103,5	17º	7º
Sete Quedas	MS	10757	4	7	3	1	11	102,3	18º	2º
Eunápolis	BA	102628	88	118	93	62	102	99,4	19º	8º
Pinheiros	ES	24284	12	10	8	24	24	98,8	20º	1º
Arapiraca	AL	218140	193	227	223	243	215	98,6	21º	4º
Coronel Sapucaia	MS	14254	18	18	10	11	14	98,2	22º	3º
Marechal Deodoro	AL	47504	35	34	33	48	46	96,8	23º	5º
Presidente Dutra	MA	45564	12	22	22	38	44	96,6	24º	1º
Tamarana	PR	12647	1	2	4	4	12	94,9	25º	2º
Conde	PB	22154	7	10	14	20	21	94,8	26º	2º
Extremoz	RN	25324	13	20	8	0	24	94,8	27º	1º
Marabá	PA	243583	250	284	259	256	230	94,4	28º	2º
Cabo de Santo Agostinho	PE	189222	159	124	133	154	177	93,5	29º	1º
Murici	AL	27030	14	6	9	21	25	92,5	30º	6º
Alto Alegre	RR	16228	1	10	2	5	15	92,4	31º	2º
Ilha de Itamaracá	PE	22794	25	21	15	14	21	92,1	32º	2º
Ilhéus	BA	187315	110	135	121	152	169	90,2	33º	9º
Coruripe	AL	53224	13	38	26	43	48	90,2	34º	7º
Maceió	AL	953393	990	876	1027	1048	858	90,0	35º	8º
Eusébio	CE	47993	17	16	23	14	43	89,6	36º	1º
Serra	ES	422569	433	394	385	388	378	89,5	37º	2º
Mari	PB	21254	7	4	5	19	19	89,4	38º	3º
Itaitinga	CE	36814	20	19	16	27	32	86,9	39º	2º
Mangaratiba	RJ	38201	17	14	18	12	33	86,4	40º	1º
Valença	BA	90319	33	36	90	78	78	86,4	41º	10º
Teixeira de Freitas	BA	143001	73	101	121	131	123	86,0	42º	11º
Branquinha	AL	10471	3	10	4	7	9	86,0	43º	9º
Altamira	PA	102343	41	50	64	76	87	85,0	44º	3º
Umarizal	RN	10594	1	9	7	15	9	85,0	45º	2º
Cabedelo	PB	60226	9	34	57	69	51	84,7	46º	4º
Joaquim Gomes	AL	22853	13	14	14	14	19	83,1	47º	10º
Barra de São Francisco	ES	41110	30	24	14	22	34	82,7	48º	3º
Pojuca	BA	34106	9	15	10	20	28	82,1	49º	12º

(continua)

Tabela 3.3.1. (continuação)

Município	UF	Popul. 2012	Homicídios					Taxa 2012	Posição	
			2008	2009	2010	2011	2012		Nac.	Est.
Camaçari	BA	255238	138	124	144	187	209	81,9	50º	13º
Guairá	PR	31013	40	27	35	34	25	80,6	51º	3º
São Miguel dos Campos	AL	56319	32	29	44	60	45	79,9	52º	11º
Saubara	BA	11354	1	9	1	3	9	79,3	53º	14º
Parauapebas	PA	166342	91	104	84	97	131	78,8	54º	4º
Itapissuma	PE	24321	24	24	25	22	19	78,1	55º	3º
Barbalha	CE	56576	33	27	47	33	44	77,8	56º	3º
Patos	PB	102020	55	58	58	66	79	77,4	57º	5º
Tailândia	PA	85468	64	79	68	64	66	77,2	58º	5º
Sarandi	PR	84573	28	21	39	58	65	76,9	59º	4º
Fortaleza	CE	2500194	888	902	1268	1337	1920	76,8	60º	4º
João Pessoa	PB	742478	416	516	580	633	568	76,5	61º	6º
Santa Helena de Goiás	GO	36760	7	12	13	13	28	76,2	62º	2º
Amélia Rodrigues	BA	25080	10	15	8	20	19	75,8	63º	15º
Novo Progresso	PA	25151	3	22	27	21	19	75,5	64º	6º
Alagoinhas	BA	143460	82	96	77	94	107	74,6	65º	16º
Tabuleiro do Norte	CE	29522	6	11	16	20	22	74,5	66º	5º
Paranaíta	MT	10749	1	1	0	2	8	74,4	67º	1º
Ariquemes	RO	92747	75	93	50	60	69	74,4	68º	2º
Conceição da Barra	ES	28745	8	17	18	15	21	73,1	69º	4º
Rondon do Pará	PA	48036	46	33	41	28	35	72,9	70º	7º
Cariacica	ES	352431	302	311	256	226	256	72,6	71º	5º
Santana do Ipanema	AL	45453	14	23	17	32	33	72,6	72º	12º
Aquiraz	CE	74465	39	26	37	30	54	72,5	73º	6º
Candeias	BA	84121	43	33	49	60	61	72,5	74º	17º
Planaltina	GO	82847	55	23	37	39	60	72,4	75º	3º
Florestópolis	PR	11076	2	3	9	7	8	72,2	76º	5º
Horizonte	CE	58418	12	15	17	23	42	71,9	77º	7º
Itajuípe	BA	20878	8	13	12	12	15	71,8	78º	18º
Madre de Deus	BA	18183	5	5	3	3	13	71,5	79º	19º
São Joaquim de Bicas	MG	26653	10	13	8	19	19	71,3	80º	1º
Viçosa	AL	25384	12	10	9	9	18	70,9	81º	13º
Alvorada	RS	197441	100	84	85	111	140	70,9	82º	1º
Xexéu	PE	14168	3	12	6	4	10	70,6	83º	4º
Marituba	PA	113353	64	78	111	119	80	70,6	84º	8º
Ituberá	BA	26930	9	2	6	8	19	70,6	85º	20º
Coaraci	BA	19937	21	8	15	11	14	70,2	86º	21º
Propriá	SE	28612	12	8	19	15	20	69,9	87º	1º
Monte Negro	RO	14313	2	5	8	10	10	69,9	88º	3º
Mundo Novo	MS	17251	11	6	4	6	12	69,6	89º	4º
Vitória da Conquista	BA	315884	149	196	267	181	219	69,3	90º	22º
Medeiros Neto	BA	21642	6	10	10	0	15	69,3	91º	23º
São Miguel do Iguaçu	PR	25971	19	6	12	13	18	69,3	92º	6º
São Mateus	ES	111832	68	86	74	65	77	68,9	93º	6º
Paragominas	PA	101046	67	56	99	55	69	68,3	94º	9º
Santa Tereza do Oeste	PR	10269	3	3	0	6	7	68,2	95º	7º
Cidreira	RS	13240	4	8	3	3	9	68,0	96º	2º
Palmeira dos Índios	AL	70738	24	20	37	49	48	67,9	97º	14º
Nerópolis	GO	25061	5	3	8	7	17	67,8	98º	4º
Cocalzinho de Goiás	GO	17827	5	3	6	6	12	67,3	99º	5º
Foz do Iguaçu	PR	255718	222	198	187	142	172	67,3	100º	8º

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 3.3.2. Número e taxas (por 100 mil) de homicídio nos municípios com mais de 10 mil jovens. População Jovem. Brasil. 2008/2012.

Município	UF	Popul. 2012	Homicídios					Taxa 2012	Nac.	Est.
			2008	2009	2010	2011	2012			
Mata de São João	BA	12381	8	10	14	27	46	371,5	1º	1º
Simões Filho	BA	35625	108	108	146	114	110	308,8	2º	2º
Ananindeua	PA	143883	280	259	441	361	396	275,2	3º	1º
Santa Rita	PB	33153	35	29	51	73	87	262,4	4º	1º
Lauro de Freitas	BA	48713	104	125	152	113	123	252,5	5º	3º
Itabuna	BA	57378	124	150	135	117	144	251,0	6º	4º
Porto Seguro	BA	37883	66	93	96	69	93	245,5	7º	5º
Marechal Deodoro	AL	13324	22	20	26	32	30	225,2	8º	1º
Maceió	AL	264143	655	589	712	667	576	218,1	9º	2º
Rio Largo	AL	18863	32	18	22	52	41	217,4	10º	3º
Cabedelo	PB	16629	4	22	28	48	36	216,5	11º	2º
Eunápolis	BA	29235	58	82	65	44	63	215,5	12º	6º
Eusébio	CE	14429	11	13	14	10	30	207,9	13º	1º
Teixeira de Freitas	BA	40928	48	64	77	80	84	205,2	14º	7º
Serra	ES	121917	265	243	238	246	241	197,7	15º	1º
Atalaia	AL	12665	5	7	15	10	25	197,4	16º	4º
Luziânia	GO	50687	66	40	87	93	96	189,4	17º	1º
Camaçari	BA	78786	88	77	89	126	149	189,1	18º	8º
Cabo de Santo Agostinho	PE	54200	101	82	83	99	102	188,2	19º	1º
Itaitinga	CE	11546	8	8	9	17	21	181,9	20º	2º
Arapiraca	AL	62251	89	104	124	127	112	179,9	21º	5º
João Pessoa	PB	208690	254	307	380	404	371	177,8	22º	3º
Coruripe	AL	15843	8	21	15	18	28	176,7	23º	6º
Fortaleza	CE	732682	565	581	805	834	1294	176,6	24º	3º
Ilhéus	BA	50444	66	77	73	78	89	176,4	25º	9º
Valença	BA	26156	18	22	52	46	46	175,9	26º	10º
Campina Grande do Sul	PR	10905	22	34	23	26	19	174,2	27º	1º
Alvorada	RS	52058	71	49	53	69	90	172,9	28º	1º
Sarandi	PR	22624	19	11	21	30	39	172,4	29º	2º
São Miguel dos Campos	AL	16646	23	22	25	42	28	168,2	30º	7º
Pojuca	BA	10181	5	12	4	10	17	167,0	31º	11º
São José de Mipibu	RN	11379	5	2	3	10	19	167,0	32º	1º
Patos	PB	28228	33	41	28	35	47	166,5	33º	4º
Marituba	PA	34324	41	42	74	77	56	163,2	34º	2º
Cariacica	ES	97200	192	198	149	153	158	162,6	35º	2º
Presidente Dutra	MA	13538	7	14	11	12	22	162,5	36º	1º
Marabá	PA	76181	145	161	148	140	121	158,8	37º	3º
São Mateus	ES	31140	45	51	40	33	47	150,9	38º	3º
Candeias	BA	24557	23	24	29	36	37	150,7	39º	12º
Formosa	GO	29704	27	27	26	29	44	148,1	40º	2º
Caldas Novas	GO	19730	14	10	11	18	29	147,0	41º	3º
Alagoinhas	BA	40583	54	71	54	56	59	145,4	42º	13º
Valparaíso de Goiás	GO	41429	24	44	65	62	60	144,8	43º	4º
Cabo Frio	RJ	49057	71	82	50	47	71	144,7	44º	1º
Vitória	ES	90232	144	140	153	120	127	140,7	45º	4º
Aquiraz	CE	22090	21	16	18	15	31	140,3	46º	4º
Ariquemes	RO	27182	33	40	23	25	38	139,8	47º	1º
Foz do Iguaçu	PR	69004	138	123	107	98	96	139,1	48º	3º
Salvador	BA	763850	1269	1375	1272	1080	1058	138,5	49º	14º
Itamaraju	BA	17390	15	10	11	8	24	138,0	50º	15º

(continua)

Tabela 3.3.2. (continuação)

Município	UF	Popul. 2012	Homicídios					Taxa 2012	Nac.	Est.
			2008	2009	2010	2011	2012			
Águas Lindas de Goiás	GO	48753	57	44	69	67	67	137,4	51º	5º
Altamira	PA	30597	21	20	25	37	42	137,3	52º	4º
Esmeraldas	MG	16028	14	15	16	25	22	137,3	53º	1º
Gurupi	TO	23421	10	10	11	11	32	136,6	54º	1º
Nanuque	MG	10361	8	13	8	10	14	135,1	55º	2º
Horizonte	CE	19344	5	6	10	18	26	134,4	56º	5º
Brejo da Madre de Deus	PE	13579	10	16	12	12	18	132,6	57º	2º
Rio Verde	GO	57425	23	35	63	45	76	132,3	58º	6º
Governador Valadares	MG	70019	86	63	66	87	92	131,4	59º	3º
Vitória da Conquista	BA	89052	89	117	168	104	117	131,4	60º	16º
Almirante Tamandaré	PR	28995	38	44	40	47	38	131,1	61º	4º
Mossoró	RN	77356	75	71	83	113	101	130,6	62º	2º
Betim	MG	111092	200	158	139	162	145	130,5	63º	4º
Cascavel	PR	82629	71	75	84	79	107	129,5	64º	5º
Santo Antônio do Descoberto	GO	18584	16	24	18	26	24	129,1	65º	7º
Barbalha	CE	16509	14	10	18	13	21	127,2	66º	6º
Novo Gama	GO	28332	30	33	29	26	36	127,1	67º	8º
Senador Canedo	GO	26816	12	13	7	19	34	126,8	68º	9º
Aparecida de Goiânia	GO	141198	83	105	110	128	179	126,8	69º	10º
Maracanaú	CE	65505	52	53	73	57	82	125,2	70º	7º
Irecê	BA	19271	14	11	9	18	24	124,5	71º	17º
Feira de Santana	BA	165918	155	177	229	179	206	124,2	72º	18º
Parauapebas	PA	56613	62	70	44	59	70	123,6	73º	5º
Imperatriz	MA	75544	115	90	80	74	93	123,1	74º	2º
Colombo	PR	60194	57	74	68	76	74	122,9	75º	6º
Jequié	BA	42554	13	21	42	26	52	122,2	76º	19º
Caucaia	CE	99980	65	57	86	69	122	122,0	77º	8º
Janaúba	MG	19674	3	5	6	14	24	122,0	78º	5º
Piraquara	PR	27109	44	42	54	42	33	121,7	79º	7º
Cambé	PR	24683	17	13	10	17	30	121,5	80º	8º
Pinhais	PR	32121	37	50	69	23	39	121,4	81º	9º
Santo Amaro	BA	15761	15	12	9	10	19	120,6	82º	20º
São Luís	MA	328610	268	329	356	311	394	119,9	83º	3º
Goianira	GO	10046	6	1	6	8	12	119,5	84º	11º
Itaguaí	RJ	29324	33	16	30	23	35	119,4	85º	2º
Camboriú	SC	18499	7	15	12	14	22	118,9	86º	1º
Aracaju	SE	171077	134	129	127	149	202	118,1	87º	1º
Natal	RN	235598	159	207	192	243	277	117,6	88º	3º
Palmeira dos Índios	AL	18845	12	8	16	24	22	116,7	89º	8º
Capão da Canoa	RS	11169	4	13	6	9	13	116,4	90º	2º
Recife	PE	411204	834	742	546	560	478	116,2	91º	3º
Várzea Grande	MT	74935	70	65	79	68	86	114,8	92º	1º
Juazeiro do Norte	CE	74158	59	39	42	49	85	114,6	93º	9º
União dos Palmares	AL	17641	27	24	24	30	20	113,4	94º	9º
Campo Mourão	PR	23226	28	19	32	20	26	111,9	95º	10º
Vila Velha	ES	113297	147	181	142	143	126	111,2	96º	5º
Contagem	MG	169967	155	138	175	135	189	111,2	97º	6º
Campos dos Goytacazes	RJ	121150	110	144	117	99	134	110,6	98º	3º
Delmiro Gouveia	AL	13563	10	5	11	6	15	110,6	99º	10º
Bayeux	PB	28040	19	38	35	30	31	110,6	100º	5º

Fonte: SIM/SVS/MS.

3.4. Os novos padrões

Neste item analisaremos em conjunto as três agregações populacionais, algumas delas já vistas de forma relativamente independente: o total das UFs, as capitais e o interior dos estados. Assim, comparando os modos de evolução dessas três áreas, poderemos evidenciar peculiaridades recentes na produção e distribuição da violência homicida do país. Para ter maior capacidade inferencial, devermos, primeiro, ampliar o escopo temporal da nossa análise, retrocedendo até 1980, por se tratar de fenômenos que tiveram início antes da década demarcada para o presente relatório.

Já indicávamos, nos diversos mapas elaborados a partir de 2004, a existência de dois processos concomitantes que estariam originando um deslocamento dos polos dinâmicos e uma nova geografia da violência homicida no país: a interiorização e a disseminação da violência.

Interiorização da violência:

Para essa análise, foi necessário introduzir nova categoria, derivada das anteriores: o interior dos estados. No contexto do estudo, definiremos operacionalmente o interior como os municípios que não são nem capital nem formam parte das regiões metropolitanas do país.

Na tabela 3.4.1 podemos observar que as três áreas apresentam modalidades de crescimento diferenciadas.

- **1980/1996:** Os homicídios nas capitais cresceram 121% enquanto o aumento do interior foi bem menor: 69,1%. Nesta fase, fica evidente que o motor da violência homicida encontrava-se centrado nas capitais do país. Fica claro que o comando do crescimento no período ficou por conta das capitais, responsáveis pela forte elevação das taxas nacionais.
- **1996/2003.** Período de transição: arrefece enormemente o ritmo de crescimento nas capitais, praticamente estagna em torno dos 46 homicídios por 100 habitantes, enquanto as taxas do interior continuam a crescer. Assim, a diferença percentual entre capital e interior, que era de 84,3% em 1996, cai para 59,6% em 2003. Nessa fase de estagnação dos índices das capitais, o fator determinante é o crescimento no interior, que origina a elevação das taxas nacionais.
- **2003/2012.** Nesse período as taxas das capitais recuam de forma clara e sistemática, passando de 46,1 homicídios por 100 mil para 38,5 em 2012, o que representa uma queda de 16,4% no período. Já os índices do interior continuam crescendo a bom ritmo: 35,7%. Dessa forma, o interior assume claramente o papel de polo dinâmico, motor da violência homicida, contrapondo-se às quedas substantivas nas taxas que as capitais estariam gerando.

Tabela 3.4.1. Taxas de homicídio (por 1100 mil) segundo Área. Brasil. 1980/2012.				
Ano	Brasil	Capitais	Interior	Dif %
1980	11,7	20,7	7,5	76,7
1981	12,6	20,1	8,7	60,4
1982	12,6	19,8	9,1	57,9
1983	13,8	20,5	9,8	48,9
1984	15,3	23,6	10,5	54,3
1985	15,0	22,6	10,0	50,8
1986	15,3	22,4	10,5	47,1
1987	16,9	27,6	10,6	63,6
1988	16,8	25,2	11,1	50,1
1989	20,3	32,7	12,2	61,4
1990	22,2	39,0	12,3	75,8
1991	20,8	34,0	12,3	63,4
1992	19,1	30,1	11,3	57,5
1993	20,2	32,6	11,7	61,7
1994	21,2	35,2	11,5	65,8
1995	23,8	42,6	11,7	79,0
1996	24,8	45,6	12,7	84,3
1997	25,4	45,7	12,6	80,0
1998	25,9	45,3	13,0	74,7
1999	26,2	44,6	13,0	70,4
2000	26,7	45,8	13,8	71,6
2001	27,8	46,5	14,9	67,2
2002	28,5	45,5	16,1	59,9
2003	28,9	46,1	16,6	59,6
2004	27,0	42,4	16,3	56,9
2005	25,8	38,5	16,9	49,2
2006	26,3	38,7	17,6	47,1
2007	25,2	36,6	17,6	45,4
2008	26,4	37,3	18,9	41,0
2009	27,0	37,3	20,4	37,8
2010	27,4	37,4	20,3	36,6
2011	27,1	36,4	20,5	34,2
2012	29,0	38,5	22,5	32,8
Δ% 1980/96	111,9	121,0	69,1	9,9
Δ% 1996/03	16,5	0,9	30,4	-29,3
Δ% 2003/12	0,5	-16,4	35,7	-45,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

Disseminação da violência:

No item 3.1, analisando a tabela 3.1.3, observávamos que as sete UF's que no ano 1998 ostentavam as maiores taxas de homicídio tiveram quedas em seus índices e, em alguns casos, como os de São Paulo e Rio de Janeiro, as quedas foram bem expressivas.

Tabela 3.4.2. Reordenamento das UF's por Taxas de Homicídio (em 100 mil) na População Total. 1998 e 2012.					
UF	1998		2012		Δ% 1998/2012
	Capitais	UFs	Capitais	UFs	
Pernambuco	58,9	1º	37,1	10º	-37,0
Espírito Santo	58,4	2º	47,3	2º	-19,0
Rio de Janeiro	55,3	3º	28,3	18º	-48,9
Roraima	50,6	4º	35,4	13º	-30,1
São Paulo	39,7	5º	15,1	26º	-62,0
Amapá	38,7	6º	35,9	12º	-7,2
Rondônia	38,3	7º	32,9	16º	-14,1
Distrito Federal	37,4	8º	38,9	9º	4,1
Mato Grosso	36,3	9º	34,3	15º	-5,4
Mato Grosso do Sul	33,5	10º	27,1	20º	-19,1
Alagoas	21,8	11º	64,6	1º	196,5
Amazonas	21,3	12º	36,7	11º	72,2
Acre	21,2	13º	27,5	19º	29,9
Paraná	17,6	14º	32,7	17º	86,1
Rio Grande do Sul	15,3	15º	21,9	24º	43,4
Paraíba	13,5	16º	40,1	8º	196,7
Ceará	13,4	17º	44,6	3º	233,0
Goiás	13,4	18º	44,3	4º	230,4
Pará	13,3	19º	41,7	7º	213,5
Tocantins	12,3	20º	26,2	21º	112,8
Sergipe	10,4	21º	41,8	6º	302,2
Bahia	9,7	22º	41,9	5º	331,7
Minas Gerais	8,6	23º	22,8	23º	165,6
Rio Grande do Norte	8,5	24º	34,7	14º	308,5
Santa Catarina	7,9	25º	12,8	27º	61,8
Piauí	5,2	26º	17,2	25º	231,0
Maranhão	5,0	27º	26,0	22º	421,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

A tabela 3.4.2 é um simples reordenamento dessa tabela, para uma melhor visualização dos eventos. Essas sete UF's estão indicadas na tabela com fundo vermelho.

Já nas 17 unidades que no ano 1998 apresentavam os menores índices de homicídio – indicadas com fundo verde – em todas, sem exceção, as taxas crescem no período. Esse crescimento foi muito elevado e preocupante em diversos casos, como os de Alagoas, Paraíba, Pará ou Bahia, que de posições intermediárias ou de relativa tranquilidade em 1998 passam à liderança nacional no triste *ranking* da violência. Também nas capitais acontece fenômeno semelhante.

Deslocamento dos polos dinâmicos:

Esse duplo processo de disseminação e interiorização originou o deslocamento dos polos dinâmicos da violência: de municípios de grande porte – acima de 100 mil habitantes – para municípios de pequeno e médio porte.

Pela tabela 3.4.3 vemos que, até o ano 2000, os municípios onde se concentrou o crescimento foram os de 100 mil habitantes ou mais. Já os municípios de menor tamanho também cresceram, mas em escala bem menor. A cor verde na tabela indica maior crescimento da taxa de homicídio para o período e a amarela menor crescimento.

Já, no período de 2000 a 2012:

- Nos municípios de maior porte, com mais de 500 mil habitantes, o crescimento foi negativo, os índices caíram 24,7%.
- Nos municípios entre 200 mil e 500 mil habitantes, não houve praticamente alteração, permaneceram estagnados, próximos aos 37 homicídios por 100 mil habitantes.
- Nos municípios entre 100 mil e 200 mil habitantes houve crescimento, mas foi relativamente baixo: 26,9%.
- O crescimento nesse período concentra-se nos municípios de menor tamanho, que abrangem a faixa até 100 mil habitantes, contrastando agora com os de maior porte que caem ou estagnam em suas taxas de homicídio.
- Temos de considerar que, apesar do menor porte, esses municípios representam quase a metade da população brasileira: exatos 86,3 milhões, o que representa 45,3% do total registrado pelo Censo de 2010, o que indica claramente o seu peso conjunto nas estatísticas da violência nacional.

Tabela 3.4.3. Taxas e crescimento (%) dos homicídios (por 100mil), número e população dos municípios por Tamanho. Brasil: 1980/2012.										
Faixa de tamanho (em n. de habitantes)	Taxas (por 100mil)				Δ% 1980/ 2000	Δ% 2000/ 2012	Municípios em 2010		População em 2010	
	1980	1990	2000	2012			n.	%	n.	%
Até 5 mil	4,2	6,0	6,4	9,3	51,8	45,3	1.301	23,4	4.374.345	2,3
de 5 a - 10 mil	4,4	6,4	7,9	12,1	81,1	53,3	1.212	21,8	8.541.935	4,5
de 10 a - 20 mil	5,8	8,3	9,7	16,0	67,6	65,2	1.401	25,2	19.743.967	10,4
de 20 a - 50 mil	7,2	11,1	12,2	21,7	69,4	77,8	1.043	18,7	31.344.671	16,4
de 50 a - 100 mil	9,2	16,3	17,7	27,6	92,3	55,7	325	5,8	22.314.204	11,7
de 100 a - 200 mil	12,4	23,9	27,3	34,6	120,9	26,9	150	2,7	20.078.754	10,5
de 200 a - 500 mil	15,8	27,7	34,6	36,9	118,8	6,6	95	1,7	28.486.417	14,9
500 mil e mais	20,8	41,1	48,3	36,4	132,1	-24,7	38	0,7	55.871.506	29,3
Total	11,7	22,2	26,7	29,0	128,8	8,8	5.565	100,0	190.755.799	100,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

Restaria, por último, indagar sobre os possíveis fatores determinantes dessa mudança.

Em primeiro lugar, a emergência de polos de crescimento em municípios do interior de diversos estados do país torna-se atrativa para investimentos e migrações pela expansão do emprego e da renda. Mas convertem-se, também, em polos atrativos, pelos mesmos motivos, para a criminalidade, em ausência de esquemas de proteção dos aparelhos do Estado.

Em segundo lugar, investimentos nas capitais e nas grandes regiões metropolitanas declaradas prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança, instituído em janeiro de 2001, fizeram com que fossem canalizados recursos federais e estaduais, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco e menor capacidade das estruturas de segurança.

E em terceiro lugar, melhor cobertura dos sistemas de coleta dos dados de mortalidade no interior do país diminuiu a subnotificação nas áreas do interior.

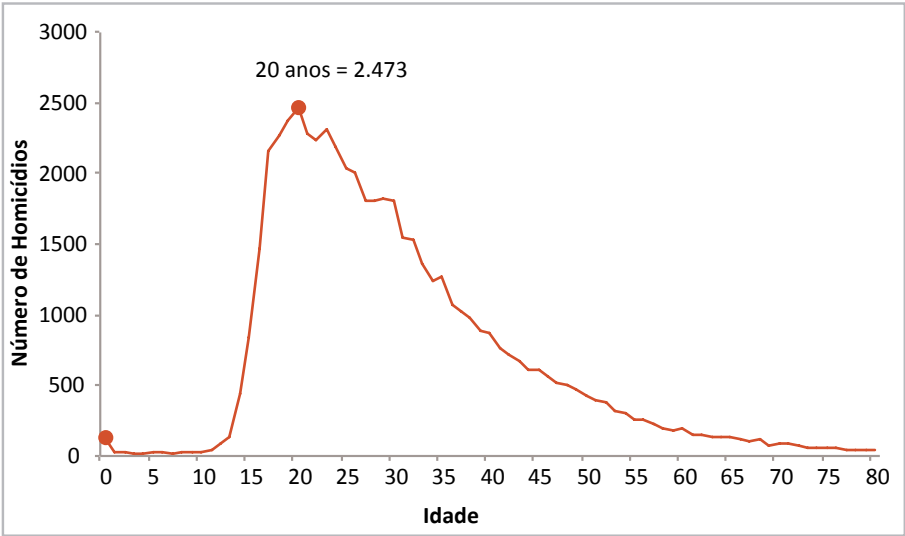
3.5. A questão etária

Um fato relevante, já destacado nos itens anteriores, é a estrutura etária dos homicídios. Em primeiro lugar, como pode ser visualizado no gráfico 3.5.1, registram-se marcadas diferenças na incidência de homicídios ao longo ciclo de vida da população.

Até 12 anos de idade, o número de vítimas é relativamente baixo. Nessa idade foram 85 as vítimas em 2013. A média de homicídios, na faixa de 0 a 12 anos, foi de 36,5 por idade simples.

A partir dos 13 anos, o número de vítimas de homicídio vai crescendo rapidamente, até atingir o pico de 2.473 na idade de 20 anos. A partir desse ponto, o número de homicídios vai caindo lenta e gradativamente.

Gráfico 3.5.1. Número de homicídios por Idade Simples. Brasil. 2012.



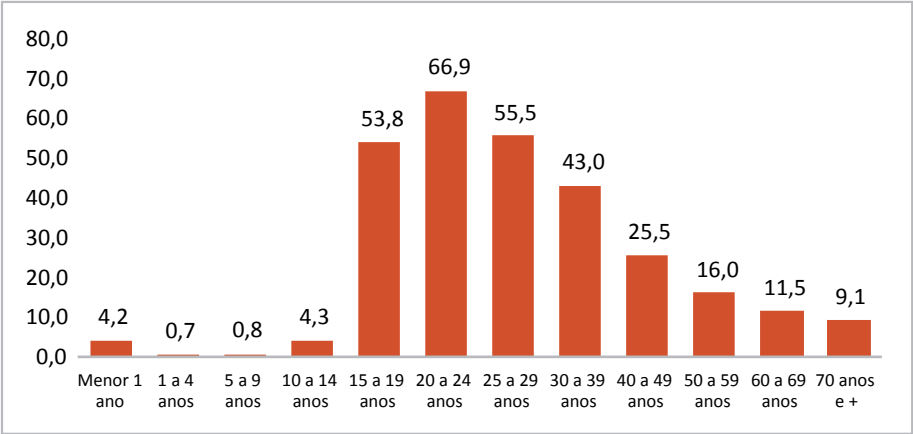
Fonte: SIM/SVS/MS.

A tabela 3.5.1 e o gráfico 3.5.2 sintetizam os mesmos dados para as diferentes faixas que configuram o ciclo de vida da população. Novamente pode ser verificado que as maiores taxas de homicídio concentram-se na juventude.

Tabela 3.5.1. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) segundo Faixa Etária. Brasil. 2012.		
Faixa etária	Homicídios	
	Número	Taxa
Menor 1 ano	120	4,2
1 a 4 anos	83	0,7
5 a 9 anos	125	0,8
10 a 14 anos	743	4,3
15 a 19 anos	9.295	53,8
20 a 24 anos	11.744	66,9
25 a 29 anos	9.658	55,5
30 a 39 anos	12.961	43,0
40 a 49 anos	6.438	25,5
50 a 59 anos	2.989	16,0
60 a 69 anos	1.329	11,5
70 anos e +	851	9,1
TOTAL	56.337	29,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 3.5.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) segundo Faixa Etária Brasil. 2012.



3.6. Homicídios segundo sexo

Diversos estudos, tanto nacionais quanto internacionais (MELLO, 1998; MINAYO, 1994; UNICEF, 1995)¹⁸ já alertaram que as mortes por homicídios, inclusive entre os jovens, são ocorrências notadamente masculinas. Os dados disponibilizados pelo SIM permitem confirmar esse fato.

Ao longo dos diversos mapas que vêm sendo elaborados desde 1998, emerge uma constante: a elevada proporção de mortes masculinas nos diversos capítulos da violência letal do país, principalmente quando a causa são os homicídios. Assim, por exemplo, nos últimos dados disponíveis, os de 2012, pertenciam ao sexo masculino: 91,6% das vítimas de homicídio na população total e ainda mais entre os jovens: 93,3%.

E vemos, pela tabela 3.6.1 que, historicamente, essas proporções diferem pouco de ano para ano. A participação masculina no total de homicídios do país, nos 32 anos computados, passou de 90,3% para 91,6%, e a feminina caiu de 9,7% para 8,4%. Entre os jovens, essa estabilidade é bem semelhante.

Quando relacionamos esses números com as respectivas bases populacionais, vemos o significativo crescimento das taxas ao longo do período, crescimento mais drástico para o sexo masculino, e mais ainda quando o foco são os jovens.

¹⁸ MELLO JORGE, M.H.P. Como morrem nossos jovens. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd). *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.
MINAYO, M.C. A Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, n. 1, 1994.
FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

Efetivamente:

- Se no total das mulheres as taxas passam de 2,3 para 4,8 homicídios por 100 mil, crescimento de 111%, entre os homens a taxa passa de 21,2 para 54,3, o que representa um aumento de 156%.
- Em 2012, a taxa de 54,3 homicídios masculinos era 11 vezes superior à feminina, de 4,8.
- Entre os jovens, essas diferenças são mais drásticas ainda: a taxa masculina cresce 199% – a feminina 113,0% – e resulta 14 vezes superior à feminina.

Tabela 3.6.1. Participação (%) e taxas de homicídio (por 100 mil) segundo Sexo. População Total e Jovem. Brasil. 1980/2012.								
Ano	População Total				População Jovem			
	%		Taxas		%		Taxas	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
1980	90,3	9,7	21,2	2,3	90,7	9,3	36,0	3,6
1981	90,2	9,8	22,8	2,4	90,4	9,6	38,5	4,0
1982	90,4	9,6	22,8	2,4	91,1	8,9	37,5	3,6
1983	90,2	9,8	25,0	2,7	90,4	9,6	41,7	4,3
1984	91,2	8,8	28,2	2,7	91,7	8,3	48,9	4,3
1985	91,0	9,0	27,6	2,7	91,5	8,5	49,6	4,5
1986	91,2	8,8	28,1	2,7	92,1	7,9	51,4	4,3
1987	91,6	8,4	31,2	2,8	92,7	7,3	57,0	4,4
1988	91,3	8,7	31,0	2,9	92,4	7,6	55,9	4,5
1989	91,8	8,2	37,7	3,3	92,6	7,4	70,6	5,5
1990	91,9	8,1	41,3	3,5	92,9	7,1	77,6	5,8
1991	91,1	8,9	38,6	3,7	92,3	7,7	70,8	5,8
1992	91,5	8,5	35,4	3,2	92,8	7,2	63,4	4,8
1993	91,4	8,6	37,3	3,4	92,8	7,2	68,2	5,1
1994	91,3	8,7	39,2	3,6	92,9	7,1	74,2	5,5
1995	91,0	9,0	43,9	4,2	92,5	7,5	81,2	6,4
1996	90,5	9,5	45,4	4,6	92,0	8,0	83,1	7,1
1997	91,1	8,9	46,9	4,4	92,8	7,2	88,0	6,8
1998	91,6	8,4	48,1	4,3	93,0	7,0	92,9	6,8
1999	91,8	8,2	48,7	4,3	93,2	6,8	94,1	6,7
2000	91,7	8,3	49,8	4,3	93,4	6,6	98,0	6,8
2001	92,0	8,0	51,9	4,4	93,3	6,7	101,2	7,2
2002	92,2	7,8	53,3	4,4	93,7	6,3	105,4	7,0
2003	92,3	7,7	54,1	4,4	93,7	6,3	107,2	7,2
2004	92,1	7,9	50,5	4,2	93,6	6,4	100,2	6,8
2005	91,8	8,2	48,2	4,2	93,7	6,3	95,1	6,3
2006	91,8	8,2	49,0	4,2	93,5	6,5	95,2	6,6
2007	92,1	7,9	47,2	3,9	93,6	6,4	92,8	6,4
2008	92,0	8,0	49,4	4,2	93,7	6,3	98,5	6,7
2009	91,7	8,3	50,1	4,4	93,4	6,6	99,5	7,1
2010	91,4	8,6	51,1	4,6	93,0	7,0	101,4	7,6
2011	91,3	8,7	50,5	4,6	93,0	7,0	102,3	7,6
2012	91,6	8,4	54,3	4,8	93,3	6,7	107,5	7,7
Δ%	1,5	-13,9	156,0	111,0	2,9	-28,5	199,0	113,0

Fonte: SM/SVS/MS.

3.7. Comparações internacionais

Como indicado no capítulo metodológico, as comparações internacionais foram possíveis pela estruturação e disponibilização, por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS), de uma base de dados de mortalidade no seu Whosis¹⁹ que abrange o conjunto de países-membros da organização. A enorme vantagem de utilizar essas bases são as definições unívocas e compartilhadas por todos os países-membros, com documentação especificamente desenvolvida e comissões nacionais que operam para seu ajuste e divulgação (as sucessivas versões corrigidas e melhoradas da Classificação Internacional de Doenças – CID – que já se encontra em sua 10ª versão). Mas, como os países demoram ou atrasam o envio de informações para o Whosis, se incluirmos a totalidade dos países, teremos informações muito defasadas no tempo. Por esse motivo, foram tabulados os resultados de 100 países do mundo cujo único critério de seleção foi possuir dados para um período relativamente homogêneo de tempo: entre 2008 e 2012.

Os resultados dessa comparação podem ser encontrados nas tabelas 3.7.1, referente à População Total, e na 3.7.2, com os dados correspondentes à População Jovem. Alguns aspectos merecem destaque.

- Em primeiro lugar, chamam a atenção os elevados índices do Brasil. Se em anos anteriores já esteve em situação ainda menos confortável, encabeçando o ordenamento em alguns capítulos ou ocupando um dos três primeiros lugares, sua queda para sétimo lugar nas taxas referentes à população total e para o oitavo lugar nos homicídios juvenis deve-se mais a uma forte eclosão de violência em alguns países, especialmente da América Central, do que a quedas em seus próprios índices.
- Regionalmente, os países da América Latina, incluindo o Caribe, destacam-se pelos seus elevados índices de violência homicida. Os primeiros lugares nas taxas do total da população correspondem a países da região, e prevalecem quando olhamos os dez primeiros lugares.

¹⁹ World Health Organization Statistical Information System (WHOSIS).

Tabela 3.7.1. Ordenamento dos países segundo Taxas de Homicídio (por 100 mil) na População Total. Último ano disponível entre 2008 e 2012.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
El Salvador	2009	62,4	1º
Guatemala	2008	46,4	2º
Trinidad e Tobago	2008	46,1	3º
Colômbia	2009	45,0	4º
Venezuela	2007	36,9	5º
Guadalupe	2009	29,3	6º
BRASIL	2010	27,4	7º
Belize	2009	27,3	8º
Puerto Rico	2007	25,7	9º
Bahamas	2008	24,9	10º
Panamá	2009	23,7	11º
México	2010	22,1	12º
Dominica	2010	22,0	13º
Barbados	2008	17,3	14º
Ilhas Cayman	2009	16,3	15º
Equador	2010	15,7	16º
Rússia	2010	13,3	17º
Filipinas	2008	13,0	18º
São Vicente e Granadinas	2010	12,5	19º
África do Sul	2009	10,4	20º
Paraguai	2009	10,0	21º
Costa Rica	2009	9,8	22º
Iraque	2008	9,4	23º
República Dominicana	2010	9,3	24º
Guiana	2008	9,0	25º
Cazaquistão	2010	8,6	26º
Suriname	2009	6,7	27º
Letônia	2012	6,3	28º
Quirguistão	2010	6,2	29º
Bielorrússia	2009	6,1	30º
República de Moldávia	2011	5,8	31º
Chile	2009	5,4	32º
EUA	2010	5,3	33º
Uruguai	2009	5,2	34º
Ucrânia	2011	5,2	35º
Lituânia	2010	5,2	36º
Nicarágua	2010	5,1	37º
Estônia	2011	4,9	38º
Cuba	2010	4,5	39º
Argentina	2010	4,4	40º
Aruba	2009	3,9	41º
Maurício	2011	3,3	42º
Suíça	2010	2,9	43º
Santa Lúcia	2008	2,5	44º
Jordânia	2009	2,3	45º
Israel	2010	2,1	46º
Montenegro	2009	2,1	47º

Tabela 3.7.2. Ordenamento dos países segundo Taxas de Homicídio (por 100 mil) na População Jovem. Último ano disponível entre 2008 e 2012.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
El Salvador	2009	119,6	1º
Trinidad e Tobago	2008	89,7	2º
Venezuela	2007	83,7	3º
Colômbia	2009	82,2	4º
Guatemala	2008	79,5	5º
Puerto Rico	2007	70,6	6º
Ilhas Cayman	2009	65,3	7º
BRASIL	2010	54,5	8º
Panamá	2009	49,5	9º
Belize	2009	42,6	10º
Bahamas	2008	41,4	11º
México	2010	32,7	12º
Barbados	2008	28,5	13º
Dominica	2010	26,2	14º
Equador	2010	26,1	15º
África do Sul	2009	18,7	16º
Paraguai	2009	15,2	17º
Costa Rica	2009	14,8	18º
República Dominicana	2010	14,7	19º
Filipinas	2008	14,6	20º
Iraque	2008	12,5	21º
Guadalupe	2009	12,2	22º
Rússia	2010	11,5	23º
São Vicente e Granadinas	2010	11,3	24º
EUA	2010	11,1	25º
Guiana	2008	9,8	26º
Chile	2009	9,5	27º
Aruba	2009	9,3	28º
Cazaquistão	2010	7,8	29º
Nicarágua	2010	7,8	30º
Argentina	2010	7,6	31º
Uruguai	2009	7,4	32º
Cuba	2010	6,5	33º
Bielorrússia	2009	5,3	34º
Quirguistão	2010	5,1	35º
Santa Lúcia	2008	4,8	36º
Suriname	2009	4,6	37º
Letônia	2012	4,0	38º
Jordânia	2009	3,6	39º
Canadá	2009	3,4	40º
Ucrânia	2011	3,3	41º
Israel	2010	3,2	42º
República de Moldávia	2011	3,1	43º
Lituânia	2010	2,9	44º
Estônia	2011	2,7	45º
Nova Zelândia	2009	2,5	46º
Escócia	2010	2,2	47º

(continua)

Tabela 3.7.1. - 3.7.2. (continuação)

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
Nova Zelândia	2009	2,0	48º
Romênia	2011	2,0	49º
Finlândia	2011	1,9	50º
Armênia	2011	1,8	51º
Canadá	2009	1,7	52º
Sérvia	2011	1,6	53º
Irlanda do Norte	2010	1,5	54º
Bulgária	2011	1,4	55º
Hungria	2011	1,4	56º
Escócia	2010	1,4	57º
Croácia	2011	1,2	58º
Chipre	2011	1,2	59º
Eslováquia	2010	1,2	60º
Antígua e Barbuda	2009	1,2	61º
Seychelles	2009	1,1	62º
República de Coreia	2011	1,1	63º
Bélgica	2009	1,1	64º
Polônia	2011	1,1	65º
Suécia	2010	1,0	66º
Austrália	2011	0,9	67º
Portugal	2011	0,9	68º
Fiji	2009	0,9	69º
República Tcheca	2011	0,9	70º
Holanda	2011	0,9	71º
Irlanda	2010	0,9	72º
Malásia	2008	0,8	73º
Dinamarca	2011	0,8	74º
Itália	2010	0,8	75º
Espanha	2011	0,7	76º
Noruega	2011	0,6	77º
França	2009	0,6	78º
Áustria	2011	0,5	79º
Alemanha	2011	0,5	80º
Eslovênia	2010	0,5	81º
Malta	2011	0,5	82º
Kuwait	2011	0,4	83º
Luxemburgo	2011	0,4	84º
Geórgia	2010	0,3	85º
Hong Kong	2011	0,3	86º
Japão	2011	0,3	87º
Islândia	2009	0,3	88º
Reino Unido	2010	0,3	89º
Brunei Darussalam	2009	0,3	90º
Catar	2009	0,3	91º
Marrocos	2008	0,2	92º
Egito	2011	0,2	93º
Inglaterra e Gales	2010	0,2	94º
Omã	2009	0,1	95º

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
Luxemburgo	2011	2,1	48º
Irlanda do Norte	2010	2,1	49º
Finlândia	2011	2,0	50º
Maurício	2011	2,0	51º
Armênia	2011	1,7	52º
Sérvia	2011	1,5	53º
Irlanda	2010	1,4	54º
Suíça	2010	1,4	55º
Suécia	2010	1,3	56º
Fiji	2009	1,3	57º
Holanda	2011	1,2	58º
Bélgica	2009	1,1	59º
Romênia	2011	1,1	60º
Malta	2011	1,1	61º
Austrália	2011	1,1	62º
Dinamarca	2011	1,1	63º
Malásia	2008	0,9	64º
Brunei Darussalam	2009	0,9	65º
Itália	2010	0,9	66º
República Tcheca	2011	0,9	67º
Eslováquia	2010	0,9	68º
Espanha	2011	0,8	69º
Geórgia	2010	0,8	70º
França	2009	0,7	71º
Bulgária	2011	0,7	72º
Portugal	2011	0,7	73º
Montenegro	2009	0,7	74º
Hungria	2011	0,6	75º
Polônia	2011	0,6	76º
República de Coreia	2011	0,5	77º
Kuwait	2011	0,5	78º
Croácia	2011	0,5	79º
Chipre	2011	0,5	80º
Marrocos	2008	0,5	81º
Reino Unido	2010	0,5	82º
Noruega	2011	0,4	83º
Áustria	2011	0,4	84º
Alemanha	2011	0,4	85º
Catar	2009	0,4	86º
Egito	2011	0,4	87º
Eslovênia	2010	0,3	88º
Japão	2011	0,2	89º
Inglaterra e Gales	2010	0,2	90º
Hong Kong	2011	0,1	91º
Antígua e Barbuda	2009	0,0	92º
Islândia	2009	0,0	93º
Omã	2009	0,0	94º
Seychelles	2009	0,0	95º

Fontes: Mortalidade: Whosis Mortality Databases.
População: Whosis, Census Bureau, ONU Population Division.

- Nos últimos anos, países da América Central, como El Salvador ou Guatemala, substituíram a Colômbia no trágico reinado que, durante décadas, ostentou esse país nos *rankings* da violência internacional²⁰.
- Esse fato representa não só uma mudança geográfica, mas também conceitual, e permite verificar a existência de um processo de reconfiguração da violência homicida na região. Historicamente, os polos dinâmicos da violência encontravam-se localizados na América do Sul, principalmente na Colômbia e no Brasil. Colômbia, por seu longo histórico de violência ligada ao narcotráfico e/ou à guerrilha; o Brasil, também parcialmente ligado ao narcotráfico, principalmente em alguns estados de forte consumo pelo seu poder aquisitivo, ou por ser rota para sua distribuição internacional, ou por uma exacerbada cultura da violência. Assim, apesar de não ser totalmente correto, nas últimas décadas, o termo *violência* na América Latina virou sinônimo de tráfico, com seu aparelho criminal infiltrado nas diversas instâncias da sociedade civil e política e seus assentamentos territoriais nas zonas mais pobres das cidades. Os dados pesquisados indicam, por um lado, quedas significativas nos elevados índices da Colômbia a partir do ano de 2002 e, também, declínio ou estagnação no Brasil a partir de 2003. Paralelamente, os índices de El Salvador e Guatemala crescem de forma drástica, aproximadamente, na mesma época, a partir de mecanismos de violência ligados, principalmente, a gangues juvenis. Com isso, se no continente Sul observa-se um arrefecimento, o crescimento dos índices na América Central faz com que países dessa região ultrapassem os níveis de violência homicida tanto do Brasil quanto, e principalmente, da Colômbia, fato inédito nas últimas décadas.
- Temos que observar, também, que inclusive os países que apresentam as menores taxas de homicídio na América Latina, quando confrontadas no contexto internacional, assumem uma posição intermediária, ou até mesmo encontram-se entre os países de violência elevada. Assim, as menores taxas regionais (no Uruguai, Argentina, Nicarágua e Cuba) com índices entre quatro e seis homicídios em 100 mil habitantes, encontram-se em situação de intermediária para cima no ordenamento internacional, isto é, no grupo das taxas moderadas para acima e bem longe da maior parte dos países da Europa ou da Ásia, cujos índices nem chegam a dois homicídios em 100 mil habitantes. Também a menor taxa de homicídios jovens, a de Cuba, encontra-se na posição 33ª, bem acima da média internacional.

²⁰ Relatório de Desenvolvimento Humano da América Central 2009/2010, recentemente divulgado pelo PNUD, constata que os índices da região continuaram aumentando vertiginosamente.

4. ACIDENTES DE TRANSPORTE

4.1. Código de Trânsito e acidentes

Em 1997 foi aprovado o Código de Trânsito Brasileiro, instituído pela Lei nº 9.503, de setembro desse ano, instrumento que originou uma série de alterações visando enfrentar o surto de violência que vinha crescendo pesadamente desde inícios da década de 1990. Como a lei teve um impacto significativo na dinâmica dos acidentes, ao menos nos primeiros anos, neste item teremos que começar as nossas análises a partir de 1992, alguns anos antes da aprovação da lei.

Para entender melhor a situação da juventude nesse processo, vamos dividir o conjunto da população em dois grandes grupos: os *jovens* – segmento da população na faixa dos 15 aos 29 anos de idade – e os *não jovens* – aqueles que ainda não chegaram aos 15 anos de idade, e os que estão por acima, isto é, com 30 anos ou mais de idade. Com essa classificação poderemos comparar a situação e a evolução de ambas as taxas, indicador que denominaremos *Índice Vitimização Juvenil*²¹ nos acidentes de transporte.

Considerando os anos 1992 a 2012, na tabela e gráfico 4.1.1 pode-se observar a existência de uma marcada inflexão na evolução da mortalidade, o que permite caracterizar três grandes períodos relacionados com esse Código.

No primeiro período, que se inicia em 1992 e vai até 1997, data de entrada em vigor da nova lei, observam-se fortes aumentos na mortalidade, especialmente a juvenil. Nesse período, as taxas jovens aumentam 26,6%, enquanto as do resto da população 20,3%. Com isso, a vitimização de jovens nos acidentes de transporte aumenta 28,2%.

O segundo período, que se inicia em 1997 e vai até o ano 2000, já com a lei em vigor, registra uma forte retração, principalmente em 1998, seu primeiro ano de vigência, quando a queda foi superior a 13%. Nos anos subsequentes, as quedas foram bem menores, 2% ao ano, em média. No período, as taxas caem, com maior intensidade entre os jovens, o que leva a vitimização a cair 17,6%.

²¹ Resulta da relação percentual entre a taxa de óbitos em acidentes de transporte da População Jovem e o da População Não Jovem. Um valor próximo de zero indica que, proporcionalmente, morrem equitativamente jovens e não jovens. Quanto maior o índice acima de zero, maior vitimização: indica a percentagem de mais mortalidade de jovens. Se o valor percentual é negativo, significa que a juventude é protegida: morrem proporcionalmente mais *não jovens* que *jovens*.

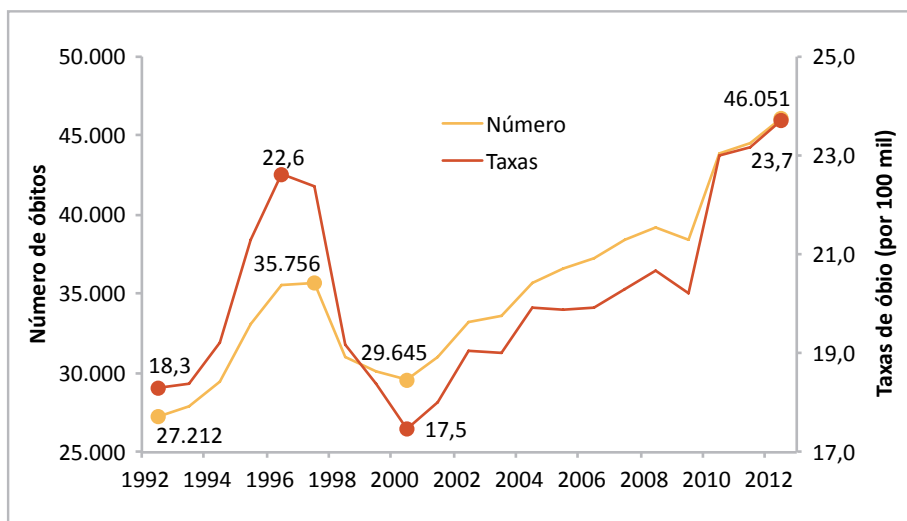
Tabela 4.1.1. Número e taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte. População Jovem, Não Jovem e Total. Brasil. 1992/2012.

Ano	Número			Taxas (por 100 mil)			Vitimização juvenil
	Total	Jovem	Não Jovem	Total	Jovem	Não Jovem	
1992	27.212	8.808	18.404	18,3	21,1	17,2	22,8
1993	27.852	8.993	18.859	18,4	21,2	17,3	22,6
1994	29.529	9.885	19.644	19,2	23,0	17,7	29,4
1995	33.155	10.743	22.412	21,3	24,6	20,0	23,2
1996	35.545	11.572	23.973	22,6	26,3	21,2	23,8
1997	35.756	11.987	23.769	22,4	26,8	20,7	29,3
1998	31.026	10.221	20.805	19,2	22,5	17,9	25,8
1999	30.118	9.954	20.164	18,4	21,6	17,1	26,4
2000	29.645	9.724	19.921	17,5	20,3	16,3	24,1
2001	31.031	10.141	20.890	18,0	20,8	16,9	23,3
2002	33.288	11.307	21.981	19,1	22,9	17,5	30,6
2003	33.620	11.397	22.223	19,0	22,8	17,5	30,2
2004	35.674	12.167	23.507	19,9	24,0	18,3	31,3
2005	36.611	12.561	24.050	19,9	24,1	18,2	32,4
2006	37.249	12.822	24.427	19,9	24,3	18,2	33,0
2007	38.419	13.570	24.849	20,3	25,8	18,2	42,3
2008	39.211	13.820	25.391	20,7	26,6	18,5	44,0
2009	38.469	13.253	25.216	20,2	25,5	18,1	41,2
2010	43.908	15.058	28.850	23,0	29,3	20,7	41,7
2011	44.553	15.021	29.532	23,2	29,0	21,0	38,1
2012	46.051	15.362	30.689	23,7	29,4	21,7	35,8
Δ% 1992/97	31,4	36,1	29,2	22,4	26,6	20,3	28,2
Δ% 1997/00	-17,1	-18,9	-16,2	-22,1	-24,2	-21,0	-17,6
Δ% 2000/07	29,6	39,6	24,7	16,2	27,4	11,1	75,6
Δ% 2007/12	19,9	13,2	23,5	16,8	13,8	19,2	-15,4

Fonte: SIM/SVS/MS.

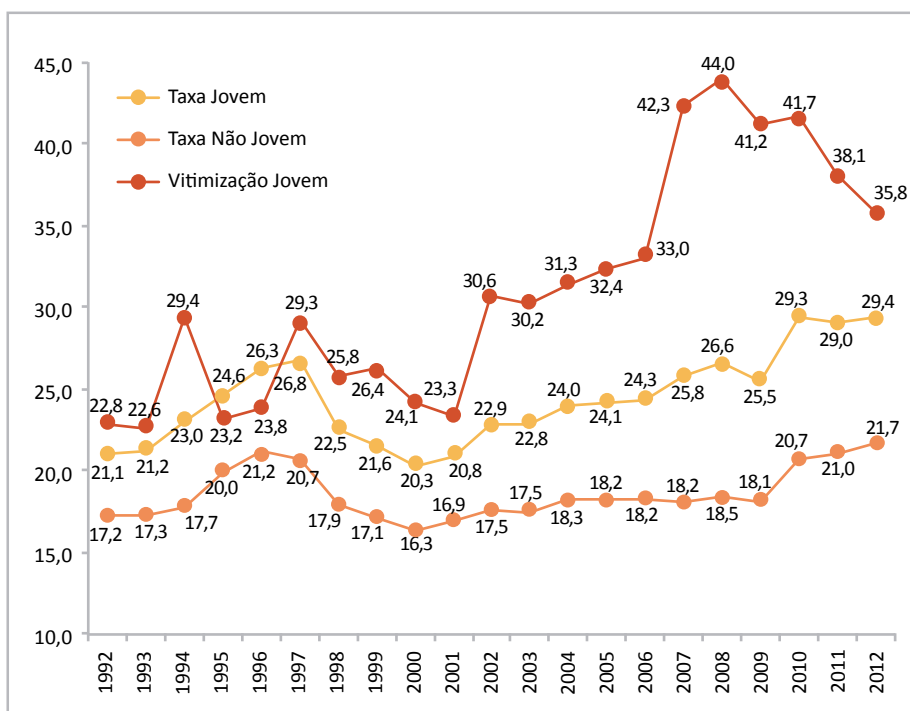
A partir da virada de século, os índices crescem novamente de forma quase constante e sistemática. Já em 2004, os quantitativos retornam ao patamar de 1997, para continuar crescendo. Entre 2000 e 2007, as taxas juvenis crescem 27,4%, bem acima das taxas do resto da população, que só cresceu 11,1%. Grande aumento da vitimização jovem, que coincide, como será visto mais à frente, com o *boom* da motocicleta e da mortalidade dos motociclistas, preferentemente jovens.

Gráfico 4.1.1. Número e taxas de óbito por acidentes de transporte. População Total. 1992/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.1.2. Taxas de óbito em acidentes de transporte e vitimização juvenil. Brasil. 1992/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

O último período vai de 2007 a 2012, quando as taxas jovens crescem 13,8%, mas as não jovens crescem mais ainda: 19,2% e a vitimização juvenil diminui. Mas essas quedas na vitimização juvenil resultam não de uma melhoria nas taxas juvenis, que crescem 13,8%, mas do aumento significativo de 19,2% nas taxas no resto da população.

4.2. Evolução dos óbitos por acidentes de transporte nas unidades federadas

Considerando exclusivamente o período de 2002 a 2012, na tabela 4.2.1 fica evidente o crescimento das mortes nos acidentes de transporte: 38,3% na década, o que representa um crescimento médio de 3,3% ao ano.

As regiões Norte e Nordeste são as que ostentam os maiores índices de crescimento, com um aumento de 64,8% na primeira e de 76,0% na segunda. Na região Norte destacam-se Pará e Rondônia, com crescimento decenal acima de 80%. Mas alguns estados do Nordeste superam amplamente esse patamar: Bahia, Maranhão e Piauí mais que duplicam seus números. Também nas regiões Centro-Oeste – 26,5%, Sul – 19,9% e Sudeste – 23,7% acompanharam o crescimento Norte-Nordeste, mas em escala notadamente menor, com destaque para Minas Gerais, onde os números crescem 59,2% e para o Paraná, com 37,7%.

Menção positiva, a única unidade que consegue diminuir o número de mortes com acidentes de transporte na década é o Distrito Federal, cujo índice cai 8,1%.

A tabela 4.2.2 possibilita acompanhar a evolução das mortes por acidentes de transporte na população jovem. Em primeiro lugar, podemos verificar que o aumento decenal de 35,9% foi bem semelhante ao da população total e com situações regionais também similares às observadas para a população em seu conjunto. Elevadas taxas no Norte/Nordeste, menores no resto do país.

As tabelas 4.2.3 e 4.2.4 relacionam esses quantitativos com as respectivas populações: são as taxas de óbitos por acidentes de transporte (por 100 mil).

Tabela 4.2.1. Óbitos por acidentes de transporte na População Total, por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	134	101	87	99	85	102	119	126	141	168	164	22,4	-2,4
Amapá	127	116	119	110	123	100	95	113	136	155	127	0,0	-18,1
Amazonas	315	340	404	414	437	382	469	421	502	554	511	62,2	-7,8
Pará	909	918	911	1.011	1.054	1.112	1.174	1.065	1.449	1.458	1.685	85,4	15,6
Rondônia	367	399	386	427	456	381	487	513	613	603	674	83,7	11,8
Roraima	141	84	85	105	111	145	122	129	147	137	151	7,1	10,2
Tocantins	368	370	471	400	364	453	482	468	541	556	580	57,6	4,3
NORTE	2.361	2.328	2.463	2.566	2.630	2.675	2.948	2.835	3.529	3.631	3.892	64,8	7,2
Alagoas	590	525	571	595	579	669	602	673	798	860	846	43,4	-1,6
Bahia	1.344	1.310	1.326	1.790	1.753	1.968	1.785	1.889	2.662	2.745	2.991	122,5	9,0
Ceará	1.525	1.586	1.686	1.766	1.704	1.736	1.756	1.599	2.210	2.247	2.492	63,4	10,9
Maranhão	682	682	766	909	850	1.041	1.164	1.154	1.337	1.517	1.705	150,0	12,4
Paraíba	675	541	656	665	713	722	818	804	838	811	996	47,6	22,8
Pernambuco	1.503	1.405	1.423	1.427	1.453	1.450	1.561	1.800	1.990	2.011	2.077	38,2	3,3
Piauí	536	541	585	643	781	785	839	915	1.056	1.092	1.215	126,7	11,3
Rio Grande do Norte	429	399	437	461	487	479	471	507	658	607	613	42,9	1,0
Sergipe	434	404	454	393	376	445	476	537	631	590	652	50,2	10,5
NORDESTE	7.718	7.393	7.904	8.649	8.696	9.295	9.472	9.878	12.180	12.480	13.587	76,0	8,9
Espírito Santo	954	859	874	878	949	1.054	1.071	964	1.151	1.159	1.187	24,4	2,4
Minas Gerais	2.947	3.129	3.518	3.615	3.862	4.007	4.121	4.087	4.578	4.830	4.692	59,2	-2,9
Rio de Janeiro	2.832	2.856	2.921	2.936	3.137	2.726	2.639	2.373	2.918	2.796	3.068	8,3	9,7
São Paulo	6.404	7.025	7.045	7.184	7.305	7.802	7.748	7.164	7.460	7.681	7.306	14,1	-4,9
SUDESTE	13.137	13.869	14.358	14.613	15.253	15.589	15.579	14.588	16.107	16.466	16.253	23,7	-1,3
Paraná	2.647	2.809	3.136	3.028	2.978	3.211	3.233	3.144	3.460	3.387	3.646	37,7	7,6
Rio Grande do Sul	2.094	2.029	2.113	2.045	1.985	1.954	2.061	2.029	2.249	2.086	2.115	1,0	1,4
Santa Catarina	1.670	1.683	1.836	1.899	1.962	1.934	1.857	1.844	1.865	2.029	1.927	15,4	-5,0
SUL	6.411	6.521	7.085	6.972	6.925	7.099	7.151	7.017	7.574	7.502	7.688	19,9	2,5
Distrito Federal	604	684	585	610	581	630	616	582	640	644	555	-8,1	-13,8
Goiás	1.540	1.454	1.629	1.563	1.437	1.505	1.656	1.726	1.949	1.865	2.062	33,9	10,6
Mato Grosso	889	769	943	888	1.038	928	1.071	1.129	1.133	1.102	1.184	33,2	7,4
Mato Grosso do Sul	628	601	707	749	689	698	718	714	796	863	830	32,2	-3,8
CENTRO-OESTE	3.661	3.508	3.864	3.810	3.745	3.761	4.061	4.151	4.518	4.474	4.631	26,5	3,5
BRASIL	33.288	33.619	35.674	36.610	37.249	38.419	39.211	38.469	43.908	44.553	46.051	38,3	3,4

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.2.2. Óbitos por acidentes de transporte na População Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	41	47	34	36	29	36	47	45	51	57	49	19,5	-14,0
Amapá	50	41	43	36	40	39	37	40	43	54	47	-6,0	-13,0
Amazonas	117	119	126	144	155	131	188	135	160	164	183	56,4	11,6
Pará	348	339	322	365	346	403	427	398	584	526	609	75,0	15,8
Rondônia	117	126	133	122	138	114	173	179	201	187	218	86,3	16,6
Roraima	54	43	28	36	36	50	39	32	52	44	59	9,3	34,1
Tocantins	124	140	156	142	118	155	168	148	184	177	177	42,7	0,0
NORTE	851	855	842	881	862	928	1.079	977	1.275	1.209	1.342	57,7	11,0
Alagoas	196	178	192	198	191	243	243	233	266	287	260	32,7	-9,4
Bahia	482	452	449	631	581	652	597	670	871	863	981	103,5	13,7
Ceará	512	541	565	601	603	627	635	604	816	760	886	73,0	16,6
Maranhão	236	240	263	332	305	396	459	420	486	570	625	164,8	9,6
Paraíba	239	183	236	255	273	268	309	312	306	289	366	53,1	26,6
Pernambuco	519	481	490	496	540	505	551	637	706	730	740	42,6	1,4
Piauí	189	183	225	242	312	305	299	331	393	417	416	120,1	-0,2
Rio Grande do Norte	154	159	152	145	203	174	175	194	234	190	209	35,7	10,0
Sergipe	162	146	164	136	139	158	162	193	231	218	238	46,9	9,2
NORDESTE	2.689	2.563	2.736	3.036	3.147	3.328	3.430	3.594	4.309	4.324	4.721	75,6	9,2
Espírito Santo	331	277	305	308	314	379	369	367	396	377	389	17,5	3,2
Minas Gerais	948	1.001	1.141	1.165	1.257	1.365	1.403	1.285	1.484	1.586	1.510	59,3	-4,8
Rio de Janeiro	845	900	866	896	1.002	926	832	712	879	885	936	10,8	5,8
São Paulo	2.252	2.446	2.543	2.529	2.564	2.818	2.852	2.501	2.574	2.643	2.442	8,4	-7,6
SUDESTE	4.376	4.624	4.855	4.898	5.137	5.488	5.456	4.865	5.333	5.491	5.277	20,6	-3,9
Paraná	839	940	1.024	1.007	1.037	1.116	1.149	1.070	1.197	1.146	1.224	45,9	6,8
Rio Grande do Sul	649	643	659	673	654	632	663	697	739	635	638	-1,7	0,5
Santa Catarina	601	601	712	770	766	752	683	687	681	742	684	13,8	-7,8
SUL	2.089	2.184	2.395	2.450	2.457	2.500	2.495	2.454	2.617	2.523	2.546	21,9	0,9
Distrito Federal	230	241	207	197	185	244	194	183	187	200	182	-20,9	-9,0
Goiás	530	481	538	528	483	509	569	556	637	580	627	18,3	8,1
Mato Grosso	349	259	366	308	320	328	354	385	390	398	391	12,0	-1,8
Mato Grosso do Sul	193	189	228	262	231	245	243	239	310	296	276	43,0	-6,8
CENTRO-OESTE	1.302	1.170	1.339	1.295	1.219	1.326	1.360	1.363	1.524	1.474	1.476	13,4	0,1
BRASIL	11.307	11.396	12.167	12.560	12.822	13.570	13.820	13.253	15.058	15.021	15.362	35,9	2,3

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.2.3. Taxas de óbitos (por 100 mil) em acidentes de transporte na População Total. UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	22,8	16,8	14,2	14,8	12,4	14,5	17,5	18,2	19,9	22,5	21,6	-5,3	-4,0
Amapá	24,6	21,7	21,5	18,5	20,0	15,7	15,5	18,0	21,2	22,7	18,2	-26,1	-19,7
Amazonas	10,6	11,2	13,0	12,8	13,2	11,3	14,0	12,4	14,7	15,7	14,2	33,8	-9,1
Pará	14,1	14,0	13,6	14,5	14,8	15,3	16,0	14,3	19,4	19,0	21,5	52,9	13,6
Rondônia	25,6	27,4	26,1	27,8	29,2	24,0	32,6	34,1	40,1	38,3	42,4	65,4	10,8
Roraima	40,6	23,5	23,1	26,8	27,5	34,9	29,6	30,6	34,1	29,8	32,2	-20,9	8,0
Tocantins	30,5	30,1	37,6	30,6	27,3	33,3	37,6	36,2	40,6	39,7	40,9	34,2	3,1
NORTE	17,5	16,9	17,5	17,5	17,5	17,4	19,5	18,5	22,8	22,6	23,8	36,2	5,5
Alagoas	20,4	18,0	19,4	19,7	19,0	21,7	19,2	21,3	25,5	27,4	26,7	30,8	-2,3
Bahia	10,1	9,7	9,8	13,0	12,6	14,0	12,3	12,9	18,7	19,5	21,1	109,2	8,4
Ceará	19,9	20,4	21,4	21,8	20,7	20,8	20,8	18,7	26,1	26,3	29,0	45,3	9,9
Maranhão	11,8	11,6	12,9	14,9	13,7	16,6	18,5	18,1	20,8	22,8	25,4	116,1	11,2
Paraíba	19,3	15,4	18,5	18,5	19,7	19,8	21,9	21,3	22,3	21,4	26,1	35,2	22,0
Pernambuco	18,6	17,2	17,3	17,0	17,1	16,9	17,9	20,4	22,7	22,7	23,3	25,1	2,5
Piauí	18,5	18,5	19,8	21,4	25,7	25,6	26,9	29,1	33,9	34,8	38,4	107,8	10,5
Rio Grande do Norte	15,0	13,8	14,9	15,4	16,0	15,5	15,2	16,2	21,0	19,0	19,0	26,3	0,1
Sergipe	23,5	21,6	23,9	20,0	18,8	21,9	23,8	26,6	31,0	28,2	30,9	31,4	9,4
NORDESTE	15,8	15,0	15,9	17,0	16,8	17,8	17,8	18,4	22,9	23,3	25,2	59,5	8,1
Espírito Santo	29,8	26,4	26,5	25,8	27,4	29,9	31,0	27,6	33,0	32,7	33,2	11,3	1,5
Minas Gerais	16,1	16,9	18,8	18,8	19,8	20,3	20,8	20,4	23,2	24,5	23,6	47,1	-3,5
Rio de Janeiro	19,2	19,2	19,4	19,1	20,2	17,3	16,6	14,8	18,3	17,4	18,9	-1,7	8,9
São Paulo	16,8	18,1	18,0	17,8	17,8	18,7	18,9	17,3	18,1	18,5	17,4	3,9	-5,6
SUDESTE	17,6	18,4	18,8	18,6	19,2	19,3	19,4	18,0	20,1	20,3	19,9	12,9	-2,0
Paraná	27,0	28,4	31,3	29,5	28,7	30,5	30,5	29,4	32,9	32,2	34,5	27,6	7,0
Rio Grande do Sul	20,1	19,3	19,9	18,9	18,1	17,6	19,0	18,6	20,9	19,4	19,6	-2,4	1,0
Santa Catarina	30,2	30,0	32,3	32,4	32,9	32,0	30,7	30,1	30,3	32,1	30,2	-0,1	-6,0
SUL	24,9	25,1	26,9	25,8	25,4	25,7	26,0	25,3	27,6	27,2	27,7	11,3	1,9
Distrito Federal	28,1	31,2	26,2	26,1	24,4	25,9	24,1	22,3	25,0	24,7	21,0	-25,6	-15,1
Goiás	29,6	27,4	30,2	27,8	25,1	25,8	28,3	29,1	32,9	30,7	33,5	13,3	9,2
Mato Grosso	34,1	29,0	35,0	31,7	36,3	31,9	36,2	37,6	37,8	35,8	38,0	11,4	6,1
Mato Grosso do Sul	29,3	27,7	32,2	33,1	30,0	29,9	30,7	30,2	33,3	34,8	33,1	12,9	-4,9
CENTRO-OESTE	30,3	28,5	30,8	29,3	28,2	27,8	29,7	29,9	32,6	31,4	32,1	6,1	2,2
BRASIL	19,1	19,0	19,9	19,9	19,9	20,3	20,7	20,1	23,1	23,2	23,7	24,5	2,5

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.2.4. Taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte na População Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	23,2	26,0	18,4	17,8	14,0	17,1	23,3	22,1	23,8	26,1	22,1	-4,9	-15,4
Amapá	31,1	24,6	25,0	19,5	20,9	20,1	19,9	21,2	20,9	25,7	21,9	-29,6	-14,7
Amazonas	12,9	12,8	13,3	14,6	15,3	12,6	18,5	13,1	15,6	15,7	17,3	33,6	10,0
Pará	18,0	17,2	16,0	17,4	16,2	18,3	19,2	17,7	26,0	23,1	26,3	46,4	13,8
Rondônia	27,3	28,9	30,0	26,6	29,5	24,1	39,2	40,6	44,3	40,9	47,2	72,7	15,5
Roraima	52,1	40,3	25,5	30,8	29,9	40,6	32,2	26,1	38,9	32,2	42,3	-18,9	31,4
Tocantins	34,7	38,4	42,0	36,5	29,7	37,7	44,0	38,7	46,4	44,1	43,5	25,2	-1,3
NORTE	20,9	20,6	19,9	19,9	19,0	19,9	23,6	21,2	27,3	25,5	27,8	33,1	9,3
Alagoas	23,2	20,9	22,3	22,4	21,4	27,1	27,0	26,0	30,4	32,6	29,3	26,2	-10,0
Bahia	12,1	11,2	11,0	15,2	13,9	15,5	14,0	15,9	22,1	21,8	24,6	104,1	13,0
Ceará	24,0	25,0	25,8	26,6	26,3	25,7	25,8	24,3	33,8	31,2	36,1	50,2	15,5
Maranhão	13,8	13,9	15,1	18,5	16,8	20,3	23,5	21,5	25,1	29,2	31,6	128,5	8,5
Paraíba	24,2	18,4	23,6	25,1	26,6	25,2	28,6	29,0	29,8	28,0	35,2	45,4	25,8
Pernambuco	22,2	20,3	20,5	20,3	21,9	20,5	22,2	25,8	29,3	30,0	30,2	36,4	0,6
Piauí	22,3	21,4	26,1	27,5	35,2	32,8	32,0	35,6	44,7	47,1	46,7	109,0	-0,9
Rio Grande do Norte	19,0	19,4	18,3	17,0	23,5	19,4	19,5	21,6	26,1	21,0	22,9	20,5	9,0
Sergipe	29,6	26,3	29,1	23,3	23,4	26,5	28,0	33,4	39,0	36,4	39,4	32,9	8,1
NORDESTE	18,9	17,8	18,8	20,4	20,9	21,5	22,1	23,2	28,8	28,7	31,0	64,1	8,3
Espírito Santo	36,0	29,7	32,2	31,4	31,5	38,4	38,8	38,8	41,8	39,4	40,3	12,1	2,3
Minas Gerais	18,6	19,4	21,8	21,7	23,1	25,4	26,2	24,1	28,8	30,5	28,9	55,6	-5,4
Rio de Janeiro	21,8	23,0	21,9	22,1	24,5	23,7	21,4	18,4	22,3	22,3	23,4	7,3	5,0
São Paulo	21,0	22,5	23,1	22,3	22,2	25,6	26,7	23,6	24,0	24,4	22,4	6,5	-8,3
SUDESTE	21,2	22,2	23,0	22,5	23,3	25,8	26,1	23,4	25,7	26,2	25,0	17,8	-4,6
Paraná	31,3	34,6	37,3	35,7	36,3	39,6	40,8	37,8	44,2	42,0	44,6	42,6	6,1
Rio Grande do Sul	24,5	24,0	24,4	24,4	23,4	22,4	24,1	25,3	28,0	24,0	24,0	-2,2	0,1
Santa Catarina	40,0	39,4	46,0	48,1	47,1	46,1	42,1	42,1	40,6	43,7	39,9	-0,2	-8,8
SUL	30,6	31,6	34,2	34,1	33,8	34,4	34,7	34,0	37,2	35,7	35,7	17,0	0,3
Distrito Federal	33,2	34,1	28,7	26,2	24,0	34,8	26,7	25,0	25,4	26,8	24,0	-27,6	-10,3
Goiás	34,5	30,7	33,7	31,7	28,5	31,0	35,1	34,2	38,7	34,8	37,2	7,8	6,7
Mato Grosso	44,9	32,7	45,4	36,8	37,5	38,9	41,8	45,3	45,6	45,9	44,5	-0,9	-3,1
Mato Grosso do Sul	31,9	30,9	36,7	41,0	35,6	37,8	37,7	37,0	46,7	44,1	40,7	27,3	-7,8
CENTRO-OESTE	36,1	31,8	35,8	33,3	30,7	34,6	35,4	35,4	39,1	37,3	36,9	2,3	-1,1
BRASIL	22,9	22,8	24,0	24,1	24,3	25,8	26,6	25,5	29,3	29,0	29,4	28,3	1,4

Fonte: SIM/SVS/MS.

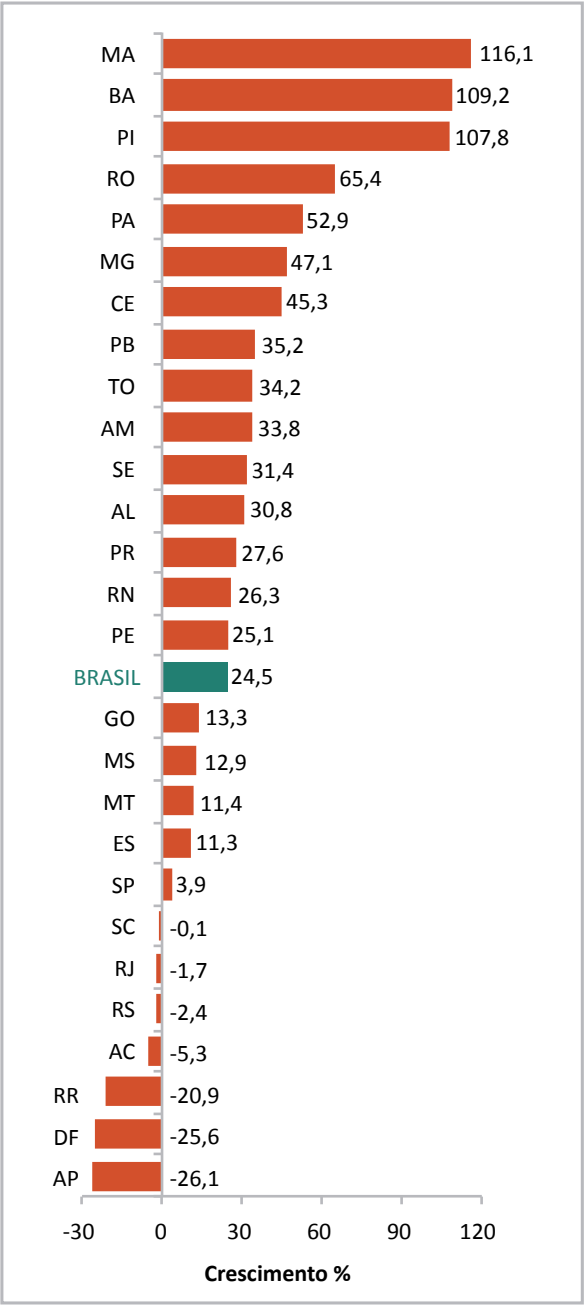
A tabela 4.2.3 e os gráficos 4.2.1 e 4.2.2 permitem verificar as enormes disparidades regionais e/ou estaduais com relação às taxas e ao crescimento da mortalidade por acidentes de transporte na População Total:

- A maior taxa regional em 2012 pode ser encontrada na região Centro-Oeste: 32,1 óbitos por 100 mil habitantes, seguida pela região Sul, com 27,7. O Sudeste apresenta a menor média regional: 19,9. Norte e Nordeste encontram-se em posição intermediária: 23,8 e 25,2 respectivamente.
- Se entre as macrorregiões a variabilidade é reduzida, o mesmo não acontece entre as UFs. Rondônia e Tocantins são os únicos estados a superar a barreira dos 40 óbitos por 100 mil habitantes na População Total em 2012. Amazonas e São Paulo exibem as menores taxas: 14,2 e 17,4 respectivamente.
- Na década, Maranhão, Bahia e Piauí mais que duplicaram suas taxas de mortes no transporte. Em Roraima, Distrito Federal e Amapá, em contrapartida, as taxas caíram mais de 20%. Outros quatro estados compartilham com esses dois o fato de fazer suas taxas caírem, mas em menor escala: Acre, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina.
- Considerando a evolução entre 2011 e 2012 (gráfico 4.2.2), vemos Paraíba com um surto de 22% de aumento. Crescimento elevado também, acima de 10%, no estado do Maranhão, Pará, Rondônia e Piauí. Já o Amapá e o Distrito Federal apresentam quedas bem significativas: acima de 15%.

No caso da População Jovem, a tabela 4.2.4 e os gráficos 4.2.2 e 4.2.4 permitem também estabelecer algumas peculiaridades:

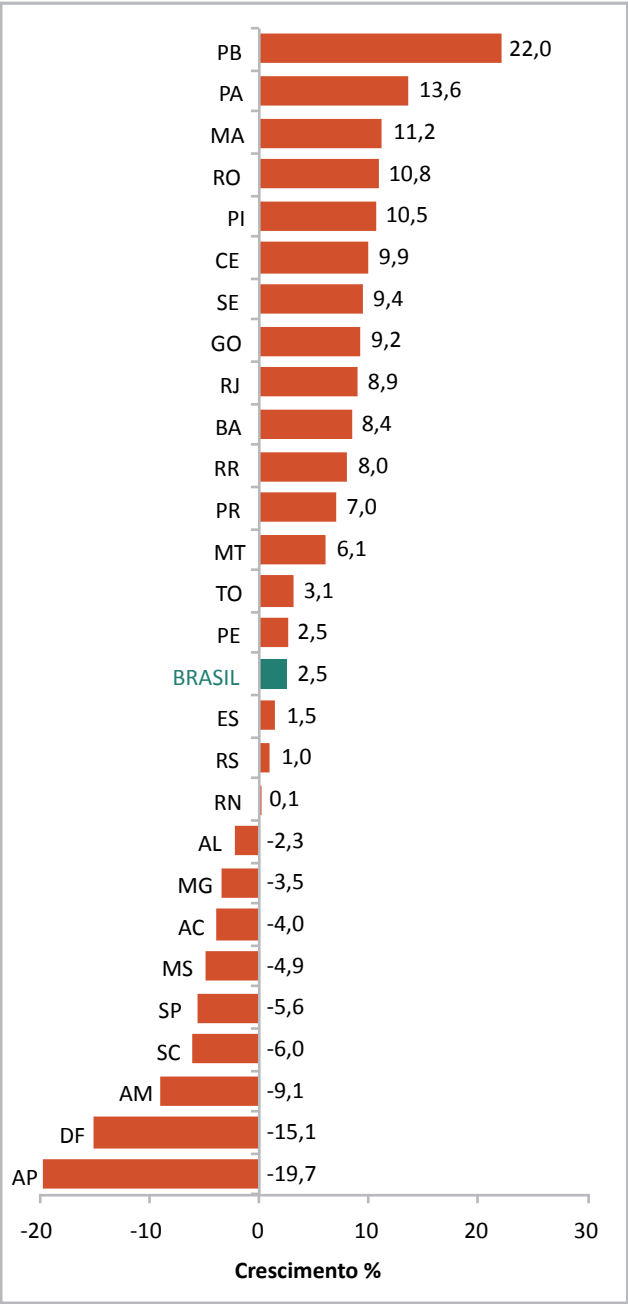
- As mesmas UFs que encabeçam o ordenamento de crescimento na década na População Total, Maranhão, Piauí e Bahia, também são as de maior incidência na População Jovem.
- No último ano, Roraima e Paraíba experimentaram uma eclosão de violência no transporte de sua População Jovem, com um crescimento acima de 25% de um ano para outro.
- Já Acre, Distrito Federal e Amapá evidenciaram redução acima de 10% em suas taxas.

Gráfico 4.2.1. Crescimento das taxas no transporte. População Total por UF. 2002/2012.



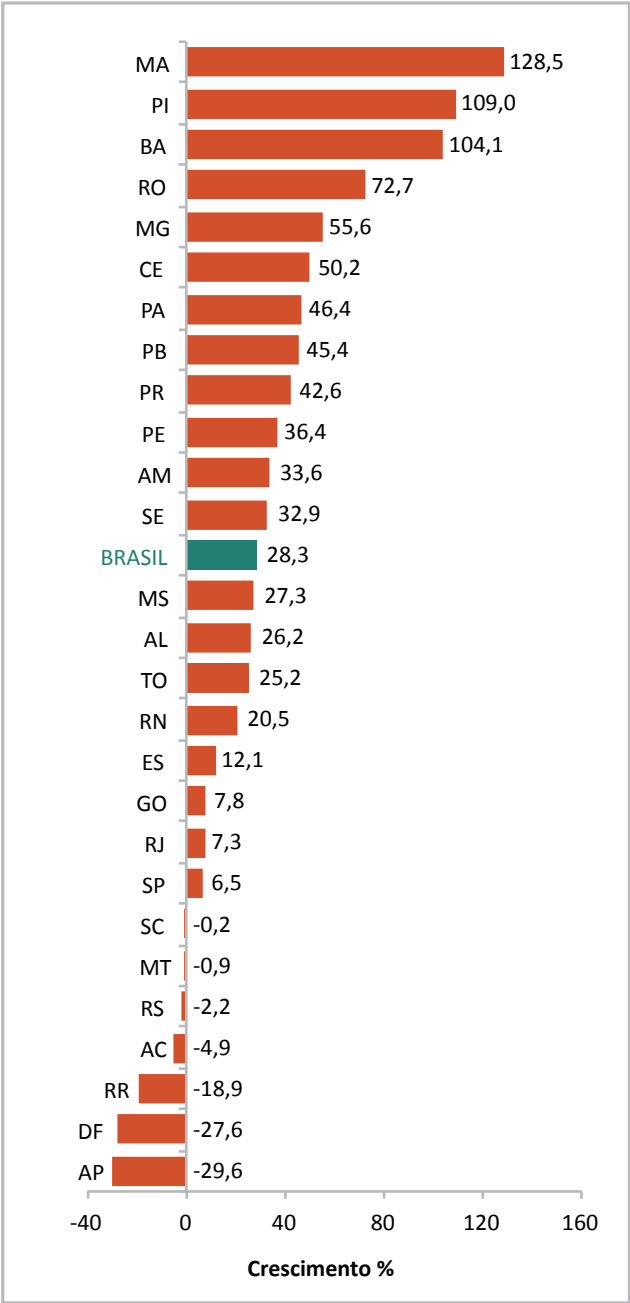
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.2.2. Crescimento das taxas no transporte. População Total por UF. 2011/2012.



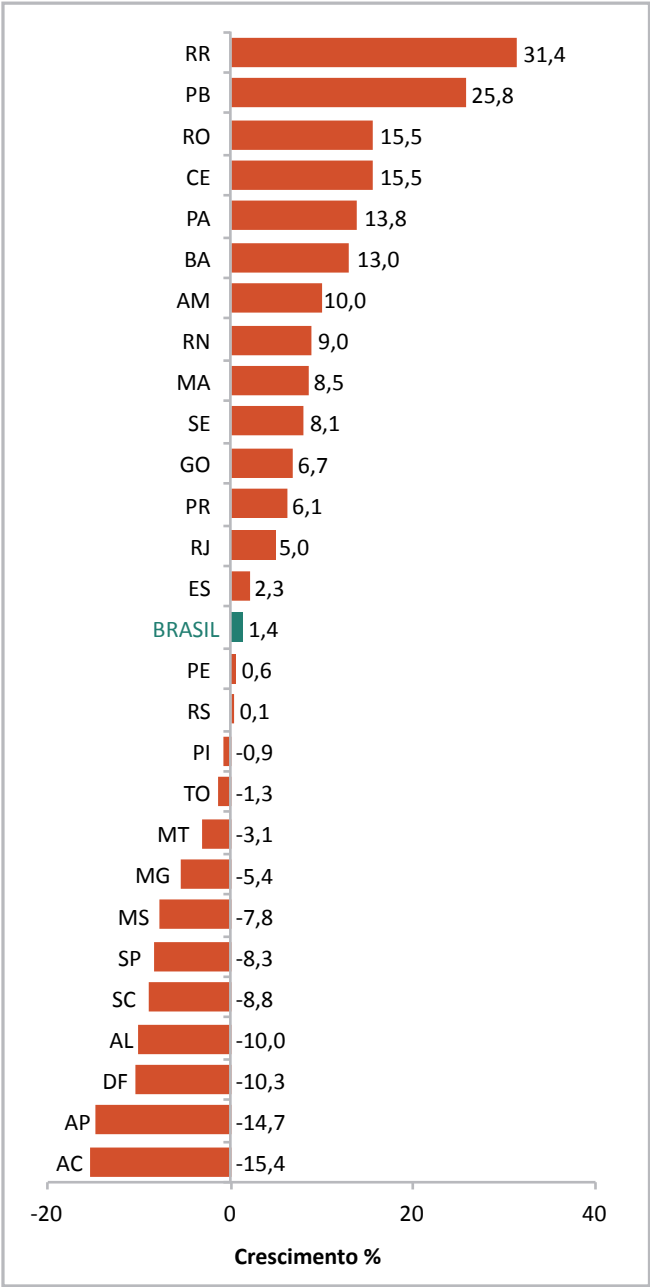
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.2.3. Crescimento das taxas no transporte. População Jovem por UF. 2002/2012.



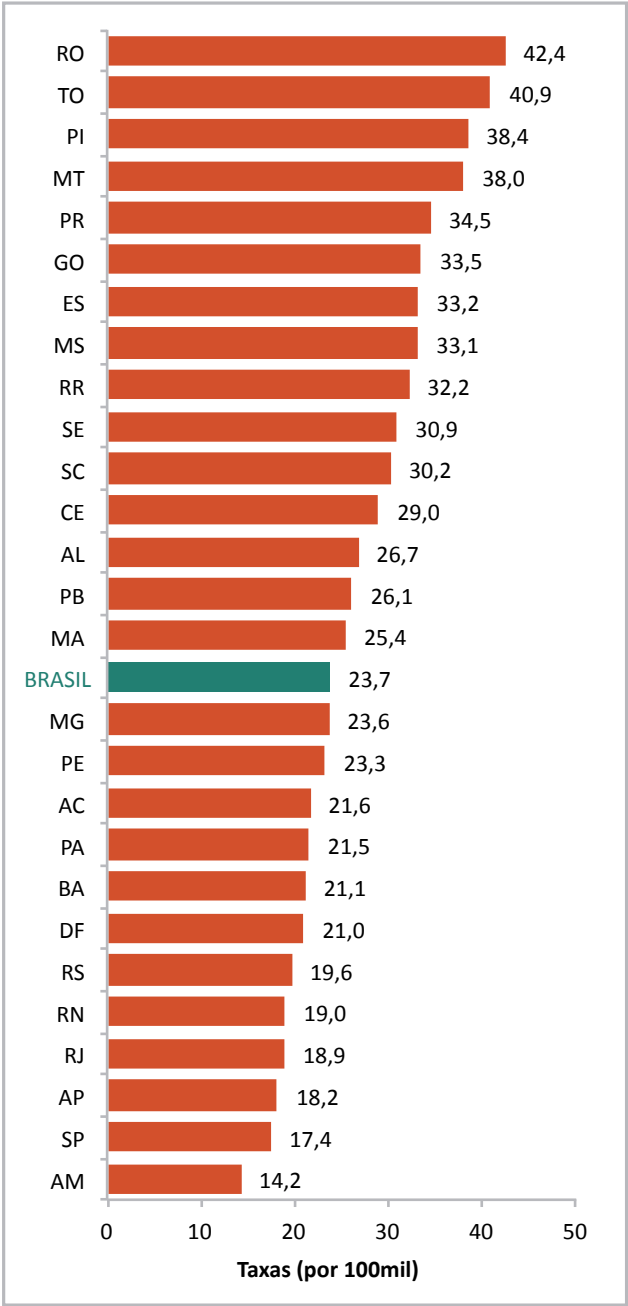
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.2.4. Crescimento das taxas no transporte. População Jovem por UF. 2011/2012.



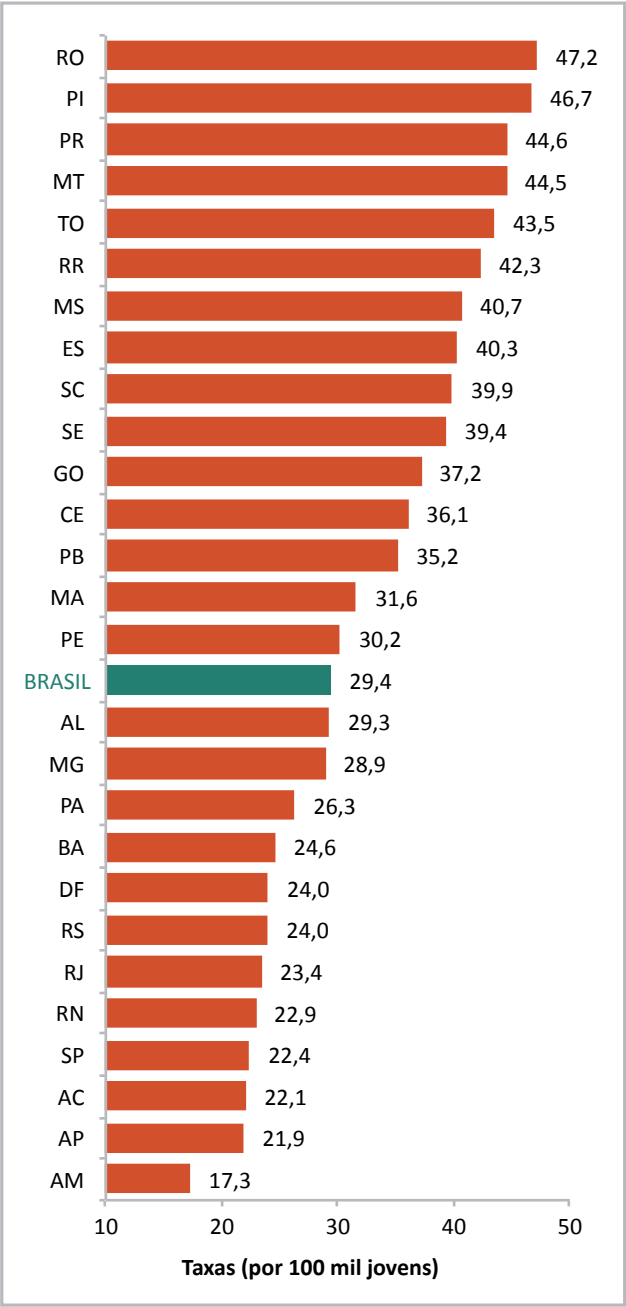
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.2.5. Ordenamento das UFs segundo Taxas no Transporte Total. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.2.5. Ordenamento das UFs segundo Taxas no Transporte Juvenil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

4.3. Óbitos por acidentes de transporte nas capitais

Se no país como um todo, entre 2002 e 2012, houve um aumento absoluto de 38,3% no número de óbitos por acidentes de transporte, nas capitais dos estados o incremento foi bem menor: 9,8. Um bom indício, sujeito a ulterior comprovação, que nesta área também pode estar acontecendo o processo de *interiorização* verificado no capítulo de homicídios.

O maior aumento aconteceu nas capitais da região Nordeste: 28,7% devido, fundamentalmente, à eclosão acontecida em Salvador²², mas também em Porto Velho, São Luís e Teresina. Nas demais regiões o crescimento ou foi moderado – Norte: 9,1% e Sudeste 13,4% – ou foi negativo, com destaque para a região Sul, com quedas significativas em Porto Alegre (- 55,7%) e, em menor medida, Curitiba (-23,3).

Considerando a faixa de 15 a 29 anos das capitais (tabela 4.3.2), vemos que o crescimento no número dos óbitos juvenis foi menor que o acontecido no total da população: 3,5%. Crescimento destacado para Porto Velho e Salvador. Quedas pronunciadas: Porto Alegre e Belém.

²² Surpreendem as fortes oscilações da capital Salvador, que pode estar a indicar sérios problemas de registro.

Tabela 4.3.1. Número de óbitos por acidentes de transporte na População Total, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	287	305	251	326	183	143	140	128	151	153	134	-53,3	-12,4
Boa Vista	104	52	49	73	78	104	85	89	96	97	94	-9,6	-3,1
Macapá	111	97	100	90	104	83	76	91	110	117	104	-6,3	-11,1
Manaus	231	262	309	297	349	282	276	245	351	373	323	39,8	-13,4
Palmas	70	79	70	82	77	112	92	99	103	114	108	54,3	-5,3
Porto Velho	131	125	124	161	226	181	185	199	260	245	269	105,3	9,8
Rio Branco	97	67	59	71	52	81	82	99	99	103	93	-4,1	-9,7
NORTE	1.031	987	962	1.100	1.069	986	936	950	1.170	1.202	1.125	9,1	-6,4
Aracaju	181	189	204	177	200	189	227	278	279	290	251	38,7	-13,4
Fortaleza	635	567	613	632	612	627	438	368	610	648	679	6,9	4,8
João Pessoa	202	178	178	199	174	181	200	205	226	193	213	5,4	10,4
Maceió	280	225	227	240	225	203	214	202	244	266	247	-11,8	-7,1
Natal	111	107	99	113	81	86	111	103	163	126	120	8,1	-4,8
Recife	522	506	543	520	494	524	540	604	680	607	538	3,1	-11,4
Salvador	178	177	145	496	487	397	167	167	470	407	455	155,6	11,8
São Luís	190	185	191	221	210	243	295	281	297	303	336	76,8	10,9
Teresina	277	289	284	276	354	384	370	375	471	438	476	71,8	8,7
NORDESTE	2.576	2.423	2.484	2.874	2.837	2.834	2.562	2.583	3.440	3.278	3.315	28,7	1,1
Belo Horizonte	581	576	608	596	708	670	652	596	625	609	542	-6,7	-11,0
Rio de Janeiro	1.147	1.025	1.107	978	1.083	726	903	865	1.002	832	1.072	-6,5	28,8
São Paulo	827	1.528	1.445	1.579	1.593	1.844	1.558	1.483	1.461	1.472	1.350	63,2	-8,3
Vitória	162	160	160	174	153	161	171	146	159	121	118	-27,2	-2,5
SUDESTE	2.717	3.289	3.320	3.327	3.537	3.401	3.284	3.090	3.247	3.034	3.082	13,4	1,6
Curitiba	464	487	537	530	483	514	500	448	401	416	356	-23,3	-14,4
Florianópolis	99	93	102	120	147	115	129	91	96	84	98	-1,0	16,7
Porto Alegre	379	346	329	312	265	259	274	271	248	213	168	-55,7	-21,1
SUL	942	926	968	962	895	888	903	810	745	713	622	-34,0	-12,8
Brasília	604	684	585	610	581	630	616	582	640	644	555	-8,1	-13,8
Campo Grande	201	203	220	243	209	198	227	193	227	224	205	2,0	-8,5
Cuiabá	226	160	156	154	158	166	192	195	209	223	198	-12,4	-11,2
Goiânia	536	564	568	581	524	586	598	606	677	559	598	11,6	7,0
CENTRO-OESTE	1.567	1.611	1.529	1.588	1.472	1.580	1.633	1.576	1.753	1.650	1.556	-0,7	-5,7
BRASIL CAP.	8.833	9.236	9.263	9.851	9.810	9.689	9.318	9.009	10.355	9.877	9.700	9,8	-1,8

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.3.2. Número de óbitos por acidentes de transporte na População Jovem, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	99	112	75	104	56	43	43	40	61	52	39	-60,6	-25,0
Boa Vista	40	31	16	25	26	38	26	21	41	29	41	2,5	41,4
Macapá	46	35	40	32	32	35	31	32	35	45	40	-13,0	-11,1
Manaus	91	91	99	101	123	91	112	75	109	111	129	41,8	16,2
Palmas	31	27	21	29	25	40	36	39	33	46	39	25,8	-15,2
Porto Velho	39	33	40	46	65	48	64	63	85	85	87	123,1	2,4
Rio Branco	25	29	20	25	17	27	32	33	34	29	27	8,0	-6,9
NORTE	371	358	311	362	344	322	344	303	398	397	402	8,4	1,3
Aracaju	76	65	67	66	73	74	82	95	97	105	85	11,8	-19,0
Fortaleza	201	180	196	191	190	198	144	110	212	200	204	1,5	2,0
João Pessoa	69	54	58	72	53	56	62	69	75	72	71	2,9	-1,4
Maceió	94	81	67	75	69	60	78	64	68	80	80	-14,9	0,0
Natal	27	39	30	40	30	26	43	34	46	21	42	55,6	100,0
Recife	181	173	190	171	156	189	176	196	240	226	174	-3,9	-23,0
Salvador	61	58	55	172	150	145	51	61	152	110	132	116,4	20,0
São Luís	61	65	70	76	69	96	116	99	103	118	114	86,9	-3,4
Teresina	103	95	104	116	146	154	133	136	182	167	181	75,7	8,4
NORDESTE	873	810	837	979	936	998	885	864	1.175	1.099	1.083	24,1	-1,5
Belo Horizonte	201	196	208	191	222	231	232	190	186	207	176	-12,4	-15,0
Rio de Janeiro	358	306	339	298	368	253	265	270	289	251	338	-5,6	34,7
São Paulo	321	585	575	587	564	639	578	513	525	528	467	45,5	-11,6
Vitória	60	50	44	58	39	50	64	56	51	41	26	-56,7	-36,6
SUDESTE	940	1.137	1.166	1.134	1.193	1.173	1.139	1.029	1.051	1.027	1.007	7,1	-1,9
Curitiba	166	177	179	183	167	179	180	145	131	134	103	-38,0	-23,1
Florianópolis	39	41	37	54	76	54	47	41	35	26	44	12,8	69,2
Porto Alegre	118	99	94	98	95	88	88	92	81	66	45	-61,9	-31,8
SUL	323	317	310	335	338	321	315	278	247	226	192	-40,6	-15,0
Brasília	230	241	207	197	185	244	194	183	187	200	182	-20,9	-9,0
Campo Grande	72	68	71	83	72	75	92	75	97	87	78	8,3	-10,3
Cuiabá	89	48	60	63	56	66	65	64	79	85	70	-21,3	-17,6
Goiânia	200	198	224	191	182	213	216	215	233	186	191	-4,5	2,7
CENTRO-OESTE	591	555	562	534	495	598	567	537	596	558	521	-11,8	-6,6
BRASIL CAP.	3.098	3.177	3.186	3.344	3.306	3.412	3.250	3.011	3.467	3.307	3.205	3,5	-3,1

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.3.3. Taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte na População Total, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	21,7	22,7	18,4	23,2	12,8	9,9	9,8	8,9	10,8	10,9	9,5	-56,2	-12,9
Boa Vista	48,5	23,5	21,5	30,1	31,2	40,5	32,6	33,3	33,8	33,4	31,7	-34,7	-5,1
Macapá	36,2	30,5	30,3	25,3	28,2	21,8	21,2	24,8	27,6	28,7	25,0	-30,9	-12,9
Manaus	15,5	17,2	19,7	18,1	20,7	16,3	16,1	14,1	19,5	20,4	17,3	11,8	-14,8
Palmas	43,4	45,9	38,2	39,4	34,9	48,0	50,0	52,5	45,1	48,4	44,6	2,7	-7,9
Porto Velho	37,7	35,3	34,4	43,1	59,3	46,7	48,8	51,9	60,7	56,2	60,8	61,3	8,1
Rio Branco	36,2	24,4	21,0	23,2	16,6	25,1	27,2	32,4	29,5	30,1	26,7	-26,3	-11,3
NORTE	25,1	23,4	22,3	24,3	23,0	20,7	20,3	20,3	24,0	24,3	22,4	-10,6	-7,8
Aracaju	38,2	39,4	42,0	35,5	39,6	36,9	42,3	51,1	48,8	50,0	42,7	11,8	-14,6
Fortaleza	28,6	25,1	26,7	26,6	25,3	25,5	17,7	14,7	24,9	26,2	27,2	-5,1	3,8
João Pessoa	32,6	28,3	27,9	30,1	25,9	26,5	28,9	29,2	31,2	26,3	28,7	-12,1	9,0
Maceió	33,6	26,5	26,2	26,6	24,4	21,6	23,2	21,6	26,2	28,2	25,9	-22,9	-8,1
Natal	15,1	14,4	13,1	14,5	10,3	10,7	13,9	12,8	20,3	15,5	14,7	-2,9	-5,6
Recife	36,0	34,6	36,9	34,6	32,6	34,3	34,8	38,7	44,2	39,2	34,6	-4,0	-11,9
Salvador	7,1	6,9	5,6	18,6	17,9	14,4	5,7	5,6	17,6	15,1	16,8	137,7	11,1
São Luís	21,0	20,0	20,3	22,6	21,0	23,9	29,9	28,2	29,3	29,5	32,3	54,2	9,6
Teresina	37,4	38,5	37,2	35,0	44,1	47,1	46,1	46,7	57,8	53,3	57,3	53,2	7,6
NORDESTE	24,5	22,7	23,0	25,8	25,0	24,6	21,9	21,8	29,8	28,2	28,2	15,1	0,2
Belo Horizonte	25,4	25,0	26,1	25,1	29,5	27,6	26,8	24,3	26,3	25,5	22,6	-11,0	-11,4
Rio de Janeiro	19,3	17,2	18,4	16,0	17,6	11,7	14,7	14,0	15,9	13,1	16,8	-13,2	28,2
São Paulo	7,8	14,3	13,4	14,4	14,5	16,6	14,2	13,4	13,0	13,0	11,9	52,1	-8,8
Vitória	54,1	52,9	52,3	55,5	48,3	50,2	53,8	45,6	48,5	36,6	35,4	-34,6	-3,3
SUDESTE	14,2	17,1	17,1	16,9	17,8	17,0	16,5	15,5	16,0	14,9	15,0	5,8	1,0
Curitiba	28,2	29,1	31,6	30,1	27,0	28,3	27,4	24,2	22,9	23,6	20,0	-29,0	-15,0
Florianópolis	27,5	25,2	27,0	30,2	36,2	27,6	32,1	22,3	22,8	19,7	22,6	-17,6	15,1
Porto Alegre	27,4	24,8	23,4	21,8	18,4	17,8	19,2	18,9	17,6	15,1	11,9	-56,7	-21,3
SUL	27,8	27,0	27,8	26,8	24,6	24,1	24,7	21,9	20,8	19,8	17,2	-38,3	-13,3
Brasília	28,1	31,2	26,2	26,1	24,4	25,9	24,1	22,3	24,9	24,7	21,0	-25,6	-15,1
Campo Grande	29,0	28,8	30,6	32,4	27,3	25,4	30,4	25,6	28,9	28,1	25,5	-12,3	-9,5
Cuiabá	45,2	31,5	30,2	28,8	29,1	30,1	35,2	35,4	37,9	40,1	35,3	-21,9	-12,0
Goiânia	47,5	49,2	48,8	48,4	42,9	47,3	47,3	47,3	52,0	42,4	44,8	-5,5	5,7
CENTRO-OESTE	35,1	35,4	33,0	33,0	30,0	31,6	31,9	30,3	33,6	31,2	29,1	-17,1	-6,9
BRASIL CAP.	21,2	21,9	21,7	22,5	22,1	21,5	20,7	19,8	22,8	21,5	21,0	-1,2	-2,6

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.3.4. Taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte na População Jovem, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	23,4	26,1	17,2	23,1	12,3	9,9	10,3	9,6	15,3	13,0	9,7	-58,7	-25,4
Boa Vista	59,4	44,7	22,4	32,9	33,2	49,3	33,6	26,9	46,1	31,9	44,2	-25,6	38,4
Macapá	46,8	34,3	37,8	28,1	27,1	29,9	28,4	28,9	28,2	35,4	30,8	-34,1	-12,9
Manaus	18,8	18,3	19,5	18,9	22,4	17,1	21,5	14,3	20,1	20,2	23,1	22,7	14,4
Palmas	55,1	44,9	32,8	39,9	32,4	50,4	58,2	62,2	43,0	58,1	47,9	-13,1	-17,6
Porto Velho	37,1	30,8	36,7	40,7	56,4	40,5	55,6	54,5	64,0	62,9	63,4	71,1	0,7
Rio Branco	29,9	33,8	22,7	26,2	17,3	27,5	35,2	36,1	33,4	28,0	25,6	-14,3	-8,5
NORTE	28,2	26,5	22,5	24,9	23,0	22,1	24,7	21,6	27,2	26,7	26,6	-5,4	-0,2
Aracaju	50,7	42,9	43,7	41,9	45,7	48,6	52,3	61,1	58,3	62,2	49,7	-2,1	-20,2
Fortaleza	30,5	26,8	28,8	27,1	26,5	26,8	19,4	14,7	29,5	27,6	27,8	-8,6	1,0
João Pessoa	37,4	28,8	30,5	36,6	26,5	27,3	30,1	33,4	36,9	34,9	34,0	-9,1	-2,6
Maceió	37,1	31,3	25,4	27,3	24,6	21,9	29,3	24,0	26,3	30,6	30,3	-18,4	-1,1
Natal	12,5	17,8	13,5	17,5	12,9	11,0	18,4	14,6	19,9	9,0	17,8	42,6	98,3
Recife	43,3	41,0	44,7	39,5	35,7	44,2	41,1	45,9	59,0	55,3	42,3	-2,2	-23,4
Salvador	7,5	7,1	6,6	20,0	17,2	17,4	5,8	7,0	20,2	14,5	17,3	129,5	19,2
São Luís	20,1	21,0	22,2	23,2	20,7	28,6	36,2	31,0	32,1	36,3	34,7	72,5	-4,5
Teresina	43,6	39,6	42,7	46,1	57,1	59,1	52,8	54,9	74,3	67,5	72,4	66,0	7,4
NORDESTE	27,0	24,7	25,2	28,5	26,8	28,8	25,5	24,9	35,6	32,9	32,2	19,1	-2,3
Belo Horizonte	30,2	29,2	30,7	27,6	31,8	35,1	35,8	29,7	29,4	32,6	27,6	-8,7	-15,3
Rio de Janeiro	23,6	20,1	22,1	19,2	23,5	17,0	18,1	18,6	19,0	16,4	21,9	-7,1	33,9
São Paulo	10,7	19,3	18,8	18,9	18,0	21,8	20,3	18,2	18,1	18,1	15,9	48,9	-12,0
Vitória	69,7	57,4	50,0	64,4	42,8	56,9	75,3	67,0	57,4	45,8	28,8	-58,6	-37,1
SUDESTE	17,8	21,4	21,8	20,8	21,8	22,7	22,6	20,6	20,4	19,8	19,3	8,5	-2,5
Curitiba	35,1	36,9	36,7	36,2	32,5	36,0	36,5	29,4	28,2	28,7	21,9	-37,7	-23,7
Florianópolis	36,9	37,9	33,4	46,4	63,8	46,6	42,7	37,3	29,8	21,8	36,4	-1,4	66,9
Porto Alegre	32,7	27,2	25,6	26,3	25,3	23,9	24,6	25,9	23,0	18,7	12,7	-61,1	-32,0
SUL	34,4	33,3	32,1	33,7	33,5	32,7	32,8	29,0	26,5	24,1	20,3	-40,9	-15,6
Brasília	33,2	34,1	28,7	26,2	24,0	34,8	26,7	25,0	25,4	26,8	24,0	-27,6	-10,3
Campo Grande	35,8	33,2	34,0	38,2	32,4	33,9	43,9	35,8	44,6	39,5	35,0	-2,2	-11,4
Cuiabá	57,0	30,3	37,3	37,8	33,1	39,9	40,5	40,2	49,4	52,6	43,0	-24,6	-18,4
Goiânia	56,3	55,0	61,3	50,6	47,4	59,1	60,0	60,2	62,0	48,9	49,6	-12,0	1,5
CENTRO-OESTE	42,1	38,8	38,6	35,3	32,1	41,3	38,9	36,8	40,0	37,0	34,1	-19,0	-7,8
BRASIL CAP.	25,5	25,8	25,5	26,0	25,4	27,3	26,3	24,5	28,1	26,6	25,5	0,3	-3,9

Fonte: SIM/SVS/MS.

4.4. As mortes por acidentes de transporte nos municípios

Como indicado no capítulo inicial referente à metodologia do estudo, para evitar fortes oscilações nos índices que podem acontecer nos municípios de pequeno porte, onde um incidente isolado pode repercutir fortemente nas taxas, foi decidido trabalhar com municípios de 20 mil habitantes (ou jovens) ou mais.

Dado que seria extenso demais elencar na publicação os 5.564 municípios, foi decidido detalhar nesta publicação 100 municípios de maior índice e oferecer a possibilidade de consultar ou aceder à lista total de municípios no sítio <www.mapadaviolencia.org.br>.

As duas tabelas a seguir – 4.4.1 e 4.4.2 – detalham esses 100 municípios de maior índice de vítimas de acidentes de transporte na população total e na jovem, respectivamente. Nessas tabelas, além de identificar o município e a UF, é indicada a população em 2012, o número de vítimas registrado pelo SIM/SVS/Datasus em cada ano de 2008 a 2012 e, por último, as taxas e a posição do município no contexto nacional.

Tabela 4.4.1. Número e taxas (por 100 mil) de óbitos em acidentes de transporte em municípios com mais de 20 mil habitantes. População Total. Brasil. 2008/2012.

Município	UF	Habitantes 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posição
			2008	2009	2010	2011	2012		
Presidente Dutra	MA	45.564	10	23	51	132	108	237,0	1º
Barbalha	CE	56.576	109	84	106	130	110	194,4	2º
Pirai do Sul	PR	23.693	7	15	6	9	29	122,4	3º
Diamantino	MT	20.605	16	10	12	29	25	121,3	4º
Sobral	CE	193.134	124	128	202	187	210	108,7	5º
Parnamirim	PE	20.425	6	7	6	3	21	102,8	6º
Campina Grande do Sul	PR	39.404	52	49	60	34	39	99,0	7º
Miracatu	SP	20.322	27	26	28	32	20	98,4	8º
Campo Mourão	PR	88.209	59	49	60	60	83	94,1	9º
Arapiraca	AL	218.140	129	176	183	178	197	90,3	10º
Mangaratiba	RJ	38.201	16	11	16	28	34	89,0	11º
Água Boa	MT	21.778	8	6	11	12	19	87,2	12º
Mandirituba	PR	22.927	16	14	7	10	20	87,2	13º
Curvelo	MG	75.014	28	36	30	35	65	86,7	14º
Nova Mutum	MT	34.374	21	13	15	22	29	84,4	15º
Silva Jardim	RJ	21.362	23	12	24	22	18	84,3	16º
Imperatriz	MA	250.063	119	126	141	155	203	81,2	17º
Itaobim	MG	20.961	3	7	6	8	17	81,1	18º
Francisco Beltrão	PR	80.727	48	55	62	59	65	80,5	19º
Morrinhos	CE	21.119	6	4	9	13	17	80,5	20º
Corinto	MG	23.819	12	11	8	12	19	79,8	21º
Soledade	RS	30.092	6	4	8	8	24	79,8	22º
Guaratuba	PR	32.826	9	18	15	20	26	79,2	23º
Redenção	PA	77.415	38	47	54	40	61	78,8	24º
Manhuaçu	MG	81.455	47	37	49	58	63	77,3	25º
Arapongas	PR	106.978	42	27	55	70	82	76,7	26º
Itaberaba	BA	62.037	21	12	16	15	46	74,1	27º
Ortigueira	PR	23.103	11	8	11	13	17	73,6	28º
Valença do Piauí	PI	20.393	9	6	8	15	15	73,6	29º
Novo Oriente	CE	27.655	8	3	5	14	20	72,3	30º
Cristalina	GO	48.463	12	27	16	25	35	72,2	31º
Umuarama	PR	102.184	62	41	55	69	73	71,4	32º
Altamira	PA	102.343	25	31	45	49	72	70,4	33º
Colinas do Tocantins	TO	31.675	10	15	19	18	22	69,5	34º
Ponte Nova	MG	57.706	21	22	18	31	40	69,3	35º
Joaçaba	SC	27.467	19	15	21	16	19	69,2	36º
Campos Novos	SC	33.313	9	14	14	23	23	69,0	37º
Picos	PI	75.481	42	38	49	54	52	68,9	38º
Francisco Sá	MG	25.116	13	13	33	12	17	67,7	39º
Gurupi	TO	78.525	52	39	38	41	53	67,5	40º

(continua)

Tabela 4.4.1. (continuação)

Município	UF	Habitantes 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posi- ção
			2008	2009	2010	2011	2012		
Vassouras	RJ	34.858	28	22	29	21	23	66,0	42
Irauçuba	CE	22.742	4	2	7	3	15	66,0	43
Santa Helena de Goiás	GO	36.760	11	8	5	11	24	65,3	44
Apucarana	PR	122.896	60	41	48	56	80	65,1	45
Diamantina	MG	46.125	6	30	16	20	30	65,0	46
Arapoti	PR	26.153	11	9	14	12	17	65,0	47
Anchieta	ES	24.616	8	20	11	14	16	65,0	48
Teófilo Otoni	MG	135.549	72	83	97	96	87	64,2	49
Tubarão	SC	98.412	44	50	64	59	63	64,0	50
Ipameri	GO	25.054	12	13	11	8	16	63,9	51
Ananindeua	PA	483.821	156	108	237	254	308	63,7	52
Trindade	PE	26.749	7	6	18	14	17	63,6	53
São Mateus	ES	111.832	59	43	66	56	71	63,5	54
Sorriso	MT	71.190	43	40	20	34	45	63,2	55
Campina Grande	PB	389.995	232	168	189	181	242	62,1	56
Dourados	MS	200.729	84	87	104	108	124	61,8	57
Jales	SP	47.137	6	16	25	19	29	61,5	58
Alfenas	MG	74.804	22	22	33	48	46	61,5	59
Ouricuri	PE	65.510	41	22	34	41	40	61,1	60
Porto Velho	RO	442.701	185	199	260	245	269	60,8	61
Paçandu	PR	36.717	13	19	6	12	22	59,9	62
Cornélio Procopio	PR	46.939	28	23	26	22	28	59,7	63
São Miguel do Oeste	SC	36.908	6	9	9	16	22	59,6	64
Rorainópolis	RR	25.319	3	9	9	7	15	59,2	65
Três de Maio	RS	23.665	6	2	12	6	14	59,2	66
Guaraí	TO	23.681	4	8	13	5	14	59,1	67
Três Passos	RS	23.861	0	7	7	2	14	58,7	68
Itaiópolis	SC	20.485	6	14	6	4	12	58,6	69
Jucás	CE	23.985	7	5	8	12	14	58,4	70
Taquarituba	SP	22.338	0	3	7	16	13	58,2	71
Passo Fundo	RS	187.298	81	84	85	86	109	58,2	72
Cacoal	RO	79.330	19	22	26	31	46	58,0	73
Cachoeiro de Itapemirim	ES	192.156	89	79	113	128	111	57,8	74
Colatina	ES	113.054	69	64	53	76	65	57,5	75
Alexânia	GO	24.383	14	0	9	10	14	57,4	76
Angatuba	SP	22.650	10	9	11	9	13	57,4	77
Lapa	PR	45.334	23	22	14	15	26	57,4	78
Teresina	PI	830.231	370	375	471	438	476	57,3	79
São Mateus do Sul	PR	41.965	16	7	10	16	24	57,2	80

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 4.4.2. Número e taxas (por 100 mil) de óbitos em acidentes de transporte em municípios com mais de 20 mil jovens. População Jovem. Brasil. 2008/2012.

Município	UF	Jovens 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posição
			2008	2009	2010	2011	2012		
Redenção	PA	22.739	16	21	25	17	18	137,8	1º
São Carlos	SP	58.015	22	9	14	14	19	130,2	2º
Moju	PA	21.859	3	4	3	6	2	116,6	3º
Araripina	PE	21.576	8	9	10	7	11	114,6	4º
Petrópolis	RJ	70.197	13	12	16	15	23	99,3	5º
Ariquemes	RO	27.182	11	9	10	9	12	97,6	6º
Tubarão	SC	26.177	16	14	21	17	13	89,0	7º
Santa Bárbara d'Oeste	SP	48.876	19	8	10	19	8	88,8	8º
Magé	RJ	58.945	5	3	4	1	2	88,4	9º
Itaúna	MG	22.550	11	3	6	6	5	87,5	10º
Pará de Minas	MG	22.929	6	4	6	6	8	85,4	11º
Cariacica	ES	97.200	13	18	8	17	8	84,4	12º
Vespasiano	MG	30.501	1	1	2	4	2	83,5	13º
Tianguá	CE	21.001	12	8	12	12	5	79,4	14º
São Pedro da Aldeia	RJ	22.430	7	3	7	8	9	79,2	15º
Sertãozinho	SP	31.114	11	9	16	7	10	79,0	16º
Serra	ES	121.917	40	46	39	44	49	77,1	17º
Criciúma	SC	54.916	22	18	24	14	17	76,5	18º
Rio das Ostras	RJ	29.848	5	2	3	6	4	75,2	19º
São Bernardo do Campo	SP	202.959	33	41	36	39	25	72,4	20º
Botucatu	SP	33.023	15	19	6	17	15	70,6	22º
Itacoatiara	AM	24.686	5	4	1	6	3	70,2	23º
Gravatá	PE	21.113	4	5	5	2	5	69,6	24º
Lauro de Freitas	BA	48.713	3	1	5	6	2	69,3	25º
Ipojuca	PE	25.700	4	4	5	12	4	68,2	26º
Linhares	ES	41.294	22	21	24	23	27	66,7	27º
Cubatão	SP	33.278	15	15	11	11	8	66,6	28º
São Vicente	SP	86.884	19	15	11	20	17	66,6	29º
Poços de Caldas	MG	39.019	7	5	11	22	13	66,2	30º
Franco da Rocha	SP	39.592	9	7	5	5	6	65,4	31º
Ponta Grossa	PR	83.550	40	40	34	35	40	65,1	32º
Ilhéus	BA	50.444	12	11	16	8	11	64,2	33º
Campos dos Goytacazes	RJ	121.150	72	61	66	70	72	63,4	34º
Parnaíba	PI	42.065	13	8	15	15	10	60,6	35º
Mossoró	RN	77.356	42	37	60	36	37	60,5	36º
Nova Friburgo	RJ	42.637	12	15	15	6	20	60,4	37º
Suzano	SP	71.418	22	9	6	9	6	60,4	38º
Trindade	GO	29.394	1	0	0	1	2	60,3	39º
Cacoal	RO	22.853	3	14	11	8	20	60,0	40º

(continua)

Tabela 4.4.2. (continuação)

Município	UF	Jovens 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posi- ção
			2008	2009	2010	2011	2012		
Diadema	SP	109.391	31	17	25	15	23	59,4	42º
Valparaíso de Goiás	GO	41.429	2	3	2	3	2	59,4	43º
Teixeira de Freitas	BA	40.928	18	14	16	15	18	56,4	44º
Crato	CE	35.477	15	12	10	6	11	55,1	45º
Itaboraí	RJ	55.141	13	13	11	15	16	54,8	46º
Toledo	PR	33.973	16	19	19	19	24	54,5	47º
Arapongas	PR	27.658	19	8	18	26	27	53,4	48º
Ji-Paraná	RO	34.542	20	13	30	23	23	53,3	49º
Rio Claro	SP	48.258	18	8	16	23	17	52,5	50º
Cáceres	MT	24.247	10	11	20	19	7	52,3	51º
Ourinhos	SP	25.892	4	13	5	7	4	52,3	52º
Guaíba	RS	24.288	3	0	6	4	3	52,1	53º
Bragança Paulista	SP	38.311	20	23	31	16	16	51,7	54º
São Gonçalo do Amarante	RN	26.411	1	5	3	6	1	51,5	55º
Umuarama	PR	26.959	23	20	20	30	24	51,1	56º
Mairiporã	SP	21.143	4	6	7	5	5	51,0	57º
Mauá	SP	119.203	11	10	12	5	3	50,9	58º
Votuporanga	SP	21.322	1	2	3	3	2	50,7	59º
Chapadinha	MA	21.699	0	7	5	8	11	50,0	60º
Sorocaba	SP	159.552	77	67	63	77	57	49,7	61º
Erechim	RS	25.644	4	10	6	14	6	49,7	62º
São Gonçalo	RJ	248.638	23	14	28	33	32	49,6	63º
Aracruz	ES	24.002	8	8	10	15	9	49,2	64º
Nova Lima	MG	22.023	5	9	10	12	6	49,0	65º
Boa Vista	RR	92.839	26	21	41	29	41	49,0	66º
Caçapava	SP	22.200	7	5	4	6	4	48,6	67º
Carpina	PE	20.494	2	3	2	6	2	48,3	68º
São João del Rei	MG	20.532	2	8	7	7	8	48,2	69º
Rondonópolis	MT	57.309	41	35	44	34	41	48,2	70º
Imperatriz	MA	75.544	49	41	51	58	75	47,9	71º
Camaçari	BA	78.786	5	6	16	13	21	47,9	72º
Limeira	SP	72.339	27	18	24	20	26	47,8	73º
Santarém	PA	88.700	22	8	22	31	38	47,6	74º
Luís Eduardo Magalhães	BA	22.684	0	0	0	0	0	47,5	75º
Lages	SC	41.069	9	12	16	7	10	46,9	76º
Lavras	MG	24.966	12	10	10	14	7	46,7	77º
Apucarana	PR	31.628	24	18	13	16	25	46,7	78º
Passo Fundo	RS	50.502	30	29	32	15	35	46,6	79º
Campo Mourão	PR	23.226	19	16	22	21	32	46,5	80º

Fonte: SIM/SVS/MS.

4.5. Mortes por categoria no trânsito

Passados os efeitos imediatos do Código de Trânsito de 1997, em virtude de mobilizações, campanhas e atividades educativas nas ruas, já no ano 2000 observamos a retomada da mortalidade com preocupantes aumentos nos números e nas taxas. Assim, na última década, de 2002 a 2012, o número de mortes no transporte passou de 33.288 para 46.051, o que representa um aumento de 38,4%. As taxas, considerando o aumento da população, também cresceram 24,5% entre 2002 e 2012.

A partir de 1996, não só os números, mas também a estrutura e a composição desses acidentes mudaram. Segundo os registros do SIM, se o número de mortes de pedestres caiu 53,7%, as restantes categorias aumentaram e, no caso dos motociclistas, esse aumento beira a tragédia: passa de 1.421 mortes no ano 1996 para 16.223 em 2012: incríveis 1.041% de crescimento, mais que decuplicando os números de 1996. Pelo gráfico 4.5.1, podemos observar que o aumento foi uma linha reta desde o ano de 2008, com um crescimento sistemático de 15% ao ano.

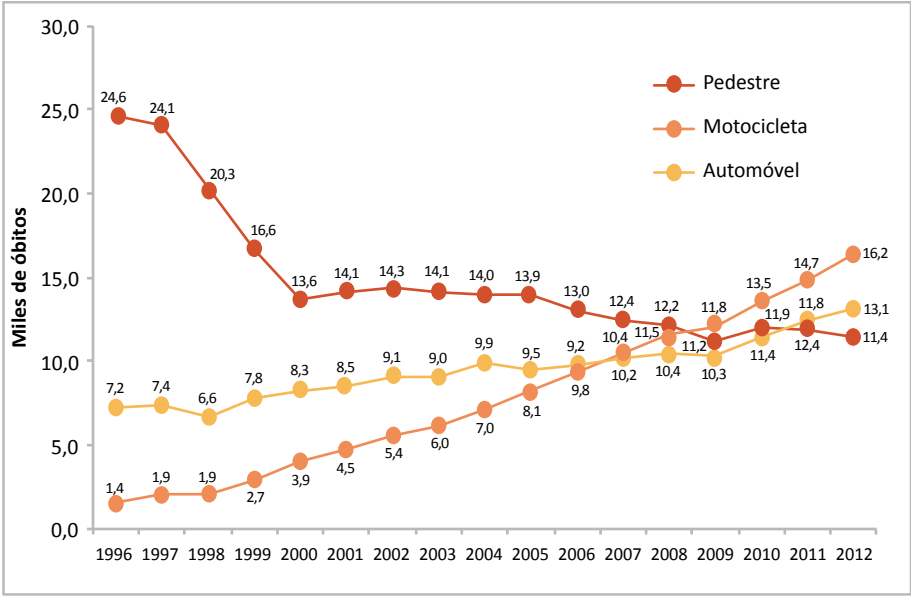
Já a morte de ocupantes de automóveis cresceu, mas de forma bem mais lenta: 82,7% nos 18 anos analisados. Cabe notar o fato de que às campanhas dos primeiros anos da nova lei centraram-se acertadamente na figura do pedestre, categoria de maior número de mortes na época. Assim, vemos no gráfico que os números caem de forma drástica até o ano 2000, quando se abandona esse tipo de campanha. As quedas posteriores são de baixa intensidade.

Essas três categorias, pedestres, motociclistas e ocupantes de automóveis, somadas representam, ao longo de todo o período, em torno de 90% do total de mortes no trânsito do país. Desta forma, se na década passada eram largamente preponderantes as mortes de pedestres, para 2012 a morte de motociclistas ultrapassou rapidamente as restantes categorias, representando 30% das mortes no trânsito, com a preocupante tendência de um contínuo crescimento.

Tabela 4.5.1. Óbitos em acidentes de transporte segundo Categoria. Brasil, 1996/2012.								
Ano	Pedestre	Ciclista	Moto	Auto	Caminhão	Ônibus.	Outros	Total
1996	24.643	620	1.421	7.188	771	129	772	35.545
1997	24.112	822	1.877	7.353	772	98	722	35.756
1998	20.314	717	1.894	6.628	630	186	657	31.026
1999	16.627	933	2.689	7.799	733	158	1.178	30.118
2000	13.643	1.238	3.910	8.262	1.042	199	1.351	29.645
2001	14.102	1.462	4.541	8.483	1.018	135	1.289	31.031
2002	14.341	1.788	5.440	9.069	1.116	195	1.340	33.288
2003	14.074	1.779	6.046	9.018	1.186	201	1.315	33.620
2004	13.966	1.908	6.961	9.875	1.356	291	1.318	35.674
2005	13.924	2.055	8.089	9.492	1.401	224	1.427	36.611
2006	12.956	2.130	9.191	9.754	1.341	300	1.578	37.249
2007	12.362	2.111	10.392	10.218	1.354	234	1.747	38.419
2008	12.157	2.072	11.471	10.420	1.264	230	1.598	39.211
2009	11.194	2.001	11.839	10.347	1.346	225	1.516	38.469
2010	11.946	1.909	13.452	11.405	1.404	190	3.601	43.908
2011	11.805	1.884	14.666	12.429	1.567	248	1.955	44.553
2012	11.406	1.930	16.223	13.132	1.596	250	1.514	46.051
Δ%	-53,7	211,1	1041,5	82,7	107,1	92,9	96,1	29,6
Total	253.573	27.359	130.103	160.872	19.895	3.494	24.877	620.174

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 4.5.1. Óbitos no trânsito por Categoria. Brasil. 1996/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

4.6. Frota veicular e mortalidade

Em geral, para comparar dados relativos a locais ou épocas diferentes, são utilizadas taxas que tomam como base a população de cada local ou período, como fizemos nos capítulos anteriores. Mas um indicador mais acurado para comparar acidentes de trânsito seria o tamanho da frota de veículos existentes em circulação. Obviamente, um país ou área cuja população possui poucos automóveis vai ter taxas de acidentes bem inferiores aos de outro país com grande número de carros. Isso não significa que os primeiros sejam melhores condutores, ou as ruas tenham melhor traçado ou sinalização, e sim pelo número de veículos em circulação. Porém são escassos os países que possuem dados discriminados de frota veicular. No Brasil, o Denatran, no seu sítio oficial²³, fornece especificações da frota registrada nacionalmente pela instituição, mas só a partir de 1998, quando já iniciara o que poderíamos denominar o *boom das motocicletas*.

A tabela 4.6.1 permite verificar a composição e as taxas de vítimas relativas à frota para duas das categorias mais significativas aqui trabalhadas: ocupantes de automotores e de motocicletas.

Podemos observar, em primeiro lugar, a crescente importância que vem adquirindo a motocicleta no contexto veicular do país. Além disso, o uso maciço da motocicleta como meio de transporte é um fenômeno relativamente recente. Segundo o próprio Denatran, em 1970 era um item de baixa representatividade: num parque total de 2,6 milhões de veículos, só haviam 62.459 motocicletas registradas: 2,4% do total.

Na virada do século, no ano 2000, temos quatro milhões de motocicletas registradas, o que já representa 13,6% do parque veicular. Para 2012, o número pula para 19,9 milhões, representando 26,2% do total nacional de veículos registrados pelo Denatran.

²³ Disponível em: <www.denatran.gov.br>. Acesso em: 25 jul. 2013.

Tabela 4.6.1. Evolução da frota de veículos, das vítimas e das taxas de vítimas (por 100 mil veículos) em acidentes de trânsito. Brasil. 1996/2012.

ANO	Frota Total		Automotores					Motocicletas					Relação taxas
			Frota			Óbitos		Frota			Óbitos		
	n	Δ% aa	n	% do total	Δ% aa	n	Taxa frota	n	% do total	Δ% aa	n	Taxa frota	
1998	24.361.347		17.056.413	70,0		6.628	38,9	2.792.824	11,5		1.894	67,8	1,7
1999	27.172.139	11,5	18.809.292	69,2	10,3	7.799	41,5	3.374.869	12,4	20,8	2.689	79,7	1,9
2000	29.722.950	9,4	19.972.690	67,2	6,2	8.262	41,4	4.034.544	13,6	19,5	3.910	96,9	2,3
2001	31.913.003	7,4	21.236.011	66,5	6,3	8.483	39,9	4.612.431	14,5	14,3	4.541	98,5	2,5
2002	34.284.967	7,4	22.486.611	65,6	5,9	9.069	40,3	5.379.211	15,7	16,6	5.440	101,1	2,5
2003	36.658.501	6,9	23.669.032	64,6	5,3	9.018	38,1	6.225.367	17,0	15,7	6.046	97,1	2,5
2004	39.240.875	7,0	24.936.451	63,5	5,4	9.875	39,6	7.128.280	18,2	14,5	6.961	97,7	2,5
2005	42.071.961	7,2	26.309.256	62,5	5,5	9.492	36,1	8.160.812	19,4	14,5	8.089	99,1	2,7
2006	45.372.640	7,8	27.868.564	61,4	5,9	9.754	35,0	9.453.232	20,8	15,8	9.191	97,2	2,8
2007	49.644.025	9,4	29.851.610	60,1	7,1	10.218	34,2	11.165.842	22,5	18,1	10.392	93,1	2,7
2008	54.506.661	9,8	32.054.684	58,8	7,4	10.420	32,5	13.092.472	24,0	17,3	11.471	87,6	2,7
2009	59.361.642	8,9	34.536.667	58,2	7,7	10.347	30,0	14.703.652	24,8	12,3	11.839	80,5	2,7
2010	64.817.974	9,2	37.188.341	57,4	7,7	11.405	30,7	16.509.007	25,5	12,3	13.452	81,5	2,7
2011	70.543.535	18,8	39.832.919	56,5	15,3	12.429	31,2	18.427.421	26,1	25,3	14.666	79,6	2,6
2012	76.137.191	17,5	42.682.111	56,1	14,8	12.429	29,1	19.934.332	26,2	20,7	14.666	73,6	2,5
Δ%	212,5		150,2	-19,9		87,5	-25,1	613,8	127,7		674,3	8,5	

Fonte: Denatran - SIM/SVS/MS.

Concomitantemente, o automóvel vai perdendo participação relativa: de 70% em 1998, cai sistematicamente até 2012, quando representa 56,1% do total.

O que realmente impressiona é o ritmo de crescimento do número de motocicletas. Na virada do século, esse ritmo foi em torno de 20% ao ano²⁴, ultrapassando bastante o propalado crescimento dos automóveis. Se entre 1998 e 2012 a frota de motocicletas cresceu 614%, ou seja, cresceu acima de sete vezes, a de automóveis cresceu 150%, duas vezes e meia, mas com ampla divulgação da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e cobertura nacional da imprensa.

Mantendo-se o ritmo atual, uma simples previsão linear permite verificar que, no ano de 2024, as motocicletas registradas ultrapassarão os automóveis. No entanto, se a análise tendencial da Abraciclo²⁵ – entidade que congrega os fabricantes de motocicletas e similares – estiver parcialmente correta: “O futuro deve ser de um mercado com produção próxima a quatro milhões de motocicletas ao ano”, a previsão referida se concretizará ainda nesta década.

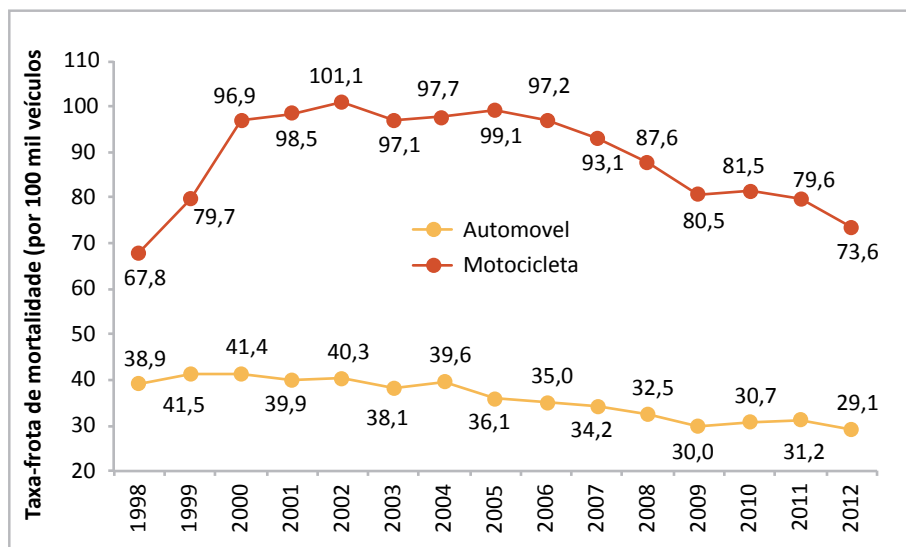
O rápido crescimento do número de motocicletas nos últimos anos e a previsão da Abraciclo até poderiam ser motivo de comemoração, não fosse um dado altamente inquietante: o crescimento exponencial da mortalidade nos acidentes de motocicleta, como já visto no item anterior. Pelos dados da frota veicular registrada pelo Denatran:

²⁴ No melhor ano de crescimento dos veículos automotores, 1999, a taxa foi de 10,3%.

²⁵ Associação Brasileira de Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares.

- Podemos verificar em primeiro lugar que, entre 1998 e 2012, a taxa de óbitos dos motociclistas oscilou de um mínimo de 67,8 mortes por 100 mil motocicletas em 1998, até um máximo de 101,1 em 2002, com uma média de 91 óbitos também por 100 mil motocicletas registradas.
- Nesse mesmo período, a taxa de vítimas de automóvel oscilou de um mínimo de 29,1 em 2012 até um máximo de 41,5 em 1999, com média de 36,8 mortes por 100 mil automóveis registrados.
- Bem mais preocupante ainda. A frota de automóveis cresceu 150% entre 1998 e 2012. Já o aumento dos óbitos de ocupantes de automóveis foi bem menor: 88%. A taxa de mortalidade em relação à frota caiu 25,1%.
- Já a frota de motocicletas cresceu 614% no período, a morte de motociclistas aumentou 674%. Em outras palavras: 614% do incremento da mortalidade devem-se ao aumento drástico da frota de motocicletas; o restante: 60% (a diferença entre ambas as percentagens), só pode ser interpretado como um aumento do risco motocicleta no trânsito, isto é, maior risco de morte de motociclistas. Em que pese o *marketing* do produto quanto a sua segurança, temos mais acidentes e mortes por unidade vendida do que tínhamos no início.

Gráfico 4.6.1. Evolução das taxas-frota de mortalidade em acidentes de transporte (por 100 mil veículos) de ocupantes de automóvel e de motocicleta. Brasil. 1998/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS-Denatran.

4.7. Óbitos no transporte segundo sexo

A tabela 4.7.1. permite observar o caráter notadamente estável ao longo do tempo da participação feminina na mortalidade no transporte.

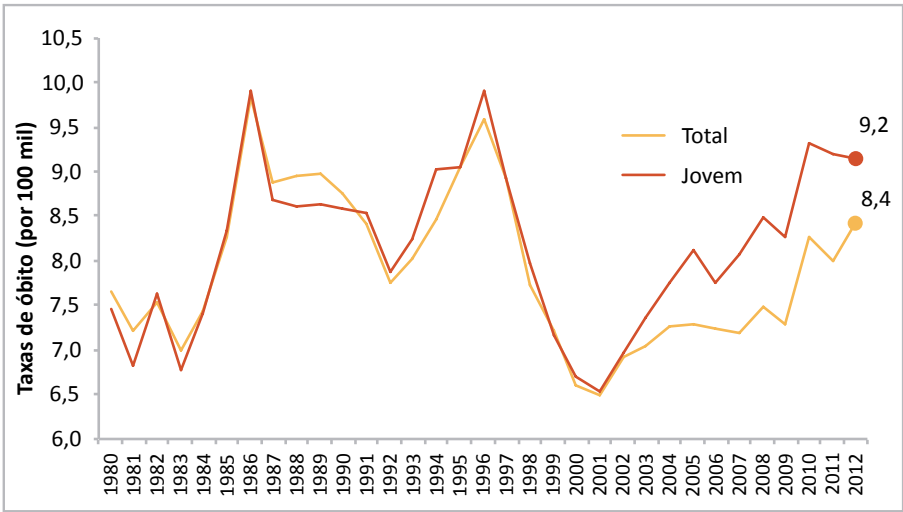
Tabela 4.7.1. Participação (%) e taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte segundo Sexo. População Total e Jovem. Brasil. 1980/2012.

Ano	População Total				População Jovem			
	%		Taxas		%		Taxas	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
1980	77,5	22,5	26,7	7,7	79,9	20,1	30,6	7,5
1981	77,8	22,2	25,6	7,2	81,1	18,9	30,0	6,8
1982	77,9	22,1	26,9	7,5	80,3	19,7	32,0	7,6
1983	78,4	21,6	25,8	7,0	81,8	18,2	31,3	6,8
1984	78,5	21,5	27,7	7,4	81,7	18,3	34,1	7,4
1985	77,9	22,1	29,8	8,3	80,7	19,3	35,7	8,3
1986	77,9	22,1	35,3	9,8	81,0	19,0	43,3	9,9
1987	78,1	21,9	32,5	8,9	81,5	18,5	39,3	8,7
1988	77,9	22,1	32,3	8,9	81,4	18,6	38,7	8,6
1989	78,1	21,9	32,8	9,0	81,9	18,1	39,9	8,6
1990	78,0	22,0	31,9	8,8	81,1	18,9	37,7	8,6
1991	78,0	22,0	30,6	8,4	81,0	19,0	37,2	8,5
1992	78,5	21,5	29,1	7,7	81,2	18,8	34,7	7,9
1993	77,8	22,2	28,9	8,0	80,3	19,7	34,4	8,2
1994	77,7	22,3	30,2	8,5	80,1	19,9	37,2	9,0
1995	78,4	21,6	33,7	9,0	81,3	18,7	40,5	9,1
1996	78,5	21,5	36,0	9,6	81,0	19,0	42,8	9,9
1997	79,8	20,2	36,2	8,9	83,2	16,8	44,8	8,9
1998	79,6	20,4	30,9	7,7	82,1	17,9	37,2	8,0
1999	80,1	19,9	29,8	7,2	83,3	16,7	36,3	7,2
2000	80,8	19,2	28,6	6,6	83,4	16,6	34,0	6,7
2001	81,7	18,3	29,9	6,5	84,3	15,7	35,2	6,5
2002	81,5	18,5	31,6	6,9	84,7	15,3	39,0	7,0
2003	81,2	18,8	31,3	7,1	83,8	16,2	38,4	7,4
2004	81,5	18,5	33,0	7,3	83,8	16,2	40,4	7,8
2005	81,4	18,6	32,9	7,3	83,1	16,9	40,2	8,1
2006	81,6	18,4	33,0	7,2	84,0	16,0	40,9	7,7
2007	82,0	18,0	33,8	7,2	84,4	15,6	43,5	8,1
2008	81,6	18,4	34,3	7,5	84,1	15,9	44,5	8,5
2009	81,5	18,5	33,3	7,3	83,9	16,1	42,6	8,3
2010	81,6	18,4	38,4	8,3	84,1	15,9	49,4	9,3
2011	82,3	17,7	38,9	8,0	84,1	15,9	48,8	9,2
2012	81,9	18,1	39,7	8,4	84,4	15,6	49,7	9,2
Δ%	5,7	-19,6	48,8	9,9	5,6	-22,4	62,6	22,7

Fonte: SM/SVS/MS.

Efetivamente: existe incremento na participação masculina e uma concomitante queda na feminina. Por outro lado, como pode ser observado no gráfico 4.7.1, se as taxas femininas juvenis acompanharam quase exatamente as taxas femininas totais, a partir da virada de século observa-se um desligamento delas. As taxas femininas jovens crescem mais rápido que as do conjunto da população feminina.

Gráfico 4.7.1. Taxas de óbito feminino em acidentes de transporte. Brasil. 1980/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

4.8. Comparações internacionais

A tabela a seguir sintetiza a situação de 101 países do mundo, com dados oriundos das bases da OMS, como foi explicado no capítulo metodológico.

Tabela 4.8.1. Taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte em 101 países do mundo. População Total e População Jovem.									
PAÍS	Ano	Total			PAÍS	Ano	Total		
		Taxa	Pos.				Taxa	Pos.	
Venezuela	2009	28,2	1º		Bermudas	2008	57,6	1º	
Suíça	2010	26,5	2º		Venezuela	2009	40,4	2º	
Bermudas	2008	25,2	3º		Bahamas	2008	36,2	3º	
BRASIL	2010	23,0	4º		Suriname	2009	35,2	4º	
Equador	2010	22,4	5º		Trinidad e Tobago	2008	30,6	5º	
Trinidad e Tobago	2008	22,2	6º		Paraguai	2010	29,8	6º	
Suriname	2009	21,2	7º		BRASIL	2010	29,3	7º	
Bahamas	2008	21,0	8º		Malásia	2008	27,6	8º	
El Salvador	2009	20,7	9º		Equador	2010	26,4	9º	
Rússia	2010	20,0	10º		Dominica	2010	26,2	10º	
Cazaquistão	2010	19,8	11º		Maurício	2011	21,0	11º	
Paraguai	2010	19,5	12º		Uruguai	2009	19,6	12º	
Aruba	2010	18,4	13º		Colômbia	2009	18,7	13º	
Belize	2009	16,9	14º		Panamá	2009	18,4	14º	
Bielorrússia	2009	16,4	15º		México	2010	18,1	15º	
Malásia	2008	16,2	16º		Guiana	2009	18,0	16º	
Quirguistão	2010	16,2	17º		Nova Zelândia	2009	17,9	17º	
Guiana	2009	15,7	18º		República da Moldávia	2012	17,2	18º	
República Dominicana	2010	15,5	19º		Kuwait	2011	17,1	19º	
Colômbia	2009	15,1	20º		EUA	2010	17,1	20º	
México	2010	14,8	21º		Brunei Darussalam	2011	16,8	21º	
Uruguai	2009	14,7	22º		Catar	2011	16,4	22º	
Maurício	2011	14,5	23º		Omã	2010	15,8	23º	
Catar	2011	14,3	24º		Argentina	2010	15,6	24º	
República da Moldávia	2012	14,0	25º		El Salvador	2009	15,5	25º	
Ilhas Virgens Britânicas	2009	13,8	26º		Belize	2009	15,3	26º	
Panamá	2009	13,8	27º		Polônia	2011	15,3	27º	
Chile	2009	13,4	28º		Quirguistão	2010	14,9	28º	
Costa Rica	2011	13,2	29º		Chipre	2011	14,9	29º	
Ucrânia	2012	13,1	30º		Montenegro	2009	14,3	30º	
República da Coreia	2011	13,0	31º		Costa Rica	2011	14,0	31º	
Polônia	2011	12,7	32º		Aruba	2010	13,9	32º	
EUA	2010	12,4	33º		Ilhas Virgens Britânicas	2009	13,8	33º	
Kuwait	2011	12,3	34º		Bélgica	2010	13,7	34º	
Omã	2010	12,2	35º		Porto Rico	2010	13,6	35º	
Romênia	2011	11,9	36º		Chile	2009	12,9	36º	
Argentina	2010	11,7	37º		Luxemburgo	2011	12,9	37º	
África do Sul	2009	11,6	38º		África do Sul	2009	12,8	38º	
Montenegro	2009	11,5	39º		Croácia	2012	12,6	39º	
Jordânia	2009	11,4	40º		Irlanda do Norte	2010	12,5	40º	
Nova Zelândia	2009	11,2	41º		Estônia	2012	12,0	41º	
Lituânia	2010	11,1	42º		Canadá	2009	11,8	42º	
Brunei Darussalam	2011	10,8	43º		Jordânia	2009	11,6	43º	
Porto Rico	2010	10,5	44º		Itália	2010	11,5	44º	
Croácia	2012	10,3	45º		Eslováquia	2010	11,2	45º	
Chipre	2011	10,1	46º		Rússia	2010	11,1	46º	
Letônia	2012	10,1	47º		Lituânia	2010	11,1	47º	
Dominica	2010	9,6	48º		Ilhas Cayman	2009	10,9	48º	
Eslováquia	2010	9,5	49º		Romênia	2011	10,8	49º	
Egito	2011	9,5	50º		França	2010	10,7	50º	

(continua)

Tabela 4.8.1. (continuação)

Tabela 4.8.1. Taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte em 101 países do mundo. População Total e População Jovem.								
PAÍS	Ano	Total			PAÍS	Ano	Total	
		Taxa	Pos.				Taxa	Pos.
Seychelles	2012	9,1	51º		Arábia Saudita	2009	10,5	51º
Sérvia	2012	9,0	52º		Letônia	2012	10,5	52º
Portugal	2011	9,0	53º		Fiji	2011	10,4	53º
Peru	2010	9,0	54º		Austrália	2011	10,3	54º
Nicarágua	2011	9,0	55º		Granada	2010	10,3	55º
Cuba	2010	9,0	56º		Portugal	2011	10,2	56º
Hungria	2012	8,5	57º		Egito	2011	10,1	57º
Arábia Saudita	2009	8,3	58º		Sérvia	2012	9,9	58º
Bélgica	2010	8,3	59º		Bahrain	2009	9,9	59º
Bahrain	2009	8,1	60º		Bulgária	2012	9,0	60º
Eslovênia	2010	8,0	61º		República Checa	2012	8,9	61º
Canadá	2009	7,8	62º		Filipinas	2008	8,8	62º
República Checa	2012	7,7	63º		Eslovênia	2010	8,4	63º
Filipinas	2008	7,6	64º		Irlanda	2010	8,1	64º
Itália	2010	7,6	65º		Áustria	2011	8,1	65º
Austrália	2011	7,5	66º		Finlândia	2011	8,1	66º
Armênia	2012	7,2	67º		República da Coreia	2011	8,0	67º
Bulgária	2012	7,1	68º		Peru	2010	7,9	68º
Irlanda do Norte	2010	6,9	69º		Cuba	2010	7,5	69º
Estônia	2012	6,8	70º		Alemanha	2012	7,5	70º
TFYR Macedônia	2010	6,6	71º		Armênia	2012	7,2	71º
Finlândia	2011	6,5	72º		Santa Lúcia	2008	7,2	72º
Áustria	2011	6,4	73º		Israel	2011	7,0	73º
Fiji	2011	6,3	74º		TFYR Macedônia	2010	6,6	74º
França	2010	6,2	75º		Noruega	2012	6,0	75º
Ilhas Cayman	2009	6,1	76º		Reino Unido	2010	5,8	76º
Luxemburgo	2011	5,6	77º		Hungria	2012	5,7	77º
Granada	2010	5,6	78º		Malta	2011	5,6	78º
Iraque	2008	5,5	79º		Cazaquistão	2010	5,6	79º
Japão	2011	5,4	80º		República Dominicana	2010	5,4	80º
Espanha	2011	5,1	81º		Suíça	2010	5,3	81º
Israel	2011	5,0	82º		Espanha	2011	5,3	82º
Alemanha	2012	4,9	83º		Geórgia	2010	5,2	83º
Malta	2011	4,8	84º		Dinamarca	2011	5,0	84º
Dinamarca	2011	4,2	85º		Antígua e Barbuda	2009	5,0	85º
Holanda	2011	4,2	86º		Escócia	2011	4,9	86º
Irlanda	2010	4,2	87º		Holanda	2011	4,9	87º
Islândia	2009	4,1	88º		Iraque	2008	4,6	88º
Escócia	2011	4,1	89º		Suécia	2010	4,4	89º
Geórgia	2010	3,9	90º		Inglaterra e Gales	2011	4,3	90º
Noruega	2012	3,9	91º		Japão	2011	4,0	91º
Reino Unido	2010	3,6	92º		Guatemala	2009	2,4	92º
Suécia	2010	3,4	93º		Bielorrússia	2009	2,4	93º
Inglaterra e Gales	2011	3,0	94º		Ucrânia	2012	2,1	94º
Guatemala	2009	2,3	95º		Marrocos	2011	1,6	95º
Antígua e Barbuda	2009	2,3	96º		Islândia	2009	1,4	96º
Marrocos	2011	1,9	97º		Hong Kong SAR	2011	1,0	97º
Hong Kong SAR	2011	1,5	98º		Bósnia e Herzegovina	2011	0,4	98º
Barbados	2008	1,1	99º		Barbados	2008	0,0	99º
Bósnia e Herzegovina	2011	0,1	99º		Nicarágua	2011	0,0	99º
Santa Lúcia	2008	0,0	99º		Seychelles	2012	0,0	99º

Fonte: Whosis/Census.

As taxas do Brasil resultam extremamente elevadas, bem acima de média internacional. Com sua taxa total de 23 mortes em acidentes de transporte por 100 mil habitantes, o Brasil ocupa a quarta posição entre os 101 países elencados e a sétima quando se trata de mortalidade juvenil, pela sua taxa de 29,3.

5. SUICÍDIOS

No capítulo 2, quando abordamos os marcos da mortalidade juvenil, verificamos que, entre 1980 e 2012, as taxas de suicídio tinham crescido de 62,5%, aumentando o ritmo a partir da virada de século, tanto para o conjunto da população quanto para a faixa jovem.

Na tabela e no gráfico 5.1 desagregamos essa informação para as faixas de idade que represem fases do ciclo de vida da população a partir dos 10 anos de idade: adolescência, juventude, maturidade e velhice. Os dados indicam que:

- Em todas as fases se observa um panorama incremental nos suicídios: crescimento negativo na primeira década, baixo crescimento na década de 1990/2000, crescimento acelerado até 2012.
- Se excetuarmos a faixa adolescente pela baixa incidência, a fase que mais cresce no período 1980/2012 é a adulta, aproximando-se e beirando, de forma preocupante, os índices da velhice, que são os que menos cresceram no período, fenômeno para o qual, ainda, temos mais interrogações que explicações.

Mas esses fenômenos, que deveriam provocar diversas discussões pelas implicações, não tiveram sua merecida repercussão. Quais podem ser os motivos dessa aparente desatenção?

- Os suicídios vêm crescendo à sombra dos dois gigantes de nossa mortalidade violenta: a dos acidentes de trânsito e a dos homicídios, com taxas entre quatro e seis vezes maiores. Essa baixa presença pareceria atuar como justificativa para a falta de atenção.
- O Brasil carece de uma *tradição* ou *cultura* suicida, como a da maior parte dos países europeus e diversos asiáticos. Nos últimos anos, o Brasil apresentou 5,5 homicídios e 4,5 mortes no trânsito para cada suicídio. No Japão acontece totalmente o contrário: são 70 suicídios para cada homicídio; 4,2 mortes no trânsito para cada homicídio.
- Há um *tabu* existente na mídia de divulgar questões relativas ao tema, pelo temor do “*Efeito Werther*”²⁶, ondas de suicídios por imitação ou indução.
- Também a produção acadêmica não acompanhou de forma proporcional esse crescimento. Como apontam Minayo e Cavalcante²⁷: “Embora relevante, o suicídio de pessoas idosas tem merecido pouca atenção, não só no Brasil, mas no mundo inteiro”. Nos faríamos extensiva essa observação para o conjunto dos suicídios.

Nesse marco, tentaremos agora aprofundar a partir dos dados liberados pelo MS.

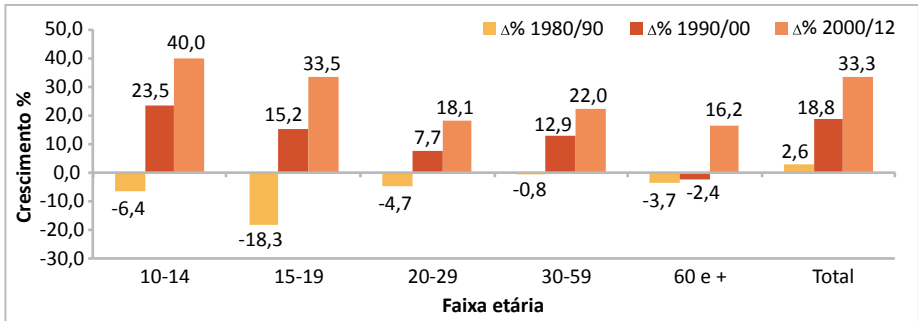
²⁶ Personagem da novela *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, publicada em 1774, em que o personagem se suicida com um tiro devido a um fracasso amoroso. A novela teria originado um surto de suicídios de jovens usando o mesmo método, em diversos locais.

²⁷ MINAYO, M. C. S.; CAVALCANTE, F. G.; SOUZA, E. R. Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 4, p. 750-757, 2010.

Tabela 5.1. Número e taxas de suicídio (por 100 mil) segundo Faixa Etária. Brasil. 1980/2012.												
Ano	Suicídios						Taxas de suicídio (por 100 mil)					
	10-14	15-19	20-29	30-59	60 e +	total	10-14	15-19	20-29	30-59	60 e +	Total
1980	59	422	1.101	1.752	529	3.863	0,4	3,1	5,3	5,5	7,3	3,3
1981	73	493	1.249	1.757	458	4.030	0,5	3,6	5,8	5,4	6,1	3,4
1982	69	399	1.165	1.798	464	3.895	0,5	2,9	5,3	5,3	5,9	3,2
1983	78	455	1.298	2.108	623	4.562	0,5	3,3	5,8	6,0	7,6	3,6
1984	69	369	1.230	2.139	592	4.399	0,5	2,6	5,4	5,9	7,0	3,4
1985	73	331	1.168	2.060	594	4.226	0,5	2,3	5,0	5,5	6,7	3,2
1986	62	392	1.177	1.995	648	4.274	0,4	2,7	4,9	5,2	7,1	3,2
1987	65	384	1.227	2.284	713	4.673	0,4	2,6	5,0	5,8	7,5	3,4
1988	58	333	1.218	2.199	656	4.464	0,4	2,3	4,9	5,4	6,7	3,2
1989	63	380	1.179	2.167	676	4.465	0,4	2,6	4,7	5,2	6,7	3,2
1990	65	378	1.286	2.343	732	4.804	0,4	2,5	5,0	5,5	7,0	3,4
1991	76	412	1.318	2.549	804	5.159	0,4	2,7	5,0	5,8	7,5	3,5
1992	73	410	1.369	2.654	712	5.218	0,4	2,7	5,2	5,8	6,4	3,5
1993	82	487	1.538	2.680	727	5.514	0,5	3,2	5,7	5,9	6,6	3,7
1994	93	551	1.602	2.830	820	5.896	0,5	3,5	5,9	6,2	7,4	3,9
1995	73	558	1.740	3.250	923	6.544	0,4	3,5	6,3	7,0	8,2	4,2
1996	116	630	1.704	3.361	882	6.693	0,7	3,8	6,2	6,6	7,1	4,3
1997	106	575	1.650	3.570	982	6.883	0,6	3,4	5,9	6,9	7,8	4,3
1998	94	604	1.681	3.524	1.025	6.928	0,5	3,5	6,0	6,8	8,1	4,3
1999	83	546	1.586	3.361	924	6.500	0,5	3,1	5,5	6,4	7,2	4,0
2000	83	525	1.617	3.535	1.000	6.760	0,5	2,9	5,4	6,2	6,9	4,0
2001	107	705	1.834	3.986	1.073	7.705	0,6	3,9	6,0	6,9	7,3	4,5
2002	107	646	1.869	4.031	1.044	7.697	0,6	3,5	6,1	6,9	7,0	4,4
2003	99	658	1.955	4.067	1.051	7.830	0,5	3,5	6,2	6,8	7,0	4,4
2004	103	640	1.946	4.163	1.135	7.987	0,6	3,4	6,1	6,9	7,5	4,5
2005	104	624	1.973	4.547	1.275	8.523	0,6	3,2	6,0	7,3	8,2	4,6
2006	117	631	2.037	4.621	1.200	8.606	0,6	3,2	6,2	7,4	7,6	4,6
2007	116	598	2.139	4.689	1.308	8.850	0,7	3,5	6,1	6,9	7,2	4,7
2008	96	632	2.233	4.955	1.376	9.292	0,6	3,7	6,4	7,1	7,3	4,9
2009	106	566	2.209	5.074	1.378	9.333	0,6	3,4	6,3	7,2	7,1	4,9
2010	101	605	2.210	5.078	1.426	9.420	0,6	3,6	6,4	7,0	6,9	5,0
2011	105	628	2.326	5.252	1.502	9.813	0,6	3,7	6,7	7,1	7,2	5,1
2012	117	675	2.225	5.600	1.670	10.287	0,7	3,9	6,4	7,6	8,0	5,3
Δ% 1980/90	10,2	-10,4	16,8	33,7	38,4	24,4	-6,4	-18,3	-4,7	-0,8	-3,7	2,6
Δ% 1990/00	27,7	38,9	25,7	50,9	36,6	40,7	23,5	15,2	7,7	12,9	-2,4	18,8
Δ% 2000/12	41,0	28,6	37,6	58,4	67,0	52,2	40,0	33,5	18,1	22,0	16,2	33,3
Δ% 1980/12	98,3	60,0	102,1	219,6	215,7	166,3	61,8	25,6	21,2	36,6	9,2	62,4

Fonte: SM/SVS/MS.

Grafico 5.1. Número e taxas de suicídio (por 100 mil) segundo Faixa Etária. Brasil. 1980/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

5.1. Evolução dos suicídios nas Unidades Federadas

Crescimento dos quantitativos 2002/2012 na População Total:

Entre os anos 2002 e 2012, o total de suicídios no país passa de 7.726 para 10.321, o que representa um aumento de 33.6%. Esse aumento foi superior ao crescimento da população do país no mesmo período, que foi de 11,1%. Das três causas violentas aqui trabalhadas, foi a de maior crescimento decenal, superando largamente os homicídios (2,1%) e a mortalidade nos acidentes de transporte (24,5%).

Destaca-se, de forma preocupante, a região Norte, onde os suicídios passaram de 390 para 693: aumento de 77,7%. Amazonas, Roraima, Acre e Tocantins duplicam – aproximadamente – seus quantitativos.

No Nordeste, o crescimento também foi significativo: 51,7%, destacando-se Bahia e Paraíba, por mais que duplicar seu número de suicidas.

Na região Sudeste, o crescimento de 35,8% foi próximo da média nacional, com Minas Gerais acima da média: 58,3%, e Rio de Janeiro praticamente zerando o crescimento.

As regiões Sul e Centro-Oeste são as de menor crescimento decenal: 15,2% e 16,3%.

Crescimento dos quantitativos 2002/2012 na População Jovem:

Entre os jovens, esse aumento foi bem menor: 15,3%, passando de 2.515 para 2.900 suicídios entre 2002 e 2012. Regionalmente, o crescimento foi bem semelhante ao da população total, mas com situações estaduais muito diferenciadas. Acre, Amazonas, Tocantins e Paraíba mais que duplicam seu número de jovens suicidas, enquanto Amapá e Rio de Janeiro têm quedas moderadas.

Crescimento das taxas 2002/2012 na População Total:

Relativizando os dados segundo a população das Unidades (tabela 5.1.3 e gráfico 5.1.1) temos que o país passou de 4,4 para 5,3 suicidas por 100 mil habitantes: crescimento de 20,3%. Norte e Nordeste foram as de maior incremento, bem acima da média nacional; o aumento no Sudeste ficou próximo dessa média, e no Centro-Oeste foi, inclusive, negativo, por obra das quedas em Goiás.

Em 23 UF's as taxas cresceram na década, encabeçadas por Paraíba, Bahia e Amazonas. Só quatro: Ceará, Goiás, Rio de Janeiro e Amapá tiveram quedas em suas taxas de suicídio.

Tabela 5.1.1. Número de suicídios na População Total, por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	22	26	26	19	25	36	33	31	40	41	43	95,5	4,9
Amapá	35	35	38	40	25	26	31	26	29	37	21	-40,0	-43,2
Amazonas	80	91	98	91	98	129	147	152	162	188	185	131,3	-1,6
Pará	139	137	135	167	158	179	217	187	190	221	240	72,7	8,6
Rondônia	45	53	63	64	65	41	76	84	82	78	73	62,2	-6,4
Roraima	19	20	26	27	34	43	31	32	34	34	38	100,0	11,8
Tocantins	50	72	64	68	71	89	84	80	85	93	93	86,0	0,0
NORTE	390	434	450	476	476	543	619	592	622	692	693	77,7	0,1
Alagoas	83	68	95	78	97	109	105	110	84	102	107	28,9	4,9
Bahia	233	295	261	356	387	419	380	374	432	423	476	104,3	12,5
Ceará	459	420	457	539	492	523	542	499	487	553	508	10,7	-8,1
Maranhão	116	88	96	111	156	155	175	153	207	215	208	79,3	-3,3
Paraíba	77	80	93	104	131	135	156	166	156	162	187	142,9	15,4
Pernambuco	257	295	290	311	295	379	363	328	290	291	337	31,1	15,8
Piauí	127	140	161	153	181	214	222	209	203	235	235	85,0	0,0
Rio Grande do Norte	106	148	117	158	145	132	147	146	137	177	172	62,3	-2,8
Sergipe	83	86	80	84	77	101	109	116	130	133	108	30,1	-18,8
NORDESTE	1.541	1.620	1.650	1.894	1.961	2.167	2.199	2.101	2.126	2.291	2.338	51,7	2,1
Espírito Santo	126	152	149	166	159	136	149	150	165	164	177	40,5	7,9
Minas Gerais	797	941	906	986	1.017	1.023	1.050	1.119	1.103	1.251	1.262	58,3	0,9
Rio de Janeiro	465	360	398	430	404	353	344	318	509	434	463	-0,4	6,7
São Paulo	1.554	1.556	1.534	1.625	1.726	1.709	1.854	1.975	1.953	2.056	2.093	34,7	1,8
SUDESTE	2.942	3.009	2.987	3.207	3.306	3.221	3.397	3.562	3.730	3.905	3.995	35,8	2,3
Paraná	582	590	669	673	591	632	599	651	583	595	633	8,8	6,4
Rio Grande do Sul	1.033	1.032	1.052	1.077	1.151	1.102	1.163	1.112	1.036	1.041	1.178	14,0	13,2
Santa Catarina	435	410	422	449	386	453	489	514	535	517	550	26,4	6,4
SUL	2.050	2.032	2.143	2.199	2.128	2.187	2.251	2.277	2.154	2.153	2.361	15,2	9,7
Distrito Federal	110	93	106	112	129	122	132	136	158	113	142	29,1	25,7
Goiás	371	325	327	318	275	289	364	308	306	331	397	7,0	19,9
Mato Grosso	153	159	161	151	169	155	184	189	163	158	185	20,9	17,1
Mato Grosso do Sul	169	189	193	193	195	184	182	209	189	209	210	24,3	0,5
CENTRO-OESTE	803	766	787	774	768	750	862	842	816	811	934	16,3	15,2
BRASIL	7.726	7.861	8.017	8.550	8.639	8.868	9.328	9.374	9.448	9.852	10.321	33,6	4,8

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.1.2.. Número de suicídios na População Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	10	14	18	6	13	17	11	16	16	14	23	130,0	64,3
Amapá	20	22	21	22	13	12	20	17	15	19	10	-50,0	-47,4
Amazonas	43	45	50	45	53	79	93	84	89	99	101	134,9	2,0
Pará	73	64	67	73	69	72	100	83	75	88	108	47,9	22,7
Rondônia	20	26	26	28	18	18	34	38	29	30	24	20,0	-20,0
Roraima	12	7	16	14	18	25	18	13	19	19	18	50,0	-5,3
Tocantins	17	24	27	23	25	31	32	31	31	32	37	117,6	15,6
NORTE	195	202	225	211	209	254	308	282	274	301	321	64,6	6,6
Alagoas	36	21	37	23	37	38	46	45	36	33	38	5,6	15,2
Bahia	85	103	86	112	128	145	98	113	131	126	141	65,9	11,9
Ceará	155	171	166	194	164	181	173	159	175	195	156	0,6	-20,0
Maranhão	50	38	40	33	63	64	79	58	86	91	83	66,0	-8,8
Paraíba	24	28	20	30	42	48	46	50	35	47	53	120,8	12,8
Pernambuco	98	122	91	100	110	118	127	100	103	108	96	-2,0	-11,1
Piauí	50	62	70	63	53	76	76	76	78	75	70	40,0	-6,7
Rio Grande do Norte	38	43	31	45	51	40	41	43	30	53	35	-7,9	-34,0
Sergipe	23	35	23	33	28	43	30	35	47	44	34	47,8	-22,7
NORDESTE	559	623	564	633	676	753	716	679	721	772	706	26,3	-8,5
Espírito Santo	40	37	41	40	44	36	29	39	39	34	63	57,5	85,3
Minas Gerais	276	291	305	271	324	292	313	297	304	378	332	20,3	-12,2
Rio de Janeiro	130	100	95	98	89	80	68	76	107	105	100	-23,1	-4,8
São Paulo	504	526	475	464	529	513	530	580	594	614	568	12,7	-7,5
SUDESTE	950	954	916	873	986	921	940	992	1.044	1.131	1.063	11,9	-6,0
Paraná	183	212	233	227	190	198	197	194	174	156	183	0,0	17,3
Rio Grande do Sul	231	236	241	260	238	219	269	231	212	214	214	-7,4	0,0
Santa Catarina	114	101	105	112	108	118	129	114	120	117	112	-1,8	-4,3
SUL	528	549	579	599	536	535	595	539	506	487	509	-3,6	4,5
Distrito Federal	43	32	40	39	51	51	52	50	48	43	38	-11,6	-11,6
Goiás	114	111	118	113	88	99	107	97	99	91	119	4,4	30,8
Mato Grosso	51	68	64	49	43	48	65	69	45	51	62	21,6	21,6
Mato Grosso do Sul	75	74	80	80	79	76	82	67	78	78	82	9,3	5,1
CENTRO-OESTE	283	285	302	281	261	274	306	283	270	263	301	6,4	14,4
BRASIL	2.515	2.613	2.586	2.597	2.668	2.737	2.865	2.775	2.815	2.954	2.900	15,3	-1,8

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.1.3. Taxas de suicídio (por 100 mil) na População Total. UF e Região. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	3,7	4,3	4,2	2,8	3,6	5,1	4,9	4,5	5,7	5,5	5,7	51,2	3,2
Amapá	6,8	6,5	6,9	6,7	4,1	4,1	5,1	4,1	4,5	5,4	3,0	-55,6	-44,4
Amazonas	2,7	3,0	3,2	2,8	3,0	3,8	4,4	4,5	4,7	5,3	5,2	90,7	-3,0
Pará	2,2	2,1	2,0	2,4	2,2	2,5	3,0	2,5	2,5	2,9	3,1	42,5	6,7
Rondônia	3,1	3,6	4,3	4,2	4,2	2,6	5,1	5,6	5,4	4,9	4,6	46,1	-7,2
Roraima	5,5	5,6	7,1	6,9	8,4	10,4	7,5	7,6	7,9	7,4	8,1	47,8	9,5
Tocantins	4,1	5,9	5,1	5,2	5,3	6,5	6,6	6,2	6,4	6,6	6,6	58,4	-1,2
NORTE	2,9	3,1	3,2	3,2	3,2	3,5	4,1	3,9	4,0	4,3	4,2	46,8	-1,4
Alagoas	2,9	2,3	3,2	2,6	3,2	3,5	3,4	3,5	2,7	3,2	3,4	17,6	4,2
Bahia	1,7	2,2	1,9	2,6	2,8	3,0	2,6	2,6	3,0	3,0	3,4	92,0	11,9
Ceará	6,0	5,4	5,8	6,7	6,0	6,3	6,4	5,8	5,8	6,5	5,9	-1,6	-8,9
Maranhão	2,0	1,5	1,6	1,8	2,5	2,5	2,8	2,4	3,2	3,2	3,1	55,0	-4,2
Paraíba	2,2	2,3	2,6	2,9	3,6	3,7	4,2	4,4	4,2	4,3	4,9	122,5	14,7
Pernambuco	3,2	3,6	3,5	3,7	3,5	4,4	4,2	3,7	3,3	3,3	3,8	18,7	15,0
Piauí	4,4	4,8	5,5	5,1	6,0	7,0	7,1	6,6	6,5	7,5	7,4	69,7	-0,6
Rio Grande do Norte	3,7	5,1	4,0	5,3	4,8	4,3	4,7	4,7	4,4	5,5	5,3	43,4	-3,7
Sergipe	4,5	4,6	4,2	4,3	3,8	5,0	5,5	5,7	6,4	6,4	5,1	13,8	-19,6
NORDESTE	3,2	3,3	3,3	3,7	3,8	4,2	4,1	3,9	4,0	4,3	4,3	37,5	1,3
Espírito Santo	3,9	4,7	4,5	4,9	4,6	3,9	4,3	4,3	4,7	4,6	4,9	25,7	7,0
Minas Gerais	4,3	5,1	4,8	5,1	5,2	5,2	5,3	5,6	5,6	6,3	6,4	46,3	0,2
Rio de Janeiro	3,2	2,4	2,6	2,8	2,6	2,2	2,2	2,0	3,2	2,7	2,9	-9,7	5,9
São Paulo	4,1	4,0	3,9	4,0	4,2	4,1	4,5	4,8	4,7	4,9	5,0	22,7	1,0
SUDESTE	4,0	4,0	3,9	4,1	4,2	4,0	4,2	4,4	4,6	4,8	4,9	23,9	1,6
Paraná	5,9	6,0	6,7	6,6	5,7	6,0	5,7	6,1	5,5	5,7	6,0	0,7	5,7
Rio Grande do Sul	9,9	9,8	9,9	9,9	10,5	9,9	10,7	10,2	9,6	9,7	10,9	10,2	12,8
Santa Catarina	7,9	7,3	7,4	7,7	6,5	7,5	8,1	8,4	8,7	8,2	8,6	9,5	5,3
SUL	8,0	7,8	8,1	8,2	7,8	7,9	8,2	8,2	7,8	7,8	8,5	6,9	9,0
Distrito Federal	5,1	4,2	4,7	4,8	5,4	5,0	5,2	5,2	6,2	4,3	5,4	4,6	23,8
Goiás	7,1	6,1	6,1	5,7	4,8	4,9	6,2	5,2	5,2	5,4	6,5	-9,4	18,5
Mato Grosso	5,9	6,0	6,0	5,4	5,9	5,3	6,2	6,3	5,4	5,1	5,9	1,1	15,6
Mato Grosso do Sul	7,9	8,7	8,8	8,5	8,5	7,9	7,8	8,9	7,9	8,4	8,4	6,2	-0,6
CENTRO-OESTE	6,6	6,2	6,3	5,9	5,8	5,5	6,3	6,1	5,9	5,7	6,5	-2,4	13,7
BRASIL	4,4	4,4	4,5	4,6	4,6	4,7	4,9	4,9	5,0	5,1	5,3	20,3	3,9

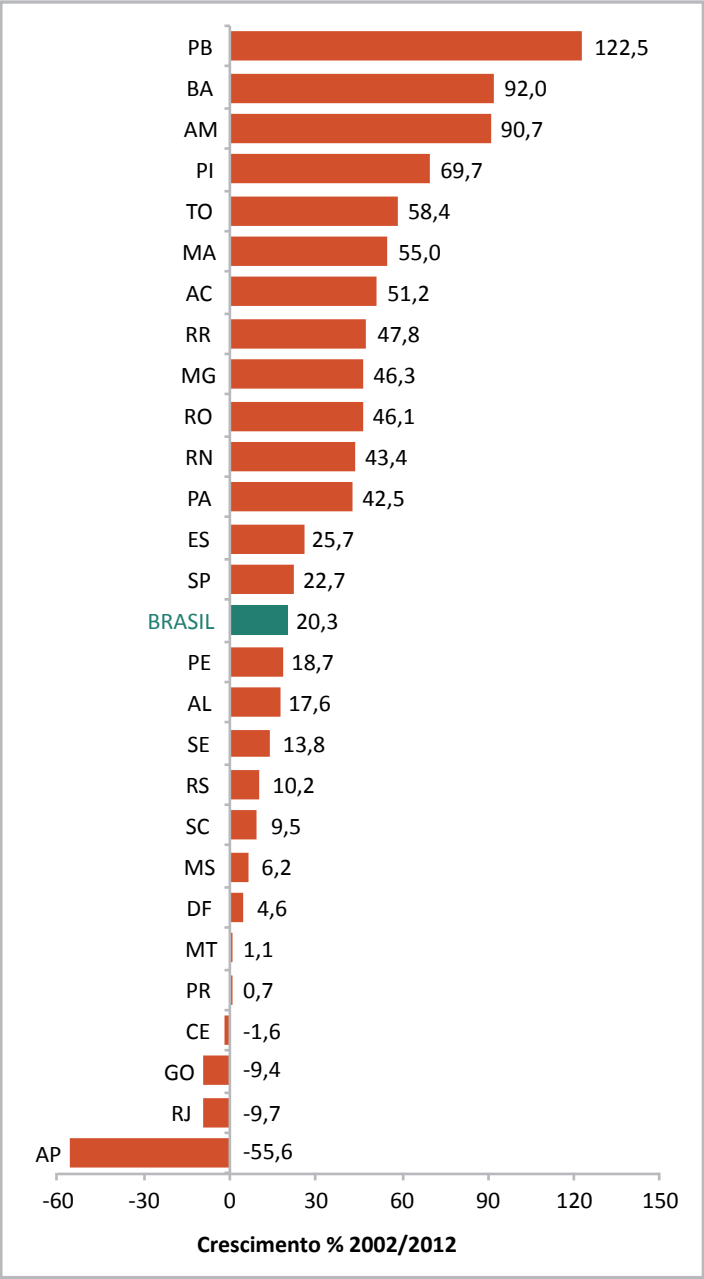
Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.1.4. Taxas de suicídio (por 100 mil) na População Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	5,7	7,7	9,7	3,0	6,3	8,1	5,4	7,8	7,5	6,4	10,4	83,0	61,6
Amapá	12,4	13,2	12,2	11,9	6,8	6,2	10,8	9,0	7,3	9,0	4,7	-62,5	-48,4
Amazonas	4,8	4,9	5,3	4,6	5,2	7,6	9,1	8,2	8,7	9,5	9,5	100,6	0,5
Pará	3,8	3,2	3,3	3,5	3,2	3,3	4,5	3,7	3,3	3,9	4,7	23,7	20,6
Rondônia	4,7	6,0	5,9	6,1	3,9	3,8	7,7	8,6	6,4	6,6	5,2	11,2	-20,7
Roraima	11,6	6,6	14,6	12,0	14,9	20,3	14,9	10,6	14,2	13,9	12,9	11,4	-7,2
Tocantins	4,8	6,6	7,3	5,9	6,3	7,5	8,4	8,1	7,8	8,0	9,1	90,9	14,2
NORTE	4,8	4,9	5,3	4,8	4,6	5,5	6,7	6,1	5,9	6,3	6,7	38,9	5,0
Alagoas	4,3	2,5	4,3	2,6	4,1	4,2	5,1	5,0	4,1	3,7	4,3	0,4	14,3
Bahia	2,1	2,6	2,1	2,7	3,1	3,5	2,3	2,7	3,3	3,2	3,5	66,3	11,3
Ceará	7,3	7,9	7,6	8,6	7,2	7,4	7,0	6,4	7,3	8,0	6,3	-12,7	-20,7
Maranhão	2,9	2,2	2,3	1,8	3,5	3,3	4,0	3,0	4,4	4,7	4,2	43,2	-9,7
Paraíba	2,4	2,8	2,0	2,9	4,1	4,5	4,3	4,6	3,4	4,5	5,1	109,7	12,0
Pernambuco	4,2	5,2	3,8	4,1	4,5	4,8	5,1	4,0	4,3	4,4	3,9	-6,3	-11,8
Piauí	5,9	7,3	8,1	7,2	6,0	8,2	8,1	8,2	8,9	8,5	7,9	32,9	-7,3
Rio Grande do Norte	4,7	5,2	3,7	5,3	5,9	4,4	4,6	4,8	3,4	5,9	3,8	-18,2	-34,6
Sergipe	4,2	6,3	4,1	5,7	4,7	7,2	5,2	6,1	7,9	7,4	5,6	33,7	-23,5
NORDESTE	3,9	4,3	3,9	4,3	4,5	4,9	4,6	4,4	4,8	5,1	4,6	18,1	-9,3
Espírito Santo	4,3	4,0	4,3	4,1	4,4	3,7	3,0	4,1	4,1	3,6	6,5	50,2	83,7
Minas Gerais	5,4	5,6	5,8	5,1	6,0	5,4	5,8	5,6	5,9	7,3	6,4	17,5	-12,7
Rio de Janeiro	3,4	2,6	2,4	2,4	2,2	2,0	1,7	2,0	2,7	2,6	2,5	-25,5	-5,5
São Paulo	4,7	4,8	4,3	4,1	4,6	4,7	5,0	5,5	5,5	5,7	5,2	10,7	-8,2
SUDESTE	4,6	4,6	4,3	4,0	4,5	4,3	4,5	4,8	5,0	5,4	5,0	9,3	-6,7
Paraná	6,8	7,8	8,5	8,1	6,7	7,0	7,0	6,9	6,4	5,7	6,7	-2,3	16,6
Rio Grande do Sul	8,7	8,8	8,9	9,4	8,5	7,8	9,8	8,4	8,0	8,1	8,0	-7,8	-0,4
Santa Catarina	7,6	6,6	6,8	7,0	6,6	7,2	7,9	7,0	7,2	6,9	6,5	-13,8	-5,3
SUL	7,7	7,9	8,3	8,3	7,4	7,4	8,3	7,5	7,2	6,9	7,1	-7,5	3,8
Distrito Federal	6,2	4,5	5,5	5,2	6,6	7,3	7,2	6,8	6,5	5,8	5,0	-19,2	-12,9
Goiás	7,4	7,1	7,4	6,8	5,2	6,0	6,6	6,0	6,0	5,5	7,1	-4,8	29,1
Mato Grosso	6,6	8,6	7,9	5,8	5,0	5,7	7,7	8,1	5,3	5,9	7,1	7,5	20,0
Mato Grosso do Sul	12,4	12,1	12,9	12,5	12,2	11,7	12,7	10,4	11,8	11,6	12,1	-2,7	4,0
CENTRO-OESTE	7,8	7,7	8,1	7,2	6,6	7,1	8,0	7,3	6,9	6,7	7,5	-4,0	13,0
BRASIL	5,1	5,2	5,1	5,0	5,0	5,2	5,5	5,3	5,5	5,7	5,6	8,9	-2,7

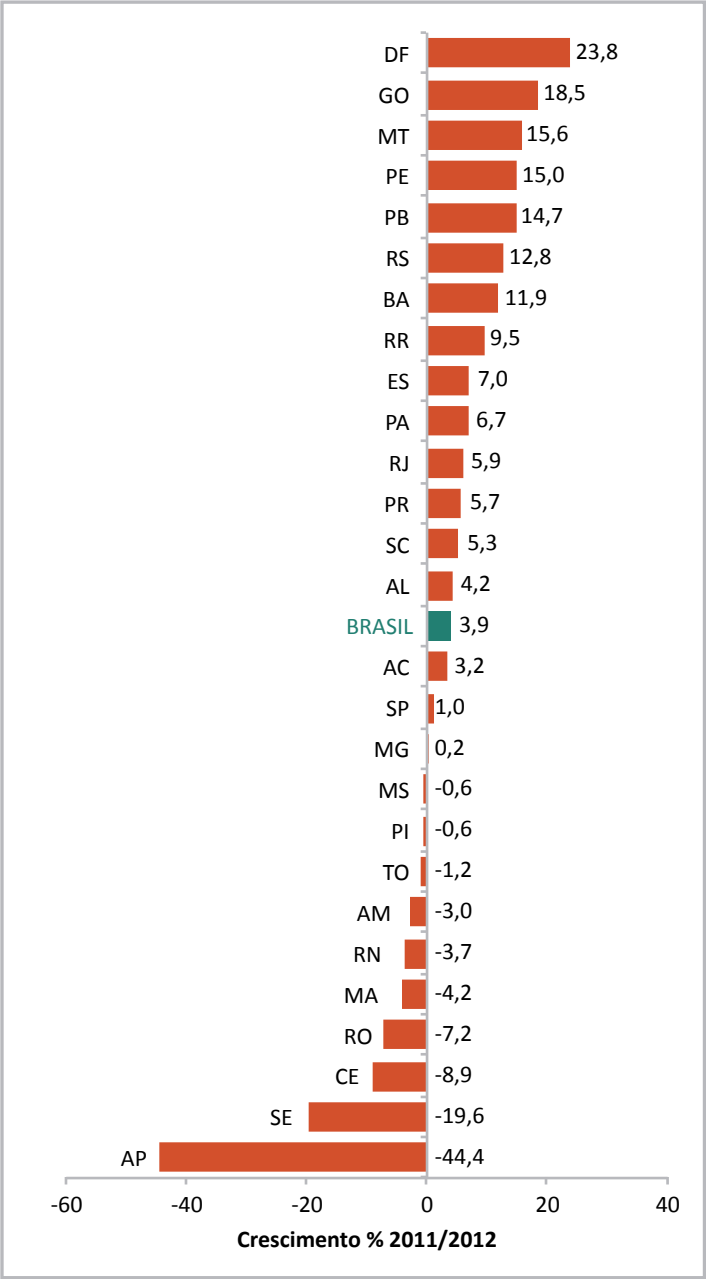
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.1.1. Crescimento das taxas de Suicídio. População Total por UF. 2002/2012.



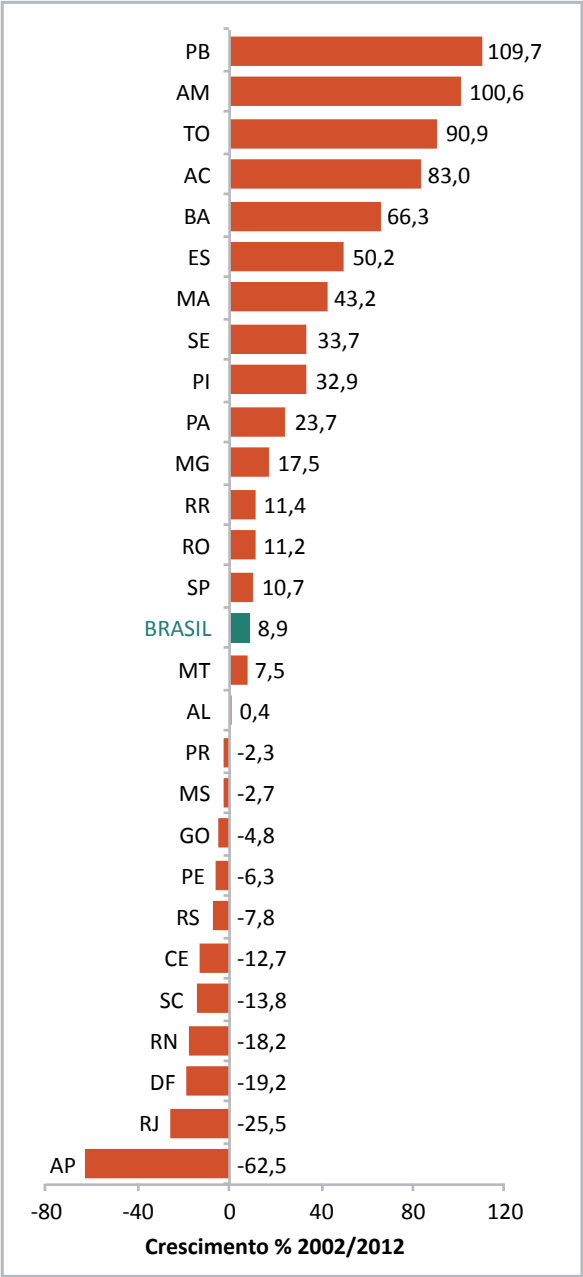
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.1.2. Crescimento das taxas de Suicídio. População Total por UF. 2011/2012.



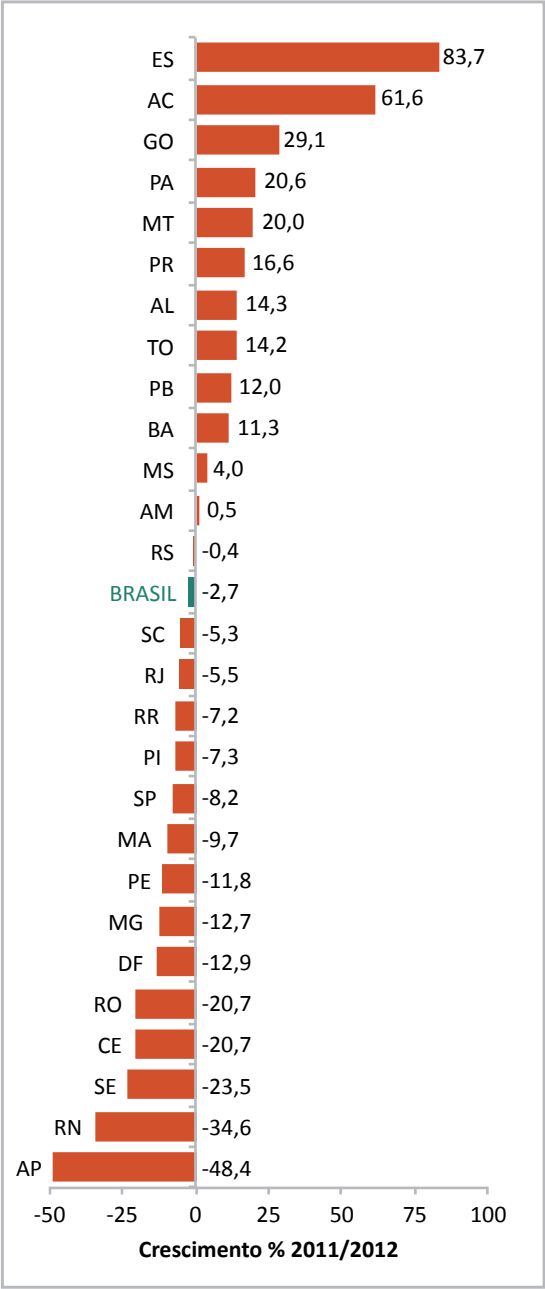
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.1.3. Crescimento das taxas de suicídio. População Jovem por UF. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.1.4. Crescimento das taxas de suicídio. População Jovem por UF. 2011/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Crescimento das taxas 2002/2012 na População Jovem:

Na série de dados decenal referente às taxas de suicídios juvenis (tabela 5.1.4 e gráfico 5.1.3) não se evidenciam grandes diferenças com a distribuição espaço-temporal dos suicídios na População Total.

Crescimento das taxas 2011/2012:

A semelhança de taxas de crescimento da População Total e da Jovem (3,9 e -2,7%, respectivamente) está a ocultar sérias diferenças de comportamento entre os estados:

- Em algumas unidades, a evolução anual foi quase idêntica (como Amapá ou Bahia);
- Em outras unidades, o comportamento foi extremamente diferenciado, como no Distrito Federal, onde as taxas totais aumentam significativamente enquanto as taxas juvenis caem. Ou no Espírito Santo, onde as taxas totais têm um leve aumento, mas as taxas juvenis experimentam uma verdadeira implosão.
- Por fim, nas restantes, situações extremamente variadas.

Para tentar entender melhor essa diversidade, deveremos dividir a população suicida em dois grandes grupos:

- Os suicidas *jovens*, de 15 a 29 anos de idade.
- Os suicidas *não jovens*; menos de 15 anos ou acima de 29 anos de idade.

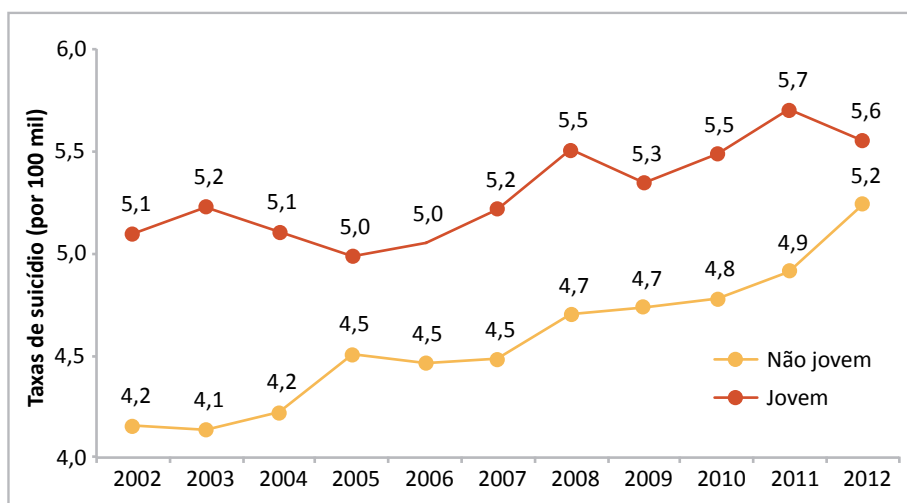
Como indicamos acima, os suicídios juvenis cresceram 8,9%, mas no restante da população passaram de 4,2 para 5,2 por 100 mil, crescimento bem maior que o juvenil. Com isso, o índice de vitimização juvenil²⁸ por suicídios, que era bem mais elevado no início da série – 22,6% – cai drasticamente para 6% em 2012. Isto é: praticamente em 2012 os índices tendem-se igualar, mas com patamares bem elevados (tabela e gráfico 5.1.1).

Tabela 5.1.5. Taxas de Suicídio Jovem, Não Jovem e Vitimização Juvenil. Brasil. 2002/2012.			
Ano	Taxas (por 100 mil)		Vitimização Juvenil
	Não Jovem	Jovem	
2002	4,2	5,1	22,6
2003	4,1	5,2	26,4
2004	4,2	5,1	20,8
2005	4,5	5,0	10,6
2006	4,5	5,0	13,2
2007	4,5	5,2	16,3
2008	4,7	5,5	17,2
2009	4,7	5,3	12,9
2010	4,8	5,5	14,8
2011	4,9	5,7	16,2
2012	5,2	5,6	6,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

²⁸ Percentual de jovens que morrem a mais por suicídios que no resto da população.

Gráfico 5.1.5. Evolução das taxas de suicídio Jovem e Não Jovem nas UFs. Brasil. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

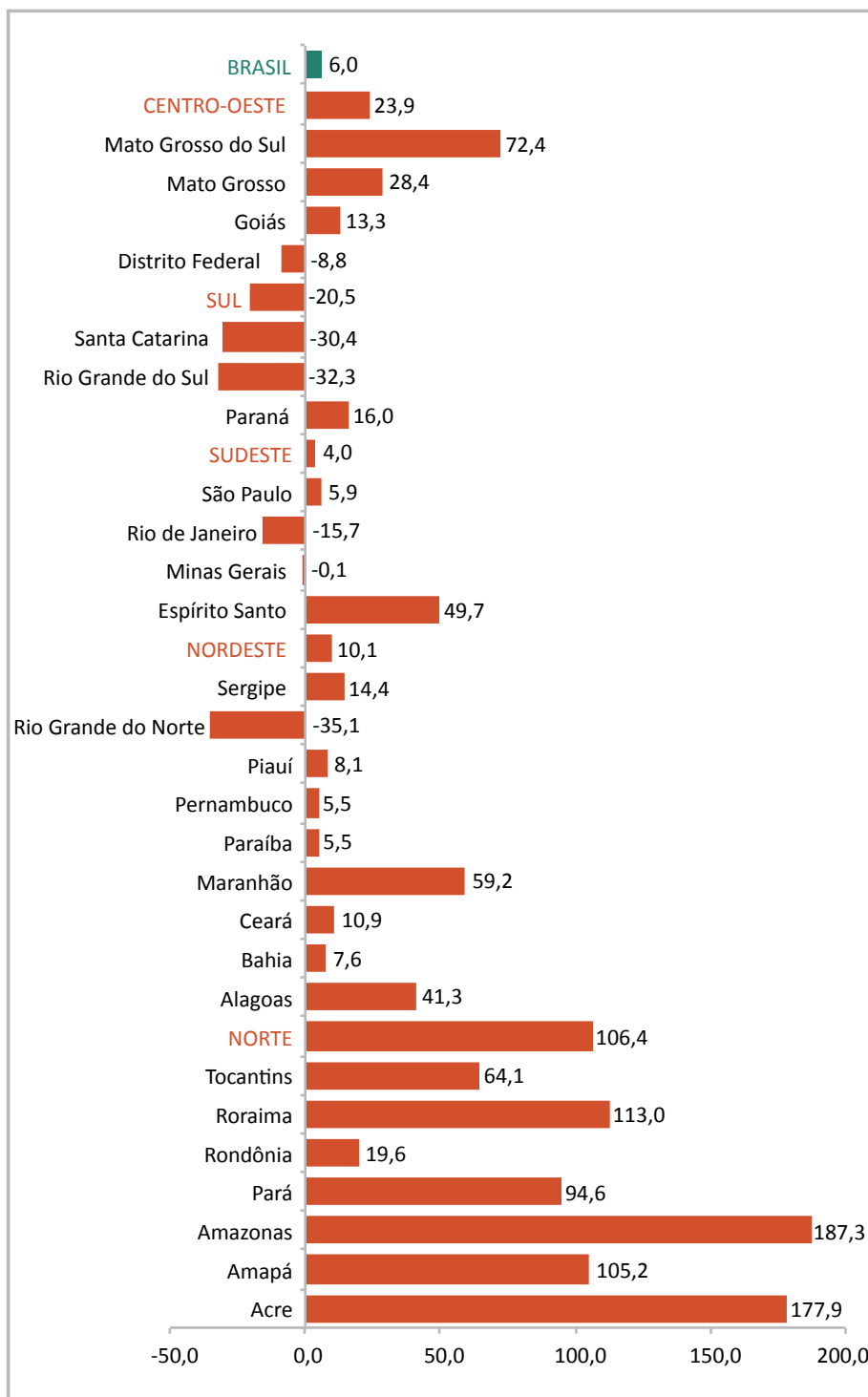
Neste quesito, o da vitimização juvenil, existe uma enorme heterogeneidade entre as UFs (tabela e gráfico 5.1.6).

- Só seis unidades Federativas apresentam taxas de vitimização juvenil negativas, isto é, suicidam-se proporcionalmente mais não jovens do que jovens: Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.
- Nas restantes, os jovens são os que apresentam maiores taxas de vitimização, com amplo destaque para a região Norte, cuja taxa de vitimização juvenil mais que duplica em relação à do resto da população. Aqui, Acre e Amazonas quase triplicam.
- Fora da região Norte, Maranhão, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul também apresentam elevadas taxas de vitimização juvenil.

Tabela 5.1.6. Taxas de suicídio Jovem, Não Jovem e Vitimização Juvenil Por UF/ Região. Brasil. 2002/2012.			
UF/Região	Jovem	Não Jovem	Vitimização
Acre	10,4	3,7	177,9
Amapá	4,7	2,3	105,2
Amazonas	9,5	3,3	187,3
Pará	4,7	2,4	94,6
Rondônia	5,2	4,3	19,6
Roraima	12,9	6,1	113,0
Tocantins	9,1	5,5	64,1
NORTE	6,7	3,2	106,4
Alagoas	4,3	3,0	41,3
Bahia	3,5	3,3	7,6
Ceará	6,3	5,7	10,9
Maranhão	4,2	2,6	59,2
Paraíba	5,1	4,8	5,5
Pernambuco	3,9	3,7	5,5
Piauí	7,9	7,3	8,1
Rio Grande do Norte	3,8	5,9	-35,1
Sergipe	5,6	4,9	14,4
NORDESTE	4,6	4,2	10,1
Espírito Santo	6,5	4,4	49,7
Minas Gerais	6,4	6,4	-0,1
Rio de Janeiro	2,5	3,0	-15,7
São Paulo	5,2	4,9	5,9
SUDESTE	5,0	4,8	4,0
Paraná	6,7	5,7	16,0
Rio Grande do Sul	8,0	11,9	-32,3
Santa Catarina	6,5	9,4	-30,4
SUL	7,1	9,0	-20,5
Distrito Federal	5,0	5,5	-8,8
Goiás	7,1	6,2	13,3
Mato Grosso	7,1	5,5	28,4
Mato Grosso do Sul	12,1	7,0	72,4
CENTRO-OESTE	7,5	6,1	23,9
BRASIL	5,6	5,2	6,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.1.6. Índice de vitimização juvenil por suicídios segundo UF/Região. 2012.

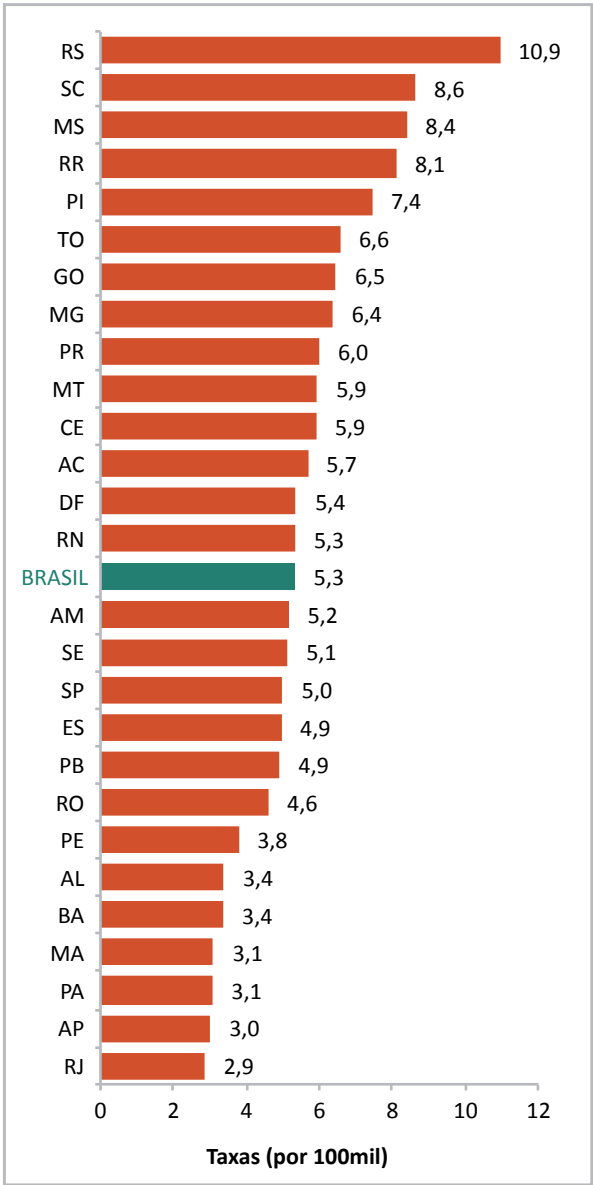


Fonte: SIM/SVS/MS.

Os gráficos 5.1.7 e 5.1.8 permitem visualizar o ordenamento nacional das taxas de suicídio total e juvenil por UF. Vemos que Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Roraima encabeçam a lista das taxas de suicídio na População Total. No outro extremo, Rio de Janeiro, Amapá e Pará apresentam as menores taxas do país.

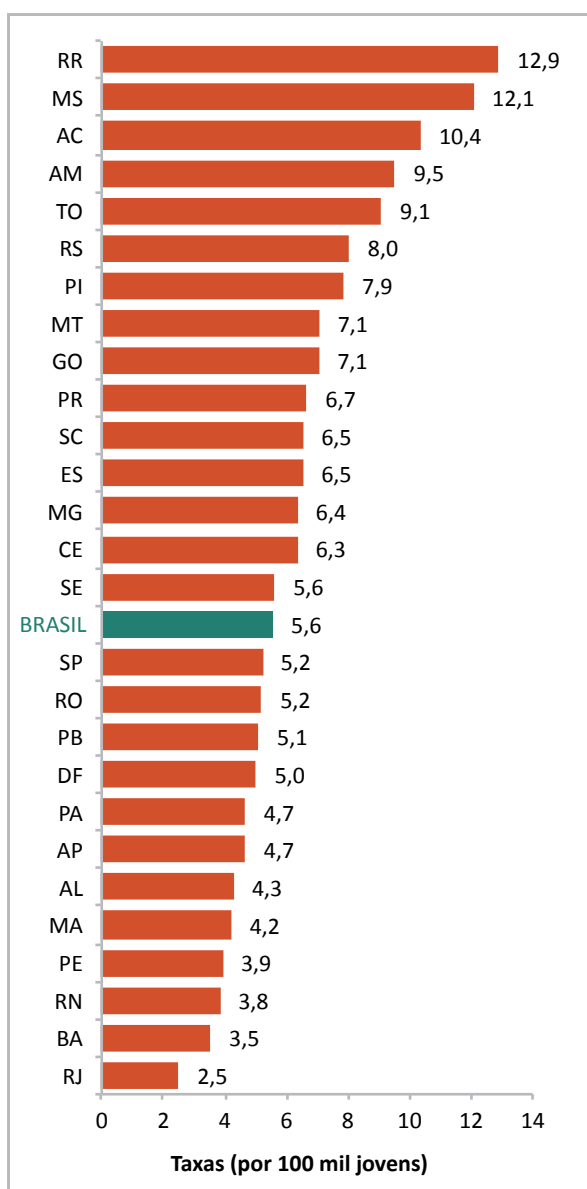
Por esses gráficos, podemos visualizar que a distribuição dos suicídios juvenis é diferente da anterior: Roraima, Mato Groso e Acre encabeçam. Já Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Norte ostentam as menores taxas.

Gráfico 5.1.7. Taxas Suicídio na População Total por UF. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.1.8. Taxas Suicídio na População Jovem por UF. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

5.2. Evolução dos suicídios nas capitais

Crescimento dos quantitativos:

Nas capitais, o crescimento dos suicídios na População Total do período 2002/2012 foi menor do que o dos estados como um todo: 33,6% para os estados e 21,9% para as capitais. Na população jovem, essa diferença é maior ainda: 15,3% de aumento nos estados e para 1,8% nas capitais. Esse contraste já nos está a indicar, primariamente, que os polos dinâmicos do suicídio se encontram fora

das capitais e, como veremos no próximo item, também fora das grandes regiões metropolitanas, formando parte de um fenômeno global que já, desde mapas anteriores, denominamos “interiorização da violência”. Ainda assim, capitais como Salvador mais que quadruplicam o total de suicídios, e também Boa Vista, Porto Velho, Maceió, Natal e Florianópolis mais que duplicam os suicídios.

Entre os jovens, destaca-se João Pessoa por duplicar o número de suicídios nessa década.

Observando as taxas, que permitem relacionar os quantitativos de suicídio com a base populacional das capitais, temos o detalhamento das tabelas 5.2.3 e 5.2.4. Em primeiro lugar, observamos que as taxas juvenis das capitais tiveram uma leve queda (-1,3%) enquanto as taxas na População Total aumentam 9,7%.

Também observamos que Florianópolis, no último ano disponível, teve um surto de suicídios na População Total, e Vitória, na População Jovem (ver gráficos 5.2.1 e 5.2.2).

Tabela 5.2.1. Número de suicídios na População Total, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	56	45	22	35	35	35	36	23	38	40	31	-44,6	-22,5
Boa Vista	11	11	14	14	20	22	15	21	21	22	22	100,0	0,0
Macapá	26	22	26	26	19	15	16	16	17	24	15	-42,3	-37,5
Manaus	48	60	67	52	65	72	91	69	86	93	91	89,6	-2,2
Palmas	9	8	7	6	12	18	13	13	20	14	14	55,6	0,0
Porto Velho	12	16	16	18	22	15	25	27	37	35	25	108,3	-28,6
Rio Branco	18	19	18	9	10	18	19	20	27	16	21	16,7	31,3
NORTE	180	181	170	160	183	195	215	189	246	244	219	21,7	-10,2
Aracaju	31	47	30	32	33	44	43	41	57	43	33	6,5	-23,3
Fortaleza	180	152	158	200	167	175	169	130	127	159	141	-21,7	-11,3
João Pessoa	21	23	26	34	37	24	36	29	31	33	32	52,4	-3,0
Maceió	18	23	32	21	44	36	43	41	35	35	36	100,0	2,9
Natal	11	45	13	18	21	11	12	26	37	35	26	136,4	-25,7
Recife	68	85	68	81	81	102	92	64	66	55	71	4,4	29,1
Salvador	16	35	16	85	65	57	13	12	73	65	65	306,3	0,0
São Luís	42	25	29	27	43	34	41	34	37	39	38	-9,5	-2,6
Teresina	57	49	72	42	48	57	77	58	55	67	74	29,8	10,4
NORDESTE	444	484	444	540	539	540	526	435	518	531	516	16,2	-2,8
Belo Horizonte	127	128	114	115	116	118	104	150	134	164	172	35,4	4,9
Rio de Janeiro	219	156	149	165	155	135	140	154	227	188	207	-5,5	10,1
São Paulo	353	427	417	461	504	509	520	554	561	560	581	64,6	3,8
Vitória	22	12	21	24	15	17	16	24	18	13	18	-18,2	38,5
SUDESTE	721	723	701	765	790	779	780	882	940	925	978	35,6	5,7
Curitiba	79	88	109	96	109	78	85	85	64	78	97	22,8	24,4
Florianópolis	19	20	16	26	30	27	25	26	30	23	41	115,8	78,3
Porto Alegre	105	115	99	88	130	100	122	103	103	94	85	-19,0	-9,6
SUL	203	223	224	210	269	205	232	214	197	195	223	9,9	14,4
Brasília	110	93	106	112	129	122	132	136	158	113	142	29,1	25,7
Campo Grande	37	36	48	43	44	34	35	38	42	44	48	29,7	9,1
Cuiabá	19	32	32	20	17	21	26	26	29	26	30	57,9	15,4
Goiânia	118	88	106	85	84	76	103	102	97	99	78	-33,9	-21,2
CENTRO-OESTE	284	249	292	260	274	253	296	302	326	282	298	4,9	5,7
BRASIL CAP.	1.832	1.860	1.831	1.935	2.055	1.972	2.049	2.022	2.227	2.177	2.234	21,9	2,6

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.2.2. Número de suicídios na População Jovem, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	26	21	5	18	14	12	17	8	11	11	11	-57,7	0,0
Boa Vista	7	5	9	8	8	12	9	8	13	12	11	57,1	-8,3
Macapá	14	15	16	12	9	7	13	10	10	13	8	-42,9	-38,5
Manaus	23	31	34	21	33	42	55	32	41	46	44	91,3	-4,3
Palmas	4	4	2	2	4	8	4	7	8	5	4	0,0	-20,0
Porto Velho	6	7	5	10	7	10	13	15	13	17	8	33,3	-52,9
Rio Branco	7	9	12	2	6	7	4	10	10	6	10	42,9	66,7
NORTE	87	92	83	73	81	98	115	90	106	110	96	10,3	-12,7
Aracaju	9	19	11	17	14	20	13	11	22	18	15	66,7	-16,7
Fortaleza	59	72	57	71	57	46	47	38	48	51	50	-15,3	-2,0
João Pessoa	6	10	10	8	12	7	9	13	9	14	12	100,0	-14,3
Maceió	8	6	13	8	13	12	18	18	15	12	12	50,0	0,0
Natal	6	11	4	8	13	5	4	13	8	12	7	16,7	-41,7
Recife	26	32	22	29	26	32	27	21	23	17	21	-19,2	23,5
Salvador	8	14	8	27	24	12	2	3	21	13	15	87,5	15,4
São Luís	16	12	14	6	11	14	18	14	19	15	16	0,0	6,7
Teresina	25	25	32	23	17	29	30	20	26	23	26	4,0	13,0
NORDESTE	163	201	171	197	187	177	168	151	191	175	174	6,7	-0,6
Belo Horizonte	43	42	42	42	38	42	37	40	37	43	38	-11,6	-11,6
Rio de Janeiro	64	52	34	42	33	33	20	33	49	44	47	-26,6	6,8
São Paulo	109	147	127	142	159	143	156	183	172	172	152	39,4	-11,6
Vitória	8	4	3	6	3	8	6	7	5	2	5	-37,5	150,0
SUDESTE	224	245	206	232	233	226	219	263	263	261	242	8,0	-7,3
Curitiba	27	33	40	38	42	35	36	30	23	21	28	3,7	33,3
Florianópolis	10	4	7	7	11	12	7	9	6	5	9	-10,0	80,0
Porto Alegre	33	41	26	30	29	27	41	31	27	24	26	-21,2	8,3
SUL	70	78	73	75	82	74	84	70	56	50	63	-10,0	26,0
Brasília	43	32	40	39	51	51	52	50	48	43	38	-11,6	-11,6
Campo Grande	11	12	21	21	15	12	12	19	11	16	20	81,8	25,0
Cuiabá	7	14	14	9	5	4	11	11	8	11	9	28,6	-18,2
Goiânia	48	32	42	27	29	21	31	41	25	27	23	-52,1	-14,8
CENTRO-OESTE	109	90	117	96	100	88	106	121	92	97	90	-17,4	-7,2
BRASIL CAP.	653	706	650	673	683	663	692	695	708	693	665	1,8	-4,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.2.3. Taxas de suicídio (por 100 mil) na População Total, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	4,2	3,4	1,6	2,5	2,5	2,4	2,5	1,6	2,7	2,9	2,2	-48,1	-23,0
Boa Vista	5,1	5,0	6,2	5,8	8,0	8,6	5,7	7,9	7,4	7,6	7,4	44,5	-2,1
Macapá	8,5	6,9	7,9	7,3	5,2	3,9	4,5	4,4	4,3	5,9	3,6	-57,4	-38,8
Manaus	3,2	3,9	4,3	3,2	3,8	4,2	5,3	4,0	4,8	5,1	4,9	51,6	-3,7
Palmas	5,6	4,6	3,8	2,9	5,4	7,7	7,1	6,9	8,8	5,9	5,8	3,5	-2,8
Porto Velho	3,4	4,5	4,4	4,8	5,8	3,9	6,6	7,0	8,6	8,0	5,6	63,7	-29,7
Rio Branco	6,7	6,9	6,4	2,9	3,2	5,6	6,3	6,5	8,0	4,7	6,0	-10,3	29,0
NORTE	4,4	4,3	3,9	3,5	3,9	4,1	4,7	4,0	5,1	4,9	4,4	-0,4	-11,5
Aracaju	6,5	9,8	6,2	6,4	6,5	8,6	8,0	7,5	10,0	7,4	5,6	-14,1	-24,3
Fortaleza	8,1	6,7	6,9	8,4	6,9	7,1	6,8	5,2	5,2	6,4	5,6	-30,5	-12,2
João Pessoa	3,4	3,7	4,1	5,1	5,5	3,5	5,2	4,1	4,3	4,5	4,3	27,0	-4,2
Maceió	2,2	2,7	3,7	2,3	4,8	3,8	4,7	4,4	3,8	3,7	3,8	74,8	1,7
Natal	1,5	6,0	1,7	2,3	2,7	1,4	1,5	3,2	4,6	4,3	3,2	112,3	-26,3
Recife	4,7	5,8	4,6	5,4	5,3	6,7	5,9	4,1	4,3	3,6	4,6	-2,7	28,4
Salvador	0,6	1,4	0,6	3,2	2,4	2,1	0,4	0,4	2,7	2,4	2,4	277,7	-0,6
São Luís	4,6	2,7	3,1	2,8	4,3	3,3	4,2	3,4	3,6	3,8	3,7	-21,1	-3,7
Teresina	7,7	6,5	9,4	5,3	6,0	7,0	9,6	7,2	6,8	8,1	8,9	15,7	9,4
NORDESTE	4,2	4,5	4,1	4,8	4,8	4,7	4,5	3,7	4,5	4,6	4,4	3,9	-3,7
Belo Horizonte	5,6	5,6	4,9	4,8	4,8	4,9	4,3	6,1	5,6	6,9	7,2	29,1	4,4
Rio de Janeiro	3,7	2,6	2,5	2,7	2,5	2,2	2,3	2,5	3,6	3,0	3,2	-12,2	9,5
São Paulo	3,3	4,0	3,9	4,2	4,6	4,6	4,7	5,0	5,0	4,9	5,1	53,4	3,2
Vitória	7,3	4,0	6,9	7,7	4,7	5,3	5,0	7,5	5,5	3,9	5,4	-26,5	37,4
SUDESTE	3,8	3,8	3,6	3,9	4,0	3,9	3,9	4,4	4,6	4,5	4,8	26,5	5,2
Curitiba	4,8	5,3	6,4	5,5	6,1	4,3	4,6	4,6	3,7	4,4	5,5	13,7	23,5
Florianópolis	5,3	5,4	4,2	6,6	7,4	6,5	6,2	6,4	7,1	5,4	9,5	79,6	75,8
Porto Alegre	7,6	8,2	7,0	6,2	9,0	6,9	8,5	7,2	7,3	6,7	6,0	-20,9	-9,8
SUL	6,0	6,5	6,4	5,9	7,4	5,6	6,3	5,8	5,5	5,4	6,1	2,6	13,7
Brasília	5,1	4,2	4,7	4,8	5,4	5,0	5,2	5,2	6,1	4,3	5,4	4,6	23,8
Campo Grande	5,3	5,1	6,7	5,7	5,7	4,4	4,7	5,0	5,3	5,5	6,0	11,6	7,9
Cuiabá	3,8	6,3	6,2	3,7	3,1	3,8	4,8	4,7	5,3	4,7	5,3	40,7	14,4
Goiânia	10,4	7,7	9,1	7,1	6,9	6,1	8,1	8,0	7,5	7,5	5,8	-44,0	-22,1
CENTRO-OESTE	6,4	5,5	6,3	5,4	5,6	5,1	5,8	5,8	6,3	5,3	5,6	-12,4	4,3
BRASIL CAP.	4,4	4,4	4,3	4,4	4,6	4,4	4,6	4,5	4,9	4,7	4,8	9,7	1,8

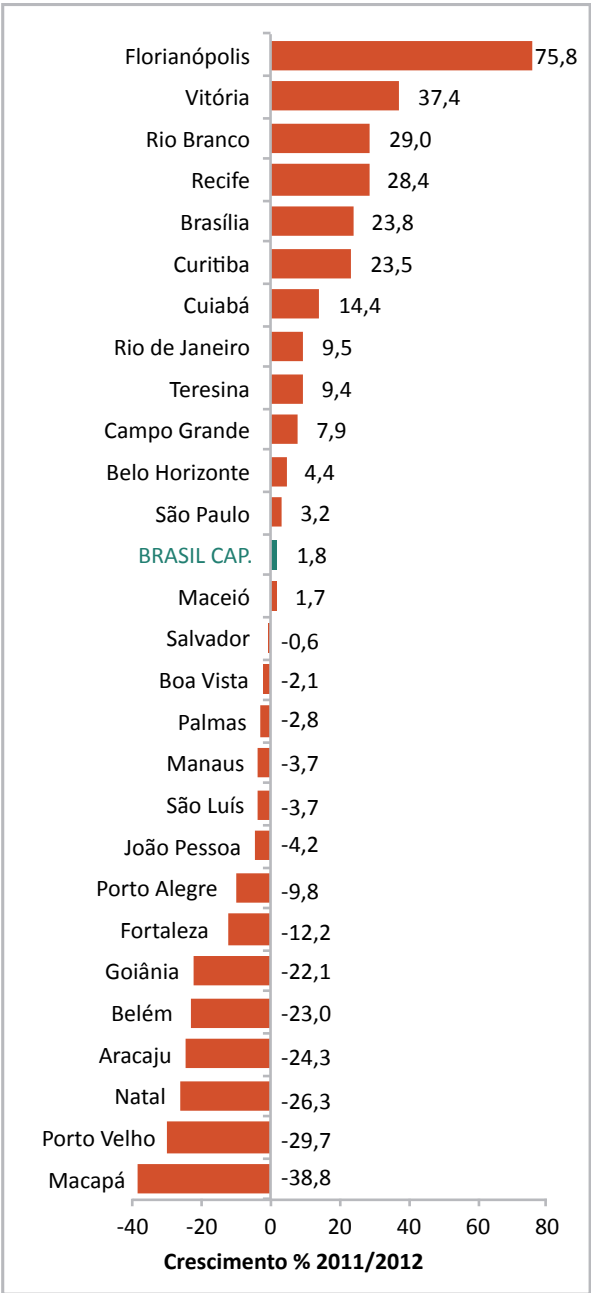
Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.2.4. Taxas de suicídio (por 100 mil) na População Jovem, por Capital e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Belém	6,1	4,9	1,1	4,0	3,1	2,8	4,1	1,9	2,8	2,7	2,7	-55,7	-0,6
Boa Vista	10,4	7,2	12,6	10,5	10,2	15,6	11,6	10,2	14,6	13,2	11,8	14,0	-10,3
Macapá	14,2	14,7	15,1	10,5	7,6	6,0	11,9	9,0	8,0	10,2	6,2	-56,7	-39,7
Manaus	4,8	6,2	6,7	3,9	6,0	7,9	10,6	6,1	7,6	8,4	7,9	65,5	-5,9
Palmas	7,1	6,7	3,1	2,8	5,2	10,1	6,5	11,2	10,4	6,3	4,9	-30,9	-22,2
Porto Velho	5,7	6,5	4,6	8,8	6,1	8,4	11,3	13,0	9,8	12,6	5,8	2,3	-53,7
Rio Branco	8,4	10,5	13,6	2,1	6,1	7,1	4,4	11,0	9,8	5,8	9,5	13,4	63,8
NORTE	6,6	6,8	6,0	5,0	5,4	6,7	8,2	6,4	7,2	7,4	6,4	-3,7	-14,0
Aracaju	6,0	12,5	7,2	10,8	8,8	13,1	8,3	7,1	13,2	10,7	8,8	45,9	-17,8
Fortaleza	8,9	10,7	8,4	10,1	7,9	6,2	6,3	5,1	6,7	7,0	6,8	-23,7	-2,9
João Pessoa	3,3	5,3	5,3	4,1	6,0	3,4	4,4	6,3	4,4	6,8	5,8	76,8	-15,4
Maceió	3,2	2,3	4,9	2,9	4,6	4,4	6,8	6,7	5,8	4,6	4,5	43,9	-1,1
Natal	2,8	5,0	1,8	3,5	5,6	2,1	1,7	5,6	3,5	5,1	3,0	7,0	-42,2
Recife	6,2	7,6	5,2	6,7	5,9	7,5	6,3	4,9	5,7	4,2	5,1	-17,8	22,9
Salvador	1,0	1,7	1,0	3,1	2,8	1,4	0,2	0,3	2,8	1,7	2,0	98,8	14,6
São Luís	5,3	3,9	4,4	1,8	3,3	4,2	5,6	4,4	5,9	4,6	4,9	-7,7	5,4
Teresina	10,6	10,4	13,2	9,1	6,6	11,1	11,9	8,1	10,6	9,3	10,4	-1,7	12,0
NORDESTE	5,0	6,1	5,1	5,7	5,4	5,1	4,8	4,4	5,8	5,2	5,2	2,5	-1,5
Belo Horizonte	6,5	6,3	6,2	6,1	5,4	6,4	5,7	6,3	5,9	6,8	6,0	-7,8	-12,0
Rio de Janeiro	4,2	3,4	2,2	2,7	2,1	2,2	1,4	2,3	3,2	2,9	3,1	-27,8	6,2
São Paulo	3,6	4,8	4,2	4,6	5,1	4,9	5,5	6,5	5,9	5,9	5,2	42,7	-12,1
Vitória	9,3	4,6	3,4	6,7	3,3	9,1	7,1	8,4	5,6	2,2	5,5	-40,4	148,0
SUDESTE	4,2	4,6	3,8	4,3	4,2	4,4	4,3	5,3	5,1	5,0	4,6	9,4	-7,8
Curitiba	5,7	6,9	8,2	7,5	8,2	7,0	7,3	6,1	5,0	4,5	6,0	4,2	32,4
Florianópolis	9,5	3,7	6,3	6,0	9,2	10,4	6,4	8,2	5,1	4,2	7,4	-21,4	77,6
Porto Alegre	9,1	11,3	7,1	8,0	7,7	7,3	11,5	8,7	7,7	6,8	7,4	-19,5	8,1
SUL	7,5	8,2	7,6	7,5	8,1	7,5	8,7	7,3	6,0	5,3	6,7	-10,5	25,2
Brasília	6,2	4,5	5,5	5,2	6,6	7,3	7,2	6,8	6,5	5,8	5,0	-19,2	-12,9
Campo Grande	5,5	5,9	10,1	9,7	6,8	5,4	5,7	9,1	5,1	7,3	9,0	64,1	23,6
Cuiabá	4,5	8,8	8,7	5,4	3,0	2,4	6,9	6,9	5,0	6,8	5,5	23,2	-18,9
Goiânia	13,5	8,9	11,5	7,2	7,6	5,8	8,6	11,5	6,6	7,1	6,0	-55,8	-15,8
CENTRO-OESTE	7,8	6,3	8,0	6,3	6,5	6,1	7,3	8,3	6,2	6,4	5,9	-24,1	-8,4
BRASIL CAP.	5,4	5,7	5,2	5,2	5,2	5,3	5,6	5,7	5,7	5,6	5,3	-1,3	-4,8

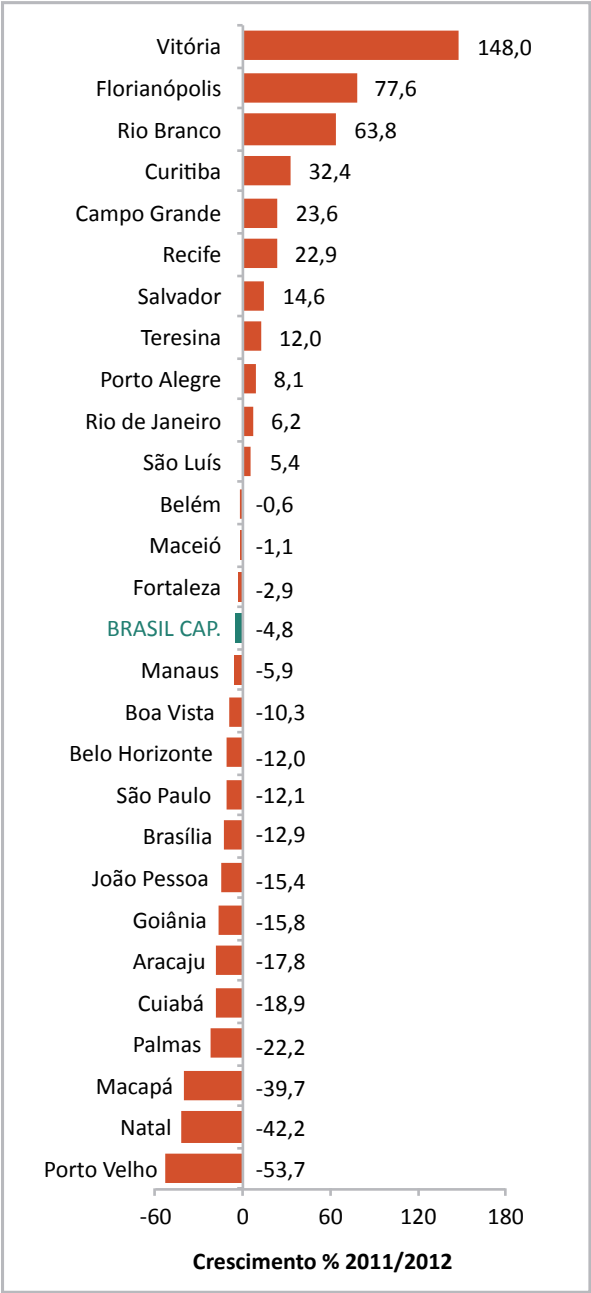
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.2.1. Crescimento (%) das taxas de suicídio. População Total. 2011/ 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.2.2. Crescimento (%) das taxas de suicídio. População Jovem. 2011/ 2012.

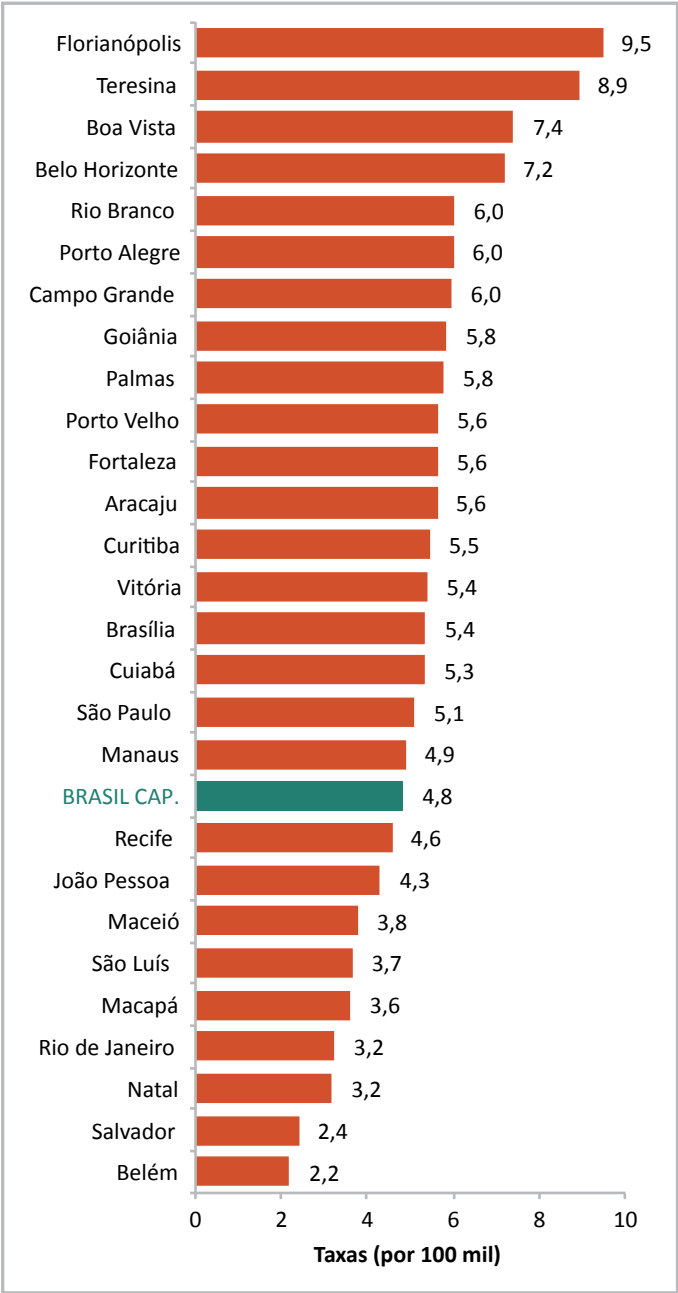


Fonte: SIM/SVS/MS.

Florianópolis e Teresina apresentam as maiores taxas totais de suicídio do país, com 9,5 e 8,9 suicídios por 100 mil habitantes, respectivamente, no ano de 2012. As menores taxas encontram-se em Salvador e Belém.

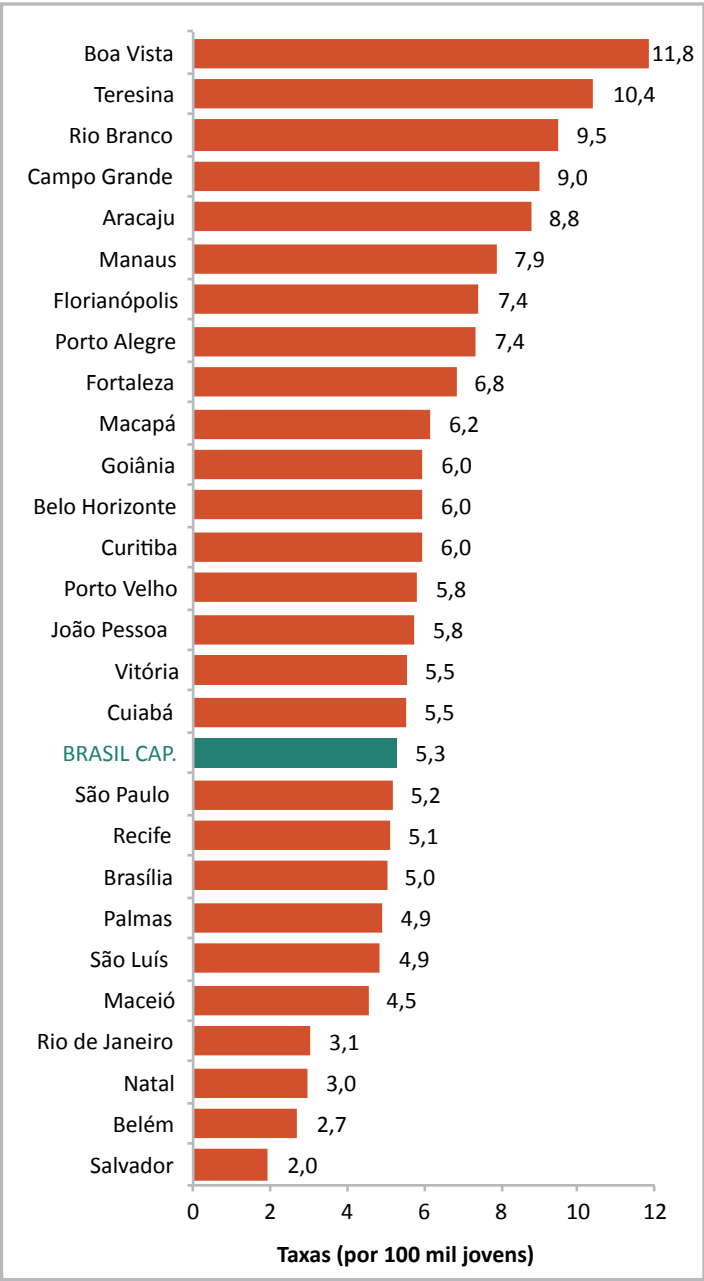
Entre os jovens, Boa Vista e Teresina lideram o ordenamento das capitais, com 11,8 e 10,4 suicídios por 100 mil jovens. Belém e Salvador são as capitais de menor incidência.

Gráfico 5.2.3. Ordenamento das taxas de suicídio das capitais. População Total. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.2.4. Ordenamento das taxas de suicídio das capitais. População Jovem. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

5.3. Os suicídios nos municípios

Como já foi indicado em capítulos anteriores e na metodologia do estudo, para evitar as oscilações em municípios de pequeno porte, onde um incidente isolado pode repercutir fortemente nas taxas, foi decidido trabalhar municípios de 20 mil habitantes ou mais para os suicídios na População Total. Segundo as estimativas populacionais, para o ano 2012 existiam 1.669 municípios nessa situação. No caso das taxas juvenis, trabalhou-se com municípios com um mínimo de 15 mil jovens, que totalizaram 555.

Dado que seria extenso demais elencar na publicação os 5.564 municípios nos vários capítulos de mortalidade abordados, foi decidido indicar aqui os 100 municípios de maior índice em cada categoria e oferecer, a quem se interessar, a possibilidade de consultar ou aceder à lista total de municípios no sítio <www.mapadaviolencia.org.br>.

As duas tabelas a seguir – 5.3.1 e 5.3.2 – detalham os 100 municípios de maior taxa de suicídios na população total e na juvenil, respectivamente. Nessas tabelas, além de identificar o município e a UF, é registrada a população estimada para 2012 segundo o Datasus/MS, que serve de base para a estimativa das taxas.

No Brasil não existe uma tradição ou cultura suicida como em outros países, fato que podemos conferir no item 5.4, quando veremos as comparações internacionais. Mas podemos observar nas tabelas a seguir a existência de municípios com índices exageradamente elevados não só para o contexto nacional, mas também no plano internacional. Nos primeiros lugares das duas tabelas a seguir temos alguns municípios com taxas acima dos 30 suicídios em 100 mil casos, que é a marca de países como Lituânia ou República da Coreia, que encabeçam a listagem no nível internacional.

Tabela 5.3.1. Número e maiores taxas - em 2012 - de suicídios na População Total nos 100 municípios com mais de 20.000 habitantes. Brasil. 2008/2012.									
Município	UF	População 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posição
			2008	2009	2010	2011	2012		
São Gabriel da Cachoeira	AM	39.097	9	10	16	18	20	51,2	1
Três Passos	RS	23.861	0	6	9	2	10	41,9	2
São Paulo de Olivença	AM	32.677	0	3	2	6	12	36,7	3
Amambai	MS	35.523	17	8	9	7	13	36,6	4
Três de Maio	RS	23.665	7	7	7	1	8	33,8	5
Nova Prata	RS	23.508	1	1	2	2	7	29,8	6
Santa Cruz do Sul	RS	119.997	11	15	15	36	34	28,3	7
Orleans	SC	21.599	1	4	1	3	6	27,8	8
São Miguel	RN	21.994	2	4	4	1	6	27,3	9
São Miguel do Araguaia	GO	22.206	3	1	1	2	6	27,0	10
Tupanciretã	RS	22.483	3	5	3	3	6	26,7	11
Santiago	RS	48.940	7	6	5	9	13	26,6	12
Canguçu	RS	53.533	13	9	6	3	14	26,2	13
Lajeado	RS	73.201	10	15	10	20	19	26,0	14
Venâncio Aires	RS	66.658	17	12	12	14	17	25,5	15
Concórdia	SC	69.462	9	15	14	13	17	24,5	16
Planalto	BA	24.627	2	1	1	1	6	24,4	17
Encruzilhada do Sul	RS	24.671	8	8	4	6	6	24,3	18
Osório	RS	41.628	6	3	3	1	10	24,0	19
Francisco Beltrão	PR	80.727	4	13	5	11	19	23,5	20
Itapequerica	MG	21.399	2	1	1	2	5	23,4	21
Candelária	RS	30.260	4	4	2	9	7	23,1	22
Marechal Cândido Rondon	PR	47.697	5	3	2	6	11	23,1	23
Agudos	SP	34.833	1	0	0	0	8	23,0	24
Cruz Alta	RS	62.138	11	8	6	6	14	22,5	25
Parambu	CE	31.160	3	3	3	1	7	22,5	26
Moju	PA	72.597	0	1	5	2	16	22,0	27
Lagoa Vermelha	RS	27.466	7	4	7	3	6	21,8	28
Joaçaba	SC	27.467	4	2	4	1	6	21,8	29
Mineiros	GO	55.036	11	2	5	4	12	21,8	30
Barra Velha	SC	23.422	1	2	2	2	5	21,3	31
Teutônia	RS	28.198	1	6	3	10	6	21,3	32
Piripiri	PI	62.088	10	4	0	8	13	20,9	33
Dois Córregos	SP	25.100	1	2	4	2	5	19,9	34
São Joaquim	SC	25.111	3	3	2	4	5	19,9	35
Torres	RS	35.227	5	5	7	5	7	19,9	36
Quiterianópolis	CE	20.158	4	3	0	1	4	19,8	37
São Francisco de Paula	RS	20.660	3	2	3	1	4	19,4	38
Catanduva	SP	113.873	15	19	23	13	22	19,3	39
Estrela	RS	31.105	4	3	0	4	6	19,3	40
Capinzal	SC	21.064	4	1	3	0	4	19,0	41
Camanducaia	MG	21.162	3	0	0	2	4	18,9	42
Monte Sião	MG	21.658	0	2	0	3	4	18,5	43
Andradas	MG	37.920	2	7	5	2	7	18,5	44
Jaguaruana	CE	32.614	2	2	2	5	6	18,4	45
Água Boa	MT	21.778	2	2	2	0	4	18,4	46
Capão da Canoa	RS	43.783	3	5	2	4	8	18,3	47
Coração de Maria	BA	22.149	0	0	0	3	4	18,1	48
Juína	MT	39.442	3	2	3	4	7	17,7	49

(continua)

Tabela 5.3.1. (continuação)

Tabela 5.3.1. Número e maiores taxas - em 2012 - de suicídios na População Total nos 100 municípios com mais de 20.000 habitantes. Brasil. 2008/2012.									
Município	UF	População 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posição
			2008	2009	2010	2011	2012		
Alfenas	MG	74.804	5	5	8	13	13	17,4	50
Barbacena	MG	128.120	16	12	10	17	22	17,2	51
Veranópolis	RS	23.315	5	2	1	3	4	17,2	52
Ibiá	MG	23.547	5	5	3	1	4	17,0	53
Santa Helena	PR	23.855	3	2	2	2	4	16,8	54
Piracanjuba	GO	23.987	3	4	1	3	4	16,7	55
Valença	RJ	72.679	5	2	5	4	12	16,5	56
Frutal	MG	54.511	3	11	4	8	9	16,5	57
Várzea da Palma	MG	36.439	1	5	3	2	6	16,5	58
Capão do Leão	RS	24.386	1	1	3	1	4	16,4	59
Vera Cruz	RS	24.389	3	1	3	7	4	16,4	60
Canarana	BA	24.430	0	1	2	1	4	16,4	61
Santa Vitória do Palmar	RS	30.641	4	4	1	5	5	16,3	62
Três Coroas	RS	24.516	2	2	4	2	4	16,3	63
Tramandaí	RS	43.178	6	5	3	9	7	16,2	64
Arcos	MG	37.188	3	1	1	4	6	16,1	65
Osvaldo Cruz	SP	31.109	0	1	2	3	5	16,1	66
Marau	RS	37.573	3	5	1	6	6	16,0	67
São Geraldo do Araguaia	PA	25.277	2	1	1	0	4	15,8	68
Itaqui	RS	37.916	3	4	3	4	6	15,8	69
Piracaia	SP	25.384	1	0	0	1	4	15,8	70
Santo Ângelo	RS	76.205	8	14	8	6	12	15,7	71
Caicó	RN	63.571	8	3	5	11	10	15,7	72
Domingos Martins	ES	32.042	6	3	5	4	5	15,6	73
Lapão	BA	25.785	0	1	2	0	4	15,5	74
Patrocínio	MG	83.882	4	7	17	14	13	15,5	75
Avaré	SP	83.910	6	6	14	9	13	15,5	76
Coração de Jesus	MG	26.079	1	0	3	2	4	15,3	77
Taquari	RS	26.123	2	7	4	7	4	15,3	78
Iguatu	CE	98.138	7	5	13	14	15	15,3	79
Solânea	PB	26.323	0	0	1	2	4	15,2	80
Triunfo	RS	26.341	3	1	3	2	4	15,2	81
Santa Rita do Passa Quatro	SP	26.530	10	2	0	2	4	15,1	82
Nossa Senhora da Glória	SE	33.341	4	4	2	3	5	15,0	83
União da Vitória	PR	53.372	3	7	1	5	8	15,0	84
Canela	RS	40.076	5	3	4	3	6	15,0	85
Patos de Minas	MG	140.950	24	27	20	20	21	14,9	86
Irecê	BA	67.527	3	3	5	3	10	14,8	87
Uruburetama	CE	20.289	1	0	2	2	3	14,8	88
Costa Rica	MS	20.348	2	2	2	1	3	14,7	89
Tabatinga	AM	54.440	14	20	16	15	8	14,7	90
Santo Antônio de Pádua	RJ	40.876	2	3	6	0	6	14,7	91
Anicuns	GO	20.464	0	4	0	1	3	14,7	92
Canindé	CE	75.209	2	10	6	9	11	14,6	93
Brusque	SC	109.950	8	8	9	3	16	14,6	94
Custódia	PE	34.442	0	3	2	1	5	14,5	95
Jaguarão	RS	27.605	5	3	5	2	4	14,5	96
Cordeiro	RJ	20.707	0	1	1	0	3	14,5	97
Apodi	RN	34.852	6	3	2	3	5	14,3	98
Itapema	SC	48.807	0	5	1	2	7	14,3	99
Santa Maria de Jetibá	ES	34.992	4	3	3	1	5	14,3	100

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 5.3.2. Número e maiores taxas - em 2012 - de suicídios na População Jovem nos 100 municípios com mais de 15.000 Jovens. Brasil, 2008/2012.

Município	UF	População 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posição
			2008	2009	2010	2011	2012		
Moju	PA	21.859	0	0	4	2	9	41,2	1
Cruz Alta	RS	15.096	3	1	3	2	6	39,7	2
Tabatinga	AM	16.077	10	15	8	8	6	37,3	3
Alfenas	MG	19.487	2	0	2	4	5	25,7	4
Venâncio Aires	RS	16.035	4	0	1	1	4	24,9	5
Mineiros	GO	16.235	4	0	1	0	4	24,6	6
Bacabal	MA	28.891	5	2	4	2	7	24,2	7
Piripiri	PI	16.861	3	1	0	1	4	23,7	8
Avaré	SP	21.629	1	2	6	3	5	23,1	9
Itaberaba	BA	17.556	0	0	0	1	4	22,8	10
Nova Lima	MG	22.023	3	4	1	2	5	22,7	11
Francisco Beltrão	PR	22.290	1	3	2	2	5	22,4	12
Iguatu	CE	26.808	3	3	3	6	6	22,4	13
Lins	SP	18.083	4	0	0	0	4	22,1	14
Barbacena	MG	32.124	8	1	1	5	7	21,8	15
Gurupi	TO	23.421	5	2	3	0	5	21,3	16
Parauapebas	PA	56.613	5	5	2	4	12	21,2	17
Trindade	GO	29.394	2	0	0	0	6	20,4	18
Dourados	MS	56.205	14	6	10	9	11	19,6	19
Canindé	CE	21.037	0	6	4	5	4	19,0	20
Gravatá	PE	21.113	0	2	0	3	4	18,9	21
Surubim	PE	16.157	0	0	2	0	3	18,6	22
Aquiraz	CE	22.090	1	2	2	0	4	18,1	23
Ubá	MG	27.765	3	1	1	3	5	18,0	24
Catanduva	SP	28.065	2	7	7	1	5	17,8	25
Parintins	AM	29.410	0	2	0	1	5	17,0	26
Colatina	ES	29.842	1	3	3	1	5	16,8	27
Tefé	AM	17.977	2	5	2	3	3	16,7	28
Santa Cruz do Sul	RS	30.241	2	0	5	8	5	16,5	29
Mogi Guaçu	SP	36.417	1	1	1	3	6	16,5	30
Guaíba	RS	24.288	2	0	1	1	4	16,5	31
Chapecó	SC	55.666	5	6	3	11	9	16,2	32
Lavras	MG	24.966	1	4	3	2	4	16,0	33
Conselheiro Lafaiete	MG	31.796	3	0	2	3	5	15,7	34
Balneário Camboriú	SC	31.878	3	4	1	1	5	15,7	35
Araxá	MG	25.713	4	1	4	4	4	15,6	36
Brusque	SC	32.249	1	1	3	1	5	15,5	37
Viana	ES	19.543	0	1	0	0	3	15,4	38
Varginha	MG	32.792	4	4	2	1	5	15,2	39
Santa Isabel do Pará	PA	19.682	2	2	0	3	3	15,2	40
Caraguatatuba	SP	26.287	0	0	0	2	4	15,2	41
Caldas Novas	GO	19.730	0	1	2	2	3	15,2	42
Muriaé	MG	26.408	1	0	0	1	4	15,1	43
São Roque	SP	19.955	1	3	1	3	3	15,0	44
Lajeado	RS	19.969	2	3	3	5	3	15,0	45
Uberaba	MG	80.008	8	7	6	12	12	15,0	46
Sobral	CE	60.659	7	5	7	9	9	14,8	47
São João del Rei	MG	20.532	1	3	2	1	3	14,6	48
Teófilo Otoni	MG	35.625	2	0	2	8	5	14,0	49
Ponta Porã	MS	21.765	0	2	3	1	3	13,8	50
Barretos	SP	29.052	2	2	2	3	4	13,8	51
Itaituba	PA	29.229	1	4	2	0	4	13,7	52
Sarandi	PR	22.624	0	1	2	0	3	13,3	53
Cacoal	RO	22.853	1	2	0	0	3	13,1	54

(continua)

Tabela 5.3.2. (continuação)

Tabela 5.3.2. Número e maiores taxas - em 2012 - de suicídios na População Jovem nos 100 municípios com mais de 15.000 Jovens. Brasil, 2008/2012.									
Município	UF	População 2012	Número de óbitos					Taxa 2012	Posição
			2008	2009	2010	2011	2012		
Bezerros	PE	15.241	0	0	1	1	2	13,1	55
Pacatuba	CE	22.940	1	3	3	0	3	13,1	56
Montenegro	RS	15.544	2	1	0	0	2	12,9	57
Arapiraca	AL	62.251	5	7	6	3	8	12,9	58
Pedro Leopoldo	MG	15.639	0	0	2	1	2	12,8	59
São Cristóvão	SE	23.635	2	3	1	2	3	12,7	60
Itapetininga	SP	39.424	0	3	3	5	5	12,7	61
Apucarana	PR	31.628	3	2	2	1	4	12,6	62
Franco da Rocha	SP	39.592	3	1	2	3	5	12,6	63
Esmeraldas	MG	16.028	0	0	1	0	2	12,5	64
Vitória da Conquista	BA	89.052	4	8	2	3	11	12,4	65
Pesqueira	PE	16.494	0	1	3	1	2	12,1	66
Cabedelo	PB	16.629	1	0	0	0	2	12,0	67
Goianésia	GO	16.637	1	0	1	1	2	12,0	68
Mococa	SP	16.736	2	2	1	0	2	12,0	69
Passo Fundo	RS	50.502	8	7	11	10	6	11,9	70
Palmares	PE	16.854	2	1	0	3	2	11,9	71
Boa Vista	RR	92.839	9	8	13	12	11	11,8	72
Cachoeiro de Itapemirim	ES	50.691	0	3	4	2	6	11,8	73
Ipatinga	MG	67.808	2	5	5	5	8	11,8	74
Jequié	BA	42.554	2	4	0	2	5	11,7	75
Cataguases	MG	17.026	0	1	1	1	2	11,7	76
Itabaiana	SE	25.675	1	0	7	1	3	11,7	77
Navegantes	SC	17.378	0	2	1	2	2	11,5	78
Farroupilha	RS	17.406	0	0	3	1	2	11,5	79
Sinop	MT	34.872	2	3	2	1	4	11,5	80
Pirassununga	SP	17.606	1	1	2	3	2	11,4	81
Concórdia	SC	17.654	2	2	4	3	2	11,3	82
Guarapuava	PR	44.554	4	3	4	4	5	11,2	83
Icó	CE	17.972	1	1	1	0	2	11,1	84
Piraquara	PR	27.109	0	2	1	4	3	11,1	85
Balsas	MA	27.205	3	1	1	3	3	11,0	86
Santo Ângelo	RS	18.596	2	6	2	2	2	10,8	87
Ibiúna	SP	18.665	2	1	1	3	2	10,7	88
Bebedouro	SP	18.838	2	1	0	1	2	10,6	89
Palmeira dos Índios	AL	18.845	0	1	0	1	2	10,6	90
Novo Repartimento	PA	18.860	0	0	1	0	2	10,6	91
Cajamar	SP	19.147	2	1	2	1	2	10,4	92
Bragança Paulista	SP	38.311	5	2	2	4	4	10,4	93
Teresina	PI	249.851	30	20	26	23	26	10,4	94
Três Lagoas	MS	28.913	2	0	3	2	3	10,4	95
Horizonte	CE	19.344	0	0	0	1	2	10,3	96
Curvelo	MG	19.652	1	1	1	2	2	10,2	97
Janaúba	MG	19.674	0	0	4	1	2	10,2	98
Itabira	MG	29.728	2	1	2	1	3	10,1	99
Sapiranga	RS	19.988	1	5	2	2	2	10,0	100

Fonte: SIM/SVS/MS.

Um fato nessas tabelas chama a atenção: alguns desses municípios que aparecem nos primeiros lugares nas listas de mortalidade suicida são locais de assentamento de comunidades indígenas, como São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença e Tabatinga, no Amazonas; Amambai e Paranhos do Mato Grosso do Sul, que encabeçam

a lista de suicídios na primeira tabela, ou Dourados, também no Mato Grosso do Sul e Tabatinga, no Amazonas, que encabeçam a lista de suicídios juvenis.

Esse fato nos levou a reprocessar a informação, desagregando os suicídios segundo raça/cor. Os 13 municípios com maior número de suicídios indígenas na somatória do quinquênio 2008/2012 são os que aparecem listados na tabela 5.3.3 em ordem decrescente.

Tabela 5.3.3. Número e participação dos suicídios indígenas e de jovens indígenas no total de suicídios. Municípios e UFs selecionadas. Brasil. Soma 2008 a 2012.

Município/UF	UF	Branca	Negra	Amarela	Indígena	Ignorado	Total	Jovens Indígenas	% Indígena	% Jovens Indígenas dos indígenas
São Gabriel da Cachoeira	AM	3	1	1	68	0	73	51	93,2	75,0
Tabatinga	AM	1	20	0	52	0	73	34	71,2	65,4
Dourados	MS	35	37	3	42	0	117	26	35,9	61,9
Amambai	MS	4	16	0	33	1	54	22	61,1	66,7
Paranhos	MS	0	13	0	19	0	32	11	59,4	57,9
Coronel Sapucaia	MS	2	7	0	17	1	27	11	63,0	64,7
Japorã	MS	0	4	0	17	2	23	12	73,9	70,6
Tacuru	MS	1	2	0	17	0	20	12	85,0	70,6
São Paulo de Olivença	AM	0	8	0	15	0	23	10	65,2	66,7
Benjamin Constant	AM	0	6	0	12	0	18	7	66,7	58,3
Santa Isabel do Rio Negro	AM	1	5	0	9	0	15	7	60,0	77,8
Bela Vista	MS	3	2	0	9	0	14	5	64,3	55,6
Caarapó	MS	1	1	1	9	0	12	6	75,0	66,7
TOTAL BRASIL		24.748	20.832	198	475	2.070	48.323	204	1,0	
AMAZONAS		57	592	1	174	10	834	72	20,9	
MATO GROSSO DO SUL		307	470	12	199	11	999	100	19,9	

Fonte: SIM/SVS/MS.

O total Brasil da tabela nos oferece uma primeira constatação: segundo o Censo Demográfico de 2010 tínhamos um total de 821,5 mil indígenas, o que representa 0,4% da população total do país. Mas os suicídios indígenas representam 1,0%: duas vezes e meia do que seria de se esperar pela participação demográfica.

Mais ainda: esse mesmo Censo verifica que no Amazonas os indígenas representam 4,9% da população total. Mas, como vemos pela tabela 5.3.3, nos últimos anos, 20,9% dos suicidas são indígenas. Acima de quatro vezes que o esperado.

Em Mato Grosso do Sul, a participação indígena nos suicídios é mais preocupante ainda. Pelo Censo de 2010, são 2,9% da população, mas 19,9% nos suicídios: quase sete vezes mais.

Um último fato significativo: pelas PNADs²⁹ desse período, a média de jovens indígenas de 15 a 29 anos de idade representava 26% do total da população indígena. Mas dos 475 suicídios indígenas registrados pelo SIM nesses cinco anos, 289 eram jovens na faixa de 15 a 29 anos de idade, isto é, 60,9% do total de suicídios indígenas, mais que o dobro do que seria esperado.

Vemos, em cada um dos municípios acima arrolados, que os suicídios juvenis representam entre 35,9% do total de suicídios indígenas até 93,2% em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, verdadeira situação pandêmica de suicídios de jovens indígenas.

²⁹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2008/2012.

5.4. Comparações internacionais

As tabelas 5.4.1 e 5.4.2 permitem verificar que, comparado com os restantes 90 países arrolados para os quais dispomos de dados provenientes da Organização Mundial da Saúde, o Brasil apresenta taxas de suicídios relativamente baixas, tanto na sua população total quanto entre seus jovens. Mas na população total ocupa a posição 63 e na população jovem, a posição 60.

Tabela 5.4.1. Ordenamento dos países segundo Taxas de Suicídio Total. Último disponível entre 2008 e 2012.								
país	Ano	Taxa	Pos.		país	Ano	Taxa	Pos.
República da Coreia	2011	32,6	1º		Maurício	2011	9,5	46º
Lituânia	2010	30,5	2º		Portugal	2011	9,5	47º
Bielorrússia	2009	28,3	3º		Quirguistão	2010	9,2	48º
Suriname	2009	24,5	4º		El Salvador	2009	8,4	49º
Hungria	2012	23,5	5º		Porto Rico	2010	7,7	50º
Rússia	2010	23,5	6º		Argentina	2010	7,2	51º
Japão	2011	23,0	7º		Costa Rica	2011	7,1	52º
Letônia	2012	21,8	8º		Espanha	2011	6,9	53º
Cazaquistão	2010	21,2	9º		Aruba	2010	6,8	54º
Guiana	2009	20,6	10º		Reino Unido	2010	6,8	55º
Eslovênia	2010	20,3	11º		Itália	2010	6,7	56º
Ucrânia	2012	20,1	12º		Inglaterra e Gales	2011	6,5	57º
Montserrat	2010	19,5	13º		Equador	2010	6,2	58º
Bélgica	2010	18,6	14º		Nicarágua	2011	6,0	59º
Croácia	2012	18,1	15º		Panamá	2009	5,3	60º
Estônia	2012	17,8	16º		Israel	2011	5,2	61º
Finlândia	2011	17,3	17º		Colômbia	2009	5,2	62º
Sérvia	2012	17,0	18º		BRASIL	2010	5,0	63º
Trinidad e Tobago	2008	16,2	19º		Belize	2009	4,9	64º
Polônia	2011	16,0	20º		Malta	2011	4,8	65º
França	2010	16,0	21º		México	2010	4,4	66º
Montenegro	2009	15,9	22º		Fiji	2011	4,3	67º
República Checa	2012	15,7	23º		Dominica	2010	4,1	68º
Uruguai	2009	15,6	24º		Guatemala	2009	3,9	69º
Áustria	2011	15,3	25º		Chipre	2011	3,7	70º
Cuba	2010	14,0	26º		Paraguai	2010	3,5	71º
Irlanda do Norte	2010	13,5	27º		Catar	2011	3,2	72º
Chile	2009	12,9	28º		Bahrain	2009	3,1	73º
EUA	2010	12,7	29º		Venezuela	2009	2,9	74º
Suécia	2010	12,5	30º		Armênia	2012	2,7	75º
Nova Zelândia	2009	12,1	31º		Geórgia	2010	2,6	76º
Alemanha	2012	12,1	32º		Filipinas	2008	1,9	77º
Romênia	2011	11,8	33º		Bermudas	2008	1,5	78º
Hong Kong SAR	2011	11,8	34º		Bahamas	2008	1,3	79º
Eslováquia	2010	11,6	35º		Brunei Darussalam	2011	1,3	80º
Canadá	2009	11,6	36º		Kuwait	2011	1,2	81º
Bulgária	2012	11,4	37º		Peru	2010	0,9	82º
Islândia	2009	11,3	38º		África do Sul	2009	0,8	83º
Austrália	2011	11,1	39º		Oman	2010	0,5	84º
Luxemburgo	2011	11,0	40º		Barbados	2008	0,4	85º
Noruega	2012	11,0	41º		Jordânia	2009	0,2	86º
Irlanda	2010	10,9	42º		Arábia Saudita	2009	0,2	87º
Dinamarca	2011	10,8	43º		Egito	2011	0,2	88º
Escócia	2011	10,1	44º		Malásia	2008	0,2	89º
Holanda	2011	9,9	45º		Marrocos	2011	0,2	90º

Fontes: **Mortalidade:** Whosis Mortality Databases.
População: Whosis, Census Bureau, ONU Population Division.

Tabela 5.4.2. Ordenamento dos países segundo Taxas de Suicídio Jovem.
Último disponível entre 2008 e 2012.

país	Ano	Taxa	Pos.	país	Ano	Taxa	Pos.
Rússia	2010	26,6	1º	Luxemburgo	2011	7,5	46º
Cazaquistão	2010	25,6	2º	Romênia	2011	7,2	47º
Bielorrússia	2009	25,2	3º	Alemanha	2012	7,0	48º
Suriname	2009	21,9	4º	Guatemala	2009	7,0	49º
Guiana	2009	21,5	5º	Eslováquia	2010	6,9	50º
Lituânia	2010	20,9	6º	México	2010	6,7	51º
Irlanda do Norte	2010	20,1	7º	Paraguai	2010	6,0	52º
República da Coreia	2011	19,3	8º	Reino Unido	2010	6,0	53º
Finlândia	2011	18,5	9º	Cuba	2010	5,9	54º
Ucrânia	2012	18,3	10º	Dinamarca	2011	5,7	55º
Japão	2011	18,1	11º	Sérvia	2012	5,6	56º
Nova Zelândia	2009	17,1	12º	Malta	2011	5,6	57º
Chile	2009	16,4	13º	Bulgária	2012	5,6	58º
Trinidad e Tobago	2008	16,3	14º	Islândia	2009	5,6	59º
Uruguai	2009	16,1	15º	BRASIL	2010	5,5	60º
Letônia	2012	16,0	16º	Inglaterra e Gales	2011	5,3	61º
El Salvador	2009	13,6	17º	Dominica	2010	5,2	62º
Irlanda	2010	13,3	18º	Porto Rico	2010	5,0	63º
Fiji	2011	13,0	19º	Catar	2011	4,8	64º
Estônia	2012	12,8	20º	Israel	2011	4,8	65º
Austrália	2011	12,6	21º	Venezuela	2009	4,1	66º
Maurício	2011	12,5	22º	Itália	2010	3,5	67º
Bélgica	2010	12,3	23º	Montenegro	2009	3,3	68º
Quirguistão	2010	12,3	24º	Filipinas	2008	3,2	69º
EUA	2010	11,9	25º	Bahrain	2009	3,1	70º
Equador	2010	11,6	26º	Espanha	2011	2,9	71º
Argentina	2010	11,5	27º	Brunei Darussalam	2011	2,8	72º
Escócia	2011	11,5	28º	Portugal	2011	2,8	73º
Noruega	2012	11,5	29º	Kuwait	2011	1,7	74º
Eslovênia	2010	11,5	30º	Geórgia	2010	1,5	75º
Polônia	2011	11,3	31º	Chipre	2011	1,5	76º
Canadá	2009	10,9	32º	Peru	2010	1,3	77º
Suécia	2010	10,5	33º	Bahamas	2008	1,3	78º
Nicarágua	2011	10,1	34º	Armênia	2012	1,3	79º
Belize	2009	9,8	35º	África do Sul	2009	1,2	80º
Croácia	2012	9,8	36º	Oman	2010	0,5	81º
Hungria	2012	9,7	37º	Jordânia	2009	0,4	82º
Áustria	2011	9,3	38º	Arábia Saudita	2009	0,3	83º
Costa Rica	2011	9,2	39º	Egito	2011	0,3	84º
República Checa	2012	8,6	40º	Marrocos	2011	0,2	85º
Colômbia	2009	8,4	41º	Malásia	2008	0,2	86º
Hong Kong SAR	2011	8,3	42º	Aruba	2010	0,0	87º
Panamá	2009	7,9	43º	Barbados	2008	0,0	88º
França	2010	7,7	44º	Bermudas	2008	0,0	89º
Holanda	2011	7,5	45º	Montserrat	2010	0,0	90º

Fontes: **Mortalidade:** Whosis Mortality Databases.

População: Whosis, Census Bureau, ONU Population Division.

5.5. Sexo dos suicídios

De maneira semelhante aos outros capítulos de mortalidade violenta desenvolvidos no presente estudo, existe farta evidência comprovando que o padrão predominante nos suicídios é de taxas de mortalidade três a quatro vezes maiores para homens, salvo em algumas regiões asiáticas, onde as taxas são semelhantes, ou na China e na Índia, onde prepondera o suicídio feminino.

Tabela 5.5.1. Número e taxas de suicídio (por 100 mil) por Sexo. População Total e Jovem. Brasil. 1980/2012.												
Ano	População Total				População Jovem				População Não Jovem			
	%		Taxas		%		Taxas		%		Taxas	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
1980	69,7	30,3	4,6	2,0	64,3	35,7	5,7	3,1	73,2	26,8	4,1	1,5
1981	70,7	29,3	4,8	2,0	66,0	34,0	6,6	3,3	74,2	25,8	4,0	1,4
1982	72,7	27,3	4,6	1,7	68,2	31,8	6,1	2,7	75,6	24,4	4,1	1,3
1983	72,0	28,0	5,3	2,0	66,5	33,5	6,5	3,2	75,4	24,6	4,8	1,5
1984	73,9	26,1	5,1	1,8	70,4	29,6	6,2	2,5	75,9	24,1	4,7	1,5
1985	74,8	25,2	4,9	1,6	71,8	28,2	5,8	2,2	76,4	23,6	4,5	1,4
1986	72,9	27,1	4,7	1,7	70,4	29,6	5,9	2,4	74,4	25,6	4,3	1,4
1987	75,1	24,9	5,2	1,7	72,6	27,4	6,1	2,2	76,4	23,6	4,9	1,5
1988	74,5	25,5	4,9	1,6	73,1	26,9	5,8	2,1	75,2	24,8	4,5	1,4
1989	76,1	23,9	4,9	1,5	74,4	25,6	5,9	2,0	77,0	23,0	4,5	1,3
1990	74,7	25,3	5,1	1,7	74,0	26,0	6,1	2,1	75,1	24,9	4,7	1,5
1991	76,8	23,2	5,5	1,6	74,4	25,6	6,3	2,1	78,0	22,0	5,2	1,4
1992	77,6	22,4	5,6	1,6	76,2	23,8	6,6	2,0	78,3	21,7	5,2	1,4
1993	78,5	21,5	5,8	1,6	77,1	22,9	7,4	2,2	79,3	20,7	5,2	1,3
1994	78,1	21,9	6,1	1,7	75,6	24,4	7,7	2,4	79,5	20,5	5,5	1,4
1995	78,6	21,4	6,7	1,8	78,5	21,5	8,3	2,2	78,6	21,4	6,1	1,6
1996	79,1	20,9	6,9	1,8	78,6	21,4	8,4	2,3	79,4	20,6	6,3	1,6
1997	79,4	20,6	7,0	1,8	79,3	20,7	7,9	2,0	79,5	20,5	6,6	1,7
1998	79,1	20,9	6,9	1,8	76,9	23,1	7,8	2,3	80,2	19,8	6,6	1,6
1999	81,2	18,8	6,6	1,5	81,0	19,0	7,6	1,7	81,2	18,8	6,2	1,4
2000	79,6	20,4	6,5	1,6	77,0	23,0	6,9	2,0	80,8	19,2	6,3	1,4
2001	79,8	20,2	7,3	1,8	78,7	21,3	8,2	2,2	80,4	19,6	6,9	1,6
2002	78,1	21,9	7,0	1,9	77,2	22,8	7,9	2,3	78,5	21,5	6,7	1,8
2003	79,6	20,4	7,2	1,8	77,3	22,7	8,1	2,4	80,8	19,2	6,8	1,6
2004	78,7	21,3	7,2	1,9	78,2	21,8	8,0	2,2	79,0	21,0	6,8	1,7
2005	78,9	21,1	7,4	1,9	77,7	22,3	7,8	2,2	79,4	20,6	7,3	1,8
2006	79,1	20,9	7,4	1,9	79,0	21,0	8,0	2,1	79,1	20,9	7,2	1,8
2007	78,9	21,1	7,5	1,9	78,2	21,8	8,1	2,3	79,2	20,8	7,3	1,8
2008	79,1	20,9	7,9	2,0	79,9	20,1	8,8	2,2	78,7	21,3	7,6	2,0
2009	80,0	20,0	8,0	1,9	80,9	19,1	8,6	2,1	79,7	20,3	7,7	1,9
2010	78,1	21,9	7,9	2,1	79,6	20,4	8,7	2,2	77,4	22,6	7,6	2,1
2011	78,8	21,2	8,2	2,1	78,7	21,3	9,0	2,4	78,8	21,2	8,0	2,0
2012	78,1	21,9	8,5	2,3	79,8	20,2	8,9	2,2	77,5	22,5	8,3	2,3
Δ%	12,1	-27,8	84,9	15,8	24,1	-43,3	54,1	-27,7	5,8	-16,0	102,4	52,9

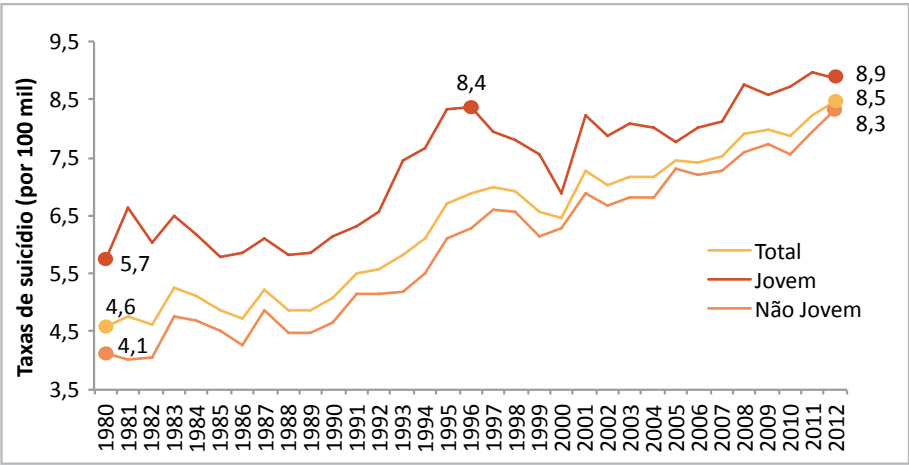
Fonte: SIM/SVS/MS.

Essa também é a situação do Brasil: taxas aproximadamente quatro vezes maiores para os homens, como podemos observar na tabela 5.5.1 e nos gráficos 5.5.1 e 5.5.2. Podemos observar, por esses dados que, entre 1980 e 2012:

- As taxas masculinas crescem 84,9%, bem acima das femininas, que só aumentam 15,8%.

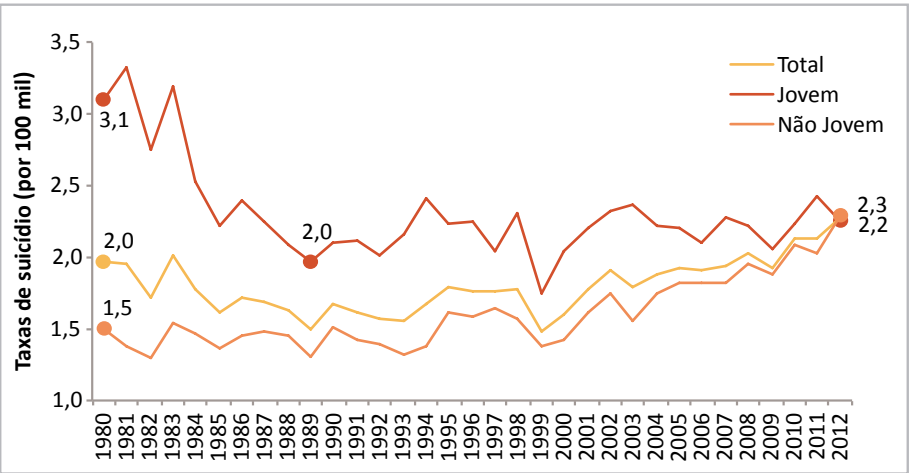
- Entre os jovens, o processo foi diferente: as taxas masculinas crescem 54,1%, enquanto as femininas caem 27,7%.
- Por esse motivo, entre as jovens do sexo feminino, havia grandes diferenças nas taxas de suicídio com o restante de população feminina (as taxas das jovens mais que duplicavam os índices do restante da população feminina em 1980), para 2012 as taxas femininas são muito semelhantes: em torno de 2,2 por 100 mil.
- De toda forma, perdura o fato de que as taxas masculinas tendem a crescer, enquanto as femininas tendem a cair.

Gráfico 5.5.1. Taxas (por 100 mil) de suicídio masculino Jovem e Não Jovem. Brasil. 1980/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 5.5.2. Taxas (por 100 mil) de suicídio feminino Jovem e Não Jovem. Brasil. 1980/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

6. A COR DOS HOMICÍDIOS

O SIM do MS inicia a divulgação de seus dados em 1979, mas recentemente, em 1996, com a reformulação do sistema classificatório, começa a oferecer informações referentes à raça/cor das vítimas, porém com elevados níveis de subregistro nos anos iniciais. Houve uma progressiva melhoria na cobertura desse dado, e já na virada de século, a identificação supera a barreira de 90%, e continua melhorando.

Mas subsistem dois problemas:

1. Se não fosse levada em conta, essa melhoria nos registros poderia ser confundida com agravamento da situação (melhoria nos registros significa maior número de vítimas).
2. Se a média nacional sem identificação de raça/cor em 2012 foi de 6,5% do total de homicídios, alguns locais apresentam taxas bem mais elevadas. Se não fossem tratados, os resultados apresentariam distorções nesses estados.

Por tais motivos, optou-se por realizar um ajuste nos resultados por raça/cor das vítimas de homicídio, distribuindo os *ignorados* de acordo com as proporções de raça/cor registradas em cada UF, isto é, imputou-se raça e/ou cor conforme as proporções identificadas em cada unidade. Por esse ajuste, quantitativos e taxas podem apresentar pequenas diferenças com versões anteriores dos mapas.

Também é importante esclarecer que a categoria *negro*, utilizada neste relatório, resulta do somatório das categorias *preto* e *pardo*, utilizadas pelo IBGE.

As taxas elaboradas relacionando número de homicídios por cor/raça (contidas nas bases de dados do SIM) com os respectivos contingentes populacionais das pesquisas do IBGE, apresentam problemas metodológicos que devem ser levados em conta. A fonte para a população por raça ou cor são as entrevistas da PNAD e/ou do Censo, que coletam esse dado por autoclassificação do entrevistado, que escolhe uma entre cinco opções: branca, preta, parda, amarela ou indígena. Já nas certidões de óbito, nossa fonte para homicídios, a classificação é realizada por um agente externo ou documentação preexistente utilizando as mesmas categorias do IBGE. As classificações nem sempre são coincidentes. Por esse motivo, não só os números absolutos, mas as taxas de homicídio e os índices de vitimização devem ser tomados com cautela; são mais aproximativos do que assertivos.

Um último esclarecimento é ainda necessário: inexistem estimativas de população por raça/cor desagregadas para capitais ou municípios fora dos anos censitários. Só a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE possibilita realizar inferências de raça/cor, mas só para UFs. Por esse motivo, foi necessário realizar nossas próprias estimativas para calcular as taxas das capitais e dos municípios trabalhadas no presente item. Essas estimativas foram realizadas

estabelecendo a estrutura populacional dos 5.565 municípios segundo o Censo Demográfico de 2010, projetando seguidamente essa estrutura nas estimativas de população dos municípios detalhadas no capítulo 1.

6.1. Evolução global 2002 a 2012

As tabelas e gráficos 6.1.1 e 6.1.2 sintetizam a evolução dos homicídios nas diferentes categorias de raça/cor utilizadas pelo IBGE. Só incluímos nelas um novo reagrupamento, somando as categorias preta e parda. Já de início, podemos observar uma acentuada tendência de **queda no número de homicídios da população branca e de aumento no número de vítimas na população negra**. Essa tendência se observa tanto para o conjunto da população quanto para a população jovem, como veremos a seguir.

Efetivamente, entre os brancos, no conjunto da população, o número de vítimas diminui de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, o que representa uma queda de 24,8%. Entre os negros, as vítimas aumentam de 29.656 para 41.127 nessas mesmas datas: crescimento de 38,7%.

Mas, olhando o país como um todo, sem considerar a questão da cor, como fizemos no capítulo 3, foi possível constatar que não aconteceram grandes mudanças nas taxas nacionais de homicídio: em 2002, a taxa nacional foi de 28,9 por 100 mil habitantes, e em 2012, de 29,0, quase idêntica. Podemos concluir, então, que, sem grandes alterações na superfície, no atacado aconteceram profundas transformações na lógica interna da violência que precisa ainda ser trabalhada e aprofundada: a crescente seletividade social dos que vão ser assassinados.

Efetivamente, no início do período analisado, as taxas de homicídio dos brancos era de 21,7 por 100 mil brancos. A dos negros, de 37,5 por 100 mil negros. Assim, em 2002, o índice de vitimização negra³⁰ foi de 73: morreram proporcionalmente 73% mais negros que brancos. Em 2012, esse índice sobe para 146,5. A vitimização negra, no período de 2002 a 2012, cresceu significativamente: 100,7%, mais que duplicou. Três fatos evidentes:

- Tanto o número quanto as taxas de homicídio brancos caem significativamente.
- Tanto o número quanto as taxas de homicídio negros aumentam nesse período.
- Se as quedas das taxas brancas são bem expressivas, os aumentos nas taxas negras são de moderadas para baixas.

Entre os jovens, a evolução foi muito semelhante, mas a partir de taxas que duplicam as da população total e com manifestações bem mais intensas:

³⁰ A vitimização negra resulta da relação entre as taxas brancas e as taxas negras. Assim, em determinado ano, se a vitimização negra foi de 73,0%, significa que, proporcionalmente, morreram 73,0% mais negros que brancos. Em valor zero indica que morrem proporcionalmente o mesmo número de brancos e de negros. Valores negativos indicam que morrem, proporcionalmente, mais brancos que negros.

Tabela 6.1.1. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo Raça/Cor. População Total. Brasil. 2002/2012.

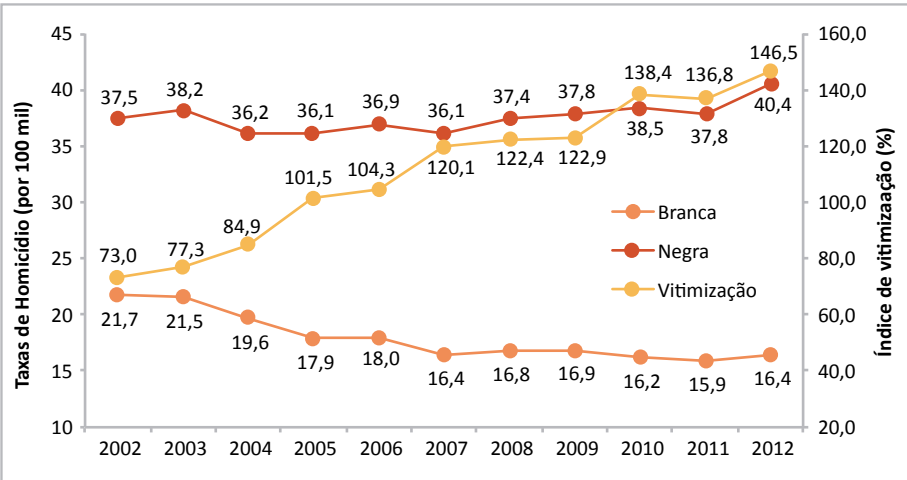
Ano	Branca	Preta	Parda	Negra*	Amarela	Indígena	Total	Taxas		Vitimização
								Branca	Negra	
2002	19.846	4.429	25.227	29.656	111	81	49.695	21,7	37,5	73,0
2003	19.700	5.011	26.067	31.079	192	84	51.054	21,5	38,2	77,3
2004	17.883	4.459	25.815	30.274	149	76	48.382	19,6	36,2	84,9
2005	16.360	4.084	26.952	31.036	87	100	47.582	17,9	36,1	101,5
2006	16.432	4.229	28.259	32.488	97	134	49.151	18,0	36,9	104,3
2007	14.908	4.186	28.416	32.601	48	154	47.712	16,4	36,1	120,1
2008	15.263	4.118	30.496	34.614	79	162	50.117	16,8	37,4	122,4
2009	15.378	4.103	31.751	35.854	64	143	51.438	16,9	37,8	122,9
2010	14.645	4.324	33.111	37.435	66	118	52.263	16,2	38,5	138,4
2011	14.435	4.398	33.150	37.549	73	146	52.202	15,9	37,8	136,8
2012	14.928	4.603	36.424	41.127	76	207	56.337	16,4	40,4	146,5
Δ%	-24,8	3,9	44,4	38,7	-31,5	155,6	13,4	-24,4	7,8	100,7

Fonte: SIM/SVS/MS.

*soma das categorias preta e parda

- O número de homicídios de jovens brancos cai 32,3%, e dos jovens negros aumentam 32,4%.
- As taxas de homicídio de jovens brancos caem 28,6%; as dos jovens negros aumentam 6.5%.

Grafico 6.1.1. Taxas de homicídio branco e negro e vitimização negra. População Total. Brasil. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

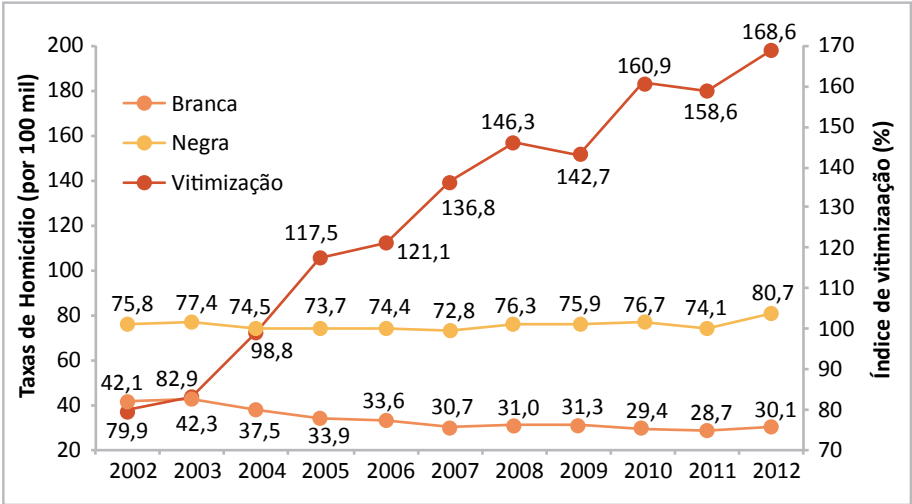
Tabela 6.1.2. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo Raça/Cor. População Jovem. Brasil. 2001/2011.										
Ano	Branca	Preta	Parda	Negra*	Amarela	Indígena	Total	Taxas		Vitimização
								Branca	Negra	
2002	10.072	2.598	14.902	17.499	46	34	27.652	42,1	75,8	79,9
2003	10.067	2.977	15.326	18.303	96	33	28.499	42,3	77,4	82,9
2004	8.869	2.656	15.382	18.038	65	33	27.006	37,5	74,5	98,8
2005	7.984	2.418	15.845	18.263	34	51	26.332	33,9	73,7	117,5
2006	7.884	2.439	16.405	18.844	41	47	26.815	33,6	74,4	121,1
2007	7.165	2.443	16.409	18.852	13	74	26.104	30,7	72,8	136,8
2008	7.184	2.391	17.795	20.185	23	76	27.469	31,0	76,3	146,3
2009	7.216	2.299	18.215	20.514	18	54	27.803	31,3	75,9	142,7
2010	6.746	2.365	18.785	21.150	29	53	27.978	29,4	76,7	160,9
2011	6.540	2.349	18.503	20.852	26	54	27.472	28,7	74,1	158,6
2012	6.823	2.524	20.636	23.160	24	65	30.072	30,1	80,7	168,6
Δ%	-32,3	-2,8	38,5	32,4	-47,8	91,5	8,8	-28,6	6,5	111,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

*soma das categorias preta e parda.

- Assim, o índice de vitimização de jovens negros, que em 2002 era de 79,9, sobe para 168,6: para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,7 jovens negros.
- Mas persiste entre os jovens o fato de que os significativos incrementos nos índices de vitimização negra podem ser atribuídos mais às quedas nos homicídios brancos do que a incrementos nos assassinatos de negros.

Grafico 6.1.2. Taxas de homicídio branco e negro e vitimização negra. População Jovem. Brasil. 2002/2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Só no último ano da série, 2012, parece surgir um fenômeno novo. As taxas negras apresentam um surto repentino enquanto as brancas, que vinham caindo, têm um aumento moderado. Considerando os jovens, as taxas negras aumentam de 74,1 em 2011 para 80,7 em 2012: crescimento de 8,9%. As brancas também crescem, mas com ritmo menor: 4,7%. Tentaremos, nos itens a seguir, retomar esse tema com maior riqueza de informação.

6.2. Evolução nas unidades federadas

Os dados da última década evidenciam uma evolução bem heterogênea e diferenciada das UF's com relação à raça/cor dos homicídios.

Tabela 6.2.1. Número de homicídios na População Branca Total por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	48	41	29	30	46	34	31	19	32	22	18	-63,0	-18,3
Amapá	17	12	10	22	14	21	5	10	28	26	20	23,2	-22,7
Amazonas	54	48	68	63	79	34	34	31	70	122	92	69,4	-25,0
Pará	140	147	152	176	160	187	210	215	263	239	239	70,8	0,1
Rondônia	198	175	167	149	151	106	141	145	145	115	137	-31,1	18,7
Roraima	21	14	10	12	21	10	15	10	8	4	13	-38,4	208,2
Tocantins	40	44	51	44	36	32	40	55	37	64	58	44,7	-8,8
NORTE	518	482	488	497	507	426	476	485	583	593	577	11,3	-2,6
Alagoas	140	89	68	93	91	106	60	42	52	79	83	-40,3	4,9
Bahia	167	177	177	189	204	271	349	337	382	417	439	162,9	5,5
Ceará	222	269	260	273	260	259	246	264	400	396	429	93,1	8,5
Maranhão	94	115	85	121	122	142	144	158	142	197	178	89,3	-9,4
Paraíba	62	49	45	51	51	37	48	51	49	81	88	42,8	9,6
Pernambuco	569	594	468	476	397	283	431	375	263	233	181	-68,1	-22,2
Piauí	45	38	48	56	50	65	54	56	61	62	57	27,6	-7,6
Rio Grande do Norte	69	104	70	86	93	108	110	136	123	166	208	201,1	25,4
Sergipe	80	85	71	85	102	93	90	91	63	55	71	-10,8	29,5
NORDESTE	1.448	1.522	1.293	1.431	1.370	1.363	1.533	1.510	1.535	1.685	1.737	19,9	3,1
Espírito Santo	429	443	359	313	332	341	335	306	300	274	206	-52,1	-25,1
Minas Gerais	939	1.172	1.201	1.185	1.276	1.204	1.112	1.092	976	1.253	1.242	32,2	-0,9
Rio de Janeiro	3.062	2.810	2.577	2.466	2.480	2.125	1.805	1.698	1.708	1.460	1.382	-54,9	-5,3
São Paulo	8.354	7.968	6.442	5.024	4.807	3.677	3.669	3.756	3.360	3.186	3.486	-58,3	9,4
SUDESTE	12.784	12.393	10.578	8.987	8.895	7.346	6.922	6.852	6.344	6.173	6.315	-50,6	2,3
Paraná	1.813	2.098	2.260	2.321	2.556	2.468	2.727	3.006	2.915	2.662	2.681	47,9	0,7
Rio Grande do Sul	1.576	1.541	1.577	1.598	1.580	1.728	1.884	1.778	1.622	1.603	1.842	16,9	14,9
Santa Catarina	477	537	524	511	551	529	678	684	678	668	641	34,5	-4,0
SUL	3.865	4.176	4.362	4.430	4.687	4.725	5.290	5.468	5.215	4.932	5.164	33,6	4,7
Distrito Federal	104	117	123	104	91	116	108	129	113	125	94	-9,5	-24,6
Goiás	483	412	515	410	379	399	431	409	392	468	600	24,3	28,3
Mato Grosso	330	309	277	263	239	271	240	247	243	252	257	-21,9	2,2
Mato Grosso do Sul	314	288	249	237	264	262	262	278	220	207	183	-41,7	-11,3
CENTRO-OESTE	1.231	1.126	1.163	1.014	973	1.047	1.041	1.063	968	1.051	1.135	-7,8	8,0
BRASIL	19.846	19.700	17.883	16.360	16.432	14.908	15.263	15.378	14.645	14.435	14.928	-24,8	3,4

Fonte: SIM/SVS/MS.

As tabelas 6.2.2 e 6.2.3 detalham a evolução dos homicídios na população branca, entre 2002 e 2012. Observa-se que os números e as taxas tiveram uma significativa queda no período: em torno de 24%. Lideraram essas quedas nas taxas de homicídio brancos:

- Na região Norte, Acre (-78,0), Roraima (-73,9%) e Rondônia (-63,7).
- No Nordeste, Pernambuco (-69,3%).
- No Sudeste, São Paulo (-56,5) e Rio de Janeiro (-51,4%), de grande peso demográfico, influenciando decididamente no declínio das taxas brancas na década.
- No sentido oposto, Bahia e Rio Grande do Norte mais que duplicam suas taxas.

Se na evolução decenal dos índices brancos se observam poucas situações realmente extremas, o mesmo não acontece com os homicídios negros, nos quais aparecem situações que podemos considerar muito graves:

- Bahia e Rio Grande do Norte, cujos índices de vítimas negras mais que triplicam na década. Ou Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Tocantins e Goiás, onde as taxas mais que duplicam.
- No outro extremo, estados como Rio de Janeiro e São Paulo, cujas taxas despencam em 2012 para menos da metade do que eram em 2002.
- Essa diversidade na evolução das taxas decenais pode ser visualizada também no gráfico 6.2.1, verificando a diversidade de situações estaduais:
 - Há um grande número de estados onde as taxas brancas e negras crescem concomitantemente, em geral, as taxas negras liderando o crescimento, mas com casos, como os de Minas Gerais ou Paraná, onde crescem mais as taxas brancas do que as negras.
 - Em número menor de casos, as duas taxas caem na década, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, Pernambuco, ou Acre, dentre outros. Também aqui há casos onde preponderam as quedas brancas e outros, as negras.
 - Situações onde as taxas negras crescem e as brancas caem. Neste campo, a realidade extrema pela sua intensidade é Alagoas, onde as taxas negras aumentam 115,7% e as brancas caem 45,4%. Sem essas magnitudes, também o Distrito Federal, Mato Grosso do Norte e Mato Grosso do Sul replicam esse panorama, que é também o do Brasil como um todo.
 - Por último, Santa Catarina, diferentemente do resto, onde as taxas negras caem e as brancas aumentam.

Tabela 6.2.2. Número de homicídios na População Negra Total por UF e Região. Brasil. 2001/2011.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	103	94	86	92	109	99	101	131	130	145	189	82,9	30,5
Amapá	162	178	163	174	188	149	205	179	227	182	230	41,4	26,4
Amazonas	452	507	447	525	602	665	781	871	1.001	1.142	1.188	163,0	4,0
Pará	1.046	1.229	1.366	1.748	1.910	2.013	2.649	2.775	3.266	2.829	3.007	187,6	6,3
Rondônia	403	382	393	402	436	324	335	388	395	330	383	-5,0	16,2
Roraima	93	82	66	73	67	87	76	79	108	78	100	8,3	28,6
Tocantins	139	181	153	158	198	190	190	228	276	292	311	123,9	6,3
NORTE	2.398	2.652	2.674	3.171	3.510	3.526	4.337	4.652	5.404	4.998	5.408	125,5	8,2
Alagoas	848	952	964	1.115	1.523	1.733	1.822	1.820	2.030	2.184	1.961	131,2	-10,2
Bahia	1.564	1.975	2.074	2.630	3.062	3.338	4.405	5.036	5.367	5.022	5.487	250,8	9,3
Ceará	1.204	1.289	1.314	1.413	1.529	1.675	1.780	1.903	2.291	2.388	3.402	182,6	42,5
Maranhão	477	643	608	765	784	937	1.089	1.226	1.342	1.368	1.561	227,6	14,1
Paraíba	545	569	610	688	766	822	972	1.217	1.405	1.535	1.436	163,6	-6,4
Pernambuco	3.848	3.904	3.697	3.814	4.067	4.263	3.978	3.572	3.171	3.225	3.124	-18,8	-3,1
Piauí	268	276	293	329	384	341	333	339	368	398	487	81,7	22,3
Rio Grande do Norte	231	304	272	321	357	482	610	652	692	875	911	294,6	4,1
Sergipe	468	388	393	407	493	433	484	571	627	681	811	73,3	19,1
NORDESTE	9.452	10.297	10.225	11.482	12.965	14.024	15.473	16.336	17.294	17.675	19.180	102,9	8,5
Espírito Santo	1.210	1.193	1.271	1.287	1.441	1.540	1.612	1.690	1.493	1.404	1.482	22,5	5,5
Minas Gerais	2.026	2.644	3.029	3.019	2.869	2.889	2.748	2.615	2.644	2.974	3.278	61,8	10,2
Rio de Janeiro	5.248	5.022	4.797	4.625	4.635	4.183	3.580	3.372	3.554	3.104	3.199	-39,0	3,1
São Paulo	6.086	5.795	4.687	3.671	3.316	2.537	2.407	2.534	2.428	2.413	2.796	-54,1	15,9
SUDESTE	14.569	14.653	13.785	12.602	12.260	11.149	10.347	10.211	10.118	9.895	10.754	-26,2	8,7
Paraná	407	418	540	654	529	636	715	681	680	659	774	90,0	17,5
Rio Grande do Sul	326	353	382	409	382	443	480	447	439	449	516	58,1	14,8
Santa Catarina	93	113	104	104	103	100	109	115	132	125	173	85,6	38,0
SUL	827	883	1.026	1.167	1.014	1.179	1.304	1.243	1.251	1.233	1.463	76,9	18,6
Distrito Federal	639	737	691	640	678	698	765	875	769	852	936	46,5	9,8
Goiás	791	843	910	984	1.027	1.024	1.320	1.379	1.496	1.740	2.123	168,4	22,0
Mato Grosso	629	617	586	638	655	621	696	750	730	739	810	28,7	9,5
Mato Grosso do Sul	351	396	377	352	378	380	372	409	372	416	453	29,3	8,9
CENTRO-OESTE	2.410	2.593	2.565	2.614	2.739	2.723	3.154	3.412	3.367	3.747	4.321	79,3	15,3
BRASIL	29.656	31.079	30.274	31.036	32.488	32.601	34.614	35.854	37.435	37.549	41.127	38,7	9,5

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 6.2.3. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Branca Total por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	44,8	36,5	23,8	23,8	34,2	23,9	20,6	12,3	19,8	12,6	9,9	-78,0	-21,6
Amapá	13,6	9,7	7,8	16,6	10,2	15,0	3,5	6,3	17,9	16,6	12,5	-8,6	-24,7
Amazonas	8,7	7,5	10,5	9,5	11,7	4,9	4,8	4,3	9,6	16,6	12,2	40,7	-26,3
Pará	11,9	12,0	11,9	13,2	11,5	13,1	14,1	14,0	16,6	14,6	14,2	19,5	-2,9
Rondônia	65,6	53,2	46,8	38,9	36,6	24,3	30,4	29,5	27,9	21,1	23,8	-63,7	13,1
Roraima	50,5	28,1	19,3	20,6	32,4	14,4	20,1	12,4	9,5	4,5	13,2	-73,9	190,4
Tocantins	14,1	15,2	17,2	14,6	11,8	10,3	12,6	16,8	11,0	18,9	16,9	19,9	-10,3
NORTE	19,5	17,4	16,9	16,6	16,3	13,2	14,2	14,0	16,3	16,1	15,2	-22,0	-5,5
Alagoas	15,6	9,9	7,5	10,1	9,8	11,3	6,4	4,4	5,4	8,2	8,5	-45,4	4,0
Bahia	5,5	5,8	5,8	6,2	6,7	8,9	11,4	11,0	12,4	13,5	14,2	156,9	5,3
Ceará	8,5	10,3	9,9	10,4	9,8	9,8	9,3	9,9	15,0	14,8	16,0	87,5	8,2
Maranhão	6,3	7,7	5,8	8,2	8,3	9,7	9,9	10,9	9,9	13,7	12,5	97,4	-9,0
Paraíba	4,8	3,7	3,4	3,7	3,7	2,6	3,4	3,5	3,4	5,4	5,8	22,0	8,0
Pernambuco	18,4	19,1	15,0	15,2	12,6	9,0	13,6	11,8	8,2	7,3	5,6	-69,3	-22,5
Piauí	6,7	5,7	7,0	8,1	7,1	9,1	7,5	7,6	8,2	8,2	7,5	11,3	-8,8
Rio Grande do Norte	5,6	8,4	5,7	6,8	7,4	8,5	8,6	10,6	9,5	12,8	16,0	184,3	24,7
Sergipe	18,3	18,8	15,2	17,6	20,6	18,1	17,1	16,7	11,2	9,6	12,1	-33,6	26,2
NORDESTE	9,8	10,3	8,7	9,5	9,1	9,0	10,1	9,9	10,0	10,9	11,2	13,5	2,5
Espírito Santo	28,7	29,6	24,0	21,0	22,3	22,9	22,6	20,6	20,3	18,6	13,9	-51,4	-25,0
Minas Gerais	9,9	12,4	12,8	12,8	13,9	13,2	12,3	12,2	11,0	14,2	14,2	43,6	0,0
Rio de Janeiro	33,0	31,0	29,0	28,3	29,1	25,5	22,2	21,3	22,0	19,3	18,7	-43,4	-2,9
São Paulo	30,6	29,3	23,8	18,7	17,9	13,8	13,8	14,2	12,7	12,1	13,3	-56,5	9,9
SUDESTE	26,9	26,3	22,6	19,4	19,3	16,1	15,3	15,3	14,2	14,0	14,4	-46,4	3,2
Paraná	24,3	28,2	30,4	31,3	34,6	33,4	37,0	40,9	39,7	36,4	36,7	51,2	0,9
Rio Grande do Sul	17,6	17,2	17,6	17,9	17,7	19,4	21,1	19,9	18,2	18,0	20,7	17,7	15,0
Santa Catarina	9,7	10,8	10,5	10,2	10,9	10,4	13,2	13,2	13,0	12,7	12,2	25,4	-4,6
SUL	18,1	19,6	20,4	20,7	21,9	22,1	24,7	25,5	24,3	23,0	24,1	32,8	4,6
Distrito Federal	11,1	12,3	12,7	10,6	9,1	11,4	10,5	12,4	10,7	11,6	8,6	-22,4	-25,7
Goiás	21,0	17,8	22,0	17,4	15,9	16,6	17,8	16,7	15,9	18,8	23,9	13,8	27,2
Mato Grosso	32,5	30,0	26,6	25,0	22,4	25,1	22,0	22,4	21,8	22,3	22,6	-30,6	1,0
Mato Grosso do Sul	28,0	25,6	22,1	20,9	23,3	23,1	23,0	24,3	19,2	18,0	15,9	-43,2	-11,5
CENTRO-OESTE	22,9	20,8	21,2	18,4	17,4	18,6	18,3	18,5	16,7	18,0	19,3	-16,0	7,0
BRASIL	21,7	21,5	19,6	17,9	18,0	16,4	16,8	16,9	16,1	15,9	16,5	-23,8	3,5

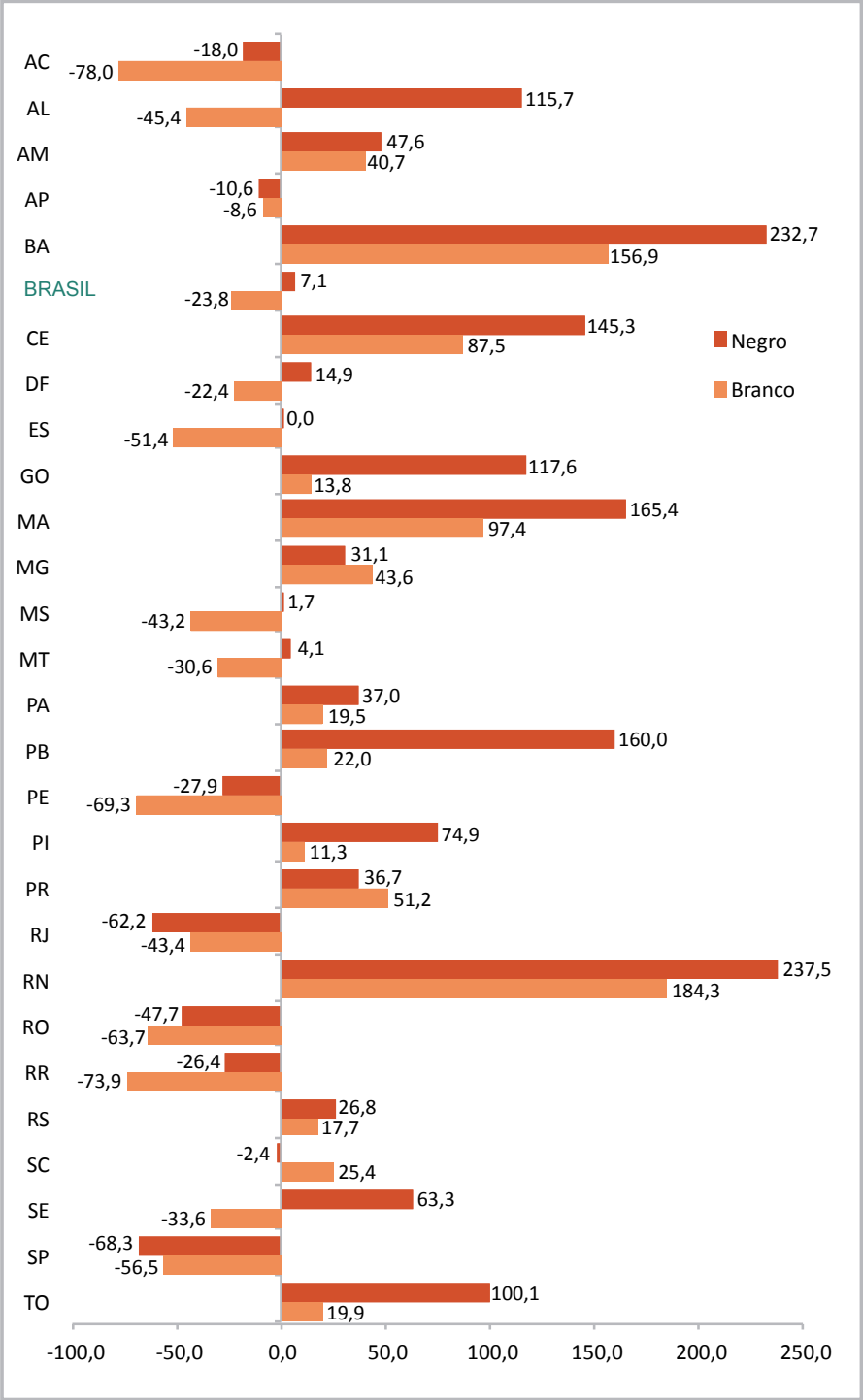
Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 6.2.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Negra Total por UF e Região. Brasil. 2001/2011.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	41,0	33,0	27,4	26,7	28,9	24,3	23,0	28,0	25,9	27,3	33,6	-18,0	23,3
Amapá	49,9	51,6	44,8	45,4	46,8	35,4	46,6	39,1	47,6	36,6	44,6	-10,6	21,7
Amazonas	30,2	31,5	25,8	28,4	30,7	32,0	35,6	37,7	41,2	44,9	44,6	47,6	-0,6
Pará	35,7	37,8	38,2	44,8	45,2	44,3	54,4	53,5	59,3	48,5	48,8	37,0	0,7
Rondônia	71,5	62,6	59,9	57,2	58,3	40,9	39,9	43,8	42,4	33,7	37,4	-47,7	11,0
Roraima	43,7	37,0	28,6	30,0	26,5	33,3	28,0	28,1	37,1	25,8	32,2	-26,4	24,5
Tocantins	15,3	19,7	16,5	16,8	20,8	19,7	19,5	23,2	27,8	29,1	30,6	100,1	5,2
NORTE	35,9	36,6	34,3	37,9	39,4	37,2	43,3	44,0	48,5	42,7	44,2	23,2	3,3
Alagoas	42,9	47,8	48,1	55,3	75,0	84,7	88,4	87,7	97,2	103,9	92,6	115,7	-10,8
Bahia	15,3	19,2	20,1	25,3	29,3	31,8	41,8	47,5	50,4	46,9	51,0	232,7	8,7
Ceará	24,2	25,5	25,7	27,2	29,0	31,3	32,8	34,6	41,1	42,2	59,4	145,3	40,6
Maranhão	11,5	15,1	14,0	17,2	17,3	20,2	23,0	25,4	27,2	27,2	30,5	165,4	12,0
Paraíba	25,0	26,1	27,9	31,4	35,0	37,5	44,2	55,3	63,8	69,6	65,0	160,0	-6,6
Pernambuco	78,6	78,8	73,7	75,1	79,1	81,9	75,6	67,1	58,9	59,2	56,7	-27,9	-4,2
Piauí	12,1	12,4	13,1	14,7	17,0	15,1	14,7	14,9	16,1	17,4	21,1	74,9	21,8
Rio Grande do Norte	14,5	18,7	16,5	19,2	21,0	27,9	34,8	36,6	38,3	47,6	48,9	237,5	2,6
Sergipe	33,8	27,8	28,0	28,9	34,8	30,3	33,7	39,5	43,2	46,6	55,1	63,3	18,4
NORDESTE	28,1	30,3	29,8	33,2	37,1	39,7	43,4	45,3	47,5	48,1	51,7	83,7	7,5
Espírito Santo	72,6	70,0	73,0	72,3	79,3	83,0	85,2	87,6	75,9	70,1	72,6	0,0	3,6
Minas Gerais	23,3	29,7	33,2	32,4	30,1	29,7	27,7	25,8	25,6	28,2	30,5	31,1	8,1
Rio de Janeiro	98,4	88,7	80,1	73,3	69,8	60,1	49,1	44,3	44,7	37,5	37,2	-62,2	-0,9
São Paulo	59,5	54,2	42,0	31,6	27,5	20,2	18,5	18,8	17,5	16,8	18,9	-68,3	12,3
SUDESTE	56,2	54,3	49,2	43,4	40,8	35,9	32,2	30,8	29,6	28,1	29,7	-47,1	5,6
Paraná	18,5	18,2	22,7	26,6	20,7	24,2	26,3	24,3	23,5	22,1	25,3	36,7	14,2
Rio Grande do Sul	23,1	24,4	25,8	26,9	24,6	27,9	29,6	27,0	25,9	26,0	29,3	26,8	12,5
Santa Catarina	17,5	19,4	16,6	15,4	14,2	13,0	13,2	13,2	14,4	13,0	17,0	-2,4	31,5
SUL	19,9	20,5	22,9	25,1	21,0	23,6	25,3	23,3	22,7	21,8	25,1	25,8	15,2
Distrito Federal	55,2	61,9	56,6	51,0	52,8	53,0	56,7	63,4	54,4	59,0	63,4	14,9	7,5
Goiás	28,1	29,3	30,9	32,7	33,4	32,6	41,1	42,1	44,8	51,1	61,1	117,6	19,7
Mato Grosso	41,8	40,0	37,2	39,5	39,7	36,9	40,5	42,7	40,8	40,5	43,5	4,1	7,5
Mato Grosso do Sul	36,3	40,0	37,0	33,8	35,3	34,7	33,2	35,6	31,7	34,7	37,0	1,7	6,6
CENTRO-OESTE	37,4	39,3	37,9	37,8	38,7	37,6	42,6	45,1	43,6	47,6	53,8	43,8	13,0
BRASIL	38,6	39,3	37,2	37,1	37,8	37,0	38,3	38,7	39,4	38,6	41,4	7,1	7,0

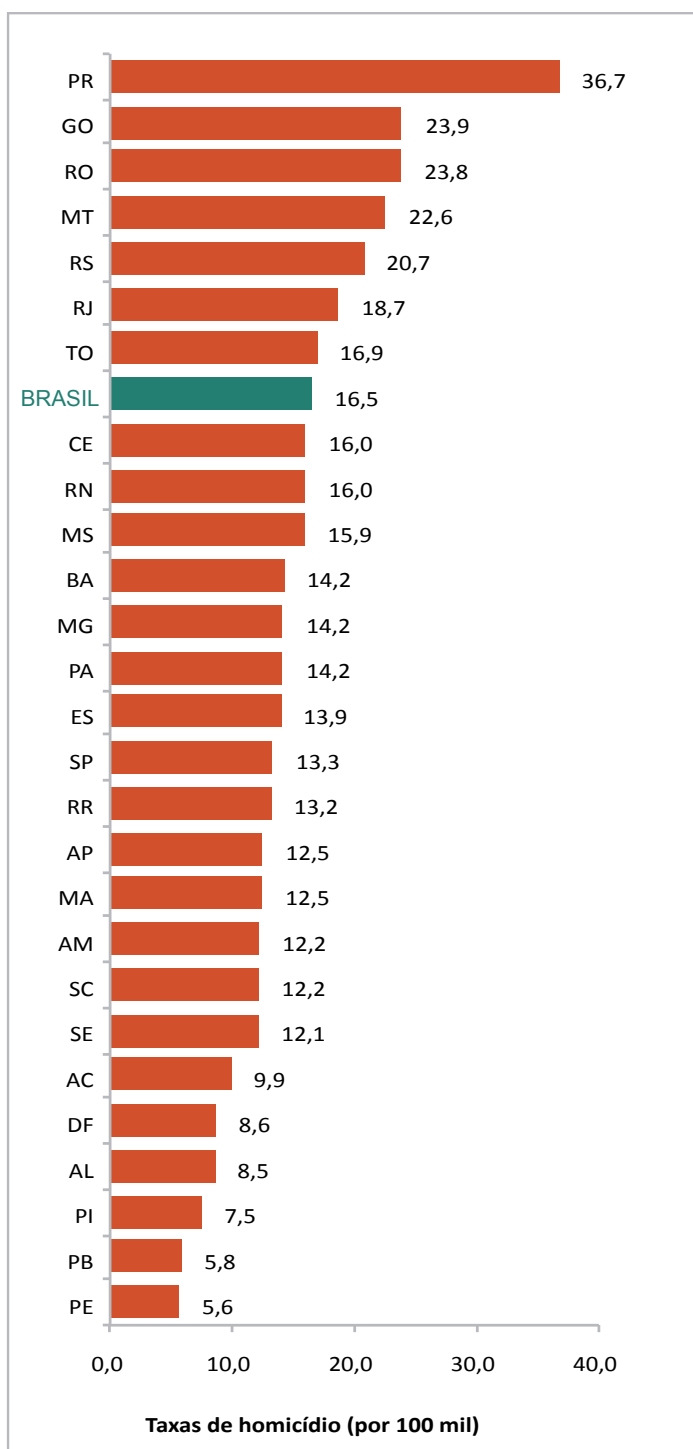
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 6.2.1. Crescimento das taxas de homicídio branco e negro na População Total por UF. 2002/2012.



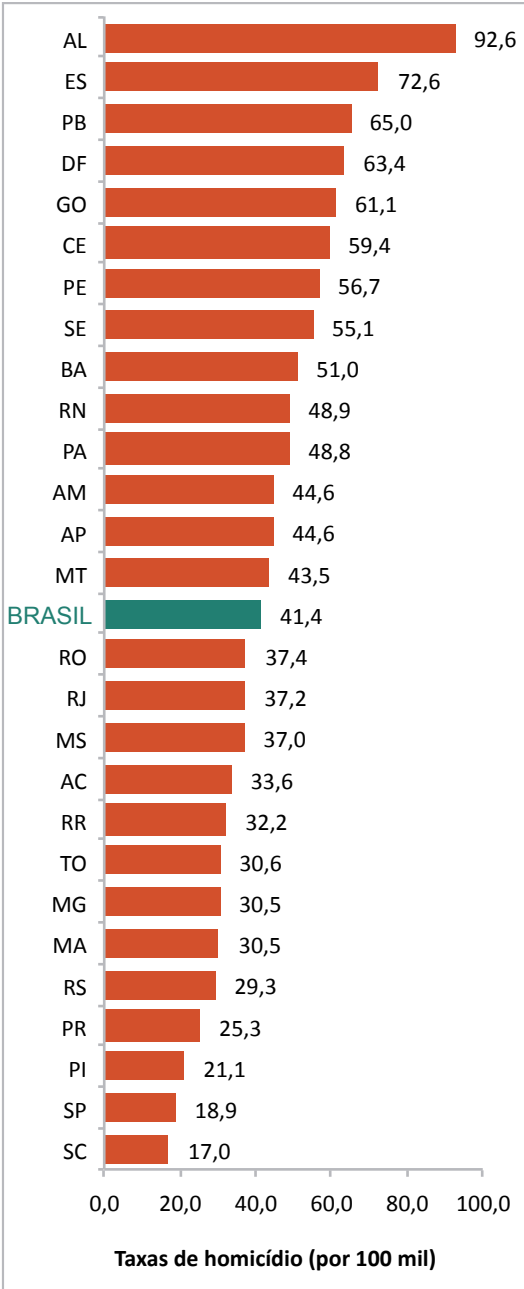
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 6.2.2. Ordenamento das UF segundo taxas de homicídio branco. População Total. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 6.2.3. Ordenamento das UF segundo Taxas de Homicídio Negro. População Total. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Vemos assim que, a partir de uma enorme heterogeneidade de situações específicas, a resultante nacional da década foi uma significativa queda nas taxas brancas – 23,8% – e um aumento de 7,1% nas taxas negras, com o que a seletividade negra nos homicídios, que já era larga no início do período, aumentou ainda mais.

As tabelas e gráficos a seguir sintetizam a evolução da mortalidade juvenil nesse quesito raça/cor.

Tabela 6.2.5. Número de homicídios na População Branca Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	27	23	18	19	22	16	18	7	13	8	7	-75,5	-21,4
Amapá	9	11	7	10	10	14	4	3	16	15	17	79,9	11,7
Amazonas	28	26	40	36	45	21	16	11	44	76	51	80,6	-32,3
Pará	57	58	69	83	77	90	102	115	139	113	114	100,1	0,6
Rondônia	68	54	69	55	65	38	53	53	46	45	49	-27,6	8,7
Roraima	10	3	6	3	11	3	5	1	4	1	5	-50,0	355,3
Tocantins	14	22	24	18	19	9	14	12	17	21	27	92,2	30,4
NORTE	214	198	234	225	249	190	213	202	279	280	270	26,2	-3,4
Alagoas	61	56	24	45	45	58	27	18	27	43	56	-7,6	31,5
Bahia	75	78	63	80	77	142	158	184	211	216	227	204,8	5,1
Ceará	92	129	101	135	120	131	109	138	220	213	225	143,1	5,4
Maranhão	42	43	32	54	63	78	78	76	68	78	80	89,3	2,6
Paraíba	28	25	16	19	20	18	19	25	27	26	39	37,5	48,0
Pernambuco	268	308	230	254	185	137	206	179	135	113	78	-70,8	-30,5
Piauí	15	22	25	31	19	26	31	32	33	26	31	107,6	17,2
Rio Grande do Norte	30	44	26	47	46	47	46	71	49	95	114	279,2	19,9
Sergipe	36	42	31	30	58	47	37	45	21	26	39	10,2	50,2
NORDESTE	647	748	548	695	633	683	711	767	791	837	890	37,5	6,3
Espírito Santo	182	191	158	129	125	126	140	143	124	129	87	-52,2	-32,6
Minas Gerais	453	601	597	593	661	620	541	526	445	582	589	29,9	1,1
Rio de Janeiro	1.442	1.312	1.196	1.136	1.114	969	845	737	755	610	573	-60,2	-6,0
São Paulo	4.684	4.452	3.358	2.447	2.287	1.629	1.529	1.519	1.325	1.214	1.353	-71,1	11,5
SUDESTE	6.761	6.556	5.309	4.305	4.186	3.345	3.056	2.926	2.649	2.535	2.602	-61,5	2,6
Paraná	957	1.094	1.245	1.252	1.389	1.362	1.469	1.653	1.574	1.376	1.405	46,7	2,1
Rio Grande do Sul	751	722	783	786	733	845	919	824	719	735	817	8,7	11,0
Santa Catarina	197	238	217	248	252	268	330	353	301	314	308	56,3	-2,1
SUL	1.905	2.054	2.245	2.286	2.374	2.476	2.718	2.830	2.594	2.426	2.529	32,7	4,2
Distrito Federal	65	64	74	62	44	68	65	67	56	67	50	-21,8	-24,8
Goiás	227	186	233	208	179	209	210	186	187	224	300	32,2	33,9
Mato Grosso	123	112	112	104	100	93	90	106	100	90	114	-7,8	26,6
Mato Grosso do Sul	130	149	114	99	119	100	121	132	90	81	68	-47,8	-16,7
CENTRO-OESTE	545	512	533	473	442	471	487	491	433	462	532	-2,3	15,1
BRASIL	10.072	10.067	8.869	7.984	7.884	7.165	7.184	7.216	6.746	6.540	6.823	-32,3	4,3

Fonte: SIM/SVS/MS.

A tabela 6.2.9 permite uma visão sintética da evolução decenal das taxas de homicídio por raça cor e por diferencial juvenil. Vemos que:

- Na população total, as taxas brancas caem 23,8%, enquanto as negras aumentam 7,1%.
- Aqui a vitimização negra passa de 78% em 2002 para 151% em 2012: aumento de 92.6%.
- Entre os jovens, as taxas brancas caem 28,6%. Já as negras aumentam 6,0%.
- A vitimização negra entre os jovens passa de 85% em 2002 para 175% em 2012: aumenta 105,5%.

Tabela 6.2.6. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Branca Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.													
UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	78,9	64,1	49,0	49,4	54,8	37,3	41,7	14,6	27,6	17,5	13,3	-83,1	-23,9
Amapá	25,2	28,8	17,8	24,4	23,9	32,2	9,1	6,9	33,7	31,3	34,1	35,1	8,9
Amazonas	15,5	14,2	21,0	18,6	22,9	10,2	7,9	5,4	20,9	35,0	23,3	50,2	-33,5
Pará	16,6	16,4	18,7	21,6	19,4	22,0	24,1	26,4	30,8	24,5	23,9	44,0	-2,2
Rondônia	79,1	57,3	68,6	51,1	55,8	30,7	40,9	38,2	31,6	29,9	31,0	-60,8	3,7
Roraima	98,9	25,3	45,1	19,5	62,4	15,7	23,5	4,5	17,3	4,2	17,7	-82,1	326,1
Tocantins	18,5	28,5	30,5	22,5	23,3	10,9	16,7	14,1	19,5	23,1	29,6	59,7	28,2
NORTE	27,8	24,7	28,2	26,1	27,9	20,6	22,3	20,5	27,5	26,8	25,1	-9,6	-6,2
Alagoas	25,1	23,1	9,6	18,1	17,8	22,9	10,7	7,2	10,4	16,5	21,6	-14,1	30,6
Bahia	8,7	9,2	7,5	9,6	9,3	17,3	19,5	22,8	26,4	27,3	28,9	230,7	6,0
Ceará	13,5	18,6	14,4	19,3	16,9	18,4	15,1	19,0	30,2	29,0	30,3	125,0	4,6
Maranhão	10,3	10,5	7,9	13,1	15,2	19,0	18,9	18,5	16,5	19,0	19,5	89,0	2,5
Paraíba	7,7	6,8	4,4	5,1	5,3	4,8	4,9	6,5	7,0	6,7	9,9	28,3	47,0
Pernambuco	32,0	36,8	27,5	30,3	22,1	16,3	24,5	21,3	16,0	13,4	9,3	-71,0	-30,5
Piauí	7,7	11,3	12,9	15,5	9,7	12,7	15,2	15,4	16,2	12,6	14,7	90,0	16,2
Rio Grande do Norte	8,5	12,4	7,3	13,3	12,9	13,2	13,0	19,9	13,8	26,7	31,9	276,0	19,8
Sergipe	28,7	33,3	23,5	22,4	42,5	33,6	25,6	30,2	13,6	16,9	24,8	-13,5	47,0
NORDESTE	15,9	18,3	13,4	17,0	15,4	16,6	17,2	18,6	19,1	20,2	21,4	34,4	6,1
Espírito Santo	45,3	47,9	39,9	33,0	32,3	32,8	36,8	38,0	33,1	34,7	23,6	-47,9	-32,0
Minas Gerais	18,2	24,5	24,7	24,9	28,1	26,8	23,7	23,4	20,1	26,7	27,4	50,6	2,7
Rio de Janeiro	66,0	61,4	57,3	55,7	55,9	49,8	44,6	39,9	42,0	34,9	33,7	-49,0	-3,3
São Paulo	64,4	61,9	47,3	34,9	33,0	23,8	22,6	22,7	20,1	18,6	21,1	-67,3	12,9
SUDESTE	54,8	53,8	44,2	36,4	35,9	29,1	27,0	26,2	24,1	23,4	24,5	-55,3	4,3
Paraná	49,6	56,9	65,0	65,6	73,0	71,9	77,8	87,9	84,1	73,8	75,6	52,5	2,5
Rio Grande do Sul	35,1	33,7	36,5	36,6	34,1	39,3	42,7	38,3	33,3	34,1	37,8	7,9	10,9
Santa Catarina	15,3	18,3	16,5	18,8	18,9	20,0	24,4	25,9	22,0	22,7	22,1	44,8	-2,8
SUL	35,5	38,3	41,8	42,5	44,1	46,0	50,4	52,4	48,0	44,9	46,7	31,6	4,2
Distrito Federal	23,5	23,3	26,9	22,1	15,8	24,3	23,1	23,8	19,9	23,6	17,7	-24,6	-25,1
Goiás	35,0	28,7	36,1	32,3	27,8	32,5	32,6	29,0	29,2	34,9	46,9	33,8	34,1
Mato Grosso	46,4	41,5	40,7	37,2	35,4	32,5	31,1	35,9	33,4	29,7	37,1	-20,1	25,0
Mato Grosso do Sul	43,0	49,6	37,8	33,0	39,4	33,4	40,4	44,0	30,1	27,1	22,6	-47,4	-16,6
CENTRO-OESTE	36,5	34,2	35,6	31,5	29,3	31,2	32,1	32,3	28,4	30,3	34,7	-4,9	14,8
BRASIL	41,9	42,1	37,3	33,7	33,5	30,6	30,8	31,1	29,2	28,5	29,9	-28,6	4,9

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 6.2.7. Número de homicídios na População Negra Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	63	52	57	49	64	54	57	70	58	66	94	49,5	43,7
Amapá	109	125	111	113	118	99	138	103	149	106	146	33,3	38,0
Amazonas	284	312	265	313	373	406	458	522	584	706	667	135,1	-5,6
Pará	569	678	743	1.004	1.098	1.168	1.532	1.603	1.804	1.640	1.683	195,7	2,6
Rondônia	204	175	208	190	192	170	157	177	178	142	178	-12,8	25,5
Roraima	58	42	33	31	30	37	29	45	45	33	58	0,0	73,0
Tocantins	70	74	78	76	105	84	100	112	151	139	149	112,9	7,0
NORTE	1.357	1.458	1.494	1.775	1.980	2.018	2.470	2.632	2.970	2.832	2.974	119,2	5,0
Alagoas	493	563	596	646	928	1.042	1.117	1.089	1.264	1.286	1.171	137,4	-9,0
Bahia	924	1.189	1.239	1.571	1.838	1.987	2.800	3.197	3.288	2.927	3.252	251,9	11,1
Ceará	625	638	721	802	820	936	1.026	1.061	1.269	1.352	2.095	235,2	55,0
Maranhão	242	359	341	427	434	522	616	697	749	729	858	255,0	17,7
Paraíba	300	318	324	389	430	446	535	689	805	887	866	188,3	-2,4
Pernambuco	2.329	2.323	2.260	2.335	2.424	2.553	2.394	2.097	1.819	1.809	1.726	-25,9	-4,6
Piauí	151	140	160	188	231	173	172	177	174	205	245	62,2	19,8
Rio Grande do Norte	115	158	153	190	187	270	362	379	396	496	528	359,3	6,5
Sergipe	279	222	206	222	281	251	278	284	336	350	437	56,3	24,8
NORDESTE	5.459	5.909	6.000	6.770	7.573	8.180	9.300	9.670	10.099	10.040	11.176	104,7	11,3
Espírito Santo	753	704	783	774	860	881	970	1.029	910	877	892	18,4	1,7
Minas Gerais	1.160	1.612	1.944	1.860	1.735	1.716	1.649	1.521	1.502	1.656	1.911	64,8	15,4
Rio de Janeiro	3.084	2.977	2.838	2.766	2.727	2.498	2.024	1.867	1.947	1.634	1.680	-45,5	2,8
São Paulo	3.884	3.704	2.942	2.152	1.839	1.337	1.250	1.243	1.172	1.125	1.352	-65,2	20,2
SUDESTE	8.880	8.997	8.507	7.552	7.162	6.432	5.892	5.659	5.531	5.291	5.836	-34,3	10,3
Paraná	238	248	310	405	319	400	458	415	394	379	444	87,0	17,3
Rio Grande do Sul	199	206	224	242	234	278	272	250	245	263	319	60,5	21,7
Santa Catarina	58	68	62	68	67	56	66	70	74	71	98	69,4	39,2
SUL	495	522	596	715	620	734	796	735	713	712	862	74,2	21,1
Distrito Federal	409	457	433	393	423	432	462	529	453	463	514	25,4	10,9
Goiás	425	466	522	573	587	567	738	720	849	943	1.175	176,6	24,6
Mato Grosso	300	301	294	297	320	282	334	361	363	365	417	39,3	14,3
Mato Grosso do Sul	175	193	193	187	179	207	193	208	172	206	206	17,7	0,2
CENTRO-OESTE	1.309	1.417	1.442	1.452	1.509	1.487	1.727	1.818	1.837	1.977	2.312	76,6	17,0
BRASIL	17.499	18.303	18.038	18.263	18.844	18.852	20.185	20.514	21.150	20.852	23.160	32,3	11,1

Fonte: SIM/SVS/MS.

Dessa forma, se os índices de homicídio do país nesse período estagnaram ou mudaram pouco, foi devido a essa associação inaceitável e crescente entre homicídios e cor da pele das vítimas, na qual, progressivamente, a violência homicida se concentra na população negra e, de forma muito específica, nos jovens negros. Tentaremos aprofundar nos mecanismos pelos quais essa seletividade opera, dado que são mecanismos que atingem o conjunto da sociedade brasileira. Não são mecanismos de segregação ostensíveis, mas originam consequências tanto ou mais nefastas.

Tabela 6.2.8. Taxas de homicídio (por 100 mil) na População Negra Jovem por UF e Região. Brasil. 2002/2012.

UF/REGIÃO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%	
												02/12	11/12
Acre	77,2	57,9	57,5	45,6	55,3	43,8	42,9	49,9	38,5	41,5	56,6	-26,7	36,4
Amapá	106,5	115,3	97,5	94,7	94,5	75,9	101,7	72,8	101,5	69,6	92,7	-13,0	33,2
Amazonas	60,8	62,7	49,9	55,6	62,6	64,8	69,5	75,5	80,8	93,5	84,7	39,2	-9,4
Pará	62,1	67,1	67,4	84,1	85,4	84,7	104,2	102,5	109,0	93,8	91,5	47,4	-2,5
Rondônia	120,4	96,1	106,1	90,7	86,6	72,2	63,0	67,7	64,7	49,0	58,8	-51,2	20,0
Roraima	88,0	60,9	45,4	41,3	38,7	45,7	34,7	51,7	50,8	36,2	60,7	-31,1	67,6
Tocantins	27,1	28,2	29,3	28,1	38,3	30,1	35,4	39,0	52,0	47,3	50,0	84,3	5,5
NORTE	65,8	65,7	62,8	70,0	73,5	70,7	82,0	83,0	89,2	81,2	81,6	23,9	0,5
Alagoas	87,6	99,2	104,4	112,3	160,2	178,6	190,2	184,1	212,1	214,4	193,9	121,4	-9,6
Bahia	29,8	38,4	40,0	50,8	59,5	64,3	90,7	103,7	106,7	95,0	105,6	254,1	11,2
Ceará	45,2	45,2	50,1	54,6	54,8	61,4	66,0	67,1	78,8	82,5	125,6	177,8	52,3
Maranhão	19,4	28,2	26,2	32,1	32,1	37,8	43,8	48,6	51,2	48,9	56,6	192,1	15,6
Paraíba	46,9	49,8	51,2	61,6	68,4	71,2	85,9	111,2	130,5	144,6	141,8	202,1	-2,0
Pernambuco	161,6	160,2	154,8	158,8	163,8	171,4	159,7	139,0	119,8	118,4	112,2	-30,6	-5,2
Piauí	22,2	20,6	23,6	28,0	34,5	26,1	26,0	27,0	26,5	31,4	37,9	70,8	20,4
Rio Grande do Norte	23,5	32,0	30,7	37,8	37,0	53,0	70,3	73,1	75,7	94,1	99,4	323,4	5,6
Sergipe	66,0	52,3	48,6	52,3	66,0	58,9	65,3	66,7	78,8	81,9	102,1	54,7	24,7
NORDESTE	54,8	58,9	59,4	66,6	74,0	79,5	89,8	92,8	96,3	95,1	105,2	92,1	10,6
Espírito Santo	153,2	140,8	154,1	149,7	163,8	165,1	178,9	186,9	162,9	154,7	155,0	1,2	0,2
Minas Gerais	45,8	62,6	74,3	70,0	64,3	62,6	59,2	53,8	52,3	56,9	64,7	41,3	13,8
Rio de Janeiro	218,0	199,0	179,9	166,8	156,7	137,2	106,4	94,1	94,3	76,1	75,4	-65,4	-0,9
São Paulo	129,6	118,8	90,9	64,1	52,9	37,1	33,6	32,4	29,6	27,6	32,2	-75,2	16,8
SUDESTE	119,5	117,1	107,2	92,2	84,8	74,0	65,8	61,5	58,5	54,5	58,6	-50,9	7,5
Paraná	36,9	37,5	45,6	57,9	44,5	54,4	60,8	53,7	49,8	46,8	53,6	45,2	14,7
Rio Grande do Sul	54,5	54,7	57,8	60,7	57,1	66,1	63,0	56,4	54,0	56,5	67,1	23,1	18,8
Santa Catarina	38,3	41,0	34,3	34,9	32,1	24,8	27,6	27,8	27,5	25,0	33,1	-13,6	32,4
SUL	42,7	43,4	47,7	55,3	46,4	53,2	55,9	50,0	47,1	45,7	53,8	26,2	17,7
Distrito Federal	111,6	122,0	113,4	101,2	106,7	107,0	112,4	126,3	106,3	106,8	116,5	4,4	9,1
Goiás	52,0	56,0	61,4	66,2	66,4	63,0	80,5	77,2	89,3	97,5	119,5	129,5	22,5
Mato Grosso	67,2	66,2	63,4	62,8	66,3	57,3	66,5	70,8	69,9	69,0	77,5	15,3	12,3
Mato Grosso do Sul	61,3	66,4	65,0	61,9	58,1	66,0	60,5	63,9	52,2	61,2	60,3	-1,7	-1,4
CENTRO-OESTE	68,4	72,5	72,4	71,5	72,9	70,5	80,4	83,1	82,5	87,2	100,3	46,7	15,0
BRASIL	77,7	79,3	76,3	75,4	76,1	74,4	78,0	77,6	78,3	75,6	82,3	6,0	8,9

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 6.2.9. Síntese da evolução das taxas Brancas e Negras; Totais e Juvenis. Brasil. 2002/2012

Taxas Pop. Total	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%
Branca Total	21,7	21,5	19,6	17,9	18,0	16,4	16,8	16,9	16,1	15,9	16,5	-23,8
Negra Total	38,6	39,3	37,2	37,1	37,8	37,0	38,3	38,7	39,4	38,6	41,4	7,1
Vitim. Negra Total	78,3	82,6	90,3	107	110	126	128	129	144	143	151	92,6
Taxas Pop. Jovem	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Δ%
Banca Jovem	41,9	42,1	37,3	33,7	33,5	30,6	30,8	31,1	29,2	28,5	29,9	-28,6
Negra Jovem	77,7	79,3	76,3	75,4	76,1	74,4	78,0	77,6	78,3	75,6	82,3	6,0
Vitim. Negra Jovem	85,3	88,3	105	124	127	143	153	149	168	165	175	105,5

Fonte: SIM/SVS/MS.

6.3. Os homicídios nas capitais

Em função das limitações expostas nos parágrafos iniciais, deveremos fazer um retrospecto limitado, de três anos, para abordar a questão da raça/cor dos homicídios nas capitais.

Pelos dados das tabelas a seguir é possível verificar:

- As capitais reproduzem, em maior ou menor medida, os padrões detectados no capítulo 3 para o Brasil como um todo: queda das taxas brancas e crescimento das taxas negras.

Tabela 6.3.1. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) brancos e negros e vitimização negra nas capitais. População Total. Brasil. 2010/2012.														
Município	UF	Homicídios Brancos			Homicídios Negros			Taxas Brancas			Taxas Negras			Vitim. %
		2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2012
São Paulo	SP	747	631	795	776	705	947	10,9	9,2	11,5	18,6	16,8	22,5	95
Rio de Janeiro	RJ	560	429	370	1204	1036	1001	17,3	13,2	11,3	39,8	34,0	32,7	190
Salvador	BA	113	151	113	1727	1517	1531	22,3	29,7	22,1	81,5	71,1	71,3	223
Brasília	DF	113	125	94	769	852	936	10,5	11,4	8,5	53,2	58,1	62,9	641
Fortaleza	CE	183	175	189	1084	1162	1731	20,6	19,5	20,9	71,0	75,3	111,2	433
Belo Horizonte	MG	189	229	233	655	732	739	17,2	20,7	21,0	52,7	58,6	58,9	181
Manaus	AM	43	90	71	800	937	979	9,0	18,6	14,4	61,5	70,9	72,9	405
Curitiba	PR	870	731	634	109	101	107	63,0	52,6	45,3	31,6	29,0	30,5	-33
Recife	PE	58	54	47	835	828	761	9,2	8,5	7,4	93,8	92,5	84,5	1043
Porto Alegre	RS	347	374	376	169	146	225	31,0	33,3	33,4	60,0	51,7	79,4	138
Belém	PA	27	14	20	736	558	623	7,2	3,7	5,3	73,1	55,1	61,2	1053
Goiânia	GO	141	158	185	376	497	554	22,7	25,1	29,1	57,3	74,8	82,4	184
São Luís	MA	60	81	43	507	488	606	20,3	27,1	14,2	71,8	68,2	83,7	489
Maceió	AL	22	34	36	1005	1013	821	6,5	10,0	10,5	172,2	171,7	137,7	1215
Teresina	PI	29	37	34	221	238	307	13,6	17,2	15,6	38,2	40,7	52,0	233
Natal	RN	30	34	52	296	363	403	8,4	9,5	14,4	67,5	82,1	90,4	530
João Pessoa	PB	17	16	19	562	615	549	5,2	4,9	5,7	145,1	156,7	138,1	2319
Aracaju	SE	14	17	24	226	257	327	7,6	9,1	12,7	59,9	67,2	84,3	564
Cuiabá	MT	41	46	43	181	206	203	22,7	25,2	23,3	50,3	56,7	55,4	137
Porto Velho	RO	44	42	32	168	147	166	35,4	33,2	24,9	57,4	49,4	54,9	120
Florianópolis	SC	74	71	46	23	15	19	20,7	19,6	12,5	37,5	24,1	30,2	141
Macapá	AP	21	19	10	169	116	143	19,9	17,7	9,1	58,8	39,5	47,7	424
Rio Branco	AC	17	13	8	80	74	107	19,8	14,9	9,0	33,0	30,0	42,6	373
Vitória	ES	32	17	18	199	170	173	20,2	10,7	11,2	119,6	101,3	102,3	814
Boa Vista	RR	6	0	7	70	56	73	8,5	0,0	9,5	34,6	27,1	34,6	263
Palmas	TO	9	19	12	43	53	50	12,3	25,2	15,5	29,0	34,7	31,8	105
Campo Grande	MS	49	51	53	122	117	127	12,5	12,8	13,2	32,5	30,8	33,1	151
BRASIL (CAPITAIS)		3856	3658	3564	13112	12999	14208	17,9	16,9	16,3	56,5	55,5	60,1	268

Fonte: SIM/SVS/MS.

- Entre 2010 e 2012, para o conjunto da população, as taxas brancas caem 9,0% e as negras aumentam 6,4%.
- De forma semelhante, também acontece na população jovem das capitais: as taxas brancas caem 10,0% enquanto as negras crescem 5,3%, aumentando a brecha da vitimização negra.

Município	UF	Homicídios Brancos			Homicídios Negros			Taxas Brancas			Taxas Negras			Vitim. %
		2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012	
São Paulo	SP	290	255	329	375	335	511	17,3	15,2	19,5	31,8	28,2	42,8	120
Rio de Janeiro	RJ	229	159	147	634	523	506	31,5	21,7	20,0	81,2	66,7	64,1	221
Salvador	BA	81	90	66	1188	989	992	63,4	69,9	50,9	194,6	160,8	160,2	215
Brasília	DF	56	67	50	453	463	514	19,7	23,2	17,0	104,5	105,0	114,8	574
Fortaleza	CE	117	91	105	687	743	1189	46,5	35,8	40,9	150,8	161,5	256,0	525
Belo Horizonte	MG	104	135	137	393	427	448	37,5	48,5	49,0	113,6	122,9	128,3	162
Manaus	AM	27	58	43	488	594	562	19,2	40,7	29,7	124,2	148,7	138,5	367
Curitiba	PR	498	370	344	65	57	61	139,1	102,4	94,6	65,8	57,2	60,7	-36
Recife	PE	35	37	22	510	522	455	22,1	23,3	13,8	209,7	213,5	185,0	1245
Porto Alegre	RS	175	186	192	108	92	152	64,6	68,5	70,5	137,3	116,7	192,2	173
Belém	PA	18	6	11	484	376	400	17,8	5,9	10,7	164,8	127,3	134,6	1154
Goiânia	GO	69	80	92	199	283	317	40,4	46,3	52,6	100,9	141,9	157,1	198
São Luís	MA	33	30	23	323	281	370	36,4	32,6	24,7	143,2	123,1	160,1	547
Maceió	AL	12	21	22	700	645	553	13,5	23,4	24,3	423,8	386,3	327,6	1251
Teresina	PI	18	17	21	122	142	169	28,1	26,4	32,3	69,9	80,8	95,3	195
Natal	RN	16	17	33	176	226	243	15,9	16,7	32,2	137,4	174,9	186,5	480
João Pessoa	PB	11	11	13	368	392	358	12,5	12,3	14,4	330,8	347,1	313,0	2073
Aracaju	SE	5	8	11	122	141	191	9,8	15,4	20,9	109,0	124,1	165,8	693
Cuiabá	MT	23	18	20	109	112	116	44,5	34,5	38,0	103,4	105,2	108,0	184
Porto Velho	RO	13	18	15	89	66	81	34,3	46,6	38,2	98,1	71,4	86,2	126
Florianópolis	SC	42	40	30	17	10	11	43,1	40,7	30,1	86,3	50,2	54,5	81
Macapá	AP	12	12	7	115	71	100	37,0	36,2	20,7	128,1	77,3	106,6	416
Rio Branco	AC	5	5	1	38	32	57	20,5	20,2	4,0	51,0	42,2	73,8	1762
Vitória	ES	15	11	12	138	109	115	37,1	27,0	29,2	291,1	228,0	238,7	718
Boa Vista	RR	4	0	3	34	28	45	19,5	0,0	14,0	52,4	42,2	66,3	374
Palmas	TO	7	8	7	26	31	26	31,1	34,5	29,3	50,3	58,1	47,4	62
Campo Grande	MS	22	26	16	58	62	63	20,6	24,0	14,6	54,7	57,7	58,0	296
BRASIL (CAPITAIS)		1.937	1.776	1.772	8.019	7.752	8.605	35,5	32,3	32,0	120,1	115,0	126,5	296

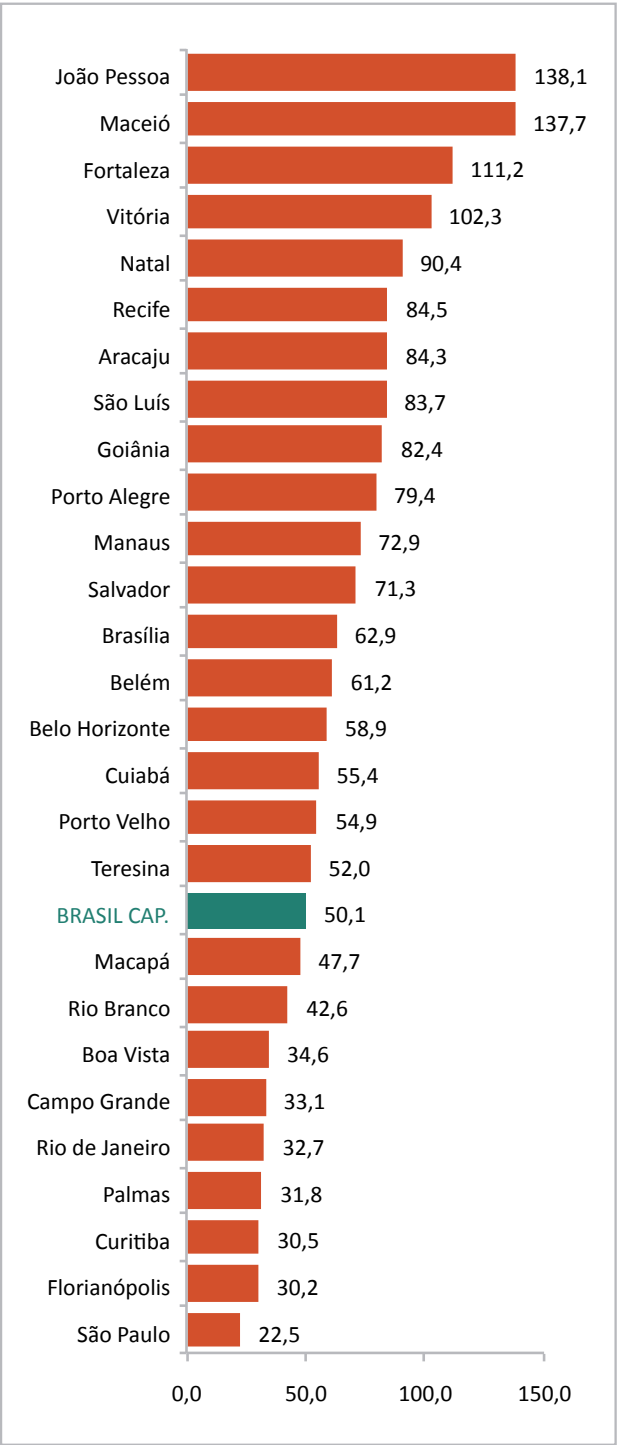
Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 6.3.3. Ordenamento das taxas de homicídio (por 100 mil) da População Total e Jovem das capitais segundo Raça/Cor. Brasil. 2012.

Total Branco		Total Negro		Jovem Branco		Jovem Negro	
Curitiba	45,3	João Pessoa	138,1	Curitiba	94,6	Maceió	327,6
Porto Alegre	33,4	Maceió	137,7	Porto Alegre	70,5	João Pessoa	313,0
Goiânia	29,1	Fortaleza	111,2	Goiânia	52,6	Fortaleza	256,0
Porto Velho	24,9	Vitória	102,3	Salvador	50,9	Vitória	238,7
Cuiabá	23,3	Natal	90,4	Belo Horizonte	49,0	Porto Alegre	192,2
Salvador	22,1	Recife	84,5	Fortaleza	40,9	Natal	186,5
Belo Horizonte	21,0	Aracaju	84,3	Porto Velho	38,2	Recife	185,0
Fortaleza	20,9	São Luís	83,7	Cuiabá	38,0	Aracaju	165,8
Teresina	15,6	Goiânia	82,4	Teresina	32,3	Salvador	160,2
Palmas	15,5	Porto Alegre	79,4	Natal	32,2	São Luís	160,1
Manaus	14,4	Manaus	72,9	Florianópolis	30,1	Goiânia	157,1
Natal	14,4	Salvador	71,3	Manaus	29,7	Manaus	138,5
São Luís	14,2	Brasília	62,9	Palmas	29,3	Belém	134,6
Campo Grande	13,2	Belém	61,2	Vitória	29,2	Belo Horizonte	128,3
Aracaju	12,7	Belo Horizonte	58,9	São Luís	24,7	Brasília	114,8
Florianópolis	12,5	Cuiabá	55,4	Maceió	24,3	Cuiabá	108,0
São Paulo	11,5	Porto Velho	54,9	Aracaju	20,9	Macapá	106,6
Rio de Janeiro	11,3	Teresina	52,0	Macapá	20,7	Teresina	95,3
Vitória	11,2	Macapá	47,7	Rio de Janeiro	20,0	Porto Velho	86,2
Maceió	10,5	Rio Branco	42,6	São Paulo	19,5	Rio Branco	73,8
Boa Vista	9,5	Boa Vista	34,6	Brasília	17,0	Boa Vista	66,3
Macapá	9,1	Campo Grande	33,1	Campo Grande	14,6	Rio de Janeiro	64,1
Rio Branco	9,0	Rio de Janeiro	32,7	João Pessoa	14,4	Curitiba	60,7
Brasília	8,5	Palmas	31,8	Boa Vista	14,0	Campo Grande	58,0
Recife	7,4	Curitiba	30,5	Recife	13,8	Florianópolis	54,5
João Pessoa	5,7	Florianópolis	30,2	Belém	10,7	Palmas	47,4
Belém	5,3	São Paulo	22,5	Rio Branco	4,0	São Paulo	42,8

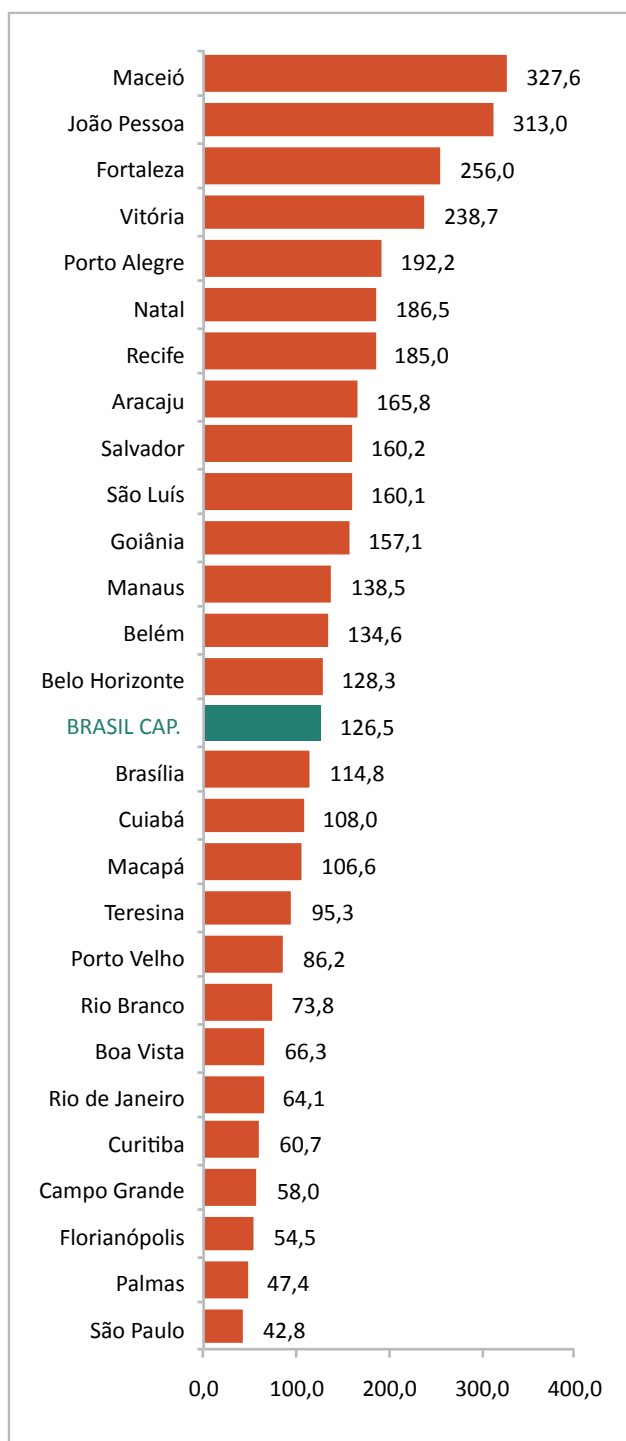
Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 6.3.1. Ordenamento das capitais por Taxa Negra. População Total. Brasil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Gráfico 6.3.2. Ordenamento das capitais por Taxa Negra. População Jovem. Brasil. 2012.



Fonte: SIM/SVS/MS.

6.4. Os municípios

Neste relatório deveremos enumerar apenas os 100 municípios com os maiores índices de homicídios por raça/cor, tanto para a população total quanto para a população jovem, de 15 a 29 anos de idade. Dificuldades metodológicas originaram a necessidade de realizar ajustes nos dados municipais para suprir deficiências no preenchimento do quesito raça/cor. Também foi necessário realizar estimativas de população dada a inexistência de dados intercensitários. Por tais motivos, deveremos trabalhar as taxas para os 614 municípios com mais de 50 mil habitantes.

Aqui, enumeraremos os 100 municípios com maiores índices de violência e oferecer, a quem possa interessar, a possibilidade de consultar ou acessar as informações referentes aos 5.565 municípios no site: <www.mapadaviolencia.org.br>, nele podem ser encontradas as planilhas com o universo dos municípios.

Nas tabelas a seguir – 6.4.1 e 6.4.2 – poderão ser encontrados:

- O número de homicídios brancos para 2010, 2011 e 2012.
- O número de homicídios negros para 2010, 2011 e 2012.
- As taxas de homicídio brancos e negros (por 100 mil) para o ano 2012.
- O índice de vitimização negra.

Tabela 6.4.1. 100 municípios com mais de 50 mil habitantes com as maiores taxas (por 100 mil) de homicídios negros na População Total. Brasil. 2010/2012.

Município	UF	Número de Homicídios						Taxas (por 100 mil) 2012		
		Branco Total			Negro Total			Branco	Negro	Vitimização
		2010	2011	2012	2010	2011	2012			
Ananindeua	PA	33	20	19	708	547	588	16,5	161,5	880
Santa Rita	PB	1	3	3	79	107	126	7,8	155,9	1908
Arapiraca	AL	4	11	6	218	231	208	7,6	151,6	1888
Luziânia	GO	5	14	22	128	150	168	35,6	147,4	314
Rio Largo	AL	1	3	7	38	72	67	34,5	141,6	310
Simões Filho	BA	15	12	12	199	155	147	81,5	141,1	73
Itabuna	BA	6	2	5	203	187	220	11,0	139,4	1171
Cabedelo	PB	2	1	1	55	68	49	4,2	139,2	3201
Porto Seguro	BA	10	12	19	149	123	132	63,1	138,7	120
João Pessoa	PB	17	16	19	562	615	549	5,7	138,1	2319
Maceió	AL	22	34	36	1005	1013	821	10,5	137,7	1215
Cabo de Santo Agostinho	PE	8	7	7	124	147	170	11,9	132,9	1021
Coruripe	AL	1	2	2	25	41	46	12,2	128,4	955
Serra	ES	40	45	24	345	342	353	18,3	123,2	573
Lauro de Freitas	BA	19	22	19	173	131	158	49,9	122,1	145
Patos	PB	4	7	15	54	59	64	32,5	117,3	261
Eunápolis	BA	5	5	16	88	57	86	58,3	117,2	101
São Miguel dos Campos	AL	5	1	0	38	59	45	0,0	116,2	***
Ilhéus	BA	0	2	5	121	150	164	14,0	112,6	703
Marabá	PA	21	23	17	238	232	211	33,0	111,6	238
Fortaleza	CE	183	175	189	1084	1162	1731	20,9	111,2	433
Altamira	PA	4	9	11	60	67	76	44,3	106,1	139
Teixeira de Freitas	BA	4	14	19	117	117	103	47,3	102,8	118
Vitória	ES	32	17	18	199	170	173	11,2	102,3	814
Cariacica	ES	28	34	15	228	192	239	13,2	101,2	664
Valença	BA	8	3	5	82	74	73	33,8	98,4	191
Palmeira dos Índios	AL	1	0	3	36	49	45	13,2	97,7	637
Campina Grande	PB	6	8	15	211	193	208	8,8	96,8	997
Parauapebas	PA	6	9	13	78	88	118	32,6	95,8	194
Cidade Ocidental	GO	0	3	0	25	30	35	0,0	93,5	***
São Mateus	ES	3	6	3	71	59	74	9,5	93,3	880
Valparaíso de Goiás	GO	7	4	7	88	105	83	14,9	92,8	521
Horizonte	CE	8	0	5	9	23	37	28,3	92,5	226
Bezerros	PE	0	3	2	16	12	25	6,4	92,1	1343
Vitória da Conquista	BA	19	16	24	247	164	195	23,5	92,1	292
Tailândia	PA	4	4	7	64	59	59	35,3	92,1	161
Camaçari	BA	8	19	18	136	168	191	42,8	92,0	115
Rio Verde	GO	6	9	24	88	77	91	29,4	90,5	208
Santo Antônio do Descoberto	GO	0	2	4	30	41	39	19,7	90,5	359
Natal	RN	30	34	52	296	363	403	14,4	90,4	530
Barbalha	CE	5	6	6	42	27	38	46,0	89,7	95
Caruaru	PE	14	12	12	139	166	142	7,4	89,1	1100
Ariquemes	RO	8	12	18	42	48	51	54,8	88,2	61
Marituba	PA	7	11	4	104	108	76	15,3	87,7	474
Imperatriz	MA	4	7	16	133	130	149	21,1	87,5	314
Limoeiro do Norte	CE	2	7	1	15	17	26	3,9	87,5	2154
Planaltina	GO	11	6	10	26	33	50	42,4	87,3	106

(continua)

Tabela 6.4.1. (continuação)

Tabela 6.4.1. 100 municípios com mais de 50 mil habitantes com as maiores taxas (por 100 mil) de homicídios negros na População Total. Brasil. 2010/2012.										
Município	UF	Número de Homicídios						Taxas (por 100 mil) 2012		
		Branco Total			Negro Total			Branco	Negro	Vitimização
		2010	2011	2012	2010	2011	2012			
Alagoinhas	BA	3	6	7	74	88	100	28,8	85,9	199
Águas Lindas de Goiás	GO	2	4	8	98	104	97	16,3	85,6	426
Novo Gama	GO	1	5	2	46	40	59	7,5	85,2	1032
Aparecida de Goiânia	GO	43	53	48	129	169	250	28,3	84,8	200
Recife	PE	58	54	47	835	828	761	7,4	84,5	1043
Governador Valadares	MG	20	16	9	96	126	148	10,4	84,4	713
Aquiraz	CE	8	12	9	29	18	45	46,1	84,4	83
Aracaju	SE	14	17	24	226	257	327	12,7	84,3	564
São Luís	MA	60	81	43	507	488	606	14,2	83,7	489
Gurupi	TO	3	3	3	18	22	45	12,5	83,7	568
União dos Palmares	AL	0	1	2	44	40	34	9,5	82,8	771
Goiânia	GO	141	158	185	376	497	554	29,1	82,4	184
Formosa	GO	12	9	14	32	39	54	40,5	81,9	102
Porto Alegre	RS	347	374	376	169	146	225	33,4	79,4	138
Vila Velha	ES	29	30	23	188	190	185	12,4	78,7	536
Candeias	BA	2	8	2	47	53	59	25,1	78,7	213
Foz do Iguaçu	PR	125	103	101	60	39	71	62,9	78,2	24
Juazeiro do Norte	CE	12	16	12	52	65	131	14,2	77,8	447
Ipojuca	PE	2	1	3	38	34	46	12,8	76,9	501
Itabaiana	SE	7	9	16	33	43	41	46,6	76,3	64
Redenção	PA	15	8	9	48	30	42	42,6	76,2	79
Guarapari	ES	13	4	2	36	50	47	4,4	76,1	1617
Criciúma	SC	26	24	36	2	7	19	21,2	75,6	257
Boa Viagem	CE	4	2	2	10	13	27	12,1	75,6	526
Dias d'Ávila	BA	3	2	4	45	34	42	32,3	75,4	133
Dourados	MS	33	17	14	52	58	59	12,4	75,4	506
Linhares	ES	6	11	9	74	64	69	17,3	74,9	334
Cabo Frio	RJ	33	46	48	59	57	75	51,5	74,6	45
Feira de Santana	BA	10	14	13	332	283	334	11,4	74,5	553
Paragominas	PA	4	3	10	94	51	58	47,9	74,2	55
Juazeiro	BA	13	7	6	80	102	109	11,8	74,2	529
Novo Repartimento	PA	5	2	1	23	22	37	7,3	74,2	915
Irecê	BA	3	5	4	24	35	33	18,1	73,6	307
Anápolis	GO	31	28	28	70	79	132	17,9	73,3	311
Manaus	AM	43	90	71	800	937	979	14,4	72,9	405
Betim	MG	33	49	31	180	207	185	23,9	72,5	203
Sarandi	PR	32	30	38	7	28	27	82,1	71,9	-12
Tabatinga	AM	2	3	0	14	10	23	0,0	71,9	***
Santa Cruz do Capibaribe	PE	1	4	0	39	24	36	0,0	71,7	***
Tomé-Açu	PA	4	1	1	25	17	33	9,2	71,6	680
Guarabira	PB	0	0	0	18	19	23	0,0	71,3	***
Salvador	BA	113	151	113	1727	1517	1531	22,1	71,3	223
Itaberaba	BA	1	1	5	11	9	34	37,6	71,2	89
Várzea Grande	MT	29	24	31	106	96	128	42,1	70,9	68
Maracanaú	CE	11	15	23	91	80	103	37,4	70,5	88
Itamaraju	BA	4	4	3	27	30	37	32,4	70,4	117
Jequié	BA	12	10	15	59	39	78	37,8	70,3	86
Paulista	PE	5	9	11	125	125	127	9,3	69,4	645
Estância	SE	1	0	1	24	21	35	7,6	69,0	814
Bayeux	PB	0	1	1	59	49	43	2,8	68,9	2374
Pacajus	CE	0	3	5	15	6	32	29,2	68,6	135
Senador Canedo	GO	2	4	14	11	28	41	50,3	68,4	36
Mossoró	RN	26	49	58	110	144	102	51,7	68,0	32

Fonte: SIM/SVS/MS.

Tabela 6.4.2. 100 municípios com mais de 50 mil habitantes com as maiores taxas.

Município	UF	Número de Homicídios						Taxas (por 100 mil) 2012		
		Branco Total			Negro Total			Branco	Negro	Vitimização
		2010	2011	2012	2010	2011	2012			
Santa Rita	PB	1	3	2	50	70	85	19,5	384,1	1870
Ananindeua	PA	20	11	12	419	350	384	37,3	349,1	836
Cabedelo	PB	0	0	1	28	48	35	16,2	346,9	2040
Maceió	AL	12	21	22	700	645	553	24,3	327,6	1251
Simões Filho	BA	9	9	9	137	105	101	236,0	326,7	38
Itabuna	BA	3	2	4	132	115	140	33,3	314,2	842
João Pessoa	PB	11	11	13	368	392	358	14,4	313,0	2073
Lauro de Freitas	BA	14	14	10	137	99	113	106,6	294,8	177
Porto Seguro	BA	3	6	10	93	62	82	133,1	286,0	115
Arapiraca	AL	2	6	2	121	120	110	9,2	277,3	2930
Patos	PB	1	4	5	27	31	42	40,5	270,7	568
Cabo de Santo Agostinho	PE	4	2	1	77	97	101	6,2	269,3	4220
Serra	ES	20	33	11	218	213	228	31,4	266,8	749
Luziânia	GO	3	8	12	84	85	84	72,1	257,4	257
Fortaleza	CE	117	91	105	687	743	1189	40,9	256,0	525
Rio Largo	AL	0	1	7	22	51	34	141,8	253,5	79
Teixeira de Freitas	BA	3	8	12	74	72	72	110,9	245,9	122
Eunápolis	BA	2	1	11	63	43	52	146,1	245,9	68
São Miguel dos Campos	AL	3	1	0	21	41	28	0,0	245,8	***
Vitória	ES	15	11	12	138	109	115	29,2	238,7	718
Coruripe	AL	2	1	2	14	17	26	44,0	237,8	440
Cariacica	ES	14	20	8	135	133	150	27,4	223,8	716
Ilhéus	BA	0	0	0	73	78	89	0,0	221,8	***
Camaçari	BA	4	11	15	85	115	134	125,5	205,8	64
Camboriú	SC	8	11	17	4	3	5	107,1	205,3	92
Marituba	PA	7	8	2	67	69	54	26,7	202,8	658
Valparaíso de Goiás	GO	7	2	5	58	59	55	37,7	201,5	434
Valença	BA	5	0	3	47	46	43	77,6	196,8	154
São Mateus	ES	2	2	2	38	31	45	25,3	196,8	677
Bezerras	PE	0	2	0	5	6	14	0,0	194,6	***
Porto Alegre	RS	175	186	192	108	92	152	70,5	192,2	173
Rio Verde	GO	5	6	14	58	39	62	59,2	189,5	220
Marabá	PA	11	16	6	137	124	113	39,8	188,2	372
Formosa	GO	5	7	8	21	22	36	83,8	188,1	125
Águas Lindas de Goiás	GO	0	1	4	69	66	63	30,4	186,5	513
Natal	RN	16	17	33	176	226	243	32,2	186,5	480
Recife	PE	35	37	22	510	522	455	13,8	185,0	1245
Ariquemes	RO	3	3	6	20	22	32	65,2	184,4	183
Gurupi	TO	1	0	2	10	11	30	30,2	182,4	504
Governador Valadares	MG	12	6	6	54	81	86	29,0	177,9	514
Cabo Frio	RJ	18	21	24	32	26	47	109,1	176,8	62
Vila Velha	ES	16	18	10	126	125	116	21,5	176,5	719
Vitória da Conquista	BA	8	10	8	159	93	109	30,3	176,3	483
Guarabira	PB	0	0	0	10	12	16	0,0	176,0	***
Bayeux	PB	0	0	0	35	30	31	0,0	175,2	***
Horizonte	CE	4	0	3	6	18	23	51,2	173,8	239
Campina Grande	PB	5	1	7	122	107	109	15,7	173,7	1005
Irecê	BA	1	1	1	8	17	23	17,3	173,5	904
Caruaru	PE	10	6	5	84	89	81	11,2	173,3	1454
Limoeiro do Norte	CE	0	3	0	5	6	14	0,0	172,4	***

(continua)

Tabela 6.4.2. (continuação)

Tabela 6.4.2. 100 municípios com mais de 50 mil habitantes com as maiores taxas.										
Município	UF	Número de Homicídios						Taxas (por 100 mil) 2012		
		Branco Total			Negro Total			Branco	Negro	Vitimização
		2010	2011	2012	2010	2011	2012			
Novo Gama	GO	0	4	1	29	22	35	13,9	172,1	1140
Cidade Ocidental	GO	0	2	0	18	17	18	0,0	169,9	***
Passos	MG	0	14	3	2	13	18	18,2	168,8	829
Betim	MG	16	23	18	122	139	127	52,0	168,7	224
Aquiraz	CE	6	6	4	12	9	27	72,2	168,6	133
Alagoinhas	BA	2	3	3	52	53	56	48,7	167,0	243
Aracaju	SE	5	8	11	122	141	191	20,9	165,8	693
Sarandi	PR	16	15	22	5	15	17	181,4	164,4	-9
Aparecida de Goiânia	GO	25	28	28	85	100	151	61,4	163,5	166
Janaúba	MG	0	0	0	6	14	24	0,0	163,0	***
Paulista	PE	0	4	7	83	68	78	23,4	162,1	592
Altamira	PA	0	6	6	25	31	36	89,9	161,9	80
União dos Palmares	AL	0	1	1	24	29	19	17,9	161,7	804
Santo Antônio do Descoberto	GO	0	1	3	18	25	21	59,7	161,5	171
Criciúma	SC	8	12	14	1	5	13	30,0	161,0	437
Mossoró	RN	12	32	31	71	81	70	96,2	160,8	67
Salvador	BA	81	90	66	1188	989	992	50,9	160,2	215
São Luís	MA	33	30	23	323	281	370	24,7	160,1	547
Caucaia	CE	6	7	6	80	62	114	23,1	159,5	592
Rio das Ostras	RJ	3	4	3	8	5	24	20,6	159,2	674
Russas	CE	2	3	1	6	10	21	12,8	158,6	1138
Candeias	BA	1	6	2	28	30	35	97,1	157,7	62
Guarapari	ES	6	1	3	24	35	27	28,6	157,6	452
Goiânia	GO	69	80	92	199	283	317	52,6	157,1	198
Juazeiro do Norte	CE	10	10	8	32	39	77	33,1	157,0	374
Imperatriz	MA	2	2	10	77	71	82	46,2	156,3	238
Foz do Iguaçu	PR	73	69	57	33	29	39	132,8	155,5	17
Goiana	PE	0	0	0	29	12	23	0,0	154,3	***
Barbalha	CE	2	2	2	16	11	19	55,6	150,7	171
Parauapebas	PA	2	4	6	42	55	64	46,3	150,5	225
Palmeira dos Índios	AL	0	0	3	16	24	19	53,4	150,0	181
Jaboatão dos Guararapes	PE	9	5	4	179	180	167	6,5	149,7	2209
Alvorada	RS	39	47	69	14	21	21	182,8	149,3	-18
Feira de Santana	BA	9	8	7	220	170	198	22,8	148,4	550
Itamaraju	BA	3	2	1	8	5	22	45,8	148,1	224
Linhares	ES	3	5	4	44	38	40	28,9	147,8	412
Santa Cruz do Capibaribe	PE	0	3	0	28	15	25	0,0	147,1	***
Caldas Novas	GO	4	7	15	7	11	15	169,4	143,6	-15
Senador Canedo	GO	1	2	8	6	17	26	99,9	143,1	43
São Gonçalo do Amarante	RN	1	3	2	16	30	26	25,8	142,9	453
Itaguaí	RJ	4	5	7	26	18	26	65,6	142,4	117
Aracruz	ES	3	2	1	19	21	22	14,0	142,3	914
Macaíba	RN	0	6	2	8	10	20	32,7	141,3	332
Jequié	BA	9	8	7	33	18	45	69,3	140,9	103
Esmeraldas	MG	2	5	5	14	20	17	135,8	140,2	3
Vitória de Santo Antão	PE	6	5	2	21	30	32	15,7	139,2	788
Anápolis	GO	13	10	15	30	36	69	37,3	139,0	272
Manaus	AM	27	58	43	488	594	562	29,7	138,5	367
Dourados	MS	15	7	5	27	35	31	16,2	138,0	750
Ipojuca	PE	1	0	3	20	23	25	41,8	136,2	226

Fonte: SIM/SVS/MS.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de diversos capítulos, foram analisadas quatro modalidades de mortalidade violenta que parecem caracterizar nosso atual modo de vida, especialmente nos grandes centros urbanos. A questão da violência e a sua contrapartida, a segurança cidadã, têm-se convertido em uma das principais preocupações não só no Brasil, mas também nas Américas e no mundo todo, como o evidenciam diversas pesquisas de opinião pública.

Apesar da relativa independência das quatro modalidades, um fato parece comum a todas elas: o crescimento dos indicadores objetivos de violência ao longo do período analisado.

7.1. Homicídios

A série histórica analisada – 1980 a 2012 – possibilitou estabelecer que:

- Se as taxas de homicídio na população jovem passam de 19,6 em 1980 para 57,6 em 2012 por 100 mil jovens, o que representa um aumento de 194,2%, no restante da população, que denominamos *não jovem*, no mesmo período, passam de 8,5 para 18,5 por 100 mil: crescimento de 118,9%.
- Essa diferença de ritmos origina uma progressiva participação dos homicídios juvenis no total de homicídios do país. As taxas juvenis, em 2012, mais que triplicam as do resto da população. Fica evidente que os homicídios juvenis explicam uma parcela significativa do crescimento da violência no período. Em 2012, os jovens de 15 a 29 anos de idade representavam 26,9% do total dos 194,0 milhões de habitantes do país, mas foram alvo de 53,4% dos homicídios.
- A evolução desses índices não foi uniforme nem no tempo, nem no espaço, e pode ser periodizada da seguinte forma:
 - 1980/2003: Com algumas oscilações, observa-se acelerado crescimento das taxas de homicídio, com eixo na eclosão desenvolvimentista de um pequeno grupo de grandes metrópoles que atraem investimentos e população juntamente com violência e criminalidade.
 - 2003/2007: A estratégia nacional de desarmamento concomitantemente às políticas exitosas de enfrentamento à violência em uns poucos estados com índices elevados e de forte peso demográfico (como São Paulo e Rio de Janeiro) originam inicialmente quedas e, mais tarde, uma certa estabilização nas taxas de homicídio.
 - 2007/2012: As taxas de homicídios retomam a tendência crescente, passando de 25,2 em 2007 para 29,0 em 2012, isto é, um aumento de 15,3% nesse quinquênio.

Na última década de dados disponíveis, **entre 2002 e 2012, o Brasil consegue estagnar o crescimento das taxas de homicídio que vinham crescendo rapidamente desde 1980.** Efetivamente: a taxa total de 2003 foi de 28,9 homicídios em 100 habitantes; a de 2012 de 29,0 – praticamente idêntica. Na juvenil, o mesmo panorama: passa de 57,0 em 2003 para 57,6 em 2012.

Surge aqui evidência, em uns poucos locais, de que a violência homicida não constitui um fenômeno natural, um tsunami perante o qual só resta se proteger da melhor forma possível. Mas que políticas públicas sistemáticas podem frear e fazer retroceder rapidamente os níveis de violência.

Se esse freio imposto à espiral de violência pode ser visto como um fato altamente positivo, persiste o problema dos níveis extremamente elevados de violência. Tudo indica que as medidas adotadas, se conseguiram soffrear a espiral crescente, não foram suficientes para fazer regredir a violência a limites civilizados ou, ao menos, aceitáveis.

Também temos que apontar que, em que pese a identidade de taxas nos anos extremos da década, aconteceu uma significativa reestruturação nos padrões vigentes, como viemos destacando nos sucessivos Mapas desde 2005.

No último quartel do século passado houve uma profunda reestruturação no modelo de desenvolvimento do país. Os caminhos desse processo de desconcentração das atividades econômicas já foram exaustivamente analisados. Aqui só interessa apontar a mudança no padrão locacional da indústria brasileira, que se desloca para o interior dos principais estados industrializados e para alguns estados fora do eixo Sul-Sudeste. Essa mudança estaria determinando o surgimento de novas aglomerações industriais nas mais distintas regiões do país, caracterizadas por menores níveis salariais e à custa de reduzida diversificação.

A emergência desses novos polos de crescimento, atraindo investimentos e gerando emprego e renda, tornam-se também atrativos para a violência e a criminalidade por serem áreas onde os mecanismos da segurança eram precários ou incipientes, sem experiência histórica e aparelhamento para o enfrentamento das novas configurações da violência. Os saldos migratórios positivos desses novos polos originam também grandes contingentes de população flutuante, com escassas raízes familiares e culturais, gerando condições favoráveis de inserção violenta nos novos ambientes.

Além da emergência desses novos polos, temos que contabilizar os investimentos em segurança nas capitais e nas grandes regiões metropolitanas, prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública, de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança, instituído em fins de 2000. Nesse sentido, foram canalizados recursos federais, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública nos grandes conglomerados que lideravam o Mapa da Violência do período. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco e/ou estrutura (interior/outros estados).

Em terceiro lugar, melhoria na cobertura dos sistemas de captação de dados de mortalidade, principalmente no interior do país ou em estados com cobertura deficiente, com o que diminui a subnotificação existente. Assim, fatos que antes não eram registrados começam a aparecer nas recentes estatísticas de mortalidade.

Por um ou outro motivo, consolidam-se configurações espaciais que rearticulam o dinamismo da letalidade homicida centrada, até o momento, em um número limitado de grandes centros urbanos.

Quais são as consequências desse deslocamento? A disseminação da violência homicida ao longo do território nacional. Locais que até poucos anos atrás eram considerados oásis de tranquilidade assistem a uma pesada escalada de violência. O contrário também aconteceu em uns poucos centros, de grande peso demográfico e consequente incidência nas estatísticas nacionais. Assim, sem grandes mudanças nos índices globais do país, assistimos a uma decidida reconfiguração na distribuição interna, uma alteração que, sem aumentar a intensidade global – em torno de 27 homicídios por 100 mil habitantes – origina a disseminação em unidades que, até uma década atrás, aparentavam ser imunes: estados relativamente tranquilos, cidades de pequeno e médio porte etc.

Um fato inquietante é a eclosão de homicídios constatada no último ano. De 2011 para 2012, as taxas de homicídio na população total crescem 7,0%, e na jovem 8,5%. Estados, como São Paulo, onde vinham caindo de forma mais ou menos sistemática desde 1999, interrompem a descida e passam a fazer parte dessa eclosão. Rio Janeiro, cujas quedas vinham já de 2003, estagna no último ano em 28,3 homicídios por 100 mil habitantes. Seria prematuro identificar se é uma oscilação circunstancial, como provavelmente foi a de São Paulo, produto de ações de enfrentamento de organizações criminosas, ou se se trata de uma tendência pelo esgotamento da capacidade das políticas implementadas.

Independentemente desse surto, a própria estagnação em níveis muito elevados tem que levar a uma profunda reflexão sobre a insuficiência das políticas atuais e sobre o conjunto de reformas necessárias ainda não implementadas.

7.2. Acidentes de transporte

Em que pese as tentativas de conter a crescente violência, as estatísticas da última década têm feito ingressar o Brasil no nada recomendável grupo de países do mundo de elevado número de acidentes e de mortalidade em suas vias públicas: quarto lugar entre 101 países na população total; sétimo na população jovem.

Se durante um breve período posterior à implantação do Código de Trânsito Brasileiro de 1997 o número de vítimas fatais cai 22%, já partir do ano 2000 os acidentes reiniciam sua espiral ascendente, frustrando as expectativas depositadas nos rigores da nova lei. Nem esses rigores, nem a crescente municipalização da gestão do trânsito, nem a expansão da fiscalização eletrônica, nem a recente regulamentação da profissão de motoboys e mototaxistas, dentre as várias medidas adotadas, parecem ter segurado essa espiral ascendente.

Com as 46.051 mortes registradas em 2012 pelo SIM no capítulo *acidentes de transporte*: 2,4% a mais que as 44.553 registradas em 2011³¹ e um número

³¹ Número registrado pelo SIM, mas provavelmente supera as 48 mil mortes se considerarmos a subnotificação e o sub-registro apontados no capítulo 1.

estimado de 426 mil acidentes com vítimas que ocasionaram diversos tipos de lesões em 601 mil pessoas³² só em 2012, a realidade dos números está a indicar que a situação é muito grave. E mais preocupante: se perdurarem as atuais condições, a tendência desses números é aumentar ainda mais, como preanuncia a linha reta de crescimento da mortalidade a partir de 2000.

Assim, na última década, de 2002 a 2012, o número de mortes no transporte passou de 33.288 para 46.051, o que representa um aumento de 38,3%. As taxas, considerando o aumento da população, também cresceram 24,5% entre 2002 e 2012.

Não só os números, mas também a estrutura e a composição desses acidentes mudaram. Se a morte de pedestres caiu 53,7% entre 1996 e 2012, as restantes categorias cresceram e, no caso dos motociclistas, esse aumento beira a tragédia: passa de 1.421 óbitos no ano 1996 para 16.223 em 2012: incríveis 1.041% de crescimento, mais que decuplicando os números de 1996: uma linha reta desde o ano de 1998, com um crescimento sistemático de 15% ao ano.

Já a morte de ocupantes de automóveis cresceu, mas de forma bem mais lenta: 82,7% no período. Essas três categorias, pedestres, motociclistas e ocupantes de automóveis, somadas representam, ao longo de todo o período, em torno de 90% do total de mortes no transporte do país. Dessa forma, se na década passada preponderavam largamente as mortes de pedestres, em 2012 a morte de motociclistas ultrapassa rapidamente as restantes categorias, representando 30% das mortes no trânsito, com a tendência de continuar crescendo de forma descontrolada.

Tentamos, já nos Mapas anteriores, delinear algumas explicações para esse crescimento desenfreado.

Uma primeira questão, até preliminar, surge da própria nomenclatura utilizada: “acidentes de trânsito”. Normalmente, entende-se por acidente aquilo que é casual, fortuito, imprevisto, não planejado, *um evento não intencional que produz danos e/ou ferimentos*. E quando esse imprevisto origina um dano grave nas pessoas ou leva à sua morte, converte-se, então, em fatalidade, obra do destino, produto do acaso. Devemos tentar esmiuçar essa visão que já indica uma ideologização do problema.

Obviamente, ninguém planeja sair à rua e se acidentar, bater o carro ou ser atropelado por um ônibus. Assim, no microcosmo individual, um acidente desse tipo se apresenta como um fato fortuito. Fortuito sim, mas nem tão casual quanto possa parecer à primeira vista.

Sabemos que existem ruas, áreas, estradas, municípios ou países com elevada e constante incidência de acidentes de trânsito durante longos períodos de tempo.

³² Estimativa para o ano 2012 por interpolação linear dos quantitativos de acidentes de trânsito divulgados pelos Anuários Estatísticos do Denatran entre 1998 e 2009. Apontamos aqui a crescente dificuldade de acesso a esse tipo de dados do Denatran, cuja página dedicada encontra-se, sintomaticamente, “em manutenção” faz um longo tempo. Os Anuários Estatísticos de referência foram obtidos por outras fontes. Para 2009, o Anuário do Denatran já registrou 403 mil acidentes e 502 mil feridos. O aumento da motorização e a tendência temporal fizeram o resto.

Estradas da morte que atravessam municípios, áreas com sinalização deficiente, problemas na manutenção dos veículos ou das vias de trânsito, na educação viária da população, na fiscalização, na legislação etc. são algumas das possíveis causas dessas elevadas taxas em locais ou situações específicas, que tornam bem maior a probabilidade individual de ser vítima de acidente.

Mais ainda: para que um acidente vire fatalidade, há um largo conjunto de circunstâncias que, *per se*, são pouco fortuitas, produto de determinantes e condições perfeitamente identificáveis: demora no socorro dos acidentados, carências de leitos ou de disponibilidade hospitalar para a internação e tratamento dos lesados, deficiência no acompanhamento pós-trauma etc.

Outro fato que devemos destacar são as estratégias de motorização privada que permeiam as políticas públicas de mobilidade até nossos dias.

Desde meados da década de 1930, de forma paralela aos diversos estímulos e incentivos à motorização privada, foram sendo negligenciadas as diversas possibilidades de expansão do transporte público. Como bem aponta Vasconcellos:

O transporte público, apesar de alguns investimentos importantes em locais específicos, permaneceu insuficiente e de baixa qualidade [...]. Adicionalmente, ele experimentou um declínio na sua importância, eficiência e confiabilidade junto ao público, passando a ser visto como um “mal necessário” para aqueles que não podem dispor do automóvel ou da motocicleta³³.

Seria no Plano de Metas de Juscelino Kubitschek que a motorização privada, via incentivo à indústria automobilística, adquiriria um papel chave para o desenvolvimento do país, seja pelo dinamismo a montante e a jusante que se esperava gerar na economia, seja por ser símbolo da “modernidade” que se procurava para o país, sem a mínima preocupação com a distribuição da renda gerada ou com investimentos “sociais”³⁴. Dentre os vários efeitos negativos dessas políticas, temos: a precarização do transporte público e da mobilidade urbana, a concentração industrial no sul do país, a insustentável apropriação da renda gerada por esse modelo que colocou o Brasil entre os países do mundo com maior concentração da riqueza produzida.

A situação ficou mais grave ainda na década de 1990. Diante das sérias limitações do transporte público para a população, vingou a ideologia da motocicleta como solução para a mobilidade de amplos setores da população de menor renda, sem condições de acesso ao automóvel, em função dos baixos custos de acesso e manutenção que ela representava. A motocicleta virou o “carro dos pobres”. Sem necessidade de grandes investimentos na ampliação das já saturadas vias públicas, a motocicleta foi encarada como solução para vários problemas:

- Por um lado, o transporte do trabalhador, necessário para os voos desenvolvimentistas.
- Por outro, a possibilidade de se tornar instrumento e fonte de renda de setores jovens e pobres da população.

³³ VASCONCELLOS E. A. O transporte urbano no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 1181, 1º jun. 2012.

³⁴ Salvo a meta 30, destinando recursos para a formação de pessoal técnico/educação para o desenvolvimento.

- Solução a diversos problemas de “agilidade” urbana, para a distribuição de bens e serviços.
- E o melhor de tudo: os custos seriam arcados diretamente pelos usuários, pela população, via facilitação do financiamento e fortes regalias a modo de isenções fiscais para a implantação dos parques industriais.

Se perdurarem as atuais circunstâncias, uma simples análise de tendência indica que a morte dos motociclistas em acidentes de trânsito terá um íngreme crescimento nos próximos anos. A taxa de 2012, que era de 8,4 mortes de motociclistas por 100 mil habitantes, deverá passar para 12,0 no ano 2020. Isso significa que em 2020 deverão morrer acima de 25,5 mil motociclistas ao invés dos 16,2 mil que morreram em 2012.

Devemos, por último, lembrar um fato bastante esquecido sobre o ordenamento jurídico do país. O Código de Trânsito Brasileiro em vigor, já desde seu Capítulo I: Disposições Preliminares, estabelece:

§ 2º O trânsito, em condições seguras, é um direito de todos e dever dos órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito, a estes cabendo, no âmbito das respectivas competências, adotar as medidas destinadas a assegurar esse direito.

§ 3º Os órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito respondem, no âmbito das respectivas competências, objetivamente, por danos causados aos cidadãos em virtude de ação, omissão ou erro na execução e manutenção de programas, projetos e serviços que garantam o exercício do direito do trânsito seguro. (Grifo nosso)

Além disso, define claramente, no Capítulo II, quem integra o Sistema Nacional de Trânsito:

Art. 5º O Sistema Nacional de Trânsito é o conjunto de órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios que tem por finalidade o exercício das atividades de planejamento, administração, normatização, pesquisa, registro e licenciamento de veículos, formação, habilitação e reciclagem de condutores, educação, engenharia, operação do sistema viário, policiamento, fiscalização, julgamento de infrações e de recursos e aplicação de penalidades. (Grifo nosso)

Se dessa forma fica estabelecido na letra da lei, na prática cotidiana vai se consolidar a tendência inversa: a de responsabilizar, de forma quase exclusiva, os usuários das vias públicas por sua própria morte, num claro processo de inversão de responsabilidades que a lei estabelece. São indicadores dessa inversão:

- Prevalência nas pesquisas institucionais dos diversos aspectos centrados nos usuários: alcoolemia ou cansaço na condução, deficiências no uso de equipamentos de segurança – cinto de segurança, capacete – desrespeito às normas do trânsito, velocidade excessiva, cansaço, condução perigosa etc.
- Sumiço quase absoluto de estatísticas sobre acidentes de trânsito, principalmente, nos respectivos sites na internet dos organismos responsáveis pela sua coleta e divulgação (leia-se Denatran, Polícia Rodoviária Federal etc.).

Apesar dos avanços recentes na formulação de mecanismos de enfrentamento, principalmente na legislação – regulamentação de profissões que usam motocicletas, endurecimento das penalidades e da fiscalização da alcoolemia, processo de municipalização da gestão etc. – escassos são os resultados que podemos observar nos números que continuam aumentando. Sem por em dúvida a eficiências dessas medidas, fica evidente que são ainda insuficientes. Os números são claros nesse sentido.

Inclusive propostas largamente debatidas, como as que constam no Plano Nacional de Segurança no Trânsito para a Década 2011-2020, formulado pelo Comitê Nacional de Mobilização pela Saúde, Segurança e Paz no Trânsito, do governo federal, para o primeiro ano de vigência, isto é, 2011, não parecem ter saído do papel. É o caso do Observatório Nacional do Trânsito, o Sistema Integrado de Informações de Trânsito e tantos outros.

7.3. Suicídios

As análises realizadas no Capítulo 5 evidenciam que as taxas de suicídio apresentaram uma tendência de crescimento progressivo:

- Na década 1980/1990, os suicídios cresceram 2,7%.
- Na década 1990/2000: 18,8%.
- Entre os anos 2000 e 2012: 33,3%.

Tendência semelhante verifica-se na população jovem, inclusive com queda de 7% no primeiro período, aumento de 9% no segundo e de 24,2% no terceiro. Considerando a população acima de 15 anos, a faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade foi a de maior crescimento dos suicídios desde 1990 até 2012, o que já deveria ser motivo de enorme preocupação.

Em que pese o Brasil não ter cultura ou tradição de suicídios, existem áreas (estados, capitais e/ou municípios) de elevada incidência – acima de 10 por 100 mil – tanto na população total quanto na juvenil. Ou áreas onde o crescimento decenal dos índices mais que duplicou. Ou ainda áreas que no último ano registraram um verdadeiro *surto* de suicídios, com crescimento acima de 30% de um ano para o outro.

Ao trabalhar com médias globais, corre-se o risco de passar por cima de verdadeiras tragédias locais que acontecem com determinados grupos populacionais específicos. No Mapa da Violência de 2011³⁵ tivemos oportunidade de nos aprofundar na elevada incidência de suicídios nas comunidades indígenas, principalmente entre seus jovens. Indicávamos nesse estudo que

Mato Grosso do Sul e Amazonas concentravam 81% do total nacional de suicídios indígenas. Segundo dados da Funai, o Amazonas contava com 83.966 indígenas, pelo que sua taxa de suicídios específica para essa população seria de 32,2 em 100 mil. Já para o Mato Grosso do Sul, que contava com 32.519 indígenas, a taxa de suicídios seria de 166,1 a cada 100 mil indígenas. Entre os jovens, podemos estimar para o Amazonas uma taxa de 101 suicídios para

³⁵ WAISELFISZ J.J. *Mapa da violência 2011*. Os jovens do Brasil. Brasília. Instituto Sangari; Ministério da Justiça, 2011.

100 mil jovens (registraram-se 17 suicídios juvenis em 2008) e de 446 para Mato Grosso do Sul, que registrou 29 suicídios juvenis nesse ano.

Esse drama pode ser entendido ao verificar a maior taxa internacional entre os 90 países arrolados no Capítulo 5, a taxa da Coreia foi de 32,6 suicídios em 100 mil habitantes. Também grupos de jovens em algumas grandes cidades do Brasil, ou colonos do interior de Rio Grande do Sul, todos eles com taxas de suicídios locais que expressam diversas tragédias anunciadas.

Ainda assim, pelas resenhas levantadas é escasso o número de estudos no país com foco nos suicídios, além de tema tabu para quem trabalha com a opinião pública.

Contestando essa tendência de deixar o tema no lusco-fusco do inominável pelo temor do “Efeito Werther” – ondas de suicídios por imitação –, uma cartilha da OMS dirigida a jornalistas, e baseada em investigações e conhecimentos especializados sobre o tema, conclui que “O relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação clara, pode prevenir perdas trágicas de vidas.”³⁶

Com esse mesmo objetivo, a Associação Brasileira de Psiquiatria elabora, no ano 2009, uma cartilha cujo título e subtítulo constituem a melhor descrição do conteúdo: *Comportamento suicida: conhecer para prevenir, dirigido a profissionais da imprensa. Orientações sobre como abordar o suicídio na imprensa. Preservando o direito à informação e colaborando para a prevenção.*

Conhecer para prevenir deveria ser a melhor orientação tanto para a academia quanto para a imprensa.

7.4. A cor dos homicídios

Entre os anos 2002 e 2012, a tendência nos homicídios segundo raça/cor das vítimas foi unívoca: queda dos homicídios brancos – diminuem 24,8% – e aumento dos homicídios negros: crescem 38,7%. Tomando em consideração as respectivas populações, as taxas brancas caem 24,4% enquanto as negras aumentam 7,8%. Com isso o índice de vitimização negra total passa de 73,0 % em 2002 (morrem proporcionalmente 73% mais negros que brancos) para 146,5% em 2012, o que representa um aumento de 100,7% na vitimização negra total.

Entre os jovens a situação é mais preocupante: o número de vítimas brancas cai 32,3%. O número de vítimas jovens negras aumenta 32,4%: o diametralmente oposto. As taxas brancas caem 28,6% enquanto as negras aumentam 6,5%. Com isso, o índice de vitimização negra total passa de 79,9% em 2002 (morrem proporcionalmente 79,9% mais jovens negros que brancos) para 168,6% em 2012, o que representa um aumento de 111% na vitimização de jovens negros.

Três fatores devem ser mencionados para a compreensão dessa situação. Em primeiro lugar: a crescente privatização do aparelho de segurança. Como já ocorrido com outros

³⁶ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Prevenção do suicídio*. Um manual para profissionais da mídia. Genebra: Departamento de Saúde Mental, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em: 10 maio 2013.

serviços básicos, como a saúde, a educação e, mais recentemente, a previdência social, o Estado vai progressivamente se limitar a oferecer, para o conjunto da população, um mínimo – e muitas vezes nem isso – de acesso aos serviços e benefícios sociais considerados básicos. Para os setores com melhor condição financeira, emergem serviços privados de melhor qualidade (escolas, planos de saúde, planos previdenciários etc.). Com a segurança vem ocorrendo esse processo de forma acelerada nos últimos anos. A pesquisa domiciliar do IBGE de 2011 é clara sobre as possibilidades diferenciais de acesso a serviços privados de melhor qualidade: as famílias negras tinham uma renda média de R\$ 1.978,30 e as brancas, de R\$ 3.465,30, isto é, 75,2% a mais. Em teoria, os setores e áreas mais abastadas, geralmente brancos, têm uma dupla segurança e os menos abastados, das periferias, preferencialmente negros, têm que se contentar com o mínimo de segurança que o Estado oferece.

Um segundo fator adiciona-se ao anterior. A segurança, a saúde, a educação, etc. são áreas que formam parte do jogo político-eleitoral e da disputa partidária. As ações e a cobertura da segurança pública distribuem-se de forma extremamente desigual nas diversas áreas geográficas, priorizando espaços segundo sua visibilidade política, seu impacto na opinião pública e, principalmente, na mídia, que reage-se de forma bem diferenciada de acordo com o *status* social das vítimas. Como resultado, as áreas mais abastadas, de população predominantemente branca, ostentam os benefícios de uma dupla segurança, a pública e a privada, enquanto as áreas periféricas, de composição majoritariamente negra, nenhuma das duas.

Por último, um terceiro fator que concorre para agravar o problema: um forte esquema de “naturalização” e aceitação social da violência que opera em vários níveis e mediante diversos mecanismos, mas fundamentalmente pela visão que uma determinada dose de violência, que varia de acordo com a época, o grupo social e o local, deve ser aceito e torna-se até necessário, inclusive por aquelas pessoas e instituições que teriam a obrigação e responsabilidade de proteger a sociedade da violência.

Num primeiro nível, esse esquema opera pela culpabilização da vítima, justificando a violência dirigida, principalmente, a grupos vulneráveis que demandam proteção específica, como mulheres, crianças e adolescentes, idosos, negros etc. Os mecanismos dessa culpabilização são variados: a estuprada foi quem provocou ou ela se vestia como uma “vadia”; o adolescente vira marginal, delinquente, drogado, traficante; aceitabilidade de castigos físicos ou punições morais com função “disciplinadora” por parte das famílias ou instituições, moreno de boné e bermudão é automaticamente suspeito etc. A própria existência de leis ou mecanismos específicos de proteção: estatutos da criança, do adolescente, do idoso; Lei Maria da Penha, ações afirmativas etc. indicam claramente as desigualdades e as vulnerabilidades existentes.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, pedra fundamental de nossa moderna convivência, estabelece que:

Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal [...] sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Temos ainda um longo caminho para tornar realidade esse direito fundamental proclamado em 1948.

REFERÊNCIAS

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília, 1995.

INDICADORES E DADOS BÁSICOS (IDB). *Indicador A.18: Razão entre óbitos informados e estimados*. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2012/a1801b.htm>><http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2012/a1801b.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

MELLO JORGE, M.H.P. Como morrem nossos jovens. In: CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998.

MINAYO, M. C. S.; CAVALCANTE, F. G.; SOUZA, E. R. Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 4, p. 750-757, 2010.

MINAYO, M.C. A Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, n. 1, 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). *O Sistema de Informações sobre Mortalidade*. Brasília, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Prevenção do suicídio. Um manual para profissionais da mídia*. Genebra: Departamento de Saúde Mental. 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em: 10 maio 2013.

RAMOS de SOUZA et. al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 1996.

VASCONCELLOS E. A. O transporte urbano no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 1.181, 1º jun. 2012.

VERMELHO, L.L.; MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*, v. 30, n. 4, 1996.

WAISELFISZ J.J. *Mortes matadas por armas de fogo 1979-2003*. Brasília: UNESCO, 2004.

_____. *Mapa da violência 2011. Os jovens do Brasil*. Brasília. Instituto Sangari; Ministério da Justiça, 2011.

_____. *Mapa da violência 2013. Acidentes de trânsito e motocicletas*. Rio de Janeiro: CEBELA-FLACSO, 2013.

Esta obra foi impressa na Gráfica e Editora Qualidade
com tiragem de 6.000 exemplares, em 01 de novembro de 2014.
Tel.: 3386-5199 - qualidade@qualidadedf.com.br



www.flacso.org.br

Secretaria de
**Políticas de Promoção
da Igualdade Racial**

Secretaria Nacional de
Juventude

Secretaria-Geral da
Presidência da República

